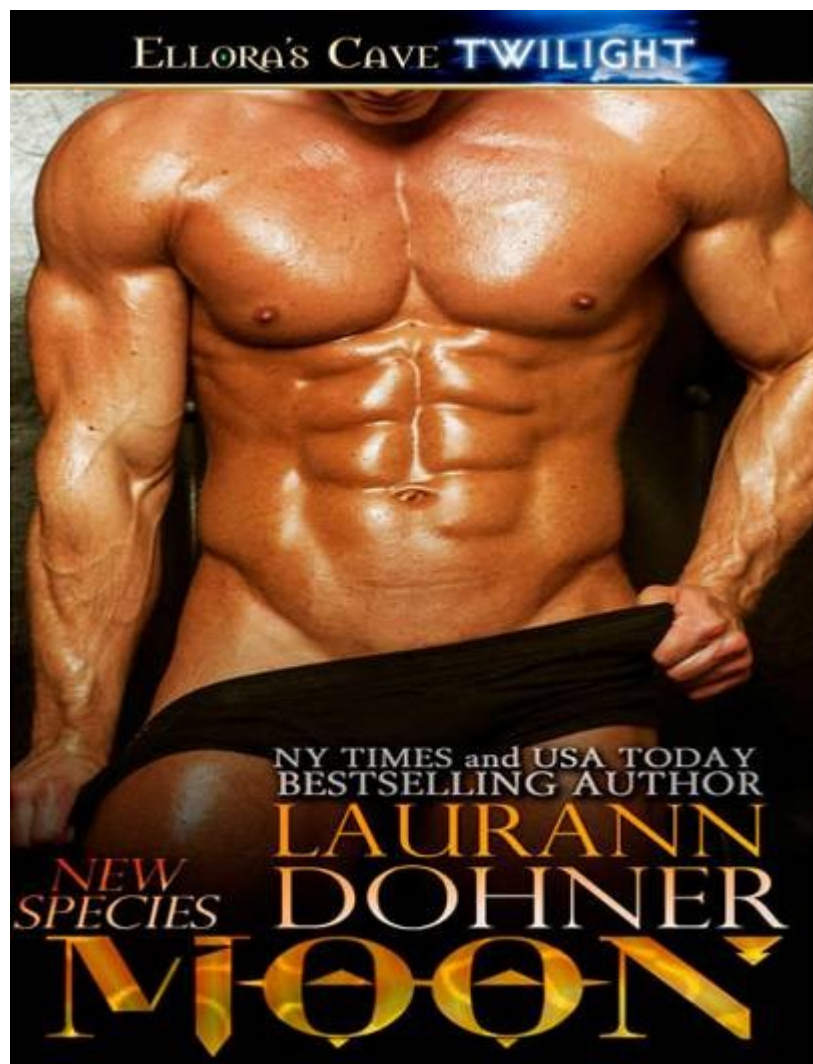


Projeto Revisoras Traduções

Novas Espécies 10 - Moon

(Laurann Dohner)



Revisão Inicial: Rosa Gabriela

Revisão Final: Daniele S.



Visto Final e Formatação: Fidalga

Dra. Joyce Yards nunca conheceu ninguém tão sexy ou tão irresistível quanto 466. Ele se recusa discutir sobre qualquer coisa exceto deixá-la nua debaixo dele. Suas sessões de terapia estão cada vez mais quentes, sua fome sexual crua está ficando agressiva, e ela está se apaixonando por ele. Joy entende as consequências terríveis se ceder à essa paixão. Partirá seu coração, mas ela deverá ir embora.

Moon foi drogado, sua memória despedaçada e agora ele está um pouco mais que selvagem e é uma ameaça perigosa para todos. Pela necessidade de ajuda os médicos do ONE recorreram a única fêmea com quem Moon já se importou — a pessoa que o deixou para trás há dois anos.

Moon não é o mesmo macho que Joy conheceu, mas está disposta a colocar sua vida em perigo por ele. Não há nenhuma regra agora. Se sexo domina a fera selvagem e desencadeia suas memórias fragmentadas, permitindo-lhe momentos de lucidez, então Joy lhe dará tudo, corpo e alma. Ela fará o que for preciso para salvá-lo — até ao custo de sua vida.



Prólogo

O passado

Dia 159 depois que o primeiro Nova Espécie foi libertado.

Joy tentou relaxar na cadeira, mas a preocupação pelo seu cliente a incomodava. Olhou no relógio, notando que ele estava atrasado novamente. Minutos passavam enquanto sua raiva crescia. Era a quarta sessão seguida que 466 faltava. Fez isto de propósito. Sabia que estaria enfurecido pelo o que ela fez por vingança, mas ele a deixou sem escolha.

O som alto de um rosnado ameaçador a assustou. Seu olhar voou para a porta um segundo antes dela ser escancarada. O 466 pairava no corredor, seu rico cabelo marrom estava bagunçado como se o tivesse secado de cabeça para baixo com um secador para dar aquele volume. Raiva mostrou-se em seu olhar escuro e estreitado. Ela achou que ele foi a fonte do barulho.

Ele foi empurrado para frente quando um dos guardas entrou no escritório atrás de seu cliente.

— Aqui está ele. Não estava feliz, mas nós o pegamos. — O homem atirou um olhar feio para 466. — Quatro de seus homens o convenceram a vir, ou nós teríamos que arrastar o traseiro dele para cá em correntes. Ele queria lutar comigo.

Estremeceu.

— Por favor, sente-se 466.

— Parece que eu não tenho escolha. — Caminhou até a cadeira na frente de sua mesa e soltou o grande corpo com força suficiente para fazer a mobília gemer. — Tanta coisa para dizer que estamos livres.

— A terapia foi acordada pelo seu povo e o meu. Isto é para ajudar você.

Ele cruzou seus braços musculosos em seu tórax grande, uma aparência chateada em suas características bonitas enquanto olhava fixamente para ela.

— Se você diz, mas eu não desejo estar aqui. Você fala, eu escuto, mas termine isso rápido.

— O importante da terapia é você conversar comigo. Expor seus sentimentos fará esta experiência bem sucedida.

Ele a considerou com aqueles olhos marrons dele. Eram bonitos, estranhos, ainda assim chamavam sua atenção toda vez. E tinha cílios tão longos. Mexeu-se em sua cadeira e cruzou seus próprios braços.



— Eu não quero competir com você novamente pra ver quem encara mais. Nós dois sabemos que você ganhará. Você sempre ganha. — Suspirou. — Sinto muito que tive que ordenar que o trouxessem aqui, mas você tem que vir para estas sessões.

Silenciosamente continuou a olhá-la. Ele era um mestre em deixá-la desconfortável. 466 tinha um modo de olhar para ela como se pudesse ler sua mente. De todos os sobreviventes que aconselhou, ele era sua maior preocupação. Não tinha nenhuma ideia de seu estado emocional, como estava se ajustando com seu novo ambiente, ou até se ele tentou se entrosar.

— Ouvi que você não está aprendendo nenhum esporte.

Ele piscou.

— Você está passando tempo demais sozinho e está fugindo dos guardas e se afastando muito do motel. Você tem que saber o quanto isto é perigoso.

Ele não disse nada.

— Eles estão aqui para proteger você. Eles não podem fazer seu trabalho se você não se comportar. Este é um local seguro. Você tem que ficar onde é seguro. E se alguém te ver? Os repórteres desceriam na área para procurar pelo seu povo.

Ele bocejou e continuou a observá-la. A frustração de Joy subiu. Ela tinha tanta paciência e 466 estava sempre a pressionando. Ele podia fazer um santo enlouquecer e, infelizmente, ela não era perfeita nem de perto. Foi uma decisão emocionalmente desgastante fazer o trabalho no meio do deserto neste local secreto. Teve de se afastar de todo mundo que conhecia, e lidar com alguém que não apreciava seus sacrifícios começou a irritá-la.

Ela se debruçou e pôs suas mãos abertas na mesa.

— Tudo bem. Obviamente quatro sessões por semana comigo não está te ajudando muito.

Seus lábios cheios curvaram para cima e estava certa de que era felicidade que brilhou em seus olhos, a primeira que já viu. Isso fez seu temperamento ficar tão quente que podia visualizar o sangue fervendo.

— Finalmente concordamos. Sem mais sessões. — Descruzou seus braços e pareceu pronto para partir. Seu traseiro deixou a cadeira à medida que ela falava.

— Não tão rápido.

Sentou de volta devagar, mas o sorriso morreu enquanto seu olhar endurecia.

— Estou aumentando o número de sessões para sete dias por semana. — Isso teve uma reação de raiva. Gostou um pouco de ver isto já que ele parecia gostar de fazer de sua vida um inferno. Era sua vez de sorrir.

— Você vai conversar comigo, 466. Estou tentando fazer meu trabalho e vou te ajudar, você queira ou não. Nós passaremos mais tempo juntos até que você se sinta confortável para se abrir comigo. Eu quero saber por que você é antissocial com seu próprio povo, o que você tem contra aprender a praticar esportes, e como você está se ajustando a vida fora da instalação de teste. Eu não posso te liberar dando uma fixa limpa até que nós cubramos todos esses fundamentos. — Debruçou-se de volta. — Não é como se todas essas sessões adicionais fossem acabar com sua vida social. Você não tem uma.



— Você realmente não forçaria mais sessões. Eu te deixo infeliz e você não gosta de mim.

Sua suposição a surpreendeu.

— Eu não repugno você. Eu não te conheço muito bem porque você não conversa comigo. Além disso, isto é irrelevante.

Ele girou a cabeça para dar um olhar ameaçador para o guarda parado na porta.

— Faça-o partir.

O guarda bufou.

— Isso não vai acontecer. Você conhece o procedimento.

466 olhava fixamente para ela e relaxou em sua cadeira.

— Você acha que eu vou te matar?

Perguntou-se às vezes se ele a odiava. Era óbvio que se ressentia da terapia exigida, mas não acreditava que atacaria uma mulher. Não viu quaisquer indícios de que fosse cruel e não exibia propensões de ser um tirano.

— Não.

— Você quer que eu fale?

— Isso seria uma mudança boa. Sim.

— Faça o guarda sair. Eu não vou me abrir para ninguém, além de você. Li sobre sigilo do paciente. Eu quero isto.

Suas sobrancelhas curvaram em surpresa.

— Todos os guardas juraram manter nossas sessões privadas. Ele não tem permissão para repetir qualquer coisa que ouvir. Ele está presente porque sou uma mulher. É para nossa proteção mútua.

— Você acha que vou te matar. — Franziu a testa. — Ou você acha que te levantarei, rasgarei suas roupas e te montarei contra a parede? — Sorriu maliciosamente enquanto o olhar abaixava pelo seu corpo. — Uma referência a uma história sobre pescaria que aprendi no último mês da viagem obrigatória me veio em mente, eu te jogaria para trás por ser muito pequena. Não seria divertido para mim. Você quebraria se eu fodesse algo tão frágil.

— Olhe o que você fala e mostre algum respeito. — o guarda ordenou, dando um passo ameaçador para frente.

Joy estava um pouco desconcertada pelas palavras cruas de 466, mas era o máximo que já o ouviu dizer de uma vez. Ergueu sua mão para impedir o guarda de interferir novamente. Colocou a palma aberta em sua mesa.

— Deixe-nos. — Olhou para o guarda.

— De jeito nenhum, Dra. Yards, este cara é instável.

— Ele está conversando pelo menos. Saia. Você pode esperar na recepção.

466 obviamente tentou esconder sua surpresa, mas falhou. Controlou suas características depressa, e recuperou sua expressão composta.

— Você a ouvirá gritar se eu atacar. Saia.

O guarda agitou a cabeça.

Irritação queimou dentro de Joy. Havia só alguns guardas no Setor Quatro, mas eles nunca recebiam ordens bem.



— Este é meu escritório e o modo como conduzo as sessões é minha decisão. Feche a porta no caminho para fora e espere no corredor abaixo. Você ficará perto o suficiente para chegar aqui se houver algum problema. Está é uma ordem direta, não um pedido.

— Certo. — O guarda girou, saiu e fechou a porta atrás dele.

Joy estudou 466.

— Estamos a sós agora. Converse comigo. Por que você não pratica esportes?

Ele piscou algumas vezes enquanto o silêncio estirava.

— Você disse que conversaria se nós estivéssemos sozinhos. Nós estamos. Você não me enrole como o tipo de homem que volta atrás em sua palavra.

— Como você saberia?

— Eu converso com muitos Novas Espécies. Eles são muito orgulhosos e respeitam honestidade.

Suas mãos largaram os braços da cadeira e cruzou os braços no peito novamente.

— Eles não me interessam. Essa é uma coisa humana e eu não sou. — Seus olhos estreitaram. — Eu também não sou um homem. Eu sou macho.

— Você é um humano híbrido.

— Eu sou um animal em forma humana.

Ela sempre achou fascinante como Novas Espécies se diferenciavam de humanos. As linhas estavam firmemente desenhadas dentro de suas mentes. Isso ajudou a entendê-los um pouco melhor. 466 era até mais inflexível que a maioria dos Espécies.

466 tinha problemas de ressentimento e isso era saudável, considerando que foi prisioneiro por sua vida inteira depois de ser criado com DNA misturado por uma companhia farmacêutica que usou seu povo como cobaia de pesquisas. As indústrias Mercile de alguma maneira conseguiram fundir genética animal e humana em indivíduos vivos.

— É por isso que você recusou escolher um novo nome e ao invés disso manteve seu número?

— Eu pareço com um Doug, Thomas, ou Carl para você? — Uma sobrancelha se ergueu. — Eu pareço normal?

Pegou a dor que relampejou em seus olhos e a fez sofrer com ele. Também partiu seu coração e a horrorizou quando ouviu as histórias que os sobreviventes compartilharam sobre como foram tratados nas Indústrias Mercile. Ninguém merecia as vidas infernais que levaram até serem descobertos e salvos. Nenhuma compaixão, nem mesmo pena foi mostrada a eles. Eram números sem direitos humanos. Ratos de laboratório.

O olhar viajou pelas suas características. Havia diferenças leves que sempre o deixaria separadamente de humanos comuns. Os ossos faciais eram mais pronunciados nas bochechas e queixos dos Novas Espécies. Seus narizes também pareciam mais largos e um pouco achatados do que o normal. Muitos deles tinham lábios mais cheios e dentes como presas. As formas de seus olhos podiam refletir uma ancestralidade de animal distinto.



466 tinha uma atração áspera sobre ele, mas sempre chamaria atenção se tentasse andar por aí na sociedade. Todo mundo notaria que ele não era muito “normal”. Interiormente estremeceu, lembrando-se do debate que teve com seu chefe na primeira semana depois que ela chegou. Tinha sido mais do que uma discussão esquentada. Eles discutiram a probabilidade de oferecer cirurgia plástica para as vítimas. Joy defendeu a posição de que iria apenas traumatizá-los mais. Seu chefe acreditava que os ajudaria a se entrosar na sociedade se tivessem a oportunidade de mudar suas aparências.

Eu estava errada? Mordeu o lábio. *Talvez oferecer-lhes a chance de corrigir um pouco de suas anomalias faciais devia ser uma opção.* Apenas acreditava que eles já foram mexidos o suficiente. Também pareceu, de alguma maneira, ofensivo para ela. Ninguém devia ter que mudar sua aparência para se entrosar na sociedade. Claro, não cabia a ela tomar essas decisões. Isso estava muito acima de seu papel. Não traria isto para quaisquer das vítimas até que alguém decidisse se era apropriado. 466 e seus outros clientes eram atraentes, até bonitos, para ela. Eles eram únicos e especiais, perfeitos apenas do jeito que eram.

— Bem, pareço? — Sua voz afundou, tirando-a de seus pensamentos. — Você pode ver me chamar de Tom em vez de 466?

— Não, e estou supondo que você seja de uma forma de espécie canina. Isso pode fazer com que fique afastado dos outros, mas não acredito que isto seja uma coisa ruim.

Ele pareceu surpreso novamente.

— Estou impressionado que você não esteja mentindo para mim negando que sou diferente.

— Eu não sou uma grande fã de mentiras. Sou uma psicóloga. Estou aqui para aconselhar você. Eu lido com verdades e emoções. Mentir e fazer joguinhos só te machucaria. Quero ajudar. Você já considerou ter um nome? Alguns do seu povo escolheram nomes que não são comuns. Nomes que refletem emoções com as quais se identificam ou coisas que descobrem que amam. Você é mais que somente um número.

Ele encolheu os ombros.

Ele é. Escondeu o sorriso que ameaçava ir à superfície, animada que finalmente se abriu um pouco. Em quatro meses ele colocou uma muralha nela em toda tentativa. Ela até mudou a hora de suas sessões para o último compromisso do dia já que não queria impedi-lo se ele decidisse conversar.

— O que você está sentindo?

— Irritado. Eu gostaria de deixar de vir aqui.

— O que você faria se não estivesse aqui neste momento?

Hesitou.

— Você quer a verdade?

— Eu estava sendo honesta quando disse que eu não sou uma grande fã de mentiras.

— Certo. Eu provavelmente estaria em meu quarto assistindo mais daqueles vídeos pornográficos na internet e liberando um pouco da... tensão.



Suas bochechas aqueceram, mas se recusou a mostrar embaraço. Assuntos sexuais não eram sua especialidade, mas não iria recuar do tópico.

— Você libera a tensão frequentemente? Isso ajuda um pouco em seus problemas de agressividade?

— Como você sabe que tenho algum problema?

— Você tem um chip em seu ombro, parece evitar interação com a maior parte das pessoas aqui, e eu fui informada que tentou começar algumas brigas com os guardas. Sai de seu caminho para afrontá-los apesar de saber que eles não teriam chance contra você. Você é fisicamente superior.

Seu orgulho foi fácil de ler.

— Eu sei.

Isso disse mais sobre ele e gostou que tivesse autoestima. Era um passo promissor em direção à recuperação.

— Você tentou boxe? Alguns de seus homens gostam. É uma grande saída para liberar a raiva.

Ergueu sua cabeça.

— Essa não é a minha ideia de me divertir.

O que interessa a você então? Verei o que posso fazer se você souber de algo que poderia funcionar. Sei que todo mundo tem internet e acesso a TV a cabo, assim você pode aprender muito mais sobre o mundo lá fora.

— Duvido que você ia querer dar o que eu quero.

— Você não saberá a menos que pergunte.

— Está certo. — Deu um sorriso autêntico. — Fêmeas. Eu gostaria de pegar em algo, mas não seria em um saco de peso.

Não devia ter ficado chocada pela sua resposta, mas para alguém que recusou conversar com ela por tanto tempo, ele parecia no intento de dizer coisas para deixá-la desconfortável. Suspeitou que fosse de propósito.

— Há bastante mulheres ao seu redor, 466. Noventa por cento do pessoal são fêmeas e algumas mulheres Novas Espécies vivem aqui.

— Noventa por cento das fêmeas humanas estão grávidas ou acabaram de ter bebês. Seu pessoal sabe que nunca as atacáramos então as mandam para cá para trabalhar conosco. Nossas fêmeas não querem ser tocadas. Não há ninguém para foder.

Ela ficou completamente sem palavras.

Ele se debruçou para frente para olhar para ela, ainda sorridente, e de repente ficou de pé. Ela se jogou de volta em sua cadeira, um pouco temerosa com ele de pé. Eles estavam sozinhos. Não acreditava que ele a machucaria, mas pareceu querer fazê-la se contorcer. Ele estava fazendo isso muito bem.

Ele cheirou enquanto se abaixava, colocou as mãos na mesa há centímetros de sua própria mão e suavemente rosnou.

— Você não tem nenhum macho em sua vida e não está grávida.

Engoliu com dificuldade.

— Você não sabe nada sobre minha vida pessoal. Por favor, sente-se.



— Posso cheirar tudo sobre você. — Olhou profundamente em seus olhos. — Você não usa mais aquele fedor que chamou de perfume e trocou para sabonete orgânico.

— Fui informada que irrita sua sensação de cheiro.

— Você fez sexo esta manhã, mas estava sozinha. Você assiste pornografia em seu quarto, Dra. Yards? Usa seus dedos ou possui alguns daqueles brinquedos de sexo que eu vi?

Sentiu o sangue drenar de seu rosto. *Como ele sabe isto?* Outro pensamento a atingiu e tirou as mãos da mesa. *Todo cliente que vi hoje pode dizer que me masturbei?* Aquela suposição era desconcertante. Estava mortificada e esperava que ele estivesse blefando.

— Por favor, se sente e pare de tentar me provocar para te liberar cedo da sessão.

— Onde está sua honestidade agora? — Ele se debruçou em direção a ela e lentamente inalou. — Eu. Posso. Cheirar. Você. — Um grunhido suave veio do fundo de sua garganta. — Me deixa um pouco louco e selvagem. Você sabe o que eu quero fazer sobre isto?

— Não. Por favor, sente-se.

Seus olhos eram bonitos tão de perto, só alguns centímetros dela. Eles a lembravam de chocolate derretido com uma pitada de ouro misturado. As pupilas pareceram estreitar enquanto a olhava. Rosnou novamente e chegou muito mais perto até que podia sentir o cheiro dele. Ele carregava um cheiro rico, masculino com algo familiar que podia identificar, recentemente tomou café.

— Eu quero te deitar nesta mesa, nua, e lamber entre suas coxas abertas, que estará abraçando meu rosto, até que você implore para eu te tomar. Eu te viraria em seu estômago e te curvaria na minha frente aqui mesmo. — Seu dedo bateu a superfície de madeira de sua mesa. — Eu iria te foder até que nós dois não pudéssemos caminhar, pensar, ou falar.

Suas mãos tremiam em seu colo e as apertou. Desejou que sua cadeira tivesse rodas assim ela podia se afastar dele e da mesa. Desejar não funcionou. Seu coração acelerou e a ideia dele fazendo isso fez coisas estranhas, engraçadas na parte mais baixa da sua barriga.

— Seria tão bom para nós dois. Você quer me ajudar? Tire suas roupas. Este é o único modo que você me fará sentir melhor pelas coisas que sofri.

Agarrou-se a sua última frase como uma pessoa se afogando que era ela, admitindo que o achou extremamente atraente. Ela tinha olhos, ele era um espécime perfeito de músculos e pele bronzada, todo dividido em seu corpo de um metro e noventa.

— Sexo não é a resposta. Conversar sobre seus problemas é.

— Eu conversarei enquanto te foder. Estou certo que terei muito a dizer sobre o quão bom você parecerá.

Forçou o olhar até suas mãos. Elas eram grandes e sabia que havia calos nos dedos, nas pontas de seus polegares, e em suas palmas. A maior parte dos sobreviventes tinha essa anomalia e notou em outras sessões que ele a tinha também. Perguntou-se



qual a sensação de suas mãos em sua pele. *Áspera? Boa? Ou como lixa?* Estava tentada a descobrir.

— Por favor, sente-se 466. — Olhou para cima até olhar diretamente em seus olhos. — Eu pedirei ao guarda para retornar.

Ele agitou a cabeça, mas se endireitou e retornou a sua cadeira. Respirou mais fácil quando ele se sentou. Mas uma vez cruzou os braços no peito e franziu a testa.

— Eu não sou de fazer sexo a três. Eu sei que isso é popular entre humanos, mas me enoja. Nós broxamos com o cheiro de outros machos em fêmeas e eu teria que estrangula-lo se ele tocasse em você.

Sua boca caiu aberta.

— Não é por isso que eu o chamaria! — Selou seus lábios e franziu a testa de volta para ele. — Você sabe disto. Está se divertindo brincando comigo?

Ele sorriu.

— Você não me permitirá te tocar. — Lambeu os lábios de propósito mostrando a língua. — Da próxima vez que você se engajar em fazer sexo sozinha lembre-se de mim porque eu estarei fazendo o mesmo. — Diversão relampejou em seus olhos. — Assim que eu sair daqui estou indo para meu quarto. — Suas pernas abriram um pouco e endireitou seu traseiro na cadeira. — Eu já estou duro.

Seu olhar desceu antes de poder impedir a reação. O contorno do pênis era claro dentro da calça de moletom que ele vestia. A maioria dos Novas Espécies odiava qualquer forma de roupa íntima pelo que lhe disseram, e sem elas era óbvio que 466 não estava mentindo. Ofegou pelo seu tamanho grande e ele riu.

Olhou em seu rosto.

— Isto é totalmente inapropriado. Eu vejo que você precisa retomar a aula sobre o que dizer para as pessoas e o que não dizer. Lembra dos 101 Modos?

— Eu sei a diferença. — Manteve o sorriso no lugar. — Nós falamos a verdade aqui, de acordo com você, e é isso que estou fazendo. Vou para meu quarto e...

— Eu entendo. — o cortou. — Sou sua terapeuta e existe uma coisa chamada ética. Você pode parar de ter esses pensamentos sobre mim porque nós não podemos jamais ter uma relação física.

Isso matou sua diversão.

— Por que não?

— Eu fiz um juramento e você é meu cliente. Você precisa da minha ajuda e isso significa não se aproveitar. Você está em um estado frágil.

Ele jogou sua cabeça para trás e riu depois abaixou o queixo e abriu os braços bem abertos.

— Eu pareço fraco para você? Não poderia me machucar se tentasse. — Desceu as mãos e agarrou os braços da cadeira. — Você poderia morder, arranhar, lutar comigo, e ficar tão selvagem quanto quisesse durante o sexo. Eu apreciaria. Eu estaria mais preocupado com você se machucar.

— Você pode ir. Eu te verei amanhã. — A sessão não iria progredir com sexo como o tópico.

Ele não se moveu.

— Eu disse que você pode ir 466.



Ele respirou fundo e soltou.

— Você sabe como ser totalmente sincera?

— Sim. — Temia responder, perguntando-se o que ele estava aprontando agora.

— Você me deixaria te montar se não fosse minha psiquiatra?

— Eu não te conheço bem o suficiente para responder isto. Eu também não sou uma psiquiatra. Eu sou uma doutora. Nós preferimos esse título.

— Você está se esquivando.

— É perfeitamente sincero. Eu não faço sexo casual. — Não devia estar dizendo a ele qualquer coisa pessoal, mas ele não era exatamente um cliente comum. Em nenhuma parte na escola tinha homens metade fera que foram criados por uma companhia sem ética. — Eu nunca fiz sexo com alguém que eu não estivesse apaixonada.

— Você nunca compartilhou sexo? — A descrença em seu rosto era quase cômica.

— Eu já fiz. Não sou virgem.

— Ele morreu?

— Quem?

— O homem que você amou. Ele foi morto?

— Não.

— Eu não entendo. — Ele se debruçou para frente, olhando genuinamente confuso.

— O que confunde você?

— Você está me dizendo mentiras.

— Eu não estou.

— Você disse que só compartilhou sexo com o macho que você ama.

— Isto é verdade.

— Você não carrega seu cheiro. Onde ele está?

— Eu não sei exatamente onde meus ex-namorados estão. Eu não converso mais com nenhum deles. É comum cessar toda a comunicação quando uma relação termina.

Seu olhar alargou e ficou de pé.

— Namorados?

Algo o deixou aflito, mas não sabia como suas respostas causaram essa reação.

— Eu tive quatro namorados sérios em minha vida.

Ele rosnou.

— O que está errado?

— Amor é para sempre. — Ele deu um olhar repugnado. — Você não tem nenhuma ideia do que o amor é Joy.

Ela o viu voar de seu escritório com as mãos fechadas furiosamente em seus lados. Podia apenas ver a porta aberta depois que ele foi embora.

Levantou-se e ficou ciente que seu corpo reagiu a ele. Os seios estavam hipersensíveis com o movimento dentro do sutiã e precisava mudar sua calcinha para uma seca.



— Caramba. — murmurou e fechou os olhos. Essa deve ter sido a sessão mais estranha que ela já teve. Debruçou-se para pegar o telefone celular da gaveta de cima da mesa, rolou pelos números, e apertou o que ela queria.

— Dra. Megan Green. — uma voz alegre respondeu.

— Oi, Meg, é Joy.

— O que está errado? — Imediatamente preocupação encheu a voz da mulher.

— Você tem tempo para uma sessão por telefone?

— Sempre. Espere e deixe-me fechar a porta do quarto. Estou em casa e um dos meus inquilinos de quarto também está. Qual é o problema?

— Estou atraída por um cliente. A terapeuta precisa ser aconselhada. — Riu nervosamente da piada pobre. — Merda. Você nunca acha que pode acontecer com você.

— Gostoso hum?

— Massivamente. Ele acabou de me dizer o que queria fazer comigo e tenho que admitir, não é algo que eu vou esquecer tão cedo.

— O que ele quis fazer?

— Isso não importa. A questão é, ele é muito atraente e ele está severamente danificado.

— Merda. Leve dois e pague por um. Eu quero o número dele se dirigir uma motocicleta já que não é um dos meus.

— Cale a boca. Isto não é algo para se brincar. — Debruçou-se contra a mesa. — Pior, eu acho que ele é um romântico. Ele acredita que amor é para sempre.

Meg ficou muda por uns bons cinco segundos.

— Largue seu emprego hoje. Você pode trabalhar aqui. Existe sempre uma vaga para uma terapeuta importante.

— Isto não é engraçado.

— Eu não estou brincando. Corra baby. Quantas sessões por mês você tem com ele?

Os ombros de Joy afundaram.

— Acabei de mudar seu horário para sessões diárias. Ele passou por um trauma severo.

— Acho que tenho uma cópia do seu currículo. Darei para meu chefe de manhã. Você pode ficar com um quarto desocupado até achar um lugar para morar. Um dos meus inquilinos de quarto se mudou com o namorado e não podia ser em uma hora melhor. Esperarei você em duas semanas quando seu anúncio entrar em vigor.

— Não posso fazer isto. Eu me comprometi com este trabalho por um longo tempo. Iria traumatizar mais clientes se partisse.

— Eles podem contratar outra pessoa. Você é boa, mas também existem muitos outros profissionais. Você não quer mexer com isto. Você podia perder sua licença, até enfrentar processo, e ser multada no mínimo.

— Eu não vou agir, droga. É por isso que eu estou ligando para você.

— Você vai se foder se não largar este sujeito e eu quero dizer isso do jeito real e metafórico. Você quer meu conselho? É esse. Saia.

Joy fechou os olhos enquanto sua situação era absorvida.



— Ótimo.

Capítulo Um

O presente

ONE Homeland

— O que está acontecendo? — Joy olhou para o Nova Espécie que a levava pelo edifício e continuou. — eu recebi um telefonema que havia algum tipo de emergência com alguém que aconselhei no passado. Disseram para que eu viesse e que era urgente.

Um rosnado veio do corredor abaixo e a fez saltar. Sua escolta se arremessou para longe, abandonando-a para correr para um quarto. Ela se apressou adiante apesar do som apavorante. Pausou na entrada do quarto para olhar em horror absoluto para a cena que acontecia.

— Segure-o! — O Novo macho Espécie que a escoltou gritou a ordem e mais dois machos Espécies lançaram seus corpos pesados em cima do sujeito contido na cama de hospital. Um uivo ensurdecido rasgou o quarto e um braço se libertou das restrições. O Espécie agarrou o corpo acima de seu peito, agarrou o material da camisa do outro homem, e tentou jogar de lado o que tentava segurá-lo.

— Ele ainda está fora de controle! — O pálido humano agitado gritou. — Paul? Onde está esse tranquilizante?

Alguém chegou por detrás de Joy, quase a fazendo colidir com o batente da porta enquanto corria para o caos. Sua identificação o identificou como um enfermeiro.

— Estou aqui, Doutor! — O enfermeiro desencapou a seringa em sua mão enquanto todo o inferno desabava.

O cara sendo contido soltou outro uivo feroz e libertou seu outro pulso das amarras espessas que o mantinham deitado. Livrou-se dos dois corpos, sentou, e esmurrou o terceiro Espécie no rosto, o enviando para o chão.

O Espécie enfurecido saiu das restrições, o som mal audível pela agitação dos homens lutando para se levantar. Joy olhou em choque para seu antigo cliente — 466. Suas características eram assustadoramente familiares enquanto jogava seu cabelo longo para trás, apesar do fato que não o via por dois anos.



Deslizou para fora da cama depois de soltar as pernas, rosnou para o médico, e enviou o homem correndo para trás até que ele se amontoou em um canto. Preocupação veio um segundo depois do medo de Joy. Ver 466 daquele jeito trouxe lágrimas para seus olhos. *Que diabos aconteceu com ele?* Não tinha nenhuma resposta, mas as queria.

Estava claro que o Espécie aflito planejava atacar o doutor. Um dos outros Nova Espécie se lançou sobre as costas de 466, mas apenas acabou sendo atirado no chão. Joy teve de se conter de entrar no quarto para ir para seu antigo cliente, querendo acalmá-lo. O bom senso a segurou. Preservação também.

— Moon! — O que ele esmurrou no rosto gritou. — Olhe para mim. Você quer um pedaço de alguém? Venha para mim, droga.

466 girou e rosnou exibindo presas afiadas enquanto a ira trançava seu rosto normalmente bonito em algo apavorante. Parecia com alguém fora de controle e cheio de tanto ódio que queria matar. Abaixou em posição de luta.

O médico deslizou ao longo da parede para fugir dele e se apressou em direção à entrada. Moon permitiu que ele fosse, no intento de atacar seu oponente Espécie. O enfermeiro voltou para Joy e soltou a seringa no chão em sua pressa para escapar do perigo. Ele girou a cabeça em direção a ela, seus olhos apavorados.

— Vá. — o homem silvou. — Ele vai matar qualquer humano com quem entrar em contato se passar por eles. Ele está doido.

Ela abraçou a parede enquanto ambos, o pessoal dos humanos da equipe médica, fugiam. Não iria embora. *De jeito nenhum.* 466 — Moon — poderia precisar dela. Sua mente atordoada aceitou o nome que ele obviamente escolheu.

— Moon. — o macho Espécie rosnou. — Se acalme. Nós somos seus irmãos e amigos. Pense e lembre-se de nós.

Um uivo horrível rasgou da boca de Moon antes dele atacar. Primeiro bateu no ombro do outro homem com força suficiente para jogar seu oponente em uma parede. O gesso cedeu. Outro Espécie tentou agarrá-lo, mas Moon pegou seu braço, os dentes violentamente rasgando a pele. O macho mordido sangrava fortemente enquanto se afastava de Moon tropeçando para a porta segurando o antebraço. Joy saltou para fora do seu caminho enquanto passava cambaleando.

— Corra. — severamente exigiu. — O cheiro de sangue o deixará pior.

O macho que foi empurrado contra a parede com força suficiente para ter seus cotovelos presos dentro do gesso se libertou e se jogou em Moon novamente enquanto o outro guarda Nova Espécie se levantou do chão. Era horrorizante ver Moon lutando com eles enquanto seu grande corpo bloqueou o duplo ataque esmurrando com um punho enquanto girava para chutar o segundo Espécie. Ambos os machos grunhiram de dor enquanto eram jogados.

Joy teve uma suspeita horrível que Moon estava sob a influência do que alguns dos seus clientes chamaram de droga de procriação. As indústrias Mercile criaram uma mistura experimental que deixava os machos com um desejo quase violento de fazer sexo. A companhia a usou para forçá-los a fazer sexo em uma tentativa de engravidar as fêmeas Espécies. Enquanto sob a influência da droga, os machos Espécies podiam ficar perigosos para qualquer um que entrasse em seu caminho.



Os homens que tentaram subjugar Moon estavam feridos. Joy percebeu que poderiam seriamente machucá-lo a fim de contê-lo. As lembranças das coisas que aprendeu durante suas sessões vieram à tona.

As últimas semanas no Setor Quatro relampejaram em sua mente. O macho que conheceu tão bem não machucaria uma fêmea a menos que ele a julgasse perigosa. Eles passaram toda tarde juntos, às vezes expandiam a hora que exigia que ele estivesse lá. Ele relaxou o suficiente para conversar com ela depois de alguns dias. A tensão sexual entre eles crescia com cada dia que passava.

Vendo-o como estava agora, selvagem e lutando com outros machos, não era como fantasiou que seu reencontro seria se um dia cruzassem seus caminhos novamente. Ele a quis uma vez e esperou que isso não tivesse mudado. Ela tinha que parar com a violência. Sua preocupação principal era ele. Tirou imediatamente os sapatos. Tirou o grampo que mantinha o cabelo em um coque, o balançou para que caísse para trás. Segurou a frente da camisa enquanto caminhava para dentro do quarto. Nada mais podia distrair o macho que conheceu do que o brilho de sua pele.

Um rosto selvagem virou em seu caminho enquanto Moon cheirava ruidosamente, sua atenção fixa nela agora que ele estava ciente de sua presença. Seu coração acelerou de medo. Cada fibra dela queria fugir, mas não podia dar uma chance dos outros homens no quarto possivelmente tentarem matar Moon para parar sua agitação.

— Calma. — sussurrou. Suas mãos tremeram enquanto os dedos deslizavam entre as dobras do tecido e rasgou. Botões caíram sobre o chão enquanto ar batia na pele que revelou. Viu seu sutiã de renda preta, mas esse era o propósito. Seu olhar abaixou para o decote à medida que entrava no quarto, mantendo suas costas contra a parede.

— Saia! — Um dos outros Espécie rosnou. — Corra.

Só faria Moon entrar em modo de caça. O lado de predador estava muito perto da superfície para acreditar que qualquer outro resultado seria possível. Conhecia os Espécies e estava apostando sua vida nele no momento. Jogou a camisa destruída e abriu seus braços bem abertos em seus lados, mostrando a Moon suas palmas para provar que não tinha nenhuma arma.

— Eu assumo aqui. — declarou para o outro Espécie. — Recue. — Sua voz saiu trêmula no melhor, mas não rachou enquanto batalhou para manter seu medo sob controle, sabendo que seu plano podia dar tragicamente errado.

Focou em Moon enquanto deslizava ao longo da parede. Ele a olhava, parecendo esquecer todo mundo ao redor deles. Suas narinas alargaram enquanto cheirava novamente e avançou a perseguindo.

— Calma. — sussurrou. — Está tudo bem. Eu sou uma fêmea.

Um dos Espécies cambaleou entre eles, tentando evitar Moon de alcançá-la.

— Saia daqui. Ele matará você. Está louco e não conhece nenhum de nós.

Moon agarrou a camisa do macho, facilmente o jogando de lado, onde caiu sobre seu traseiro.

— Seus instintos estão sob controle. — Joy imaginou. Estudou os olhos escuros de Moon e não viu qualquer sinal de reconhecimento. Ele a assustava muito. Qualquer



sensação de tranquilidade que sentiu desapareceu. Podia matá-la, mas era muito tarde para mudar seu curso de ação. — É menos provável que me mate que você.

Ele provavelmente vai quer me foder. Silenciosamente admitiu que não se importaria se ele fizesse isso. Cometeu um erro ao fugir dos seus sentimentos por ele quando deixou seu trabalho. Doeou profundamente, mas estava certa que era sua única opção. Foi um erro enorme escolher o emprego em vez dele, mas não havia jeito nenhum deles ficarem juntos ainda que estivesse disposta a arriscar tudo. Pensou muito sobre Moon, quase ao ponto da obsessão. A terapeuta apaixonou-se pelo seu cliente. Era indesculpável e imperdoável, no entanto era verdade.

Moon avançou à medida que apertava suas costas na parede e girou sua cabeça de lado, esperando dor, mas não a machucou quando atingiu seu corpo. O macho sólido apertou firmemente contra ela e mãos fortes a agarraram. Alcançou a abertura de sua camisa para procurar pele. Seus dedos e palmas eram quentes, firmes, enquanto as deslizava mais para baixo para cavar dentro do cós de sua saia. O elástico cedeu e agarrou seus quadris.

Ela ofegou quando a ergueu, mas a manteve presa entre ele e a parede até que sua boca pairasse no lado de sua garganta. A respiração quente abanava sua pele à medida que ofegava. Estava apavorada pendurada lá, impotente, mas ele não a mordeu com suas presas afiadas. Sua língua molhada e áspera a surpreendeu quando lambeu a área sensível de sua garganta debaixo de sua orelha.

Está me saboreando. Matar ou sexo? É isso que está passando pela sua mente agora. Rezou que ele decidisse que ela era para mais tarde. Sua mente remexeu para lembrar se usou perfume esta manhã. Estava certa que não. Nada que ele pudesse cheirar devia ofendê-lo. A parte de baixo do seu corpo prendeu mais apertado contra ela e a sensação de algo duro cutucando contra o V de suas coxas a reassegurou. Ele estava excitado. O contorno duro de seu pênis não podia ser confundido com outra coisa.

Suas barrigas estavam pele com pele desde que ele só vestia calças. Ela inalou nitidamente quando sua boca abriu e fixou abaixo de sua jugular. Ele não a rasgou violentamente, mas ainda podia. Seus dentes pausaram lá enquanto sua vida estava em suas mãos. Abriu seus olhos para olhar fixamente para o Nova Espécie que estava avançando por detrás de Moon.

Ergueu uma mão para pará-los e pronunciou uma palavra.

— Tranquilizante. — Um deles assentiu nitidamente, girou, e correu para fora do quarto. A seringa no chão tinha sido esmagada durante a briga. Estava destampada e contaminada de qualquer maneira, deixando-a inútil. Como tentativa tocou os bíceps de Moon. Eram espessos e não deixavam nenhuma dúvida sobre sua força impressionante. Seus dedos surfaram pela sua pele morna, acariciando.

— Você se lembra de mim? — Deu uma respiração. — Não me machuque. Eu não sou nenhuma ameaça.

Ele mordeu, mas não rasgou a pele. Entretanto teve um aperto firme nela. O Espécie que permaneceu chegou mais perto em uma tentativa de atacar de surpresa. O corpo contra o seu endureceu. Um grunhido saiu dele, fazendo seu tórax vibrar. Sentiu uma ameaça.



— Ele rasgará minha garganta. Saia. Você acha que ele não está ciente de você? Estou bem. Recue! — Joy manteve contato visual com o guarda assim ele saberia que falou com ele.

O Espécie retrocedeu e os dentes de Moon imediatamente soltaram. Joy olhou fixamente para o macho que hesitou na porta e manteve a voz tranquila.

— Nós estamos bem. Apenas saia e consiga o que eu pedi. Chamarei se precisar de ajuda. — *Gritar*. Essa era a palavra que não usou, mas seria mais precisa se as coisas ficassem ruins. — Vejamos se eu posso tranquiliza-lo enquanto você corre para conseguir o que é necessário.

Ele pareceu inseguro, mas recuou até que estava longe da vista. Joy lentamente virou a cabeça até que sua bochecha descansou contra a de Moon. Ele tinha pele lisa, pois o cabelo facial não crescia facilmente nos Espécies, se cresciam. Massageou os músculos dos seus braços.

— Eu senti sua falta. — Falou muito suavemente, esperando que ninguém exceto Moon pudesse ouvir suas palavras sinceras. — Sinto muito por ter te deixado. Eu estava com medo. — Ela não enrolou certa de que em seu humor atual, ele não ia querer ouvir suas racionalizações. — Por que fizeram isto com você?

Tantas perguntas sem respostas a atormentavam. O dano era permanente? Temporário? A pessoa que ele costumava ser estava preso em algum lugar dentro de sua mente?

Seus quadris aninharam mais apertados contra sua pélvis, deixando-a muito consciente do estado de seu pênis e o que estava em sua mente naquele momento. O aperto em seu pescoço aliviou enquanto seus dentes a largaram. Não poderia reconhecê-la em seu estado drogado, mas estava ciente dela como uma mulher. Deslizou as mãos para o alto dos seus ombros largos, mas ele não grunhiu ou protestou aparentemente feliz por cheirar e lambe sua pele novamente.

Seu cabelo era macio enquanto o tocava e atou seus dedos nos longos fios na base de sua cabeça, segurando-o perto. Esfregou sua bochecha contra a dele novamente, inspirando seu cheiro masculino que era tão familiar para ela, assegurando-a mais uma vez que chegou muito perto de seu antigo cliente. Seu corpo estava vivo e pior, conhecia os sintomas de sua própria excitação. Uma parte dela desejava envolver suas pernas ao redor da sua cintura e esperar que ele se aproveitasse da posição rasgando a roupa entre eles.

Apenas a ideia deles nus, ele a pegando, a fez amortecer um gemido. Sonhava com ele quase todas as noites e durante o dia também. Aquelas fantasias prepararam seu corpo para responder ao macho de carne e osso. Ele não tinha que beijá-la ou fazer qualquer coisa, a não ser abraçá-la para excita-la. Tudo o que bastava era ficar perto dele.

Ele inalou profundamente, inspirando mais do seu cheiro. Esperou que ele se lembrasse dela, que uma memória apareceria. Seus clientes disseram que isto era o que eles chamavam de “droga de procriação” e tirava sua habilidade de pensar, mas o fato dele não parecer reconhecê-la era perturbador.

Dúvida e insegurança nitidamente atingiram. Talvez ela não fosse tão importante para ele como a fez acreditar. Aqueles últimos dias que passou com ele dentro de seu



escritório foram intensos. Ele ficou progressivamente inflexível em querê-la. Disse que estava obcecado em tocá-la e levá-la para sua cama. As coisas que disse que queria fazer com ela ainda a faziam se contorcer em frustração sexual. Queria que fizesse tudo o que imaginava. O fato de ser proibido só deixou mais difícil de resistir.

— Moon. — sussurrou. — Olhe para mim. Por favor?

Joy não estava certa se ele a ouviu ou concordou, mas lentamente moveu sua cabeça até que olharam um ao outro, nariz com nariz. Seus olhos eram tão notáveis quanto lembrava e examiná-los fez com que pensar ficasse difícil.

— Oi. É Joy. — Lambeu os lábios. — Dra. Yards. Você se lembra de mim agora?

Nenhum reconhecimento ardeu em seu olhar, mas recuou mais e baixou o foco para sua boca. Rosnou para ela. Não era um som feroz, mais como um estrondo que vibrou no peito, ainda grudado contra o dela. O fato dele ter feito o que ela pediu significava que não estava perdido dela. Ele podia entender o que estava dizendo.

— Você vai ficar bem. Você está drogado. Entende? O ONE me ligou para te ajudar e eu estou aqui. — Suas mãos acariciaram a parte de trás do seu pescoço e tocou o seu cabelo. — Você consegue falar? Diga-me o que você precisa.

Rosnou novamente. Seus quadris apertaram mais contra ela até que seu cóccix cavou desconfortavelmente na parede impiedosa. Mexeu-se, dividindo suas pernas para aliviar a pressão e Moon se aproveitou disto imediatamente posicionando o cume duro de seu pênis contra a abertura de sua vagina. Mordeu de volta outro gemido. A sensação de finalmente senti-lo lá era boa e queria mais.

Ele abaixou os olhos para olhar fixamente para seu decote e dobrou o queixo para conseguir uma visão melhor enquanto a cheirava novamente. Não ficou surpresa quando a ajustou um pouco mais alto para aninhar seu rosto entre seus seios. Quando sua língua a saboreou ela fechou os olhos. Sua barriga apertou e o desejo de embrulhar as pernas ao redor da sua cintura a atingiu novamente. Joy apenas resistiu.

O som suave de passos rápidos chamou sua atenção. Era um macho Nova Espécie e agarrou uma arma de dardo. Moon ouviu sua abordagem também e girou a cabeça. Ele reagiu rosnando ruidosamente, um som assustador e ameaçador.

O macho Espécie disparou imediatamente e Joy ficou tensa, sabendo que Moon foi baleado no músculo acima de sua omoplata desde que viu a etiqueta colorida no fim do dardo. O homem que a segurava respondeu lançando sua cabeça para trás e uivou enquanto a esmagava contra a parede.

Os dois deslizaram para o chão quando os joelhos de Moon cederam. Praticamente sentou em seu colo. Viu pura ira em suas características por um segundo antes de seus olhos rolarem para cima em sua cabeça. Ele afundou para trás, levando-a com ele já que suas mãos ainda a agarravam. O outro Espécie moveu-se rápido e conseguiu pegar as costas de Moon antes dele cair inconsciente.

Joy lutou para sair de Moon e ficou de joelhos ao lado dele, tirando o dardo de sua pele para prevenir de causar mais danos antes de ser empurrado mais fundo quando ele tocou o chão. Os Espécies franziram a testa para ela enquanto suavemente abaixou Moon inconsciente.



— O que diabos estava pensando para interferir? Você podia ter sido morta. Meus machos se apressaram para reportar o que você fez quando entrou no quarto e me disseram que Moon tinha você. Você é louca?

Joy lembrou-se de sua camisa escancarada e soltou o dardo para juntar as extremidades para esconder seu sutiã.

— Eu sou a Dra. Joyce Yards. Quem é você?

— Responda minhas perguntas. O que estava fazendo e você é louca?

Engoliu com dificuldade.

— Eu o vi lutando com outro Espécie e era óbvio que não estava sob controle. Alguém podia ter se machucado. Eu intervi para prevenir isto. Não. Eu não sou louca. Eu mesma tenho algumas perguntas. Por que ele está sob o efeito da droga da procriação? Quem deu isto a ele?

Dois dos Novas Espécies que tinham lutado com Moon retornaram ao quarto. Ambos estavam com aparências horrendas enquanto Joy ficava de pé e tentava recompor suas emoções desgastadas. Saiu do caminho quando os dois se aproximaram depois suavemente e ergueram seu amigo caído no chão. Eles o levaram entre eles até a cama e o colocaram de volta no colchão. Ela os viu reatar as amarras em seus braços, pernas, e tronco antes do outro Nova Espécie, obviamente no comando, entrar em seu caminho e bloquear sua visão.

Joy balançou um pouco em seus pés, o desejo de checar Moon era tão forte que agarrou a camisa mais apertado, lembrando que se entregaria demais se agisse por impulso.

— Dra. Yards? — Este Espécie era alto com uma juba de cabelo e bonitos olhos de gato, que pareciam bravos enquanto olhava para ela. — O que você pensou que estava fazendo?

— Eu sou uma especialista em Espécies. Estava tentando evitar que alguém fosse morto.

Seu olhar abaixou para sua camisa.

— Ele rasgou?

— Eu rasguei. Sabia que meus seios conseguiriam sua atenção. Percebo o quão não profissional isso soa, mas estava certa. E eu não estou aqui como sua terapeuta, ou como qualquer terapeuta oficial. — Seu queixo ergueu quando olhou de volta, ousando-o a questionar seus motivos. — Quem deu a ele drogas de procriação? Por que ele está drogado? Em que diabos eu me meti?

— Ele podia ter te matado.

Decidiu ser totalmente direta. Eles gostavam disto.

— Seus machos não machucariam uma fêmea, especialmente uma que não consideram uma ameaça. Ele estava mais propenso em tentar uma atividade sexual do que me matar. É também por isso que abri minha camisa. A visão de decote parece funcionar maravilhosamente. Sabe-se que isso pode mudar seus humores para completamente amigáveis. Não é segredo o quão excitados alguns Espécies podem ficar.

Ele pareceu surpreso com sua franqueza, mas de repente sorriu.

— Verdade. Vamos começar de novo. Obrigado por vir tão depressa. Você foi difícil de rastrear, mas como pode ver, nós temos um problema.



Relaxou o aperto firme em sua camisa.

— O que está acontecendo, senhor?

— Me chame de Tiger. — Ele estendeu a mão.

Ela a pegou, tendo certeza de manter sua camisa presa, sentindo que a situação inteira era um pouco surreal.

— Hã, o que aconteceu com Moon?

Hesitou.

— Você assinou a permissão?

Teve que pensar.

— Você quer dizer a cláusula de confidência que me entregaram enquanto eu estava sendo recebida no portão? Sim, eu assinei.

— Bom. Moon foi atacado três dias atrás e nossos médicos não conseguiram compreender o que fizeram com ele.

Esperou confusa. Ele permaneceu mudo.

— Como ele foi atacado? Por que me chamou? Eu sou uma psicóloga. Ele teve uma quebra mental causada pelo trauma que sofreu? O que exatamente aconteceu com ele?

— Não. Sim. Talvez. Ele foi baleado com o que nós acreditamos ser um rifle de dardos altamente poderoso enquanto patrulhava um dos nossos muros. Não conseguimos identificar a droga ainda, mas não é uma droga de procriação. Estamos trabalhando para descobrir o que era.

— Certo. — Esperou por mais detalhes.

— Ele acordou selvagem. Não parece reconhecer seus amigos. Quer matar qualquer um que entre em contato com ele. Nossos médicos esperavam que o que quer que ele recebeu dissipasse. Quando não dissipou, imaginamos que poderia ser psicológico. Você era a psiquiatra dele depois que foi libertado da Mercile e precisamos de você para avaliá-lo.

O coração apertou enquanto ignorava o título depreciativo que ele etiquetou em seu trabalho. Ficou acostumada a isso à medida que lidava com Espécies. Estava mais preocupada com a condição de 466. Foi doloroso que algo horrível acontecesse a ele.

— Soa mais como uma reação a droga do que um surto psicótico. Você precisa descobrir o que ele recebeu.

Irritação lampejou nas características de Tiger.

— Nós estamos cientes desse fato, mas essa não é uma droga conhecida. Estamos sendo alvos de alguns dos empregados da Mercile.

Isso a surpreendeu.

— Eu ouvi que eles estavam presos para sempre.

— Eles estão, mas não achamos todos os médicos ou empregados que nos encarceraram. Uma força tarefa especial os caça, mas leva tempo. Alguém com vínculos fortes com a Mercile recentemente enviou uma equipe de mercenários para recuperar uma de nossas fêmeas. Nós acreditamos que ele também contratou alguém que trabalhou para Mercile para fazer esta droga e infectar Moon com ela como uma distração. Esta droga não identificada o deixou homicida.



— Qualquer um associado a Mercile será processado pelo o que eles fizeram. É irracional acreditar que matar suas vítimas mudará isto. Estão presumindo que é por isso que eles criaram esta droga? Para ele matar outro Espécie? — Era sua melhor suposição.

Sua sobrancelha ergueu.

— Racionalidade não é sua característica mais forte, considerando o que fizeram conosco. Alguém criou uma droga não listada no banco de dados da FDA. Mercile é o único inimigo que nós temos com os recursos para fabricar uma droga almejada para prejudicar Espécies e o ataque aconteceu ao mesmo tempo em que mercenários pagos por um associado da Mercile tentaram recapturar a fêmea.

Mordeu o lábio, mas o largou quando percebeu que mostrou seu nervosismo.

— Certo. Entretanto, não vejo por que você me chamou. Ele precisa de um químico ou cientista para compreender o que ele recebeu e reverter esta reação. Eu não sou qualificada para te dizer o que fizeram com ele em um nível de substância.

Tiger franziu a testa.

— Você foi próxima de Moon e estamos esperando que possa alcançá-lo. Seu estado mental foi afetado. Nós estamos trabalhando para compreender o que ele recebeu, mas está levando tempo demais.

O que ele quis dizer com o termo “próxima”? Alguém suspeitou que ela se apaixonou pelo paciente? Nada aconteceu entre eles. Teve certeza de manter sua ética legalmente intacta, mas falhou feio em um nível pessoal. Tornou-se muito apegada, desesperadamente queria ficar com Moon, mas conseguiu resistir ao que eles dois sabiam que era proibido.

— Eu não sou alguém com quem ele desejaria passar mais tempo se pudesse falar.

Isso ergueu as sobrancelhas do homem.

— Psiquiatras nunca eram nossas pessoas favoritas, mas ele falou afetuosamente de você.

Surpresa rasgou por ela.

— Ele falou?

— Sim. Me disse uma vez que você o fez falar de suas emoções e achou você destemida. Ele respeitava você.

Culpa a comeu. Não merecia o elogio considerando como cortou e fugiu depois de finalmente conseguir que ele se abrisse durante suas sessões. O tempo que compartilharam se tornou muito íntimo e a conversa constante sobre o que queria fazer com ela sexualmente a fez tomar banhos frios depois de quase toda sessão que passavam juntos. Ela fugiu quando chegou ao ponto em que ele começou a tocá-la. Ela o queria demais para resistir por muito tempo, seu trabalho e futuro seriam condenados.

— Eu não sei o que você espera que eu possa fazer.

— Converse com ele. Estamos o movendo para uma área especial que levou o dia todo para ser reformada de acordo com suas necessidades. Estávamos esperando que as drogas deixassem seu sistema, mas agora estamos mais cientes que teremos que mantê-lo prisioneiro até que seja curado. É muito perigoso já que continua quebrando as amarras. Não queremos usar correntes por muito tempo devido a esse fato, com sua força ele podia quebrar os membros quando lutar. Seria cruel.



— Isso poderia também lembrar-lhe de sua gaiola na Mercile se você o acorrentar e o manter imóvel.

Tiger assentiu severamente.

— Eu não negarei que estamos preocupados sobre isto. Não queremos lembranças de seu passado o atormentando ou que ele acredite que foi devolvido para lá.

— Só pioraria sua condição. — concordou. — Que arranjos você tem em mente?

— Nós decidimos coloca-lo em uma gaiola, sem restrição, apenas barras para mantê-lo contido. Não podemos continuar pedindo a nossos machos para lutar para contê-lo. Ele certamente não pode ter permissão para ficar solto por Homeland. Nós temos alguns humanos e ele vê até outro espécie como uma ameaça. Eu não estou disposto a arriscar. Ele podia também atacar nossas fêmeas. Essa foi uma decisão unânime pelo nosso povo e seus médicos humanos que voaram para cá para examiná-lo. Nossos médicos da ONE concordaram também.

Lembrou-se que Novas Espécies sempre se diferenciam dos humanos.

— Foi uma boa decisão, considerando o que eu acabei de ver. Ele é perigoso.

Tiger ergueu uma mão e passou pelo cabelo, um olhar preocupado cruzando suas características notáveis.

— Eu sei que é pedir muito, mas você não tem que ficar dentro da gaiola com ele. Nós pensamos que talvez você pudesse conversar com ele do lado de fora. Ele não pode te alcançar, mas podia ver e ouvir você. Estamos esperando que isso possa ativar lembranças e sendo uma fêmea poderia também ajudar. A outra fêmea de quem ele ficou íntimo não tem permissão para ficar próxima dele.

Golpe de ciúme, uma emoção inútil considerando que não tinha nenhum direito de se sentir desse jeito. Ainda assim, queimava dentro de seu peito.

— Por que a namorada dele não pode vê-lo?

— Ela não é dele. — Tiger disse enquanto olhava outro Espécie adicionar mais restrições para segurar 466 na cama. — Ela pertence a outro macho, mas eles são amigos. Seu companheiro mataria Moon se ele machucasse Trisha, mesmo sabendo que ele não é responsável pelas suas ações. — Virou-se e baixou as mão par os lados do corpo. — Eu odiaria que ele morresse.

— Companheiro? — Alívio a percorreu. — Ela é Nova Espécie?

— Humana. Isto é secreto. — Seu olhar endureceu. — Compreendido? Nenhuma informação sai daqui.

— Entendi. Eu não repetirei nada. Tudo isso foi esclarecido antes de eu receber liberação para estar aqui. Além disso, eu nunca disse a ninguém que trabalhei com Novas Espécies.

Olhou fixamente para ela.

— Ninguém?

— Ninguém. Nem meus amigos ou família e nem mesmo minha terapeuta pessoal.

Ele pareceu acreditar e seu corpo relaxou.

— Trisha é um dos nossos médicos e ela é acasalada com um dos nossos machos. É bom que ninguém saiba que você trabalhou conosco ou podia ter sido alvo de alguém



que não concorda com nossa existência contínua. Ela estava em perigo por causa de sua associação com a ONE. Moon foi parte de sua equipe de segurança. Eles se tornaram amigos próximos. Trisha está irritada que Slade não permitiu que ela conversasse com seu amigo, mas somos muito protetores com nossas companheiras. Uma contusão, ou inferno, mesmo que ele a fizesse chorar, Slade o despedaçaria.

— Eu não trabalhei oficialmente para a Organização Novas Espécies. O governo me subcontratou. Trabalhei em um dos locais seguros no deserto onde você ficou depois que foi libertado, antes de Homeland ser dada a vocês. A ONE foi formada depois que você saiu de lá.

— Certo. Desculpe. Estou tendo um dia ruim. Eu li que você lidou com Espécies depois que fomos libertados enquanto todo mundo estava tentando compreender o que fazer conosco. — Tiger severamente sorriu. — Aposto que foi trabalhoso. Eu estava uma bagunça.

— O que fizeram com todos vocês foi horrível. — Deixou como está. — Foi uma honra ajudar onde eu podia.

Ele a estudou de perto.

— Deve ter feito um ótimo trabalho. Estava no Setor Quatro e ninguém fala mal de você. Isso diz muito. Você devia ter conhecido a psiquiatra que me atribuíram. Ela era muito chata e realmente me deixava bravo.

— Eu sinto muito. Às vezes é nosso trabalho pressionar para fazer o cliente liberar um pouco de suas frustrações.

Seu olhar a varreu para baixo antes de subir novamente. Ele a avaliou friamente, sem nenhuma exibição de emoção.

— Poderia ter ajudado se ela parecesse qualquer coisa semelhante a você. Teria sido mais fácil quando entrava em nossos nervos. Ela não era agradável para os olhos ou orelhas. — Virou-se para olhar os outros machos. — Você o prendeu bem? Eu não quero que ele levante dessa cama novamente quando acordar. Nós esvaziamos a maior parte do Centro Médico, mas eu não quero que o pouco do pessoal restante seja ferido.

— Nós prendemos. Eu odeio vê-lo deste jeito. — um dos machos Espécie murmurou.

Tiger agarrou o braço do macho.

— Eu sei. Eu também odeio.

O segundo macho rosnou.

— Podia ter sido qualquer um de nós, mas Moon foi azarento. Queria que nós pudéssemos capturar o imbecil que atirou nele. — Olhou para Joy. — Humano.

Tiger ficou entre eles e rosnou.

— Ela não é o inimigo. Estamos todos bravos e aflitos agora. Foque a raiva onde ela pertence. Ela trabalhou com Moon depois que fomos libertados da Mercile e ele a respeitou. Faça o mesmo.

— Certo. — O macho suspirou. — Ele me mordeu também. — Ergueu seu braço e o torceu. Sangue fluía do ferimento sórdido.

— Vamos dar uma olhada nisso. — Tiger girou e encontrou o olhar de Joy. — Estaremos bem no final do corredor falando com o médico e tratando seus machucados.



Afaste-se de Moon. Eu chamarei uma de nossas fêmeas para te escoltar para a moradia humana e te acomodar. Você foi informada que ficaria aqui por um tempo, não foi?

Ela não tinha sido, mas assentiu. Não queria deixar Moon novamente quando precisava dela.

— Está tudo bem. Eu ficarei enquanto você achar que posso ser útil.

Ela teria que ligar para o trabalho em algum momento dentro dos próximos dois dias e dizer-lhes que houve algum tipo de emergência. Seus colegas de trabalho precisariam lidar com seus clientes, mas essa era a parte boa em trabalhar para um hospital. Eles tinham pessoal extra. O pior que podiam fazer era despedi-la, mas estava disposta a arriscar.

Os três machos deixaram o quarto. Olhou fixamente para o grande corpo contido na cama. Eles não só algemaram os braços e pernas de Moon, como também amarraram uma corda ao redor do seu corpo, algumas vezes em seu peito até suas coxas para preveni-lo de se mexer. Moon não iria se soltar novamente sem um aparelho de cortar industrial.

Aproximou-se dele lentamente até que esteve perto de sua cabeça e olhou para baixo em um rosto que estava certa que nunca veria novamente. Ele estava um pouco bronzeado, seu cabelo cresceu muito, e engordou bastante. Era mais magro quando o conheceu ainda se recuperando de ter passado fome pelos seus captores. Amorosamente examinou cada característica. Ele parecia realmente pacífico.

Sua mão tremia enquanto as pontas dos dedos ligeiramente localizaram a bochecha. Olhou para a porta, podia ver o corredor, e esperou que o Espécie não estivesse dentro da distância de audição. Eles tinham sentidos aguçados, mas se sentiu segura sussurrando. A pele quente chamou sua atenção enquanto o acariciava. Ele escolheu um nome que ela gostou. Moon. Repetiu isto uma dúzia de vezes em sua cabeça.

— Oi Moon. Eu sonhei em te ver novamente, mas não queria que fosse deste jeito ou por essa razão. Vou fazer tudo em meu poder para te ajudar. Eu não te abandonarei desta vez. Eu me arrependi de fugir de você mais do que você imagina.

Colocou para trás uma mecha de seu cabelo sedoso.

— Por favor, me perdoe, mas eu teria perdido tudo e não podia arriscar porque você estava vulnerável. Eles não teriam permitido de qualquer maneira.

Soltou seu cabelo e recuou, não querendo ser pega tocando-o novamente. Joy abraçou o peito, sabia que estava numa confusão emocional e a coisa mais esperta a se fazer seria partir. Poderia arruinar sua carreira se descobrissem que ela desenvolveu um forte apego sentimental e sexual com um cliente, mas não se importou. Ela o ajudaria fazendo seu melhor para compreender como restabelecer sua sanidade e depois partiria uma vez que ele não precisasse mais dela.

Seu tempo com ele no Setor Quatro estava fresco em sua memória enquanto ansiosamente olhava para Moon. A excitação fazia os dias se arrastarem até aquelas sessões da noite quando ele era escoltado para seu escritório. Sentia falta do som de sua voz grossa. Ele se abriu lentamente sobre alguns dos abusos que sofreu na Mercile. Partiu-a em pedaços escutar cada detalhe horrível, mas ele precisava soltar isso. Era parte do processo curativo.



Conseguiu esconder sua raiva enquanto ficava sabendo que ele foi espancado só para testar algumas drogas milagrosas que melhoravam a habilidade curativa. Aqueles filhos de uma puta o atacavam enquanto ele estava acorrentado, às vezes quebravam ossos como também pele, só para ver quanto tempo levaria para seu corpo se curar. Silenciosamente desejou que pudesse voltar no tempo e poupá-lo de toda a dor. Ela era uma estridente defensora contra a violência, mas tinha muitos pensamentos sobre infligir alguns atos horríveis nos homens e mulheres responsáveis pela tortura dele.

Algumas vezes ele ergueu a camisa para mostrar suas cicatrizes no estômago ou costas. O desejo de beijá-las em uma tentativa de acalmar um pouco a sua dor sentimental residual era quase irresistível. Ficou atraída por Moon em todos os sentidos e não podia ver aqueles flashes de pele sem ter pensamentos pouco éticos. Ficou mais forte em cada sessão para conter o desejo de alcançá-lo. Culpa veio à tona muitas vezes também por causa de sua fascinação com seu corpo musculoso e tentador.

Ele sempre vinha com o tópico de sexo. Poderia ter sido um gesto defensivo, um jeito de distraí-la de seus problemas reais. Qualquer que fosse a razão, teve um efeito forte escutá-lo falar das coisas sexuais que queria fazer com ela. As queria também. Ficou mais difícil de continuar lembrando de seus limites profissionais.

Metade dela quis acreditar quando ele disse que sexo curaria tudo que o afligia, apesar do fato que ela sabia melhor. A linha entre o que era melhor para ele e o que seu coração exigia obscurecia com cada dia que passava. Meg estava certa em dizer que deixasse seu trabalho, mas partiu seu coração por ir embora. O Setor Quatro tinha regras severas quando se tratava de contato entre Espécies e humanos. Se tivesse ficado poderia ter destruído os dois.

Alguns minutos se passaram antes de passos soarem no corredor. A alta fêmea Espécie que apareceu não era uma que ela aconselhou, e ficou feliz por isso já que não tinha nenhuma explicação pronta para o porquê dela de repente tê-los deixado. Joy forçou um sorriso.

— Você é a psiquiatra? — A Espécie fez uma careta quando parou a alguns centímetros de distância.

— Sim. Sou eu.

— Venha comigo. Estou te escoltando para sua acomodação e depois nós examinaremos cuidadosamente o que precisará que não trouxe. Você não parece ter nenhuma bagagem. Precisarás de mais roupas e itens pessoais. — Seu olhar sacudiu para onde Moon dormia. — Espero que você possa consertar a cabeça dele.

— Eu também. — Joy honestamente admitiu. — Não estava ciente que esta iria ser uma permanência longa. Eu tenho um par de roupas em meu carro se você puder arrumar alguém que as pegue.

— Nós podemos fazer isso e podemos ordenar qualquer outra coisa que você precise em Homeland. — A mulher a avaliou. — Pode levar um dia ou dois para conseguir roupas que te caibam. Me desculpe.

— Tudo bem. — Joy não estava preocupada em como ela parecia. Seu olhar demorou em Moon. Ele era tudo o que importava.



* * * * *

— Você não deixará sua casa sem escolta. — Rusty a informou com firmeza. A mulher Espécie rosnou e olhou para fazer seu argumento. — Todas as suas refeições serão trazidas para você. — Estudou extremamente Joy da cabeça até os pés. — Quando é seu ciclo?

— Meu o que?

— Quando você sangra.

— Eu não tenho menstruações regulares. — Joy se mexeu, olhou em torno da casa que lhe foi atribuída, e desejou que Rusty terminasse sua conferência. A Espécie pareceu determinada a examinar cuidadosamente cada regra já feita pela ONE relativo a convidados humanos. — Eu tomo uma injeção de anticoncepcional e já faz algum tempo.

— Bom. Te pouparei dos regulamentos e procedimentos então.

— Eu tenho uma boa ideia de que eu já os conheço.

Isso atraiu um olhar curioso de Rusty.

— Sério? Eu verifiquei seu histórico e você nunca visitou Homeland ou a Reserva antes de hoje.

— Eu ajudei a escrever o manual onde provavelmente basearam seus regulamentos e regras. Eu estava lá depois que seu povo foi libertado das Indústrias Mercile. Não precisava ser gênio para compreender que seus machos têm uma sensação hipersensível de cheiro e estou ciente de suas reações com uma mulher ovulando ou menstruando. Também deviam deixar as mulheres amamentando longe deles. — Encolheu os ombros. — Alguns dos seus machos amam leite e assediaram algumas mães lactantes quando as funcionárias retornaram ao trabalho depois da licença maternidade. Eu conversei com muitos dos seus homens para deixarem de encurralar as mulheres por muitas razões. Sou a pessoa que fez este procedimento padrão para todas as funcionárias que lidaram com os machos para tomar injeções se ainda não estivessem grávidas. As mães lactantes foram designadas a cargos que não incluíram interação com seus machos.

Rusty franziu a testa.

— Você fez?

— Sim. Alguém foi esperto em atribuir mulheres grávidas para proteger os machos Espécies, mas eles não consideraram o que aconteceria além da gravidez. Entretanto, eles não atacariam mulheres, o cheiro de uma ovulando os excitava. Como também o cheiro de sangue de uma menstruada. O calor do deserto piorava as coisas. Não havia nem uma brisa lá fora, às vezes alguns dos machos podiam captar muito com seus narizes. Foi um experimento e erro, mas conseguimos lidar com isto. Eu mudei o procedimento depois de algumas confrontações e liguei para os outros locais para adverti-los da situação.

Um sorriso leve curvou a boca de Rusty.

— Como você atraiu os machos para longe das fêmeas? — Ela sorriu mais uma vez. — Você ofereceu seu corpo em troca deles largarem as fêmeas que queriam?



— Não! Eu os convencia a retornar aos seus quartos. — Joy relaxou sua posição tensa. — Por que eu não posso comer com o público geral? Eu li em um dos jornais que existe uma lanchonete no local onde a maior parte das suas comidas são preparadas. Isso era incorreto?

— Psiquiatras não são populares e todo mundo está ciente que você está aqui. Nós não queremos que quaisquer problemas surjam. Estamos te mantendo separada de todo mundo exceto aqueles atribuídos a você ou Moon. Alguns da nossa gente podiam ficar irritados com sua presença.

— Isso faz sentido. — Olhou em torno da sala de estar novamente, lembrando o modo que o macho Espécie no Centro Médico olhou para ela e a chamou de *humana*. — Quando eles vão mover Moon?

— Eles já fizeram isso. — A mulher removeu um telefone celular de seu bolso, tocou-o, e olhou para baixo. — Eles mandaram uma mensagem de texto para me deixar sabendo que ele foi seguramente transferido.

— Ele despertou?

Ombros encolheram.

— Não declararam essa informação.

— Nós esperamos por minhas roupas serem entregues, mudei minha camisa e comi um sanduíche. Estou pronta para ir ver onde ele está sendo protegido.

— Fui informada que você começaria de manhã.

Isso não caiu nenhum pouco bem em Joy. Estava impaciente para ver 466 novamente.

— Ele precisa de ajuda agora e eu estou pronta para ir.

— Certo.

Rusty foi na frente e Joy a seguiu. Dois machos foram atribuídos para protegê-la também, entretanto eles não falaram e ficaram distantes até que elas alcançaram a rua. Não permitiu que isso a aborrecesse. Os Espécies iriam gostar dela ou não, escolha deles. Dirigiram de volta para o Centro Médico e isso confundiu Joy.

— Achei que você disse que eles o transferiram.

— Eles transferiram. Para uma parte segura do porão. É dividido em duas partes.

— Rusty mencionou para ela seguir. — Nós temos quartos de hospital no andar de baixo, mas também temos um espaço de armazenamento grande que convertemos para protegê-lo. É lá onde ele será mantido. Pegaremos o elevador da frente.

Isso manteve Joy muda enquanto entravam no edifício, caminharam por um corredor, e acabaram em um elevador enorme. Um solitário oficial Nova Espécie se sentava em uma cadeira com uma arma amarrada na correia em seu quadril. Ele olhou para cima à medida que foram se aproximando. Um laptop descansava em cima de suas coxas.

— Essa é a psiquiatra. — Rusty pausou. — Moon está acordado?

— Não. — O Espécie avaliou Joy com um varrer do seu olhar e obviamente a achou inofensiva. — Prossiga.

Os dois guardas permaneceram atrás enquanto entravam no elevador. Rusty apertou o botão para baixo. As portas deslizaram fechando enquanto o nervosismo agarrava Joy. Abraçou seu peito.



— Você está com frio?

— Não. Estou preocupada que eu não seja capaz de fazer alguma coisa por Moon.

— Ele precisa de sua ajuda.

— Vou tentar o meu melhor.

O elevador parou e as portas deslizaram abrindo-se para revelar uma sala escura. Rusty avançou e Joy seguiu. A área do porão era grande e algumas gaiolas estavam montadas do outro lado da sala. Do chão até o teto havia barras separando a área em três quartos, a gaiola do centro estava com a porta fechada. Aquela tinha sido desmontada. A do outro lado foi montada no estilo de quarto de hotel com uma partição, uma cama, cômoda e uma TV. A gaiola de Moon tinha só uma cama, pia e vaso sanitário.

— É triste vê-lo deste jeito. — Rusty pausou. — Eu trarei uma cadeira para você se sentar e um cobertor para te manter aquecida. Retornarei em breve. Não chegue perto das barras.

— Ninguém está aqui embaixo com ele? — Olhou em torno do porão escuro. — Alguém devia estar o monitorando a toda hora.

— Ele está dormindo e o oficial lá em cima ouvirá se ele acordar. Moon tem sido muito barulhento desde seu ataque. Ver outros machos o irrita. É melhor se ninguém estiver dentro de sua visão ou cheiro.

Pareceu estranho estar no porão assustador, mas Joy não protestou quando Rusty saiu. Sabia que era um medo irracional. O único perigo era o macho Espécie adormecido trancado atrás das barras. Hesitou antes de lentamente se aproximar até que pausou mais ou menos a dois metros da sua porta.

Eles lavaram o cabelo de Moon e trocaram sua roupa. Ele usava calça de moletom preta e seu cabelo foi estendido em cima do travesseiro para secar. Alguém tomou o tempo para escovar os longos fios e chegou um pouco mais perto. Nenhuma restrição o segurava agora. A subida e descida lenta de seu peito nu a assegurou que ele vivia.

— Estou aqui Moon.

Ele deve tê-la ouvido porque seus olhos abriram. Sentou-se tão rápido que tirou um soluço de Joy. Moon se levantou da cama em um movimento fluido e seu grande corpo esmagou nas barras. Dedos longos, magros agarraram o metal espesso enquanto rosnava. Seu olhar escuro estreitou enquanto a encarava diretamente, suas presas afiadas apareceram.

— Calma. — sussurrou, recusando recuar. Ele não podia alcançá-la.

Ele cheirou ruidosamente e rosnou novamente.

— É Joy. Você se lembra de mim Moon?

Seus olhos estreitaram mais enquanto cheirava mais alto.

— Por favor, lembre-se de mim. — Ficou imóvel. — Eu sou sua amiga.

De repente se afastou das barras e girou para olhar em volta da gaiola. Lançou-se na parede de trás, bateu com seus punhos e rosnou quando não quebrou. Ele girou, atacou outra parede, e Joy temeu que ele se machucasse.

— Pare!



Virou sua cabeça em sua direção e parou.

— Clama. — sussurrou. Tirou seus sapatos de salto alto e se afastou deles. Lentamente abaixou-se para o chão para se sentar na superfície dura, esperando que ele a visse como menos ameaçadora. — Está tudo bem Moon. — Suas mãos ajustaram a saia para evitar mostrar a calcinha enquanto cruzava as pernas para ficar confortável. — Estou aqui com você. Você não está sozinho.

Ele girou para encará-la, chegou mais perto dela e agarrou a porta. Sacudiu quando agarrou as barras e as agitou o suficiente para fazer os músculos em seus braços tencionarem, mas não cederam. Cheirou-a novamente, mas ficou de joelhos.

— Isso mesmo. Permaneça tranquilo. — Sorriu. — Você não quer quebrar suas mãos. Você precisa de uma marreta para quebrar o metal ou concreto.

Continuou segurando as barras enquanto apertava o rosto contra elas. Seu olhar intenso bloqueado nela e percebeu que estudou um estranho. A personalidade de Moon não estava lá, nem estava lá qualquer sinal que a reconhecia. Pelo menos, nada que pudesse avaliar. Ele a olhava como se nem soubesse o que ela era. A lembrança dele prendendo-a na parede algumas horas mais cedo pareceu ter sido apagada.

— Vai ficar tudo bem. Vou de alguma maneira ajudar você.

Uma de suas mãos largou o metal para deslizar entre as barras quando estendeu para ela. Queria ir para ele, mas não era tola o suficiente para acreditar que seria seguro. Só porque ele parecia tranquilo não significava que não morderia a mão que ofereceria ou tentaria rasgar seu braço.

— Eu queria, mas você precisa conversar comigo primeiro.

As portas do elevador abriram atrás deles e Moon levou seu braço para dentro das barras, se levantou, e rosnou. Joy girou a cabeça para ver Rusty carregar uma cadeira e cobertor dobrado para mais perto. Um uivo alto rasgou pela sala e ficou boquiaberta para Moon.

Ele atacou as barras e esmagou seu ombro contra elas, tentando derrubá-las. Joy se levantou e enfrentou a mulher Espécie.

— Ele estava tranquilo.

— Não mais. — Rusty desceu a cadeira e soltou o cobertor nela. — Eu pedirei para o tranquilizarem novamente antes dele se machucar.

— Não, não peça. Ele estava bem até que você chegou. — Joy olhou para Moon novamente, viu seu estado agitado enquanto continuava tentando atravessar as barras, e tomou uma decisão. — Deixe-nos sozinhos.

— Eu deveria ficar aqui. Nós somos fêmeas e não devíamos ser ameaças para ele.

Moon uivou novamente, o som ecoou ruidosamente pelo porão. Joy estremeceu.

— Ele estava tranquilo até que viu você. Por favor, Rusty. Vá. Ele vai se machucar. A mulher hesitou.

— Eu esperarei dentro do elevador, mas com as portas fechadas. Permanecerei neste andar. Grite se precisar de ajuda.

Rusty girou e se afastou. Joy girou e se abaixou de volta para o chão.

— Moon? — Sua voz suavizou. — Calma.



Ele parou de atacar as barras assim que as portas do elevador fecharam, ofegando do seu ataque na gaiola, e olhou para ela.

— É só você e eu novamente. Você lembra? Nós costumávamos conversar muito.

Ele afundou em seus joelhos à medida que se acalmava. Deu a Joy esperança que alguma parte dele lembrava-se das suas sessões e ele estava em uma estrada lenta para a recuperação.

Não podia suportar vê-lo tão mudado. Foi um pouco mesquinho, admitiu, mas era triste que ela tenha feito a coisa mais difícil de sua vida indo embora dele só para ele acabar trancado dentro de uma gaiola. O remorso a rasgou enquanto perguntava-se se de alguma maneira as coisas poderiam ter sido diferentes se jogasse a ética pela janela, quebrasse todas as regras, e lutasse para permanecer uma parte de sua vida.

Não faça isto, se ordenou. Sabia melhor do que brincar de “e se”. A realidade estava bem na sua frente. Alguém fez algo horroroso com o homem que amava e tudo o que podia fazer era tentar ajudá-lo a se recuperar.

Capítulo Dois

Dr. Treadmont era um idiota que não escutava a razão. Joy lutou para segurar seu temperamento.

— As drogas só confundirão mais a mente de Moon. Você disse que não tinha nenhuma ideia do que deram a ele então você também não tem nenhuma ideia se tranquilizantes piorarão sua condição.

— Nós tivemos que fazer isto por dias antes de você chegar, Senhorita Sabe Tudo. — Ele atirou um olhar frustrado para Tiger e correu seus dedos pelo seu cabelo branco. — Nós precisamos de mais sangue de Moon para tentar isolar o que lhe foi injetado. Eu preciso examiná-lo, mas eu não posso fazer isto quando ele estiver pronto para matar qualquer um que se aproximar dele.

— Concordo. — Tiger suspirou.

Joy deu a Tiger um olhar assassino.

— Você não sabe se está deixando-o pior. Ele está confuso o suficiente sem o propósito de fazer isso com ele.

— Nós precisamos de amostras. — Treadmont olhou fixamente para ela. — O que você sugere? Se nós abrímos aquela porta para pegar essas amostras ele vai atacar. Não é justo pedir aos homens para entrar lá e lutar com ele para podermos prendê-lo.



— Você quer tirá-las todo dia. Isto é demais para ele lidar em sua condição presente. Você não pode droga-lo toda vez. — Seus punhos fecharam. — Você ainda não está no comando, Tiger? Pense em outro modo.

— Nós não sabemos mais o que fazer. — Tiger admitiu. — Nós temos que testar seu sangue e precisamos tirar amostras diariamente para checá-lo. Isso não pode ser evitado se tivermos qualquer esperança de achar uma cura, se existe uma.

— Estamos esperando acabar com o que fizeram com ele apresentando uma droga para contrariar os efeitos. — O enfermeiro Paul falou. — Poderia ser sua única chance de recuperação.

— Adicionar tranquilizantes no sistema todo dia prejudicaria uma pessoa saudável. Pense em seu estado mental como também físico. — Joy recusou se render. — Não há razão para testá-lo quando isso causa mais dano do que bem para ele.

O macho Nova Espécie mudo no canto saiu das sombras.

— Você tem outra ideia, Dra. Yards?

Ela foi intimidada por Justice North, que era um homem assustador e liderava a ONE. Ela o reconheceu da televisão.

— Ele estaria em melhor condição restrito sem as drogas que são constantemente adicionadas ao seu sistema. Nenhuma outra substância química devia ser introduzida em seu corpo até que tenhamos algumas respostas. Poderia machucá-lo mais. Alguém sujeito a esses níveis de sedativos diariamente sofreria efeitos prejudiciais. Ele já está confuso e você o faz perder qualquer fixação da realidade que ele tem toda vez que você o apaga.

Tiger murmurou em frustração óbvia.

— Eu concordo com ela.

— Eu também. — Justice se dirigiu ao Dr. Treadmont. — Ted, estou com a psiquiatra neste assunto. Eu o quero bem novamente, mas mexer com sua mente no processo não é aceitável. Eu farei nossos machos entrarem e o prenderem. Nós o conteremos por dois dias para você fazer seus testes, mas eu tenho que soltá-lo depois disto. Desse jeito nós estamos fazendo de forma segura.

— Dois dias? — Choque sacudiu por Joy. — Isto é muito tempo. Eu quis dizer contê-lo só para os testes.

Justice a enfrentou.

— Eu aprendi muito sobre compromisso, Dra. Yards. Você devia fazer o mesmo.

— Chame-me Joy, por favor. Tendo-o amarrado também não vai servir para sua saúde mental. Certo, isso é melhor que as drogas, mas é muito tempo para mantê-lo imóvel. Eu não devia ter que dizer a você o quão negativamente qualquer Espécie reagiria com isso.

— Eu tenho a imagem inteira para considerar. Existe a segurança e o bem-estar emocional dos meus outros machos. Eles odeiam enfrentá-lo e há danos. Não brincamos quando lutamos. Moon está selvagem e pode matar alguém. Todo Espécie em contato com o público nos portões pode ser atacado novamente por esta droga desconhecida. Mais machos estão em perigo. Você entende? — Justice suspirou. — Se comprometa. Sem droga, mas ele tem de ser contido. Eu darei a Ted dois dias para fazer quaisquer testes que ele acha ser relevante e então nós daremos liberdade a Moon das restrições



por alguns dias dentro de sua gaiola, após avaliarmos a situação. Espero que tenhamos respostas até lá e descubram um caminho efetivo para curar o que foi feito com ele.

Joy odiou isso, mas assentiu.

— Certo.

— Obrigado. — Justice severamente sorriu.

— Eu posso ser sensata e entendo. Ele é perigoso, mas estou tentando fazer o que é melhor para ele. — Queria que ele entendesse sua posição.

— É por isso que você foi trazida para cá. Você é sua defensora de saúde mental. Meu trabalho é pensar sobre a segurança de todo mundo. — Justice virou para Tiger. — Precisamos entrar lá para amarrá-lo. Dobre suas restrições.

— Merda. — Tiger assentiu. — Nós vamos ter que nos equipar com algo. — Lágrimas reluziram em seus olhos. — Algo semelhante a que Mercile fez conosco assim ele tem alguma habilidade de se mover para pelo menos ir ao banheiro. Acho que o manter amarrado por vinte quatro horas seria a pior coisa que podíamos fazer.

A tensão na sala aumentou dez vezes mais. Justice assentiu nitidamente.

— Eu concordo. Porra. Eu quero matar o filho da puta que o baleou com essa droga e quem a criou.

— Permaneça na linha. — Tiger murmurou. — Eu lidarei com qualquer coisa que precisar ser feita. Vá. Você não quer ver isto e eu altamente sugiro que você restrinja mais o acesso a ele. Todo mundo vai estar chateado quando souberem o que planejamos. Peça para Fury e Harley para virem. Nós três resolveremos o problema e deixaremos isto funcionando.

Justice desabotoou seu paletó e o removeu para revelar ombros largos e uma camisa branca. Depois sua gravata enquanto retirava os sapatos.

— Vou ficar. Eu dei a ordem. Eu ajudarei a implementá-la.

— Justice... — Tiger franziu a testa.

— Já chega. — Justice desabotoou o topo de sua camisa. — Eu vou ficar. — Olhou para a gaiola. — Precisamos dele deitado, não contido contra a parede. Isso definitivamente lembraria a ele da Mercile. Sem sistema de polia automatizada também. O som dos motores poderia ativar lembranças.

Tiger hesitou.

— Concordo. Estou pensando em correntes de tornozelo de três metros para dar a ele movimento e mantê-lo longe da porta. Podíamos enganchá-las as barras nos cantos atrás da gaiola assim elas o parariam logo. As correntes de pulso podem ser mais longas e presas aos cantos dianteiros, permitindo a ele acesso a área da parede da parte de trás. Isso lhe dará movimento livre na maior parte da área. Quatro de nós podiam puxar as correntes e o forçar a abaixar no chão quando precisarem de acesso a ele.

— Isso deve funcionar. — Justice rolou suas mangas. — Ele perdeu um pouco de sua força?

— Não. Ele está comendo bastante e não parece sentir muita dor ou está muito bravo para se importar. Ele ainda está muito forte. — Tiger retirou um telefone celular.

— Deixe-me fazer uns telefonemas. — Afastou-se, caminhando para um canto distante.

Justice removeu seu cinto.



— Eu tive que fazer uma conferência de imprensa uma hora atrás. Odeio vestir todas estas camadas de roupa de fachada.

Joy estava nervosa em volta do líder da ONE.

— Eu não te culpo. Espero que tudo esteja bem. Não vi as notícias ultimamente.

— Típicas coisas que lidamos diariamente. — Suspirou. — Vou chegar mais perto de Moon.

— Queria que você não fosse.

Esse comentário a fez ganhar uma careta.

— Por quê?

— Ele está silenciosamente nos assistindo, mas isso vai mudar se você se aproximar. Eu não quero que ele se machuque quando começar a bater nas coisas.

— Eu sou um alfa. Eu quero ver se ele responde a isso em sua condição atual.

— Ele é um alfa também. — Joy franziu a testa. — Não é uma boa ideia, mas eu não posso te impedir.

— Moon é bem suave.

— O Moon que você conheceu antes dele ser drogado provavelmente era, mas o que eu conheço não foi. Ele está revertido completamente. — Seu olhar demorou no grande macho abaixado dentro de sua gaiola, caladamente os observando. — Ele está dependendo de puro instinto. Ele não vai recuar de você.

— Como você pode ter tanta certeza?

Olhou para ele.

— É uma suposição educada.

Justice lentamente se aproximou e Moon se levantou rosnando.

— Por favor, não faça isso. — sussurrou, sabendo que Justice a ouviu.

Ele pausou, mas voltou.

— Certo.

Tiger retornou.

— Eles estão a caminho e eu chamei o departamento de abastecimento. Eles estão trazendo correntes e restrições uma vez que as localizarem. Teremos que fazer o com o que acham que vai funcionar. Não é como se nós tenhamos este material abandonado. Vai levar um tempo. Talvez horas.

Dr. Treadmont suspirou.

— Por que nós não almoçamos enquanto esperamos?

— Tudo bem. — Justice deixou sua roupa descartada onde nitidamente a dobrou. — Joy? Você gostaria de juntar-se a nós em meu escritório?

— Não obrigada. Vou ficar aqui.

— Você mal saiu desde que chegou. Descanse um pouco.

— Eu acho que é melhor se eu ficar. Pedirei a um dos oficiais para ver se foram localizadas algumas roupas que caibam em mim e eu usei os chuveiros lá de cima esta manhã. — Não tirou sua atenção de Moon. — Eu não vou deixá-lo.

— Certo. — Justice acenou para os machos partirem. — Nós mandaremos entregar almoço para vocês dois.

— Obrigada. — Esperou eles partirem antes de encarar a gaiola.

Moon abaixou novamente quando lentamente chegou mais perto.



— Oi. — Abaixou em suas mãos e joelhos para continuar em seu nível. — Você parece mais calmo. Você permitiu que eles compartilhassem a sala sem ficar chateado.

Suas narinas alargaram enquanto ruidosamente cheirou.

— Nós costumávamos ser amigos. — Rastejou mais para perto, ignorando o chão de concreto impiedoso, andando lentamente no caso dele protestar. — Você está me encarando bem atentamente. Queria saber o que você está pensando.

Uma de suas mãos largou a barra e deslizou, estendendo para ela. Realmente queria tocá-lo. Parecia calmo o suficiente, mas até que ele conversasse com ela, era muito arriscado. Ouviu inúmeras histórias dos sobreviventes da Mercile das maneiras que Espécies mataram seus atormentadores durante o cativeiro quando dadas as chances. Ele poderia estar brincando com ela para chamar sua atenção o suficiente para atacá-la. Parou quando alguns centímetros separando as pontas dos dedos de seu rosto.

Seu olhar fixo em seu corpo e ela olhou abaixo, notando o modo como sua camisa caiu para frente o suficiente para mostrar seu decote novamente. Suspirou, olhando para cima.

— Eu não estou fazendo progresso com você, não é? Você é todo instintos e impulsos porque pode ver o suficiente dos meus seios para te interessar. Droga.

Ela se sentou, bloqueando a visão da sua camisa quando endireitou os ombros. Ele não puxou sua mão para dentro das barras, só continuou a olhá-la. Sorriu, tentando esconder sua preocupação.

— Você conversará comigo? O que você está pensando?

Ele cheirou novamente e rosnou baixo. Não era um tom ameaçador, mais como frustração, achou. Ele queria tocar, mas ela não estava ao alcance. Ele sempre foi teimoso. Uma ideia veio a ela.

— Você quer? — Agarrou o colarinho da sua camisa e arrastou-o para baixo o suficiente para dar-lhe uma espiada no topo dos seus seios. — Converse comigo Moon.

Seus lábios sexy, generosos separaram antes de lambê-los. Outro grunhido saiu dele, um pouco mais profundo. Afiados caninos apareceram e ela segurou seu olhar frustrado.

— Você consegue falar? Tente para mim. Por favor?

Emoção mostrou em seus olhos, mas não tinha nenhuma pista do que significava. Ele sempre foi bom em esconder tudo dela. Empurrou mais de seu braço pelas barras até que seus bíceps espessos o preveniram de estender mais. Ela ficou de joelhos, suas pontas dos dedos só a centímetros de sua camisa quando se debruçou para mais perto.

— Moon?

Ele parou de olhar para seu decote para olhar em seus olhos.

— Diga algo, qualquer coisa. Você quer me tocar? Dê-me algo em retorno.

Seu grunhido aprofundou se tornado um pouco assustador. Ela estava brincando um jogo perigoso, considerando que estava oferecendo realmente deixa-lo pôr sua mão nela se ele concordasse. Ela faria isto. Para o inferno com a ética. Eles precisavam estabelecer confiança. Isso seria essencial para ajudá-lo. Precisava ir em ambas as maneiras.



— Você está aí? — Olhou profundamente em seus olhos. — Diga uma palavra e eu chegarei mais perto.

Ele selou seus lábios, escondendo suas presas, e engoliu com força. Seus olhos estreitaram enquanto a olhava.

— Dê. — ele murmurou.

Ele podia formar palavras e não estava repetindo algo que ela acabou de dizer, isso significava que podia fazer mais que imitar barulhos. Isso tinha que significar que ele podia pensar e que qualquer droga que lhe deram não causou grande dano cerebral pelo menos. Ela assentiu e ergueu seu joelho para rastejar para mais perto.

— Não me machuque. — Saiu como um apelo. Ela podia apenas esperar o melhor, que seria ele não derramar sangue ou pior.

— Não!

A voz profunda a assustou tanto que estremeceu e virou sua cabeça. Uma grande forma saiu das sombras no outro lado do quarto. Suas botas pisavam ruidosamente enquanto caminhava para a área vagamente iluminada.

— Afaste-se dele.

Moon rosnou, puxando seu braço de volta para dentro da gaiola, e ficou de pé. Seu peito bateu nas barras, tentando forçá-las.

O Nova Espécie chegou mais perto e tinha cabelo marrom longo que passava dos seus ombros e olhos marrons escuros que mostravam raiva. A jaqueta de motoqueiro e botas vieram como uma surpresa. Ele vestia calça jeans desbotada e uma camiseta preta.

— Que diabo você está fazendo com ele? — Ele passou, agarrou seu braço, e a arrastou de pé. Ele tinha de ter pelo menos um metro e noventa.

— Quem é você? — Ofegou.

— Que peste é você? Você acha que divertido provocar o animal na gaiola? — Ele a deu uma sacudida forte. — Quem trouxe você aqui? É melhor falar rápido, fêmea. Eu poderia jogar seu traseiro lá com ele e deixa-lo ter você depois do que vi. Você sabe o que ele fará com você depois de provocar seu pênis? Você será fodida por horas em todos os sentidos.

Joy ficou surpresa. Levou alguns segundos para se recuperar.

— Quem é você? Isto não é como parece.

— Eu sou seu melhor amigo. — Arrastou-a alguns centímetros da gaiola. — Fique feliz por você ser uma fêmea. Eu acabaria com sua raça caso contrário. Que tipo de cadela doente você é por fazer isso com ele? Isto é sua ideia de diversão? Provocar o pênis do Espécie louco?

Ela agarrou o pulso preso aos dedos que a seguravam.

— Não! Eu sou a Dra. Joyce Yards e você não tem nenhuma ideia do que está falando. Eu não estava sendo má com ele. É a única coisa com que ele responde. Eu ficaria de cabeça para baixo e faria cambalhotas se isso bastasse para fazer com que ele interaja comigo, mas ele só está interessado em sexo.

O aperto em seu braço soltou ligeiramente e ele franziu a testa.

— Eu conheço esse nome. Eu o ouvi antes.

— Eu era a terapeuta de Moon logo depois que ele foi salvo da Mercile. Ele...



Moon uivou em injúria.

Ela girou em direção a ele. Ele parecia irritado, mas não o culpou.

— Por favor, acalme-se. — persuadiu.

Ele batia seu peito contra as barras novamente, rosnando, e olhou para o outro macho que o preveniu de conseguir chegar perto o suficiente para tocá-la. Ele estava entrando em uma ira.

— Vamos dar um passeio e discutir mais disto longe dele. — Joy arrastou o grande Espécie, voltando pelo caminho que ele veio. Ela manteve o olhar em Moon e falou diretamente para ele. — Eu estarei logo de volta e nós começaremos de novo certo? Eu não quebrarei minha promessa. Você pode me tocar. Deixe-me conversar com ele primeiro.

O Espécie apertou com força em seu pulso novamente.

— Você não vai chegar perto dele.

Ela ergueu seu queixo para dar seu olhar mais frio.

— Saia comigo. Você vê o que ele está fazendo? Ele pode se machucar. Mova-se agora se você se importa com ele.

— Porra. — Empurrou seu braço, arrastando-a em vez dela puxá-lo mais. Ele não parou até que estavam nas sombras da parede distante. — Estou levando você para a Segurança onde vamos discutir o que eu testemunhei.

— Você me viu fazendo-o falar. Você o ouviu? Ele pode formar palavras. Isso significa que ele pode se comunicar. Ele está lá em algum lugar.

— Você o estava provocando.

— Eu não estava. — Ela empurrou com força e ele a soltou. — Você é o melhor amigo dele? Você tem um nome?

— Harley, e sim, eu sou seu melhor amigo. É por isso que eu estou te levando para a Segurança e eles vão jogar seu traseiro na rua para fora dos portões.

Lutou com a frustração.

— Escute-me Harley. Ele falou uma palavra. Você entende isto? Você entende o que isso quer dizer?

Ele rosnou baixo, revelando suas características caninas.

Joy respirou fundo.

— Eu posso ver como você não compreendeu o que viu. Dê-me dois minutos para explicar. — Levantou dois dedos. — Isto é tudo o que eu peço.

— Aproveite. — Sua voz era grossa, revelando sua ira.

— Ele está rejeitando todo mundo aqui e a única maneira de alcançá-lo parecia ser pela sua fixação com sexo. Não sou contra usar isso se funcionar. — Esfregou seu pulso, certa que estava contundido. — Eu faria qualquer coisa para ajudá-lo, inclusive mostrar meus seios se isto é o que precisa para achar alguma parte dele que se comunicará comigo. É isso que ele estava fazendo. Qualquer droga que recebeu o reverteu a instinto cru, mas ele tem a habilidade de falar se concentrar-se com força suficiente. É realmente um bom sinal que suas habilidades cognitivas estão intactas. O único modo efetivo que eu descobri até agora para fazê-lo trabalhar comigo é lhe oferecendo o que ele mais quer. — Sugou o ar. — Eu não estou sendo cruel. Eu estou tentando salvá-lo.



O rosto de Harley estava nas sombras e não pôde ler sua expressão, mas não estava rosnando.

— Ele podia ter te matado.

— Ele quer qualquer outra coisa de mim mais. Nós não tivemos barras entre nós mais cedo quando ele me prendeu contra uma parede. Eu já estaria morta se ele me visse como seu inimigo ou como uma ameaça.

Ele suavemente rosnou.

— Sobre o que você está falando?

Ela depressa contou o que aconteceu quando chegou.

— Então, ele podia ter rasgado severamente minha garganta com seus dentes ou quebrado meu pescoço. Ele não fez isso. Eu não sou estúpida. Acredite em mim quando digo que eu estou mais que ciente de como facilmente ele podia ter me matado se isso fosse o que ele pretendia. — Andou de volta. — Posso continuar? Preciso mostrar que ele pode confiar em mim. Eu disse que ele podia me tocar se falasse.

Ele falou.

— Você é louca.

Joy não respondeu àquela acusação já que ele tinha um argumento válido.

— Estou determinada a fazer o que for preciso para ajudá-lo.

— E se ele quiser mais do que te tocar?

Calor esquentou suas bochechas.

— O que for preciso. Eu farei qualquer coisa para ele.

Ele avançou e quase a atingiu.

— O que mudou?

— O que você quer dizer?

Ele se debruçou um pouco até que seu rosto entrou na luz. Os olhos marrons eram um tanto quanto assustadores combinados com a severa aparência de suas características grosseiras.

— Eu lembro quem você é agora. Você o largou antes quando ele precisou de você. Nem teve a coragem de dizer adeus.

Merda. O cara realmente era um amigo próximo de Moon.

— Ele sentia algo por você, mas você recusou dar a ele uma chance. Por que você está aqui? Eles estão te pagando muito dinheiro?

— Eu não estou trabalhando.

— O que isso quer dizer?

— Eu não estou na folha de pagamento da ONE. Eu vim porque eles disseram que eu era necessária. Não havia nenhuma obrigação para eu largar tudo para dirigir para cá, mas eu vim assim que recebi o telefonema. Estou ficando porque Moon precisa de mim. Isto não é sobre dinheiro. Eu quero ajudá-lo.

Ele a considerou com suspeita, sem se preocupar em esconder.

— Você não está aqui em negócios oficiais?

— Não.

— Então você não é realmente sua psiquiatra. Isto está correto?

Pôde descobrir onde ele estava indo com a conversa.



— A ONE me pediu para ajudá-lo. Você não pode me tirar de Homeland. Eu fui convidada e eu estou ficando.

Ele se debruçou de volta, seu rosto mais uma vez nas sombras.

— A ética não será um obstáculo desta vez entre vocês dois, não é?

Podia sentir o sangue drenar de seu rosto. Moon deve ter dito a seu amigo as coisas que disse e as razões que deu para mantê-lo no comprimento do braço. Seus ombros endireitaram e sua espinha endureceu.

— Não. — descaradamente declarou. — Elas não irão. Ele não é tecnicamente meu cliente. — Uma respiração trêmula mais tarde e ela falou novamente. — Você tem algum problema com isto?

Ele recuou.

— Não. Estou me perguntando se usar seu corpo é realmente o único caminho para alcançá-lo ou se você está procurando por uma desculpa para chegar perto dele. Prossiga Dra. Yards. Saiba que eu estarei vendo. Você cruza uma linha que eu não goste e eu mesmo te levarei para os portões. Fui claro?

— Perfeitamente. — Ele era bom em comunicar seus sentimentos. — Me diga outra maneira de alcançá-lo e eu terei muito prazer em tentar.

Eles ficaram em silêncio até que ela girou e caminhou em direção a Moon novamente. Harley não tinha um plano alternativo ou elealaria. Moon estava furioso, caminhando em sua gaiola, e olhou quando a avistou retornando a ele.

— Calma. — sussurrou. — Sou eu.

Ele agarrou as barras, tentando despedaçá-las, seus músculos esticando. Ela abaixou de joelhos novamente quando estava mais ou menos a uns três metros de sua gaiola e ficou lá, olhando para ele.

— Moon? Acalme-se.

Ele deslizou até seus joelhos, ainda segurando as barras de metal. Suas presas afiadas apareceram quando suavemente rosnou para ela. Avaliou o declínio de seu humor. Sentou-se de bunda e esperou até que um pouco de sua raiva enfraquecesse. Esperava que sua comida não chegasse logo porque ele sempre foi teimoso. Ia levar um tempo para fazê-lo confiar nela.

— Eu sinto muito sobre isto. — Manteve seu tom suave. — Seu amigo está realmente preocupado com você.

Ele rosnou e largou uma das barras para estender para ela. Sabia que uma decisão tinha de ser feita naquele momento, confiar nele ou não. Tinha sido sincera com Harley. Moon podia tê-la matado mais cedo se a quisesse morta. Debruçou-se adiante e esticou a mão para ele também. O medo rastejou pela sua espinha enquanto imaginava o pior. Ele podia puxá-la mais perto para a gaiola, tanto para mordê-la ou quebrar seu pescoço.

As pontas dos seus dedos ásperos com calos esfregaram contra os dela. Ele parou de rosnar, parecendo fascinado em senti-los. Prendeu sua respiração, sem saber o que ele faria, mas ele apenas esfregou seus dedos. Ela relaxou.

— Eu não sou seu inimigo, Moon.

Olhou para cima depois encontrou seu olhar. Veio como um choque quando de repente agarrou sua mão e puxou-a para mais perto. Seu traseiro deslizou ao longo do



concreto à medida que engasgava, rezando para ele não quebrar os ossos quando seus dedos apertaram mais. Tentou lutar, mas isso não fez nenhum bem. Seu ombro bateu nas barras de metal da sua gaiola.

Outra mão de repente a pegou pelas costelas, curvando ao seu lado. Olhou fixamente para ele só as barras os separando. Ele a cheirou. Seu foco abaixou para frente de sua camisa e um choramingo suave veio dele.

Ele não está me machucando. Isso foi absorvido. Ele podia. Facilmente. Ele a manteve perto. Olhou fixamente nas profundidades de seus olhos marrons enquanto ele recusava a tirar os olhos de seus seios.

— Moon?

Suavemente rosnou, um olhar de concentração em seu rosto. Perguntou-se o que ele estava pensando tanto, mas largou sua mão de repente, distraindo seus pensamentos. Sugou ar quando agarrou seu seio, acariciando-o. Ele era gentil à medida que apertava. Ele olhou para cima depois segurou seu olhar.

— Joy.

O modo grosso como disse seu nome a fez querer chorar. Sua mão tremeu enquanto estendia a mão pelas barras para tocar seu rosto. Ele não se afastou, mas permitiu que suavemente acariciasse seu queixo.

— Sim. Você se lembra de mim?

Ele a largou de repente e recuou até que eles não estavam mais se tocando. Não se moveu apenas permaneceu inclinada contra as barras onde a arrastou. Ele se levantou e rosnou, olhando fixamente para o outro lado do quarto. Girou sua cabeça e desejou que Harley não ficasse tão perto. Ele devia ter continuado escondido nas sombras em vez de sair. Andou de volta na luz.

— Afaste-se dele psiquiatra.

— Vá embora. — ordenou.

Moon rosnou, parecendo concordar com sua ordem.

Harley franziu testa.

— Saia de perto dele.

— Eu acho que ele se lembra de mim. Ele disse meu nome. Você não o ouviu?

Harley correu para trás dela no mesmo momento que sentiu dedos embrulharem ao redor da sua garganta, cortando seu ar. Moon a pegou. Doeram suas orelhas quando ele uivou muito perto atrás dela.

Harley congelou.

— Vá. — Moon rosnou.

— Porra. Largue ela cara. — Harley rosnou de volta.

— Vá. — Moon exigiu novamente, apertando mais.

O grande Espécie de jaqueta de motoqueiro recuou alguns centímetros.

— Deixe-a ir.

Moon se agachou e agarrou seu braço enquanto mantendo um firme aperto em sua garganta.

— Matar. Vá. — Ele a forçou a ficar de pé, arrancando-a com força contra as barras.



Tornou-se uma refém. Foi tão simples. Moon queria que o outro macho partisse e ela era sua garantia. Ele podia facilmente quebrar seu pescoço. Teria implorado para soltá-la, mas mal podia respirar.

— Merda. — Harley recuou. — Não a machuque.

As portas do elevador abriram e Rusty entrou na sala, levando uma bandeja com dois pratos. Ela deu uma parada abrupta.

— Oh merda.

Harley olhou para ela antes de olhar de volta para seu melhor amigo.

— Nós iremos embora. Não a machuque.

— Como a humana conseguiu chegar tão perto dele? — Rusty retrocedeu alguns passos.

— Ela o deixou. Quem pediu para ela vir aqui cometeu um erro. Poderia acabar sendo fatal. — Harley se esquivou para mais perto da fêmea Espécie. — Nós estamos indo embora Moon. Veja. Não machuque a fêmea.

Eles dois entraram no elevador e as portas se fecharam. Os dedos em sua garganta e braço soltaram. Afastou-se das barras e quebrou completamente seu aperto quando jogou seu corpo para frente. Bateu no chão em suas mãos e joelhos. Ofegando por ar, rastejou para longe do alcance de Moon.

— Venha. — uma voz profunda murmurou por detrás ela.

Moon queria que ela retornasse para o lado da sua gaiola. Agitou sua cabeça, tocando em sua de garganta dolorida que tinha de ter marcas vermelhas, se não hematomas. Espécies eram muito fortes. Arriscou sua vida chegando muito perto dele e quase a matou. Não cometeria esse erro duas vezes.

— Venha! — Rosnou.

Joy moveu sua cabeça em sua direção, mas não conseguiu olhar diretamente para ele.

— Não.

Lágrimas a cegaram quando desviou o olhar. Ele poderia conhecê-la, mas ela certamente não o conhecia no momento. O cara por quem se apaixonou nunca teria feito isto. Teve sorte de estar viva.

Capítulo Três



— O que você estava fazendo? — Tiger estava furioso e não estava fazendo nenhuma tentativa de esconder isto.

— Mostrando para Moon que ele podia confiar em mim.

Joy estava cansada depois de passar uma noite inquieta na casa que a atribuíram. Pediu para ser escoltada para lá depois do que aconteceu. Precisava de um tempo longe de Moon depois de quase morrer. Suas visitas chegaram depois do café da manhã.

— Ela não tem nenhum direito de estar perto dele. — Hoje Harley vestia uma camisa de heavy metal com sua calça jeans. As botas de motoqueiro deviam ser algo que usava diariamente. — Ele obviamente não a queria morta, mas da próxima vez pode nos forçar a destrancar a gaiola para salvar sua vida. É sorte pura que ele só quis ser deixado a sós com ela. Ele não está em nenhuma forma para ser razoável.

— Concordo. — Justice North severamente a estudou. — Você não devia ter chegado tão perto dele.

— Ele falou.

As sobrancelhas pretas de Justice curvaram.

— Ele falou? Ninguém me disse isto.

— Foram só algumas palavras. — Tiger o informou. — Ele ainda é perigoso e não é ele mesmo.

— Ele não disse nada para nós quando estávamos dentro de sua gaiola o amarrando. — Justice olhou para Harley. — Por que ele não disse para nós pararmos? Ele não teve nenhum problema em lutar conosco enquanto o contínhamos.

— Você fez isto? — Joy queria estar lá. — Ele está bem?

— Ele está bravo. — Tiger encolheu os ombros. — Ninguém foi machucado.

Alívio foi imediato.

— Bom.

— Ela não tem nenhum direito para estar próximo a ele. — Harley repetiu. — Vocês não sabem sua história.

Joy não ficou surpresa que Harley estava prestes a dizer ao outros sobre seu passado com Moon. Ele a advertiu que faria qualquer coisa para afastá-la de Moon. Harley era um homem de palavra.

— Nós estamos cientes de sua história. — Justice o rejeitou com uma aceno de mão enquanto estudava Joy. — Estou mais preocupado que você arriscou sua vida sem nos consultar primeiro.

— Eu estava estabelecendo confiança. Eu não posso parar de trabalhar com ele e ter de pedir uma decisão sua toda vez.

— Ela permitiu que Moon tocasse em seus seios depois de mostrá-los a ele.

Joy estremeceu com o tom severo de Harley.

— Você está fazendo isto soar vulgar, mas não foi. — Odiou com o jeito que os olhos de Justice arregalaram em reação. — Não é o que você deve estar pensando. Moon está interessado em sexo e é o único caminho que achei para motivá-lo a trabalhar comigo. — Suas bochechas esquentaram de vergonha. — Eu terei que fazê-lo falar. Caso contrário, não posso ajudá-lo. Eu não mostrei meus seios. Eu mostrei um pouco de decote.

— Ele não quer conversar. — Harley rosnou. — Ele quer te foder.



— Harley! — Justice rosnou de volta. — Já chega!

— Você sabe o que ela fez com Moon e ainda sim você a chamou?

— Moon a respeita.

Harley bufou.

— O que você sabe sobre o que aconteceu entre ela e Moon no Setor Quatro Justice?

— Ela era sua psiquiatra depois que ele foi libertado da Mercile e ele falava altamente dela.

— Ele confiou nela e queria fodê-la, mas foi embora dele. Ela o machucou.

Os machos na sala de repente viraram sua atenção em sua direção. Joy abraçou sua cintura, tentando parecer pequena em sua cadeira. Seu queixo ergueu, entretanto enquanto olhava fixamente para Harley.

— Eu não o machuquei.

— Mentira. Você escolheu seu trabalho em vez dele. Você acha que ele era muito estúpido para saber disso? Para compreender o quão pequeno ele significou para você fazer isso com ele? Tinha sentimentos por você, mas você empacotou suas tralhas e caiu fora. Não estava lá para ver como isso o afetou. Ele também odiou a outra psiquiatra que ficou com ele. Ela era uma cadela fria que agia como se nós fôssemos animais de estimação que precisavam de carne para nos retrainar dos hábitos ruins que trouxemos da Mercile.

— Não foi assim. — Joy estremeceu, achando que ele falava de Geraldine, sua supervisora anterior. A mulher não tinha nenhum bom senso. Eles nunca viam olho no olho em como aconselhar os sobreviventes, mas a fez estremeecer por dentro se Harley falava a verdade. Isso certamente não esteve em nenhuma das notas que ela submeteu que eram efetivas e quais não eram.

Harley deu um passo ameaçador para mais perto, os punhos fecharam em seus lados, mas parou.

— Foi exatamente desse jeito. Ele te disse que te queria e você permitiu que pensasse que tinha uma chance. Você prometeu seu corpo para fazê-lo se abrir em suas sessões, mas fugiu quando estava na hora de pagar.

Vergonha depressa transformou em raiva.

— Eu não prometi nada. Eu continuei dizendo-lhe que não podíamos fazer sexo. Eu era sua terapeuta.

— Ética. Sim. Ele mencionou isto. — Harley rosnou. — Você permitiu que ele acariciasse seus peitos antes enquanto estava o alimentando com essas desculpas mentirosas? Você provocou seu pênis nas sessões para fazer com que falasse e eu ficarei irritado se permitir que você faça isso com ele duas vezes, só para deixá-lo desapontado novamente.

— Eu não fiz isso! — Ficou de pé olhando para ele. Sua palma coçou para dar um tapa no filho da mãe. — Me mantive estritamente profissional quando ele era meu cliente. Nunca tocou nos meus seios ou em qualquer outra parte de mim, exceto minhas mãos, nas poucas vezes que queria me deixar desconfortável tentando me intimidar. Eu fui clara que nós não podíamos nunca ter uma relação sexual e não me acuse de influenciá-lo. Eu não fiz isso!



Harley mostrou suas presas.

— Você não tem coração e não se importou nada com ele.

— Você não tem nenhuma ideia do que você está falando, Harley. Você está errado. É por isso que eu deixei meu trabalho. Eu sabia que era somente uma questão de tempo antes dele me machucar porque eu senti muito por ele.

— Você admite que seu trabalho era mais importante que ele. Caso contrário, teria ficado com ele.

Ficou boquiaberta para ele, ignorando todo mundo na sala já que ninguém falava.

— Como eu podia ter ficado com ele? Você sabe o que teria acontecido se eu dormisse com ele?

— Ele teria sido feliz.

— Eu teria sido despedida por fazer sexo com ele... e muito pior.

— Seu trabalho era mais importante! — Harley enrolou seu lábio em desgosto. Ele girou a cabeça para olhar para Justice. — Ela precisa ser escoltada para fora de Homeland e longe de Moon. Nós não podemos confiar nela em não machucá-lo novamente. Seu bem-estar não é sua prioridade e nunca será.

— Foda-se Harley. — explodiu antes de poder atar seu temperamento. — Eu faria qualquer coisa por Moon.

Olhou para ela.

— Você o deixou quando sabia que ele precisava de você.

Joy balançou a cabeça.

— O quão ingênuo você é? Você me ouviu quando disse que eles teriam me despedido se eu dormisse com ele? Você acha que teriam me permitido chegar perto dele depois disto? Era um local secreto! — Tentou frear suas emoções. Era difícil de fazer. — Havia câmeras e guardas rastejando por todo lado. Eles teriam descoberto isso rápido se eu permitisse que minha relação com Moon progredisse para uma sexual. Eu teria sido forçada a ir embora e eles teriam provavelmente me mantido na prisão, aguardando julgamento por qualquer queixa que podiam colocar em mim para me manter presa por tanto tempo possível por medo que eu desse a localização daquele local.

Harley franziu a testa.

— Eu teria perdido tudo para dormir com ele uma vez. — Sentou-se com força na cadeira, abraçado seu peito novamente, e olhado fixamente para seu colo. — Não pense que eu não estava tentada. Eu me importei com Moon. Você não tem nenhuma ideia do quanto. — Engoliu com força, limpando sua garganta sufocada pela emoção. — Mas eu também sabia que machucaria mais Moon se nós dormíssemos juntos. Eu sempre o coloquei primeiro.

— Como teria machucado mais Moon? — Foi Justice quem falou.

Encontrou seu olhar. Ele não parecia bravo.

— Moon teve muitos problemas se ajustando à vida depois da Mercile. Ele era antissocial e briguento com os guardas. Imagine o quanto pior teria sido se ele tivesse que me ver sendo arrastada para fora da propriedade algemada. Ele poderia ter até tentado a vir para me ajudar, pensando que estava me protegendo. Teria o feito odiar os



guardas mais do que já odiava ou até ser baleado se matasse ninguém. Os guardas eram ordenados a não machucar Espécies exceto em uma situação de vida ou morte se um estivesse fora de controle, mas eles tinham a autoridade de apagar permanentemente a ameaça em uma situação extrema. Eu não estava disposta a arriscar sua vida ou vê-los decidirem que era incapaz de lidar com sua liberdade. Você sabe o que eles fizeram com Espécies incapazes de integrar com os humanos que trabalharam lá?

Justice suspirou.

— Eu sei. Eles os mantiveram fortemente sedados e longe dos outros. Muitos dos nossos residentes da Zona Selvagem foram trazidos para nós depois de sofrer este tratamento.

— Exatamente! — Moveu o olhar para Harley. Ele não apareceu tão bravo quanto antes. — É por isso que parti quando tive chance. Sabia que era só uma questão de tempo antes dele ter sucesso em me seduzir e que isso podia matá-lo ou enviá-lo para uma das enfermarias do hospital onde ficaria fortemente drogado. O pensamento de qualquer uma dessas coisas acontecendo com ele me despedaçava em tiras por dentro. Eu não pus minha carreira antes de Moon. Eu fiz a única coisa que podia ter certeza que teria o melhor resultado para ele. Imaginei que estaria bravo no máximo, mas isso tudo seria dirigido a mim. Ele estaria seguro.

Harley chegou mais perto e pausou, estudando-a.

— Merda. — Girou suspirando. — Eu acredito nela.

— Joy?

Odiou o modo como seu intestino revirou enquanto segurava o olhar de Justice North.

— Sim? — Ele podia pedir para ela ir embora. Era a pior coisa que ele podia fazer. Ficou mudo por tanto tempo que seu estômago ameaçou expulsar seu café da manhã. Ficaria despedaçada se fosse mandada embora. Não fez nenhuma exigência nem para ser atualizada da condição de Moon. Teria que imaginar se ele se recuperou ou piorou. Não haveria nada que pudesse fazer sobre isto.

— Por favor, deixe-me tentar ajudá-lo.

Ele piscou, sem dizer nada.

— Você quer que eu implore? — Seu orgulho tomara um grande golpe, mas era Moon. — Eu farei isto. Eu consegui que ele falasse. Ele se acalma ao meu redor. Ele disse meu nome. Deixe-me tentar alcança-lo.

Justice olhou ao redor para os homens.

— Deixe-nos a sós por alguns minutos.

— Não. — Harley os enfrentou. — Deixe-a tentar.

O líder da ONE se levantou. Ele não pareceu bravo, mas pareceu surpreso.

— Você está me dando ordens?

— Moon teve fortes sentimentos por ela. — Harley não se retirou. — Ele é como um irmão para mim. Todos nós nos importamos, mas eu o conheço melhor. — Ele pausou, olhando para Joy, depois de volta para Justice. — Nós vamos ter que mantê-lo fortemente sedado a toda hora se ele não voltar do que foi feito com ele. Ele é muito letal em sua condição atual até para ser libertado na Zona Selvagem. Merda, estou certo que também podemos concordar que todo macho preferiria ser mantido em um coma



que pôr o resto do nosso povo em perigo. Ela conseguiu que ele falasse e ele a largou no segundo que estavam sozinhos. Ele não queria mata-la.

Tiger xingou.

— E se ele tentar mantê-la refém para ganhar sua liberdade?

Harley suavemente rosnou.

— Nós teremos que sair e deixa-la lá com ele. — Segurou o olhar de Joy. — Você está disposta a concordar com isto? Quer dizer que você está por conta própria se ele tentar usar sua vida para nos fazer destrancar o portão da gaiola. Não podemos permitir que ele fique livre. Nós o localizaríamos rápido, mas ele podia matar alguém primeiro. É muito arriscado.

As implicações eram claras. Eles não negociariam a sua vida se viesse a um impasse.

— Eu não posso concordar com isto. — Justice rosnou. — Nenhum Espécie iria.

Joy engoliu a sensação de enjoou enquanto olhava para Justice.

— Eu não sou Espécie e eu farei isto. Estou disposta a pôr minha vida em perigo por Moon. Eu quero fazer isto.

— Moon pode matar você. — Sua expressão fechada, escondendo toda emoção.

— Entendo.

— Ele pode te molestar ou pior se colocar as mãos em você novamente. — Sua mandíbula apertou. — Só porque barras estão entre vocês não quer dizer que ele não pode fazer muitas coisas se você estiver ao alcance.

— Eu entendo isto também. Ele é letal até atrás das barras. — A memória estava ainda muito fresca em sua mente da mão de Moon apertando seu seio, mas também estava quando ele agarrou sua garganta. — Eu tratei seu povo, Justice. Eles me disseram algumas das maneiras como mataram empregados da Mercile. — Teve pesadelos, mas eles não eram invocados por simpatia pelas pessoas que morreram. Os Novas Espécies tinham que viver com o conhecimento assombroso do que tiveram que fazer para sobreviver. — Alguns deles tentaram me horrorizar com detalhes muito específicos dessas mortes. Eles pensaram que eu os julgaria pelo que foram forçados a fazer para ficarem vivos.

— O que você disse a eles quando compartilharam essas histórias? — Justice ergueu sua cabeça, obviamente curioso.

— Eu disse que eles deviam colocar isto atrás deles. Não foi culpa deles. Qualquer um faria o que fosse preciso para sobreviver em circunstâncias extremas e era para estarem orgulhosos por terem saído daquele inferno. — Pausou. — Fora do registro, depois que eu ouvi o que fizeram com eles dentro daquelas gaiolas, aqueles imbecis abusivos da Mercile mereceram morrer depois de torturar Espécies. Que pena que mais deles não foram mortos.

— Você devia ter dito isso a eles depois.

Ela sorriu, mas não estava sentindo graça.

— Eu disse. Fora do registro.

Um sorriso arrastou os cantos de sua boca. Ele se debruçou para trás, relaxando.

— Como eles responderam a isso?



— Da mesma maneira como você acabou de responder. Eu não queria que eles se sentissem culpados por tirar o lixo.

Tiger riu.

— Por que você não podia ter sido minha psiquiatra? — Olhou para Justice. — A minha continuava dizendo que era errado matar de qualquer forma. Ela não tinha ideia.

— Deixe a psiquiatra fazer isto. — Harley murmurou. — É Moon.

O sorriso de Justice enfraqueceu quando fechou os olhos e deu algumas respirações profundas.

— Você arriscaria sua vida por qualquer um de nós, Justice. Nós arriscaríamos nossas vidas por outros Espécies. Esqueça que ela é uma fêmea humana. Ela é adulta e sabe onde está se metendo. Você a ouviu. — Harley cruzou os braços sobre o peito largo. — Ela está bem ciente do que Espécies são capazes.

— Eu estou. — concordou, olhando entre o líder da ONE e Harley, ainda um pouco atordoada que ele estava do seu lado depois de jurar escoltá-la para fora de Homeland.

Justice abriu seus olhos e raiva queimava nas profundidades de seu olhar.

— Tudo bem. — Debruçou-se para frente, olhando-a de perto. — Você provavelmente vai ser morta ou desejar que tivesse se isto acabar mal. Ele é selvagem. Você está certa que está disposta a correr esses riscos?

— Sim. — respondeu sem vacilação, embora por dentro tremesse um pouco de medo.

— Você o amou?

Ela assentiu.

— Sim. — Diria o mesmo se perguntasse se ainda amava Moon.

Olhou para ela por longos segundos, talvez julgando sua honestidade.

— Certo. Posso respeitar isto. Eu faria qualquer coisa por Jessie. — Ele se levantou e caminhou para a porta. — Você devia fazer seu testamento no caso disto dar errado. O advogado passará por aqui antes de você vê-lo novamente. Você deve assinar um termo de responsabilidade, entretanto eu duvido que valerá a pena qualquer coisa se desafiado. É tudo que podemos fazer para evitar processos de sua família se isto não acabar do modo que esperamos. — Ele girou ainda relativo a ela com raiva. — A realidade é dura. Esteja certa disso.

Ela teria levantado também, mas não confiava nas pernas no momento. Acabaria com sua atuação destemida se elas desmoronassem debaixo dela.

— Você podia pedir para seus advogados se apressarem com a papelada? Eu já tenho um testamento. Quero voltar para ele.

Ele piscou.

— Quais são as regras?

Piscou novamente.

— O que você quer dizer?

— O quão longe eu tenho permissão para ir com ele antes de você considerar um cruzamento de limites? Até agora ele só está respondendo me querendo.

— Merda. — Tiger sussurrou. — O quão longe você está disposta a ir?



— Eu vou fazer tudo e qualquer coisa para salvar Moon. — Ela falava sério. — Mesmo que isso signifique entrar na gaiola para não ter nenhuma barra entre nós.

— Filha da mãe. — Justice silvou. — Nós não sabemos o que Moon fará com você.

— Apostarei que me matar não será a primeira coisa em sua lista de desejos.

Ele se virou e seus ombros largos estavam tensos.

— É melhor você estar certa. Eu gosto de dormir a noite e duvido que durma bem se você for mutilada ou morta. Não sei se eu devia dizer obrigado ou te jogar para fora da nossa terra para sua própria proteção. — Pausou na porta. — Converse com ela, Tiger. Explique sexo selvagem para ela. No final, a escolha é dela. — A porta fechou quando ele partiu.

Tiger encontrou seu olhar e abriu a boca.

— Não. — Joy abraçou sua cintura, incapaz de esconder as emoções. — Eu posso imaginar no que eu estou me metendo se chegar a isso. Não muda nada. Eu ainda arriscaria.

Seus lábios selaram firmemente enquanto se levantava.

— Os advogados podem ter o seu termo dentro de uma hora. — Pausou. — Você poderia querer ligar para sua família. Não diga a eles onde está ou o que esta acontecendo. Só... ligue para eles. — Pausou na porta, olhando fixamente para ela. — Você tem certeza que está disposta a fazer isto? Nossas fêmeas teriam medo dele agora.

Queria assustá-la implicando que devia ligar para as pessoas queridas para dizer adeus. Funcionou, mas não ia recuar agora. Teve dois anos para viver com remorsos dolorosos. De jeito nenhum ia deixar Moon novamente. Poderia ser a única chance que tinha para concertar o passado.

— Eu tenho certeza.

— Você é valente. — Ele partiu, silenciosamente fechando a porta.

— Você me surpreende. — A voz profunda segurou uma pintada de respeito.

Joy quase se esqueceu de Harley. Ele se moveu para estar na frente dela. Encolheu os ombros.

— Você estava errado sobre mim. Eu realmente me importo com Moon. Eu sempre me importei e ainda me importo.

— Parece. — De repente se abaixou até seu nível. — Escute-me.

Começou, pensou, preparando-se para mais ameaças medonhas dele sobre o que ele faria com ela se machucasse Moon. Era uma reação natural de alguém se sentindo impotente quando alguém que eles amavam estava em risco. Eles precisavam de um caminho para tentar controlar a situação.

— Não lute se ele conseguir colocar as mãos em você. Ele ficará com muita raiva. Vá quieta. — Pausou. — Se ele afundar os dentes em você, não puxe. Não grite. Não lute. Fui claro? Ele é mais animal que humano nesse momento. Mostre-lhe submissão absoluta se você quiser uma chance de sobreviver.

Ela assentiu não confiante em sua voz naquele momento. Suas advertências colocaram imagens vívidas em sua mente. A parte do gritar a fez pensar no quão forte Moon seria se oferecesse a ele seu corpo. Ele era um cara realmente forte e grande.



— Bom. — Harley estudou suas características. — Ele falou sobre você para mim. Disse que você era valente e tinha a coragem de uma de nossas fêmeas. Eu não acreditei nisso até agora. Ele pode nunca entender por que você fugiu. Estou te dando uma chance, então não estrague. Ele é a pessoa mais próxima para mim e eu já perdi muito em minha vida. — Seu foco abaixou para seu corpo, depois voltou para cima. — É melhor você não estar me enganando e amarelar. Eu enfrentei Justice e Tiger para te dar esta chance. Eu não teria feito isto, mas estou desesperado para salvá-lo. Eles também ou nunca teriam concordado em permitir isto.

— Eu também. — Palavras sinceras. — Eu não o deixarei desta vez.

Um curso de compreensão fluiu entre eles. Harley de repente estendeu a mão para seu bolso de trás e retirou um telefone celular. Ela se perguntou se ele o ofereceria para ela fazer aqueles telefonemas. Ao invés disso olhou para baixo e o tocou, tocando no painel.

— Eu quero que você veja algo.

— Certo.

Girou o rosto do telefone em sua direção e um vídeo começou a tocar. Pegou-o de seus dedos, olhando fixamente para um Moon sorridente exibido na tela pequena em sua palma. Ele estava ao ar livre, vestindo uma camiseta e bermuda. Humor refletia em seus olhos bonitos.

— O que você está fazendo? — Sua voz era rouca, a que se lembrava.

— Fazendo uma lembrança. — Harley riu. — Os vídeos são populares.

Moon riu.

— Eu não vou mesmo fazer sexo com você. Você não é meu tipo. Pensei que estes eram os únicos vídeos que você assistia.

— Ha-há. — Harley bufou. — Eu acho que você está conversando sobre você mesmo em vez de mim.

— Nós somos amigos porque temos muito em comum. — Moon olhou para longe, depois de volta para a câmera. — Por que você não as filma? — Empurrou um dedo polegar por cima do seu ombro. — Elas são mais interessantes que eu.

Harley Deslocou a câmera para registrar algumas fêmeas Espécies jogando vôlei. Depois de alguns segundos ele ampliou de volta para Moon.

— Eu quero filmar você. Você está deixando a Reserva em breve e vou sentir sua falta. Eu o assistirei quando ficar com saudades.

Moon sorriu.

— É só por um mês. Você nem vai notar que fui embora. — Apontou novamente na direção das fêmeas. — Você pode jogar com elas e parecer triste, assim elas mantêm você ocupado. Soa como se eu estivesse te fazendo um grande favor. — Suas mãos agarradas nos quadris. — Você vai ganhar pena. Diga-lhes que você sente falta de sair comigo e as leve em sua moto.

— Não será o mesmo. — Harley soou um pouco deprimido. — Eu realmente vou sentir sua falta.

De repente Moon ficou sombrio, o olhar escuro olhando a câmera.

— Eu voltarei antes de você notar e nos divertiremos. Sentirei sua falta também. Nunca achei que um dia seria tão próximo de alguém. — De repente sorriu. — Agora



desligue isso e vamos jogar um pouco de bola. Jogaremos dois contra cinco e mostraremos a elas como é que se joga antes de eu partir.

Harley riu e o vídeo terminou. Joy piscou de volta lágrimas quando ergueu o olhar para o homem estendendo sua mão para ela devolver o celular.

— Eu quero meu amigo de volta. — Sinceridade brilhou em seus olhos. — Isso foi gravado algumas semanas atrás. Este é o Moon que eu conheço. — Desviou o olhar, empurrando seu telefone de volta para dentro do bolso. Segurou seu olhar mais uma vez, mas viu lágrimas brilhar em seus olhos. — Eu preciso que ele seja concertado.

— Vou fazer o que for preciso. — Joy jurou.

* * * * *

Moon rosnou, ira era uma coisa viva dentro de seu corpo. Não conseguia pensar e nada fazia sentido. Dor, raiva, e o desejo de explodir eram tudo que sabia. Jogou sua cabeça para trás e uivou. Queria algo. *Não. Alguém. Uma fêmea.*

Uma lembrança lutou para a superfície, mas estava enterrada debaixo das camadas de névoa. *Ela é real, não é?* Não estava certo. Caminhava pela gaiola, rosnando para as barras que o continham, e queria correr. Seu peito as esmagou, mas não conseguia ficar livre.

Enxugou sua boca e um cheiro o fez congelar. Cheirou, trouxe seus dedos para seu nariz e inalou profundamente. Era familiar, fêmea. Fechou os olhos e a imagem de uma humana com cabelo escuro sentada atrás de uma mesa entrou em foco. Ela estava sorrindo para ele. Tinha uma massa de cachos sedosos presos com um grampo na nuca de seu pescoço em um coque, mas queria vê-lo solto. Os grandes olhos azuis com manchas amarelas em suas íris o fascinavam. Elas eram raras para um humano, mas não estava certo como sabia disto.

O som escuro de uma risada feminina acalmou um pouco sua raiva e teve um efeito calmante. Era uma memória. Agarrou-se a ela, tentando muito não perder de vista. As mãos delicadas, pálidas levantaram mostrando-lhe suas palmas enquanto o flashback se tornava mais vívido.

— Pare 466. Você está fazendo meu estômago doer. — Ela tinha uma voz musical. Suave. Doce. Sexy. Seu pênis endureceu imediatamente, quase tirando seu foco para longe dela para se fixar na fome sexual que remexeu.

Suas mãos caíram na mesa e se debruçou, ainda sorrindo diretamente para ele.

— Você inventou isso para ver o quão crédula eu sou. — Queria beijar aqueles lábios. O desejo de atacá-la, agarrá-la e a prender na superfície plana era forte. Suas roupas eram finas, fáceis de rasgar. — Nós deveríamos estar dizendo a verdade um para o outro, lembra? Isso foi engraçado, mas ficção.

— Talvez. — A emoção presa aquela palavra foi bem sucedida. Diversão. Estava brincando com ela. — A verdade é que eu realmente fui para a cama ontem à noite pensando em você.

Suas características fecharam toda a emoção.

— Não faça isso.



Ele se moveu ao redor da sua mesa e abaixou tão perto que pôde captar o cheiro de sua excitação. Seus dedos coçaram para livrar seu cabelo para ver o quão longo seria.

— Você pensou em mim? Você se tocou? — Queria que ela dissesse sim. Queria ser ele a tocá-la.

— Sente-se.

Ela estava o cortando e não gostava disto. Girou a cadeira apesar dela tentar para-lo agarrando a extremidade da mesa. Sua força não era nada comparada a dele e a visão de suas pernas naquela saia curta era algo que não esperava. Elas eram lisas, bem formadas, e bonitas. Ela engasgou, seus olhos alargaram, e sua respiração acelerou.

— Eu prefiro dividir a sua. — Estendeu a mão depois de largar um lado de sua cadeira, as pontas dos dedos suavemente acariciaram seu joelho. Tão suave. Inalou e sabia que seus sentidos não o estavam enganando. Ela o queria também, mas não admitiria isto. — Abra suas coxas. Deixe-me entrar. — Lambeu seus lábios. Podia devorá-la. Queria. Precisava.

— Você sabe que nós não podemos fazer isto. — Pânico se mostrou em seus olhos. — Por favor, não faça isso.

Ele não sentiu o cheiro de medo. Não, ela o queria também. Por que não cederia? Ele faria isto ser tão bom para ela, para ambos. Ela empurrou seu toque, bloqueando seus joelhos juntos e agarrou a sirene em sua mesa.

— Não me faça apertar o alarme. Por favor, 466. — Foi o suplicante desespero de seu tom que o parou, o fez se endireitar e se afastar.

Rejeitado. Novamente. Machucou. Doeu. Seu pênis doeu com a necessidade de pegá-la. Seu corpo respondeu as emoções e isso veio à tona com a memória.

Um tiro de agonia passou por ele e a névoa retornou. Uivou, rondando o confinamento da gaiola. A raiva aumentava. Precisava sair. Correr. Precisava de... *algo. Não. Alguém...* Tentou lembrar de quem, mas não conseguia. Um grunhido rasgou de sua garganta.

Capítulo Quatro

Joy estudava Moon enquanto ele compassava em sua gaiola. Estava distraído, rosnando e agitado. Um uivo fraturou o silêncio do quarto quando saiu do elevador. Ele imediatamente focou um olhar bravo nela antes de girar e a ignorou completamente. Engoliu com força, tirando os sapatos, e lentamente se aproximou.

— Moon?



Nem sequer deu um olhar em sua direção. Isso a fez pensar o que aconteceu desde que ela saiu. Ele lembrou-se de agarrar sua garganta? Ameaçá-la de morte? Talvez pensou que ela veio por vingança de uma certa forma. Os empregados da Mercile teriam.

Seria suicídio chegar muito perto dele no momento, então caminhou para a cadeira que Rusty trouxe e se sentou. Cruzou os braços sobre seu peito enquanto o observava, esperando que ele se acalmasse ou ficasse cansado. O guarda de lá de cima disse que Moon comeu uma hora atrás. As novas correntes presas aos seus braços e pernas estendiam no chão. Isso somou muito em seu estado de espírito. Apostaria sua carreira nisto.

— Você consegue me entender?

Ele nem sequer pausou de andar de um lado para o outro. Um braço jogou nas barras e as correntes presas a ele bateu nelas. O som fez Joy estremecer.

— Eles tiveram que fazer isto. Você entende? Todo mundo aqui está tentando muito ajudar você.

Moon a ignorou, mas rosnou novamente e pausou, agitando cada uma de suas pernas para fazer as correntes chiarem. Seu foco fixou nas restrições quando ficou quieto. Parecia que o Espécie embrulhou faixas de couro ao redor de seus pulsos e tornozelos depois colocou as correntes de metal por cima delas para proteger sua pele. Começou a compassar novamente, arrastando as correntes, e soltou um uivo atormentado.

O som era assombroso e apavorante ao mesmo tempo. Tanta ira. Joy não o culpou. Ele estava trancado dentro de uma gaiola em um porão vagamente iluminado. Discutiu em ter as luzes aumentadas, mas o oficial agitou sua cabeça.

— Ele fica pior se as deixarmos mais brilhantes. Ele parece gostar mais do escuro. É o predador dentro de nós.

Joy não podia discutir com aquela lógica e deixou isto passar. Moon perdeu sua humanidade depois do ataque do dardo. O lado animal dele preferiria escuridão se não pudesse correr livre. Ainda não havia nenhuma boa notícia da equipe médica também. Nenhuma cura foi encontrada e os médicos estavam ainda sem pistas sobre que mistura de droga causou para ele ficar selvagem. O que quer que seu atacante fez, não dissipou. Esperou que isto dissipasse e ele retornasse ao normal, mas não aconteceu.

— Moon?

Continuou a compassar, puxando suas correntes a cada poucos centímetros, e jogou o outro braço. As correntes bateram nas barras. Era óbvio que elas estavam deixando sua condição pior, mas Justice North tomou a decisão e ele estava no comando.

Joy ficou de pé tentando ganhar a atenção de Moon. Rastejou para mais perto. Suas narinas alargaram enquanto cheirava ruidosamente, mas ainda se recusava parar de andar de um lado para o outro dentro da gaiola pequena. Porém notou que com cada virada, seu olhar ia a sua direção. Ele a olhava, mas fazia isto as escondidas.

Três metros da gaiola era perto o suficiente. Esfregou sua saia, desejando que tivesse um par de calças. Não esperava ficar em Homeland quando recebeu o



telefonema da ONE. Eles a trouxeram algumas roupas restantes, mas nenhuma calça. Tinha camisetas, alguns shorts de ginástica, e duas saias.

— Moon?

Sua cabeça virou em seu caminho e seu lábio superior enrolou para revelar dentes retos, brancos e presas afiadas. Rosnou, mas parou de compassar. Seus olhos escuros estreitaram enquanto olhava para ela. Se olhares pudessem matar, sabia que estaria morta nesse momento.

Seus dedos tremiam lentamente enquanto desabotoava sua camisa. *Ah-ha*. Seu olhar bloqueou em seu seio e a respiração pesada substituiu os sons bravos que fazia. Separou o material sedoso o suficiente para dar-lhe uma visão melhor de seu sutiã e decote. Também o mostrou a sua cintura nua até o cós de sua saia.

— Agora eu tenho sua atenção.

Ele olhou para cima e segurou seu olhar um momento antes de voltar o foco para seus seios. Um estrondo suave veio do fundo de sua garganta enquanto chegava mais perto das barras e as agarrou.

— Você pode me entender? concorde se puder Moon.

Os dedos apertaram as barras firmes o suficiente para que as juntas ficassem esbranquiçadas.

— Moon?

Ele olhou fixamente em seus olhos e ela o observava. Ele apontou para a área na frente dele.

— Você me quer aí? Fale comigo. Deixe-me saber que você não vai me machucar.

— Venha. — Sua voz saiu desumanamente profunda.

Arrepios apareceram inesperadamente em sua pele.

Deu um passo mais perto e pausou. Encorajaria-o a continuar tentando se comunicar com ela, esperava. Não estava disposta a permitir-lhe pôr suas mãos nela até que pudesse determinar melhor seu estado mental.

— Aqui. — Apontou novamente.

— Ainda não.

Seu coração martelava. Moon sempre a intimidou com seu enorme tamanho e força. Isso tinha sido quando ele era seu cliente e com total controle de suas faculdades mentais. Ele só pegou mais músculo e engordou desde que deixou o Setor Quatro.

Raiva aparecia em seus olhos.

— Agora.

Três palavras. Joy estava mantendo o controle de tudo o que ele disse.

— Você sabe quem eu sou?

Confusão nublou sua expressão. Não era a resposta que estava esperando.

— Eu sou Joy. — Apontou para ela mesma. — Joyce. Dra. Yards. Nós costumávamos conhecer um ao outro. Pense Moon. — Uma ideia surgiu. Poderia deixar as coisas piores, mas realmente não viu como podia ficar tão pior. — 466? Preciso que você converse comigo.

Ele queria que a fêmea viesse até ele, mas ela ficou fora de seu alcance. Isso o deixou irado. Raiva estava envolta em uma névoa vermelha dentro de sua mente. Então



ela falou e o chamou de 466. Um pouco da névoa afinou o suficiente para uma lembrança vir à superfície. Tentou se concentrar nela. Era algo importante...

Mãos pálidas e delicadas com unhas vermelhas longas ficaram claras em sua mente. Perguntou-se como seria a sensação delas contra sua pele, em suas costas particularmente, desde que não eram reais. Humanos usavam unhas falsas. Era curioso para ele que as fêmeas fizessem isto. Levantou-se, fechou a distância, e agarrou seu pulso. Era delicado também. Podia facilmente esmagar os ossos se desejasse. Seu olhar ergueu no som de um feminino, suave suspiro.

— O que você está fazendo? Solte.

Havia uma pitada de medo em seus bonitos olhos e o irritou. Correu seu dedo polegar por cima da ponta de sua unha. *Lisa, nem um pouco afiada*. Duvidou que pudesse rasgar pele com elas. Ele se curvou para frente e ela recuou em sua cadeira, mas não conseguiu ir muito longe com ele se recusando a soltá-la.

— Eu nunca te machucaria, Joy.

— Joyce. — corrigiu. — Quero dizer, Dra. Yards.

Ele riu.

— Por que você usa isto, Joy? Qual é seu propósito?

A pergunta pareceu surpreendê-la.

— Hã, elas ficam bem e eu acho que me lembram de meu lado feminino.

Seu olhar varreu o dela tanto quanto pôde ver com a mesa bloqueando sua visão.

— Tudo em você é feminino. Por que você precisaria de uma lembrança?

Não conseguiu resistir correr o dedo polegar por cima de sua palma. Suave e lisa. Queria senti-la deslizando através de sua pele também. De preferência enquanto estivesse nua debaixo dele. Ele até a pegaria de frente do jeito como as humanas preferem. Nunca tentou essa posição, mas nunca quis montar uma delas antes.

Ela não tentou retirar a mão de seu domínio, mas não pareceu feliz também.

— É uma coisa humana. Hã, mulheres gostam de parecer bonitas e elas usam maquiagem e fazem seus cabelos e unhas.

Estudou seu rosto.

— Você não usa maquiagem.

— Eu uso.

Isso o surpreendeu. Cheirou, debruçando mais perto até que estava curvado por cima da mesa, pairando próximo do seu rosto.

— Eu não vejo ou sinto o cheiro.

— Eu não uso muito. — Finalmente arrastou fracamente, tentando livrar sua mão. — Por favor, sente-se. Você sabe as regras. Você está sendo provocador hoje, 466.

Seu humor foi a superfície.

— Eu quero você. Estou curioso sobre seu corpo.

— Curiosidade matou o gato. — sussurrou.

Isso o divertiu e ele riu. Gostava de provocá-la e receber respostas que não eram esperadas. Soltou seu aperto e ela puxou. O alívio lavou sua expressão, mas ele se debruçou sobre a mesa tão longe que a extremidade que pressionava contra seus



quadris era a única coisa que o impedia de cair. Cuidadosamente agarrou seu rosto com ambas as mãos para evitar contundir sua pele e ela ofegou novamente.

— Boa coisa que eu sou canino então.

Ficou nariz com nariz com ela, respirando aquele cheiro maravilhoso que era só dela. Amava o cheiro de Joy. Seus lábios separaram. Sabia que não era sua intenção, mas era um convite que não conseguiu resistir. Balançou sua cabeça e tentou beijá-la.

Pânico alargou seus olhos um segundo antes dela torcer sua cabeça, surpreendendo-o o suficiente para permitir que ela escapasse. Seus lábios esfregaram sua bochecha ao invés disso. Queria rosnar, mas conseguiu controlar o impulso. A última coisa que queria era seu medo.

— Beije-me. — Sussurrou a ordem. — Eu não te pegarei com meus dentes. Confie em mim doçura. Eu quero que você aprecie. — Seu pênis endureceu tão rápido que estremeceu com o beliscar da sensação onde estava preso dentro de sua calça jeans. Queria Joy demais e não seria negado por muito mais tempo. — Permita-me.

— Não.

Mal ouviu sua rejeição suave. Um sorriso apareceu enquanto aliviava um pouco, largando-a.

— Você irá logo. Olhe para mim.

Ela girou sua cabeça indecisamente, tão perto que cada respiração que dava provocava seus lábios. Seu olhar aprofundou. O desejo de agarrar a mesa e tira-la do caminho o fez fechar suas mãos para prevenir completar. Estaria nela em um piscar de olhos, ia pegá-la no chão e fodê-la.

Seu pênis de repente pulsava dolorosamente e sentiu como se tivesse suas próprias batidas de coração. A ideia dela nua debaixo dele, suas pernas e braços embrulhados ao redor dele enquanto martelava em seu corpo era suficiente para testar sua habilidade de permanecer quieto. Ela seria macia, doce, e quente.

Era demais. Endireitou-se, rodeou a mesa, e agachou-se. Seus olhos alargaram quando forçou sua cadeira a girar, movendo-a para mais perto até que seus joelhos estavam apertados contra sua barriga. Ele forçou suas pernas a separar para ajustar as dele a entrar.

— 466? Não faça isso!

Sua voz tremeu, mas não era medo que viu em seus olhos. Inalou, o cheiro de excitação feminina foi o suficiente para enlouquecê-lo. Ela o queria muito, mas não admitiria. Frustração subiu. Por que ela continuava negando a atração mútua com suas palavras quando seu corpo revelava a mentira?

— Eu apertarei o alarme.

O apelo mudo em seus olhos era claro. Não queria fazer isto, mas iria. Era sempre a ameaça que costumava mantê-lo à distância. Estava cansado disto.

— Você não irá. Eles atirarão dardos de drogas em mim, me prenderão por uma semana, e me mandarão para outra psiquiatria. — Ele se moveu para mais perto com as mãos agarradas em sua cintura. Era pequena e a pele debaixo do material era flexível quando suavemente apertou, fascinando-o com o quão diferente ela era de seu próprio tipo. — Você não gosta dela. Eu sou seu e você não dará meu cuidado para outra pessoa.



Sua boca abriu, fechou, e sua respiração ficou irregular.

— Eu não desgosto de Geraldine.

— Mentira. — declarou.

— Ela é uma colega minha e eu nunca diria que eu não gosto dela.

Amorteceu um grunhido. Ela queria começar uma discussão para distraí-lo de compartilhar sexo. Não iria funcionar.

— Você olha para ela com desgosto e irritação. Você não gosta dela e não a permitirá perto de mim.

Suas mãos aplainaram em seu peito. A sensação era boa, mas ficaria muito melhor se estivesse tocando sua pele nua.

— Nós tratamos nossos clientes diferentemente, isto é tudo.

— Qual é a diferença?

Joy lambeu seus lábios, provocando-o com a língua.

— Além dela fazer mais dinheiro? Diplomas. Ela tem mais deles do que eu. Enquanto treinamento e qualificações nem tanto. Somos ambas doutoras, treinadas em psicoterapia. Ela é uma psiquiatra, eu sou uma psicóloga. Eu tenho um diploma de psicologia em meu nome, mas ela tem um diploma de medicina em seu nome. Ela tem uma distinção, como a maior parte deles tem.

— Você é melhor. Eu ouvi que ela é má. Você não apertará o alarme. Eles me darão a ela. Você não quer isto.

As pontas dos seus dedos cavaram em sua camisa para agarrá-lo mais firmemente. Eles não eram fortes o suficiente para forçá-lo para trás quando empurrou. Realmente gostou do senti-los.

— Eu não irei.

Sabia disto.

— Deixe-me te tocar. Será bom.

Aquela língua arremessou para fora novamente para lambe os lábios.

— Escute-me. — sussurrou. — Não podemos fazer isto.

— Você me quer. Não minta.

— Eu quero. — admitiu muito quietamente que teve dificuldades em ouvir aquelas duas palavras maravilhosas.

Satisfação o encheu.

— Bom.

— Mas nós não podemos fazer isto.

Frustração subiu rapidamente.

— Nós podemos.

— Não, nós não podemos. — Olhou em direção à porta, depois voltou. — Eu posso perguntar algo a você? Honestidade total?

— Sim. — Diria a ela qualquer coisa que quisesse saber.

— Se eu dizer sim, depois que você conseguir o que quer, pararia de vir atrás de mim? Isto é curiosidade de fazer sexo comigo uma vez ou mais?

Não teve que pensar.

— Mais. Uma vez nunca seria suficiente.



— Foi isso que pensei. — Seu queixo ergueu e determinação brilhou em seus olhos. — Afaste-se ou terei que apertar o alarme. Eu não quero, mas farei isto.

Podia ver a verdade em seus olhos e rosnou, se afastando. Seria fácil impedi-la de soar o alarme. Seus reflexos eram melhores que os dela. Nunca alcançaria o botão se ele a lançasse da cadeira, levando-a para o chão e a prendesse. Tão tentador quanto fosse, nunca faria isto. Ele a perderia para sempre se quebrasse a confiança que ela deu permitindo-lhe estar sozinho com ela durante suas sessões.

— Não pode acontecer. — sussurrou. — Eu queria que pudesse, mas não pode.

— Por que não? Eu quero você, você me quer, e ninguém está aqui para nos impedir.

— Eles descobrirão. — Endireitou-se em sua cadeira, sua espinha dura. — Eu acho que devíamos terminar por hoje, não é?

— Não. Eu não quero ir embora.

Olhos bonitos suplicaram com ele.

— Você precisa ir. Nós continuaremos amanhã.

— Certo.

Raiva guerreava com a frustração. Girou e marchou para fora do seu escritório. No dia seguinte lhe disseram que ela não trabalhava mais lá e não ia voltar. Nunca mais a viu novamente.

Estava confuso porque ela chegou mais perto dele. Como ela podia ter ido embora quando ele estava querendo algo sério com ela? *O que é real? O que é memória?* Um grunhido rasgou dele enquanto apertava as barras que bloqueavam seu caminho para Joy.

— Calma. — Joy sussurrou. Moon estava agindo irracionalmente, suas expressões mudando enquanto o observava. — Estou aqui. Você precisa se acalmar. Relaxe.

O Espécie atrás das barras não era o 466 que conhecia. Ele estava mal-humorado, solitário, mas lentamente fazendo progresso em deixá-la chegar perto dele. Apaixonou-se por 466. Então a versão de Moon que viu no vídeo de Harley era encantador, sociável, e gostava de esportes. Claro, seu motivo poderia ter sido que queria jogar com as fêmeas. Essa era uma possibilidade forte e fez seu pequeno monstro de olhos verdes mexer.

O macho que enfrentava não era nenhuma daquelas versões, entretanto. Ele era perigoso e instável. Não se esqueça disto, se aconselhou.

— Você me conhece?

— Você me deixou.

As palavras a surpreenderam, mas estava agradecida por ouvi-las, apesar do modo que rosnou a acusação. Ele se lembrou do passado e obviamente não estava feliz com ela. Não importou. Estava falando e sabia quem ela era.

— Não tive nenhuma escolha.

Uma mão passou pelas barras estendendo para ela.

— Venha aqui.



Devia chegar perto o suficiente para ele tocar ou não? Raiva irradiava dele, mas não era mais um estranho para ele. Joy deu outro passo para mais perto.

— Não me machuque.

— Venha. — severamente exigiu.

Andou para dentro de seu alcance. A mão suavemente agarrou seu braço, guiando-a com um puxão leve. Apertou-a contra as barras, olhando para ele.

— Por que estou aqui? — Olhou para as barras.

Esperança brilhou que as drogas estivessem se dissipando.

— Você está doente.

Confusão nublou suas características.

— Eu não pego resfriados.

— Você estava de guarda e foi baleado com um dardo que estava cheio com uma droga desconhecida.

— De guarda? Nós temos guardas. Por que eu faria seus trabalhos?

Alarme a chacoalhou.

— Onde você acha que nós estamos?

— No motel.

Merda! Ele está no passado, não no presente. Tentou não entrar em pânico.

— Pense com força. Você não se lembra de jeito nenhum de ter deixado o motel? Indo para Homeland? — Esperou que as dicas ativassem as memórias.

— O que é isto?

Oh Deus. Pedacos enormes de sua memória sumiram. *Acalme-se e esconda o quão apavorada você está*, se ordenou. Sua memória não retornou. Ele pareceu capaz de se lembrar dela e o tempo no deserto, pelo menos. Isso era uma melhoria.

— Deixe-me sair. — Olhou para as barras novamente. — Destranque a porta.

— Eu não posso. Eu não tenho a chave.

Rosnou e se apertou seu braço, mas não suficiente para machucar.

— Por que você fez isto comigo?

— Eu não fiz isso.

— Você ordenou que me enjaulasse? — A raiva estreitou seus olhos e suavemente rosnou. — Eu odeio ser trancado.

— Eu não ordenei isto.

— A outra doutora que você odeia fez isto comigo?

— Eu não a odiei. Apenas acho que ela era do tipo esnobe.

— Você partiu e eu me tornei dela. — Apertou seu rosto contra as barras. — Eu não gosto dela e isto é vingança pela minha recusa de falar com ela, não é?

— Não. — Cuidadosamente escolheu suas palavras, não querendo deixa-lo em choque ou causar trauma emocional insinuando que ele perdeu tanto tempo em sua mente. — Não era sua escolha de qualquer jeito. Você era perigoso.

— Eu não machucaria nenhuma das guardas fêmeas.

Ele estava definitivamente no passado.

— Eu sei disto, mas você não tem sido você mesmo. Qual é a última coisa que você se lembra?

— Você me deixou.



— Quanto tempo passou desde que eu parti? — Queria definir seu período de tempo e depois podia manter o desenvolvimento de sua progressão.

Sua boca torceu em uma careta horrenda e agitou a cabeça.

— Eu não sei. Um tempo. — Sua outra mão deslizou pelas barras e agarrou seu rosto. As pontas dos dedos criaram um grosso acolhimento em sua maçã do rosto onde a acariciava. — Por que eu não consigo responder isto?

— Você está doente. — Lembrou-lhe. — Confuso. Está certo. Você está melhorando. — Deslizou sua mão pelas barras para descansar sua palma em cima de seu peito morno, firme para acariciá-lo. — Você vai ficar bem. É por isso que eu estou aqui. Eu não vou te deixar novamente, 466. Eu prometo. — Sentiu que era mais seguro usar seu número no lugar de seu nome já que era o que ele estava familiarizado em seu estado atual.

Sua mão a largou para deslizar seu braço ao redor da sua cintura e puxando-a para mais perto. Ele inalou, fechando seus olhos.

— Você está com um cheiro diferente.

— Mudei meu xampu e condicionador, mas não estou usando perfume. Minha loção corporal é nova também. — Não teve acesso a seus próprios produtos, usando os que a ONE forneceu ao invés disso. Planejou pedir a eles para permitir encomendar as marcas que ela usava.

Olhos escuros abriram para silenciosamente olha-la.

— Diga-lhes para me deixar sair.

Desejou que pudesse.

— Eu preciso sair daqui. — Sua respiração aumentou. — Odeio ser enjaulado.

— Eu sei. — Sua mão arrastou em seu peito até seu estômago perto do umbigo, depois de volta para cima, tentando confortá-lo. — Relaxe. Não fique chateado. Converse comigo. Estou bem aqui mesmo.

— Eu preciso sair desta gaiola. — Parou de acariciar sua bochecha para puxar de volta sua mão e agarrar as barras. — Me tire daqui. — Seu tom aprofundou em um grunhido. — Chame o guarda Joy. Eu não machucarei ninguém. Eu direi a eles que eu sou seu e eles terão que receber suas ordens.

Tentação era uma merda e debateu com o que aconteceria se chamasse pelo outro Espécie. Ver quem o protegia retardaria seu progresso o confundindo mais? Poderia ser o empurrão para ajudá-lo a se lembrar o que ele se tornou desde que o conheceu. O choque podia também retroceder sua recuperação. Não sabia o que fazer. Estudou mentes alteradas por drogas, mas não como elas afetavam Novas Espécies.

— Eu irei falar com as pessoas no comando.

Isso o fez franzir a testa, mas largou sua cintura, afastou-se dela e do seu toque.

— Faça isto. Tire-me daqui. — Seu olhar abaixou pelo seu corpo, hesitando em seus seios, antes dele encontrar seu olhar fixo novamente. — Eu não quero barras entre nós. Você não vai me deixar novamente. Você deu sua palavra e estou confiando em você.

— Certo. — Ela assentiu, sua mão parecendo fria depois de perder o contato de sua pele morna. Fechou-a em punho. — Farei isto agora mesmo. Só fique tranquilo. Voltarei assim que eu puder.



Ele olhou para baixo e rosnou, levantando ambos os braços.

— Correntes.

— Eu sei.

Outro grunhido rasgou dele antes de seu queixo erguer assim pôde segurar seu olhar.

— Tire-me daqui. Tire isto de mim. Leve-me para seu escritório e diga-lhes que eu conversarei com você.

— Eu irei. — Recuou, odiando deixá-lo, mas precisando conversar com os Espécies imediatamente sobre mudar suas condições de vida. Girou, caminhando depressa em direção ao elevador.

— Joy? — Parou, olhando para trás.

— Não fuja de mim novamente. Prometa.

— Prometo. Não vou te deixar desta vez. Voltarei assim que eu conseguir convencê-los em tirar você daí e remover essas correntes. Vou voltar assim que possível.

Capítulo Cinco

Justice North sentou atrás de sua mesa enquanto Tiger e Fury sentaram nas cadeiras nos lados do grande pedaço de mobília. Joy engoliu, esperando pela última pessoa chegar. Dr. Treadmont finalmente apareceu para a reunião que Joy pediu. Fechou a porta atrás dele.

— Sobre o que você deseja falar?

— Moon acredita que ele está no Setor Quatro.

Silêncio saudou aquela declaração até Dr. Treadmont fazer uma pergunta.

— Que diabo é isto?

— Havia locais distantes onde fomos instalados depois que fomos libertados da Mercile. — Fury respondeu. — Fomos escondidos da imprensa, dando tempo para nós assimilarmos a vida fora da Mercile.

— Eram motéis — Tiger adicionou. —, no meio do nada que o governo facilmente foi capaz de comprar ou ter acesso porque estavam abandonados. Enviaram equipes para limpá-los, consertar, e lá foi onde fomos alojados. Eles puseram guardas em torno da área para impedir que ninguém nos visse no caso de humanos perdidos aparecerem.



Justice falou em seguida.

— Lá foi onde Moon conheceu a Dra. Yards. Ela era sua psiquiatra. Os que estavam cuidando de nós depois de sermos libertados não apenas queriam que nos ajustássemos à vida fora de Mercile, mas queriam que aprendêssemos tecnologia moderna enquanto nos davam cuidados para a saúde mental.

— Eu era a terapeuta de Moon. — corrigiu, entretanto sabia que sempre seria uma “psiquiatra” para os Espécies. — Do que eu pude notar pela nossa conversa, ele acredita que está ainda vivendo no motel. Ele vem de um longo caminho, entretanto. Ele se lembra de mim. — *E lembra que eu o deixei.* Decidiu esconder está parte. — Teve uma conversa normal comigo. Isto é uma melhoria enorme do que ele dizer uma ou duas palavras. Acho que está se recuperando devagar. Estou esperando que mais memórias voltarão e ele não terá um buraco enorme de tempo perdido.

Harley rosnou.

— Porra.

— Isto é bom. — Justice não pareceu seguro, entretanto. — Não é?

— Acho que sim. Estou esperando que sua memória completa irá retornar. Precisamos permitir que ele chegue a isso tranquilamente. Eu não quero arriscar que grandes choques custem sua recuperação. É uma possibilidade. As correntes e a gaiola o afligem. Eu pedi esta reunião para perguntar se podíamos melhorar suas condições de vida.

— Eu precisarei avaliá-lo. — Treadmont declarou, atirando a Joy um olhar. — Nós não sabemos se ele está bem o suficiente para confiar em seu julgamento. Eu quero que o Dr. Kregkor converse com ele.

— Aquele idiota não. — Harley murmurou.

— Eu concordo. — Fury agitou a cabeça. — Ele é o último humano que você quer pôr em um quarto fechado com Moon. Eu sou completamente estável e quero bater naquele no traseiro daquele imbecil metade do tempo que lido com ele.

— Quem é Dr. Kregkor? — Joy não gostou do som do sujeito.

— Ele é um psiquiatra atribuído para nós pelo governo dos EUA. — Justice respondeu, não soando feliz com isto. — Nós o impedimos de visitar Moon. É por isso que chamamos você.

— Eu li que a ONE estava totalmente sob o controle dos Espécies. — Estava confusa. — Isto não é verdade?

— É. — Justice debruçou de volta em sua cadeira. — Foi uma concessão que eu fiz. Era mais fácil concordar que discutir. Ele não tem nenhum poder real aqui, e, embora ele tenha tido problemas com muitas das nossas pessoas do modo errado estes dias, é boa publicidade se o público sabe que temos um psiquiatra na equipe. Caso contrário eu o teria permanentemente escoltado para os portões e proibido sua entrada.

— Por que alguém se importaria? — Não entendeu.

— Faz muitos humanos se sentirem mais seguros se acreditarem que estamos todos tendo terapia. — Justice suspirou. — Nós fazemos o que podemos para minimizar sentimentos negativos dirigidos em direção aos Espécies e nossa equipe de publicidade pensou que alguém sancionado pelo governo aliviaria um pouco do medo de nós.

— Como se nós fôssemos regulados de algum modo. — Fury bufou.



— Kregkor é irritante, mas manejável. Ele tem uma cláusula de sigilo em seu contrato. — Justice olhou fixamente para Joy. — Não o quisemos perto de Moon depois de como ele lidou com Obsidian.

— Quem?

— Outro macho Espécie com problemas. — Tiger a informou. — O psiquiatra teria sugerido que nós matássemos Moon.

— Matá-lo? — Isto a chocou. A parte lógica dela rejeitou aquela avaliação do doutor. Não era nenhum segredo que os Novas Espécies não gostam e desconfiam da maior parte dos seus colegas. Nenhum terapeuta profissional jamais desconsideraria o direito a vida do cliente, ou lutaria para garanti-la. Ele era provável ser mais do que um pouco pomposo e arrogante, por isso sua aversão a ele.

— Sim. O cara é um canalha. — Harley declarou. — O que você acha que devíamos fazer Joy?

Decidiu ser sincera.

— Existem muitos fatores desconhecidos. Espécies e humanos são praticamente semelhantes, ainda assim o DNA alterado introduz muitas variáveis.

— Me ressinto disto. — Harley olhou. — Eu não sou nada como os humanos.

— Você tem genética humana também. — Lembrou a ele, sem ser muito educada. — Talvez não queira admitir isto depois do que fizeram com você, mas é verdade. Um espelho te assegurará isso. — Se levantou muito impaciente para se sentar, focando sua atenção em Justice. Ele estava no comando. — Você quer saber o que eu penso? É por isso que estamos aqui, certo?

— Sim.

— Tudo bem. Eu não estou certa do que fazer. Podíamos dizer-lhe a verdade e esperar que isto agite as lembranças. Entretanto, podia sair pela culatra e atrapalhar sua recuperação se o choque for muito grande. O Moon que eu conhecia poderia não ter lidado bem, talvez ficado com muita raiva, mas o Moon que eu vi em um vídeo não é o mesmo que ele costumava ser. Parecia melhor ajustado. Quero acreditar que ele pode processar a verdade, mas não estou certa.

— Que vídeo? — Tiger se levantou com preocupação em suas características. — Houve algo no noticiário que perdemos?

— Eu mostrei a ela um vídeo em meu celular. — Harley admitiu. — Queria que ela visse como ele era antes do ataque. Eu o filmei antes dele deixar a Reserva da última vez.

Tiger se sentou.

— Certo.

— Nós podíamos também trazê-lo de volta a realidade. — Joy abraçou sua cintura. — Este é um passo mais seguro para dar, em minha opinião.

— Como você sugere que façamos isto?

Teve tempo para pensar enquanto esperava pela reunião.

— Remova as correntes e destranque a gaiola, mas o mantenha isolado no porão.



— Olhou para Tiger. — Você tem algumas mulheres, hã, fêmeas guardas humanas trabalhando em Homeland? Eu mudaria seus guardas atuais para elas já que ele acredita que ainda está no Setor Quatro.

— Não. — Tiger agitou a cabeça.

Justice suavemente xingou.

— Jessie podia fazer isto. — Pareceu bravo.

— Quem? — Joy o olhou.

— Minha companheira. Ela trabalhou com a força tarefa humana. Ela ainda tem os uniformes. Recusa-se a jogá-los fora. Eles não são o mesmo que Moon lembrará, mas diremos que ela é uma guarda médica.

Fury rosnou.

— Você não vai convencer minha Ellie a entrar nisto.

— Slade não participará disto se você quiser colocar Trisha em um uniforme para fingir ser uma guarda. — Tiger advertiu. — Nem pense na minha Zandy. Obsidian não permitirá que Allison faça isto também. Tivemos que enviar Destiny para trabalhar na Reserva para evitar problemas quando ela começou a trabalhar no Centro Médico por meio período novamente. Obsidian não confiou no macho em não abordá-la para sexo, sabendo como Destiny se sentia em relação a sua companheira.

— Você acha que eu quero arriscar que minha companheira esteja em perigo? — Justice rosnou, parecendo qualquer coisa menos civilizado com seu lábio enrolado, exibindo caninos afiados. — Mas eu conheço minha companheira e ela quereria fazer isto. Eu sou protetor, mas não sou estúpido. Jessie não gosta de ser mimada e eu conto tudo a ela. A única razão dela não estar aqui nesta reunião é porque está tendo uma teleconferência com o irmão e sua equipe sobre seus esforços no Afeganistão.

Joy abriu a boca, mas a fechou, sem realmente querer saber do que eles estavam falando. Suas expressões estavam todas fechadas, olhares bravos voando em torno do quarto. Era boa em julgar subcorrentes. Era muito curioso o porquê da ONE ter qualquer interesse em algo acontecendo do outro lado do mundo, mas era uma daquelas coisas que deixaria passar. Sua prioridade era Moon.

— Além disso — Justice sorriu —, você acha que eu permitiria que minha companheira fizesse isto sozinha? — Olhou para Joy. — Eu vestirei calça jeans e uma camiseta e me apresentarei como 152. Ele pensará que sou apenas outro Espécie sendo mantido onde ele está. Eles sempre nos mantiveram em horários diferentes então não achará alarmante não ter me visto antes. Havia muitos Espécies e funcionários que não vi enquanto estava no deserto. Eu serei seu auxílio.

— Este é o macho que eu conheço. — Fury sorriu.

— Eu podia usar algum tempo de folga e sei que os oficiais estão entediados em proteger Moon. Jessie e eu acharemos uma maneira de nos divertir enquanto ficamos perto o suficiente para estar lá quando precisar.

Tiger riu.

— Tenha certeza que não haja nenhuma câmera ativa desta vez se você usar um dos quartos no Centro Médico. Todos nós sabemos que sua companheira te domina às vezes na cama, mas fiquei cansado de explicar para os machos que nunca foram montados por que você permitia isto.



A boca de Joy caiu aberta. Depressa a fechou. *Eu não vou perguntar.*

Harley riu e quando o olhou, ele estava olhando diretamente para ela.

— Os machos que não compartilharam sexo com humanos não entendem o conceito de ter uma fêmea em cima durante o sexo. Justice foi machucado uma vez e sua companheira decidiu, hã, levantar seu espírito. — Riu novamente e piscou. — Com a câmera em seu quarto ligada. A segurança teve um show até Tiger arrancá-la da parede.

— Eu não iria perguntar. — Entretanto, sorriu. — Embora tive uma pista com a parte do dominar na cama. Não lidei com muitas discussões sexuais, mas houve ocasiões quando isso surgiu e aconselhei Espécies. — Corou. — O assunto. Não... Inferno. — Mudou o assunto. — Como disse, acho que é melhor se nós tirarmos as correntes de Moon e permitirmos que ele vague pelo porão.

A diversão de Harley enfraqueceu enquanto continuou a olhá-la.

— Não haverá nenhuma barra para impedi-lo de te tocar. Você está preparada para isto? Está certa que está dando esta sugestão para benefício dele e não para o seu próprio?

Cada par de olhos na sala viraram em seu caminho e seu nível de vergonha se elevou assim como seu temperamento.

— Não me insulte. Minha prioridade é Moon. Eu já te disse que eu farei o que for preciso para ajudá-lo a conseguir sua vida de volta. — Sua espinha endureceu e manteve o queixo erguido, olhando para ele. — As correntes e barras o estão aborrecendo. Ele está falando e não me machucou. Fui eu que concordei em ser trancada lá embaixo com ele. Não faria isso se honestamente acreditasse que haveria uma chance dele me machucar.

— Você vai ser fodida. — Harley recusou desistir. — Ele ainda está obcecado por você se acha que está vivendo no passado. Você era tudo para ele.

Não ousou desviar o olhar dele para ver a expressão dos outros. Suas bochechas queimavam e começou a suar por ser colocada em evidência. As palavras escaparam dela enquanto achava uma maneira de responder.

— Sexo? — Dr. Treadmont pulou de pé. — É sobre isso que você está falando?

— Sente-se! — Justice se levantou de sua cadeira também.

Joy ficou boquiaberta para Justice, seu tom assustador e alto. Rosnou, ignorando-a, ao invés disso olhava para o doutor de cabelo branco.

— Eu protesto Justice. — Treadmont retrucou. — Eu não sou estúpido. Harley foi bem claro sobre a forma dela de terapia. Está é uma condição médica com que nós estamos lidando. Ele precisa de ajuda real, não uma prostituta. Nenhuma quantidade de sexo vai consertá-lo.

— Prostituta? — Girou sua cabeça em sua direção e olhou para ele.

— Se a carapuça serviu. — o homem velho retrucou. — Eu não acredito em terapeutas sexuais. É um título de fantasia para deixar a prostituição legal. Você não vai praticar seu comércio aqui, jovem.

— Ted! — Justice saiu por detrás de sua mesa e ficou entre ela e o doutor velho rabugento. — Saia do meu escritório agora e espere por mim na recepção. Você está exagerando em uma situação do qual não sabe nada. Discutiremos isto em particular.



— Sexo não é a resposta. — o doutor falou furiosamente, mas saiu em direção à porta. Fechou-a quando partiu.

Justice girou, ainda parecendo assustador com aquela expressão indomada. Estava bravo também.

— Peço desculpas.

Seu coração martelava enquanto adrenalina apressava pelo seu sistema. Nitidamente assentiu sem estar certa que qualquer coisa que saísse de sua boca naquele momento seria profissional. Havia muito tempo desde que ela foi verbalmente atacada e insultada.

— Tentaremos permitir que Moon lentamente se recupere do jeito que você sugeriu. Ele não pode deixar o porão até que nós estejamos certos que ele não é um perigo para os outros. Conversarei com minha companheira. Por enquanto, pediremos para os oficiais colocarem roupas casuais e dizer a Moon que somos mais fortes e é por isso que estamos o protegendo. Diga-lhe que ele assusta os humanos no Setor Quatro. Isto é acreditável.

— Certo.

Hesitou.

— Harley tem razão. Nenhuma barra significa que Moon tentará compartilhar sexo se ele estiver atraído por você, o que eu presumo que ele está.

— Entendo.

— Você assinou o termo então pode retornar a ele. Ligarei para o oficial e o farei dar a você as chaves de suas correntes e da porta. Você está confortável em libertá-lo? Eu irei com você agora mesmo se preferir ajuda.

— Eu posso fazer isto.

Ele a estudou.

— Tudo bem. Dobrarei os oficiais fora do Centro Médico para ter certeza que ele não tentará escapar do edifício. — Caminhou para sua mesa, ergueu o telefone, mas não discou. — Você pode ir, Joy. — Olhou em torno da sala. — O resto fica.

Ela partiu, mas ficou cara a cara com Treadmont na recepção. Ele se sentou em uma das cadeiras, agitando a cabeça em reprovação, seus lábios estavam brancos por ficarem apertados muito firmemente. Debateu em discutir com ele, mas fugiu ao invés disso, sem querer uma confrontação. O homem estava furioso e podia entender seu argumento, ainda que não concordasse com isto. Não havia nada ortodoxo sobre o que estava prestes a fazer.

Mas Moon não era um estranho. Ele era 466, o Nova Espécie por quem se apaixonou e foi embora quando ele precisou dela. Desta vez não falharia com ele, sem importar com o que qualquer outro pensasse. Isso ficou em sua cabeça, dormir com ele, o que custasse.

Um dos oficiais uniformizados do ONE esperava lá fora em um Jipe.

— Por favor, me retorne ao Centro Médico.

— Ouvi o que aconteceu. — Acenou para o veículo.

Ela atirou nele um olhar interrogatório.



— Eu estava do lado de fora do escritório de Justice até Treadmont sair. Ele não é tão ruim, só antiquado. Também está frustrado. Ele se importa com Moon, mas não consegue consertá-lo. Isso o irrita e você se tornou uma saída para isto.

— Ele é algo. — murmurou, subindo no banco do passageiro. — Eu sou Joy, a propósito.

— Flame. — Empurrou a chave na ignição e o motor começou. — Moon é um amigo meu e ele falava de você às vezes.

Curiosidade a agarrou.

— O que ele disse?

— Nós estávamos conversando sobre arrependimentos uma noite. Ele compartilhou a história de perder você. Eu compartilhei a minha de como conheci uma humana que realmente gostei, mas a deixei ir. Às vezes penso sobre Amanda e queria tê-la convidado para me visitar.

— Por que não convidou?

Flame dirigia olhando a estrada em vez de olhar em sua direção.

— Ela teria que deixar sua vida para ficar comigo. Eu a investiguei e ela teve uma vida difícil. Um macho uma vez tentou matá-la. Eles eram noivos. Ela merecia mais do que eu podia oferecer a ela.

Joy não conseguiu resistir sondar.

— Presumo que ela estava interessada em você?

— Ela pareceu estar. Até me ligou algumas vezes, mas não respondi.

— Por que ela teria que deixar sua vida?

— Não podemos viver do lado de fora da terra da ONE. É muito perigoso com os grupos de ódio e nossos inimigos. Ela ficaria presa aqui comigo e a faria ser um alvo se fosse minha companheira. Ela realmente seria considerada Nova Espécie. Companheiros são considerados como uma parte de nós.

Companheiro. Ele queria algo sério com a mulher. Flame estacionou o Jipe na frente do Centro Médico e desligou o motor.

— Aqui estamos.

Joy girou no banco para olhar para ele.

— Se gosta desta mulher tanto assim, você devia ligar para ela. Eu não a conheço ou sei da sua história, mas às vezes você conhece alguém que muda sua vida inteira. Isto foi um ditado que me veio em mente. A vida é muito curta. Arrisque Flame. O pior que poderia acontecer é ela dizer que não.

— Eu podia amá-la se passássemos um tempo juntos, mas ela podia me deixar.

— Sua voz afundou e os bonitos olhos de gato seguraram seu olhar. — Isso seria a pior coisa.

— Ou ela podia se apaixonar por você e ficar. Nunca saberá até que tente. Arrependimentos são uma merda para se viver. Eu sei. Você devia procurar esta fêmea se realmente gosta dela. É pior passar noites acordadas lembrando e torturando você mesmo com um monte de “e se” do que apenas arriscar para ver onde a relação te levará.

Ele a considerou com interesse.

— Moon?



Ela assentiu.

— Por que você largou seu trabalho então? Você podia ter vindo visitar a qualquer hora se sentisse a falta dele.

— Eu não tive nenhuma escolha, a não ser sair no momento. Acho que o medo me manteve afastada depois que Homeland abriu. Sou realmente uma covarde no fundo. Estava certa que ele me odiaria ou seguisse com sua vida, uma vez que recebesse uma. Ele não teve exatamente muitas escolhas no Sr Quatro quando se tratava de fêmeas que ele tinha acesso. Suas fêmeas eram menos receptivas e todos os guardas que havia estavam grávidas ou recentemente tinham dado a luz. Era só eu e duas outras mulheres que eram solteiras. Elas eram muito mais velhas.

— Ele nunca te esqueceu. Até procurou por você na internet.

Isso a surpreendeu.

— Ele procurou?

Flame saiu do Jipe.

— Procurou.

— Tentou entrar em contato comigo? — Não foi informada se foi.

— Não que eu saiba. Estava bravo.

— Porque o deixei?

— Ele disse que você estava indo bem sem ele. Havia fotos de você e alguns machos que ele achou.

Franziu a testa, tentando pensar no por que de quaisquer fotografias dela e de alguns caras estar na internet. Então lembrou-se da arrecadação de doações da clínica. Algumas fotos foram tiradas para o jornal.

— Aqueles homens eram colegas de trabalho.

— Ele acreditou que você os estava namorando.

— Eu não estava. — Ela ia a encontros, mas nada sério e certamente não com ninguém com que trabalhava.

Flame se aproximou do seu lado do Jipe e acenou em direção ao edifício.

— Ele espera.

— Certo. — Saiu do veículo e se aproximou do Centro Médico. Quando ela entrou um novo oficial estava de serviço. Ele usava roupas casuais.

— Aqui. — Levantou duas chaves. — A chave porta para a gaiola e para suas correntes. Deseja que eu vá com você?

— Não. Tenho medo que o aborreceria se você fosse. Posso fazer isto. — Olhou para a roupa. — Você trocou de roupa rápido. Eu acabei de sair da reunião alguns minutos atrás.

— Estava perto quando a ordem chegou. Estou no lugar do oficial já que ele não tinha um conjunto sobressalente de roupas à mão.

Agarrou as chaves em seu punho, seu medo e excitação colidindo. Não fazia nenhuma ideia do que aconteceria quando soltasse 466. Podia ir realmente muito mal rapidamente. O oficial parou no elevador e removeu um molho de chaves.

— Nós estamos mantendo isso somente com acesso de chave. Desse jeito Moon não poderá deixar o porão. Nós ativamos as câmeras lá de baixo.

— Certo. — Não gostou da ideia de ser observada.



Ele pareceu ler sua mente quando sua expressão suavizou enquanto torcia a chave para abrir as portas. — Som somente. Justice ordenou a Segurança para escurecer a imagem. — Pausou. — Só oficiais fêmeas são permitidas para escutar. Esperamos que assim te deixaria mais confortável. Grite se precisar de ajuda e eu serei imediatamente notificado. Virei para ajudá-la.

— Obrigada.

Ele entrou e seu dedo hesitou em cima do botão para fechar as portas quando ela seguiu.

— Eu te levarei lá embaixo e depois vou ficar instalado lá em cima. Levará para mim mais ou menos quarenta segundos para te alcançar se houver problemas. Não lute se ele atacar. Enrole-se em uma bola e fique muito quieta. Mesmo selvagem isso deve afastá-lo de te machucar por tempo suficiente para eu chegar lá. A ajuda só estará segundos atrás de mim. Apenas fique fora do caminho se isso acontecer. Não interfira se eu precisar lutar com ele. Você seria ferida. Posso lidar com Moon.

— Não acho que ele me atacará.

Seu olhar a varreu.

— Defina sua versão de 'ataque' para mim.

— Me machucar.

Suas sobrancelhas curvaram.

— Você conhece os riscos?

— Eu sei que ele pode ser perigoso.

As portas fecharam com eles dentro quando empurrou o botão. Ele era um grande Espécie. Gostou dele.

— Ele poderia querer sexo. Você foi advertida disto?

Suas bochechas esquentaram novamente.

— Sim.

— Você está preparada para isto? — Franziu a testa, olhando o seu corpo. — Você não é muito forte.

— Hã, qual é o seu nome?

— Darkness.

— Eu sou Joy. — Não ofereceu sua mão, esse era um costume humano e não notou se Espécies balançavam a mão. — Moon e eu temos uma história.

— Fui informado sobre isso, mas você nunca compartilhou sexo com ele.

— Não. Eu não compartilhei.

— Você já assistiu programas de animais na televisão?

— Às vezes.

Seus olhos estavam realmente escuros à medida que estreitavam.

— Acasalamento de lobo?

— Não.

— Será mais ou menos isso se ele vier para você. Espere rosno, pose, e ele vai cheirar. Quando acasalando, nós tendemos a colar no instinto. Ele será agressivo e exibirá comportamento de alfa. Abaixar seus olhos, não faça nenhum movimento súbito, e não lute. Ele seria grosseiro sem intenção.

— Você é felino. Como sabe sobre lobos?



Ele hesitou.

— Eu passei muito tempo com residentes da Reserva na Mercile.

— O que isso quer dizer?

— Nossos Espécies menos civis são mantidos lá. Aqueles que a Mercile considerou fracassos. Fui alojado com eles por um tempo antes de sermos libertados. Seus comportamentos animais obscurecem suas características humanas na maioria dos casos. Não espere puramente ações humanas.

— Acho que eu entendo.

— Você está certa que quer fazer isto? — Ele a estudou de perto. — Ninguém te culparia se você recusasse.

Decidiu ser honesta.

— Eu o amo.

Não pareceu surpreso pela sua confissão.

— Quarenta segundos. Isto é tudo que você tem que suportar se ficar com problemas.

— Eu lembrarei.

Empurrou outro botão e o elevador abaixou para o porão. Darkness ficou contra a parede a fim de ficar fora da vista de Moon.

— Tenha cuidado. — sussurrou. — Tenha certeza que você esteja confortável com seu comportamento antes de libertá-lo.

— Obrigada. — sussurrou de volta, saindo assim que as portas do elevador abriram.

Moon compassava em sua gaiola, arrastando as correntes quando se aproximava. As portas fecharam atrás dela e sabia que estavam ambos trancados dentro do porão agora. Não tinha uma chave para o elevador.

— Oi. Eu voltei.

Ele parou de caminhar e rosnou, sua cabeça girando em sua direção.

— 466?

Seus lábios separaram e suas presas apareceram enquanto rosnava. Parou mais ou menos três metros das barras.

— Converse comigo.

Ele se moveu para as barras e rosnou baixo. Olhou em seus olhos e seu coração caiu. Nenhum reconhecimento mostrou lá. Ele teve um incidente? Esqueceu-se dela?

— Converse comigo. — disse novamente, com medo por ele.

— Venha. — severamente exigiu.

— Quem eu sou?

Ele piscou, um momento de confusão apareceu em suas características. A dor apunhalou seu peito enquanto segundos passaram. Rosnou novamente, balançou as barras, e mostrou seus caninos afiados. Ele não sabia. Qualquer lucidez que teve acabou.

— 466? É Joy. — Sua mente estava trabalhando, tentando compreender o que estava acontecendo. Eles conversaram e ele estava quase normal quando ela partiu. Agora era como se o enfrentasse novamente pela primeira vez. — Você me conhece. Tente lembrar.



Ele girou para longe, compassando, arrastando as correntes. Grunhidos suaves vinham dele enquanto lutou contra a angústia. Ele não estava melhorando. Ele estava tendo momentos de lucidez, mas depois os perdia. Seu coração partiu.

Levou muito para caminhar até a cadeira e derrubar as duas chaves onde ele não as veria. De jeito nenhum podia soltá-lo agora. Precipitou-se porque queria tanto acreditar que ele estava melhorando.

— Venha. — Moon rosnou.

Olhou para ele quando se virou para enfrentar sua gaiola.

— Quem sou eu?

Ele apontou para frente dele e seu olhar abaixou para seu peito.

— Agora.

Joy se aproximou devagar, mas ficou fora de seu alcance. Abaixou de joelhos, olhando fixamente para ele.

— Quem é você?

Confusão nublou seu rosto.

Tentou controlar suas emoções furiosas. Despedaçou-se que ele perdeu o que o estava prendendo a realidade. Raiva queimou também das pessoas que fizeram isto com ela. Gostaria de pegar a pessoa que o baleou com as drogas e torcer seu pescoço com suas mãos nuas.

— Venha. — exigiu novamente, mais severo que antes.

— Eu não posso. — Teriam que começar tudo de novo toda vez que o visse? Manteve a voz baixa, soltou a cabeça, e seus olhos fecharam. Doía demais vê-lo desse jeito.

Capítulo Seis

Queria a fêmea. O cheiro dela era bom sentada tão perto dele, o torturando recusando permitir-lhe tocá-la. Seu sangue pareceu ferver dentro do seu corpo com a necessidade de pôr suas mãos nela. Sua boca. Queria prová-la. Pegá-la. Possuí-la.

Ela oprimiu seu queixo, mas sabia como ela se parecia. O rosto em forma de coração pareceu impregnado em sua mente por alguma razão. Grandes olhos azuis com manchas amarelas o assombraram.

Estava familiarizado, mas não conseguia se lembrar do por que. Ele se abaixou, cheirou-a novamente, e algo puxou as extremidades exteriores de sua mente. Continuou



olhando fixamente para ela enquanto tentava compreender por que a fêmea o cativou. Frustração o fez rosar.

Ela olhou para ele então e lágrimas brilhavam em seus olhos. O confundiu, mas também fez mais. Uma sensação profunda de culpa o encheu. De alguma maneira sabia que ele era a causa, mas não a tocou ou causou dor. Ela piscou para impedir rapidamente aquelas lágrimas de derramar.

Traços tão delicados. A boca agarrou sua atenção. Ela devia estar sorrindo. Uma imagem dela fazendo isso surgiu. O som de sua risada em seguida e uma lembrança saiu das profundidades escuras de sua mente.

— Não faça isto, 466. Você deveria ser sério.

— Eu podia ser. — disse. — Se você me der o que eu quero.

Seu humor enfraqueceu.

— O que é que você quer?

— Você.

— Não me faça acabar esta sessão. Nós estávamos indo tão bem.

Desceu um pouco em sua cadeira e abriu as coxas.

— Sente-se em meu colo e eu te direi qualquer coisa que quer saber.

Engoliu com dificuldade e seu olho abaixou para suas coxas. Estava tentada. Podia notar. Realmente a queria lá.

— Sente-se em meu colo. Eu não farei nada. Eu quero você perto.

Sentou-se no chão duro de uma gaiola, não em uma cadeira, olhando a fêmea com lágrimas em seus olhos. Tentou distinguir memória de realidade. Ela realmente estava lá, mas barras os separavam agora. Isso era real, o outro era algo do passado. Ela o observava tão atentamente quanto ele a observava. As palavras eram difíceis de formar, mas conseguiu.

— Sente-se em meu colo. — Repetiu as palavras que sabia que disse para ela uma vez. — Eu não farei nada. Eu quero você perto.

Seus olhos arregalaram.

Lutou para lembrar mais e ergueu suas mãos para ela. Correntes balançaram, o distraíndo, enquanto franzia a testa para elas. Olhou de volta para ela.

— Como nós chegamos aqui?

— Onde você acha que nós estamos?

Olhou ao redor.

— Eu não sei. Nós estávamos em... um escritório. — Isso estava certo. Sabia disto. — Seu. Eu te queria mais perto.

Ela mordeu o lábio.

— O que mais você lembra?

— Você queria fazer isto.

Ela assentiu.

— Eu queria.

— Venha para mim. — Trocou a posição no chão e bateu no topo de suas coxas.

Ela hesitou e depois ficou de pé. Rosnou em protesto quando ela virou suas costas para ele para caminhar para uma cadeira.

— Não.



Curvou-se e pegou algo, girando para enfrentá-lo novamente.

— Qual é o seu nome?

Lutou por uma resposta e veio para ele.

— Eu sou 466.

Aproximou-se devagar, algo agarrado em sua mão.

— Quem eu sou?

Estava na ponta da língua. Não viria para ele, entretanto. Disse o que pareceu certo.

— Você é minha.

Ela caminhou direito para a porta e seu olhar abaixou para a fechadura. Ela fez algo e clicou. Hesitou e depois jogou algo pela sala. Uma chave bateu no chão. Seu coração acelerou quando a porta abriu e nada estava entre eles. O desejo de correr para alcançar a fêmea era forte, mas medo se mostrava em seu rosto. Não queria assustá-la, então permaneceu muito parado.

— Sente-se em meu colo. Eu não te machucarei.

Segurou sua respiração quando ela andou na gaiola. As correntes o preveniriam de alcançá-la se ela fugisse. Não eram longas o suficiente para ir além da porta aberta. Ela deu um passo hesitante e depois outro até que seu cheiro era algo que não conseguia mais resistir. Trouxe o ar para seus pulmões, inalando-a profundamente. Ele a conhecia. Ficou confuso porque conseguia apenas lembrar-se de pedaços pequenos.

— Não te machucarei. — jurou. Falava sério em cada palavra. Não sabia seu nome ou como conheciam um ao outro, mas ela significava algo para ele.

— O que está errado comigo?

— Você está doente. — Falou suavemente enquanto se abaixava de joelhos a centímetros de distância dele. Uma de suas mãos lentamente ergueu e tocou o lado de seu rosto. Sua carícia era leve, hesitante, e temerosa. — Eu sou Joy. Tente se lembrar de me.

— Eu lembro. Eu... estou confuso.

Ela o surpreendeu quando chegou mais perto e a outra mão agarrou seu ombro. Seu olhar abaixou quando ela girou um pouco e suavemente se sentou em sua coxa. Seu peso era leve enquanto se sentava quase onde a queria. Não conseguia mais resistir quando seus braços embrulharam ao redor da cintura para posicioná-la em ambas as pernas para o traseiro descansar em cima de seu pênis. Ela ofegou, mas foi cuidadoso para não a esmagar. Era pequena, mas não iria deixá-la ir.

— Calma. — exigiu. — Sem medo de mim.

Seus traços mudaram quando relaxou em seus braços. A mão envolvendo seu ombro aliviou o aperto, mas não a removeu.

— Você consegue se lembrar do meu escritório? O que mais está acontecendo que você lembra? — Sua voz tremia.

— Você não sentava em meu colo, mas queria.

— Sim.

— Isso realmente aconteceu?

— Sim.

— É difícil pensar.



— Por que você está tendo dificuldade que focar nas coisas? Sabe?

— Eu esqueço.

Ela se debruçou mais perto e batalhou de volta um grunhido. Ele a queria e seu pênis doía, estava duro e preso dentro das calças que usava.

— O que mais você consegue se lembrar sobre aquele dia?

— Por que você resiste a mim? Você me quer também. — Sabia isto sobre ela embora não conseguia se lembrar de como sabia.

— Eu quero. — admitiu. — Eu sempre quis.

Realidade era melhor que lembrança. Joy não o estava rejeitando. Um momento de clareza o golpeou e o deixou com dúvidas de sua sanidade. Seus braços apertaram ao redor dela.

— Isto é um sonho?

— Não. Eu estou realmente aqui. Estou com você. Não consegue ver a diferença entre o que é real e o que não é?

— Nem sempre. — Não mentiria para Joy¹. O nome combina com ela, parecia certo. — Eu tenho flashes de memória, mas eles desaparecem e eu esqueço.

Uma expressão preocupada torceu suas feições. Sabia que era a emoção certa, tinha certeza disso porque no fundo, era muito familiar com esta fêmea.

— Eu tenho uma lesão na cabeça?

— Não. Você recebeu uma droga desconhecida e teve problemas psicológicos desde então.

— Quem fez isto comigo? — Raiva bateu rápido e forte que rosnou.

Ela mordeu o lábio e não respondeu.

— Não tenha medo de mim. Quem fez isto comigo?

— Mercile. — sussurrou.

Gelo percorreu suas veias enquanto procurava pelos técnicos, mas não viu ou sentiu o cheiro de ninguém além de Joy.

— Eles me recapturaram? Pegaram você também? — Seus braços apertaram enquanto a puxava para mais perto e moveu sua perna. Seu dedão do pé pegou a extremidade da porta da gaiola e chutou fechando-a. — Lutarei com eles. Nos libertarei. Não deixe minha gaiola. Eu não os deixarei entrar sem matá-los antes deles te alcançarem.

Ela largou o ombro para agarrar seu rosto com ambas as mãos, atraindo seu olhar examinador para ela.

— Escute-me. Você se lembra de ser libertado, certo?

— Sim. Estávamos no Setor Quatro.

Preocupação mostrou em seu olhar fixo e direto.

— Vou te contar a verdade absoluta, mas sei que você é forte o suficiente para aguentá-la, certo? Eu estou julgando porque eu não quero que você ataque ninguém aqui pensando que estamos em perigo. Nós não estamos.

— Nós estamos. — Talvez ela estivesse confusa também e foi drogada.

¹ Joy - alegria



— Você deixou o Setor Quatro para viver em um lugar chamado Homeland. É administrado pelo seu povo. Todo mundo aqui é como você. Eles também foram libertados da Mercile.

Suas palavras o confundiram mais.

— Eles me colocaram em uma gaiola com correntes? — Queria acreditar nela, mas não entendeu por que o povo dele faria isto.

— Você se lembra dos guardas que patrulhavam para manter os humanos longe do motel?

— Sim.

— Esse era seu trabalho aqui. Você mantinha afastados os humanos que significavam perigo para seu povo. Há paredes altas em torno da área e você estava em uma delas. Alguém que trabalhou para Mercile atirou em você com um dardo cheio de drogas. Você esqueceu quem você era e atacou outros machos. Seus amigos.

— Eu não faria isto. — Batalhou com a incerteza. Não achava que Joy mentiria para ele, queria confiar nela, mas não fazia sentido.

— Você não conseguia lembrar quem eu era, mas agora você lembra certo?

— Sim.

— Tem sido o mesmo com seus amigos. Você esqueceu quem eles são. Qual é seu nome?

— 466. — Estava certo disto.

Joy hesitou.

— Você escolheu um nome depois que deixou o Setor Quatro.

Lutou para lembrar, mas não conseguia.

— Moon. — sussurrou. — Este é seu nome agora. Isto é familiar para você? Faz você lembrar-se de algo?

Balançou sua cabeça e apertou seu abraço.

— Por que você está brincando? Meu nome é 466. Isto é um teste?

Ela acariciou suas maçãs do rosto lentamente com as pontas dos dedos. Gostou muito disto e o acalmou um pouco.

— Estou te dizendo a verdade. Eu não mentiria para você. Você era perigoso, então tiveram que te trancar dentro deste espaço e te acorrentar assim podiam fazer testes de sangue. Todos estão fazendo tudo que podem para você melhorar. Há muitos médicos, cientistas, e químicos trabalhando para achar uma maneira de reverter o que foi feito. Eles me chamaram e eu vim para te ajudar também.

— Chamaram você?

— Pelo telefone.

— Você estava em seu escritório quando isto aconteceu?

— Não. Na verdade eu estava dirigindo meu carro no momento, no caminho para casa.

— Esta Homeland é tão grande que você precisa de um carro?

— Eu não estava aqui. Eu vivo a mais ou menos uma hora de distância.

— Nós não vivemos aqui? — Suas palavras estavam o confundindo mais.

— Você vive aqui. Eu vivo em outro lugar.

Algo clicou e rosnou novamente.



— Você não veio comigo quando eu fui movido para esta Homeland?

— Não.

Raiva surgiu.

— Você viveu no Setor Quatro. Por que não vive aqui? Você é minha e eu sou seu. Você me deu para aquela outra fêmea?

— Não! — Torceu em seu colo. — Dê algumas respirações profundas. Você está ficando agitado.

— Explique.

Olhou para longe e depois de volta. Sabia o que isso significava, ela sempre seria fácil de ler. Não queria responder.

— Explique! — Exigiu mais alto.

— Eu deixei o Setor Quatro antes de você se mudar para Homeland.

Dor veio com realização. Apertou o tórax com seu punho e apertou seu coração. Sempre temeu que ela largasse seu trabalho e o abandonasse.

— Você me deixou?

Seus olhos inundaram com lágrimas.

— Deixei. Eu sinto tanto.

Largou sua cintura e se debruçou para trás, empurrando seu rosto para longe de seu toque gentil. O desejo de empurrá-la para fora do seu colo estava lá, mas não podia fazer isto.

— Eu deixei o Setor Quatro e vim para cá sem você?

— Sim. — Lágrimas deslizaram pelo seu rosto.

Resistiu o desejo de enxugá-las com seus dedos.

— Por que você está aqui agora?

— Você precisou de mim. Eu vim no minuto que ligaram. Eu nem fui para casa. Dei a volta e dirigi diretamente para Homeland.

— Você não está em perigo se deixar minha gaiola?

— Não. Você está seguro aqui. Eu prometo.

Joy escolheu abandoná-lo. Ele tinha orgulho.

— Saia, Joy. Vá. — Viu surpresa em seus olhos. — Saia do meu colo. Não me toque novamente. Eu não quero sua piedade.

— 466. — sussurrou, agarrando seu rosto novamente.

Ele reagiu rolando, colocando-a suavemente no chão de concreto, e se afastou até que pôde ficar de pé. Voltou para a parede da gaiola, observando-a, enquanto lutava com suas emoções. Dor e raiva estavam uniformemente combinados.

— Arranje outra pessoa para me dizer o que aconteceu. Eu não confio mais em você.

Joy enxugou as lágrimas enquanto olhava 466 colocar a maior distância possível entre eles. Contar-lhe tanto foi um engano. Não queria mentir para ele ou arriscá-lo tentar escapar, acreditando que estavam ambos em perigo da Mercile. Esqueceu o quão protetor ele era até que chutou a porta da gaiola fechando-a em uma tentativa de protegê-la. A chave para suas correntes estavam fora de seu alcance onde as largou, mas ele podia pegar a chave da porta se quisesse. Estava dentro do seu bolso onde a colocou depois de entrar na gaiola.



— Por favor, 466. — Não era de implorar. Culpa era algo que convivia desde o dia que fez as malas e foi embora daquele motel no deserto. — Escute-me.

— Não. — Enrolou seu lábio superior para revelar seus caninos afiados. — Saia. Eu não sou mais seu. Meu nome é realmente Moon? Eu o escolhi?

— Sim.

— Então pare de me chamar por um número. — Olhou para ela e rosnou de um jeito ameaçador. — Eu te disse que nunca pegaria um nome humano.

A parte profissional dela estava feliz em ver que ele pareceu coerente e reteve as informações que lhe deu. Tinha todo direito de estar furioso e rejeitar sua ajuda depois que traiu sua confiança. Doía que queria que ela fosse embora. Uma parte egoísta dela estava tentada em deixá-lo por algumas horas na esperança de que ele esqueceria o que disse, assim, podiam começar de novo. *Lição aprendida. Ele me odeia agora que entende um pouco do que aconteceu entre nós.*

— Moon, eu não vou deixar você. Nós precisamos entender o que está acontecendo para eu poder ajudar.

— Eu não quero você perto de mim.

Não chore novamente. Não se importou.

— Você não está frequentemente lúcido, mas está agora. Você está sentindo alguma dor física? Alguma coisa dói? Você está sofrendo uma enxaqueca? Dor de cabeça? — Não era uma médica, mas estava bem certa que quereriam saber quais os efeitos da droga. — É importante.

Ele cruzou os braços sobre seu peito, olhou para baixo para as correntes, e raiva enrugou seu nariz.

— Meu corpo está bem.

— Alguma fraqueza em alguns dos seus membros?

— Não. As faixas não são confortáveis, mas vivi com pior.

— Alguma dormência em seus dedos das mãos e dos pés?

Dobrou suas mãos.

— Não.

Estava aliviada em ouvir isto. Não era uma droga projetada com alvo em seus centros de dor para enlouquecê-lo.

— E suas emoções? Você se sente mal? Está tendo dificuldade em acompanhar nossa conversa agora? Como está sua vista? Sua audição? Algum zumbido em suas orelhas ou você pode ouvir sua própria batida do coração?

— Saia, Joy.

— Droga Moon. Por favor, me responda antes de eu partir.

— Eu me sinto normal.

E muito bravo, mas não atribuiu isso em quaisquer sintomas físicos.

— Da primeira vez que você me viu, você não sabia quem eu era. A lembrança apenas voltou para você? Foi rápido como se de repente soubesse ou foi mais lento?

Ele se debruçou para trás contra as barras e seu queixo ergueu enquanto continuava a olhá-la com aquela expressão horrenda. — Você era familiar, mas não sabia por que. Eu foquei em uma lembrança e ficou mais forte até eu saber quem você era.



— Você se lembra de estar na Mercile?

— Sim.

— Você se lembra de ser libertado?

— Sim.

— Lembra-se de Homeland agora?

Um pouco da tensão deixou seu rosto como se procurasse em sua memória.

— Não.

— Qual é a última coisa que você se lembra?

— Estando em seu escritório e querendo que você se sentasse em meu colo.

Lentamente se levantou.

— Tente focar em quando eu parti.

A raiva retornou.

— Eu não preciso. Você me disse o que aconteceu.

— Tente. Estou aqui para te ajudar. Deixe-me ajuda-lo.

— Traga meu novo terapeuta.

— Não há nenhum. — Lembrou-se do que falaram sobre Dr. Kregkor e estremeceu. De jeito nenhum ia querer alguém que os Novas Espécies falaram daquele jeito perto de Moon.

— Você não quer sair desta gaiola? Destas correntes?

— Você sabe que sim.

— Converse comigo então. Responda minhas perguntas e vamos desvendar isto. Por favor.

Ele fechou os olhos e sua expressão clareou. Perguntou-se se ele planejava ignorá-la ou se estava tentando fazer o que pediu. Alguns avisos poderiam ajudar.

— Um dia eu estava lá e no dia seguinte você provavelmente foi informado que fui embora. Eu saí tarde da noite depois da checagem da cama.

Seus olhos abriram e um grunhido estourou.

— Eu fui para seu escritório, mas a guarda disse que você não estava lá. Pensei que você estava correndo tarde, mas ela disse que você não trabalhava mais lá. Acreditei que você foi demitida, mas a humana disse que você pediu demissão.

— Isto é bom. — Isto mostrou que ele podia se fixar em um ponto no tempo e forçar as memórias aparecerem.

— Não há nada de bom nisto. — Seus braços descruzaram e suas mãos fecharam em seus lados. — Você nem disse adeus.

— Eu quis dizer que é encorajador que você consegue lembrar e se focar em um ponto no tempo.

— Você me deve por partir sem falar comigo primeiro. — Afastou-se da parede, dando um passo mais para perto. — Como pôde fazer isto?

— Eu não tive nenhuma escolha.

— Eles mentiram para mim? Você foi removida à força?

— Não. — Era tentador mentir para desativar sua raiva, mas não iria se rebaixar tão baixo. — A atração entre nós estava ficando mais forte e eu sabia que não podia resistir a você mais. É por isso que tive que partir.

Deu outro passo mais perto e pausou.



— Você teve vergonha por me querer? Um mestiço animal?

— Não! — Uma pessoa esperta continuaria esta discussão do outro lado das barras, mas Joy ignorou aquele raciocínio. Moon podia ser assustador, intimidador. Poderia rosnar e mostrar aqueles dentes perigosos, mas apostou sua vida — de fato — que não a prejudicaria. — Claro que não. Eu expliquei isto uma dúzia de vezes. Eu era sua médica e não era certo se nós tivéssemos uma relação física.

— Você disse que estaria se aproveitando de mim. — Deu outro passo largo e pausou centímetros dela, fazendo seu inclinar sua cabeça para trás para manter contato visual. — Eu pareço fraco?

— Não. Era a seu estado emocional que eu estava me referindo. Você se lembra disto?

Ele se moveu rápido e estremeceu sem querer quando uma de suas mãos grandes de repente agarrou sua mandíbula, segurando sua cabeça parada. Instintivamente agarrou seu braço, evitando a corrente em seu pulso. Não lutou ou tentou se libertar. Seu domínio não era doloroso, mas era firme.

— Eles descobririam mesmo que eu estivesse disposta a largar minha ética de lado. Eu teria sido demitida e imediatamente removida. Eles provavelmente me processariam criminalmente só para proteger o local.

— Moon. — murmurou, curvando-se um pouco até seus rostos estivessem mais próximos. — Você não me conheceu com esse nome, não é? Eu consigo ouvir isto quando você fala. Você facilmente diz 466, mas hesita antes de dizer Moon. Você nunca me viu depois que eu deixei o Setor Quatro. Escolhi este nome recentemente?

— Eu não sei exatamente quando você escolheu.

— Quanto tempo tem desde que você me deixou?

— Eu prefiro não responder. Acho que você teve choques suficientes por um dia. — E ele apertava bem seu rosto. Não era totalmente estúpida, apesar de algumas de suas escolhas fossem questionáveis quando se tratava dele.

— Semanas?

Permaneceu muda.

Seus olhos estreitaram.

— Meses?

— Moon, eu realmente...

— Um ano? — Falou por cima dela, quase nariz com nariz com ela, olhando fixamente em seus olhos. Ele rosnou. — Mais de um ano. Eu posso ler você. — Ele a largou, se afastou tão rápido que quase tropeçou em uma das correntes, mas endireitou-se antes de cair. Um grunhido rasgou dele e girou, enfrentando-a. — Saia!

Joy odiou quando lágrimas encheram seus olhos novamente. Não era propensa a elas a menos que envolvesse Moon.

— Tudo bem. — Recuou. — Eu irei embora.

Ele de repente se jogou para frente e medo sacudiu por ela quando mãos fortes agarraram sua cintura. Seus pés deixaram o chão e suas costas bateram nas barras. Não machucou, mas era forte o suficiente para tirar a respiração de seus pulmões. Moon a prendeu com seu corpo assim eles ficavam em nível do rosto. Seu peito e coxas estavam enganchados contra as dela para mantê-la exatamente onde queria.



— Por quê?

— Eu tive que fazer isto... antes de nós acabarmos fazendo sexo. Eles não teriam permitido que ficássemos juntos. Eu fiz isto por você mais do que por mim mesma. Eu juro. Tive medo que você atacaria alguém por vingança e acabaria sendo machucado. Esta era a última coisa eu queria.

Ele se debruçou até que sua respiração quente abanou seus lábios.

— Não. Por que você está aqui agora? Eu quero a verdade. Não afaste o olhar de mim.

— Você estava em apuros e eu pensei que precisava de mim.

— Eu precisei de você antes.

Era tortura estar muito perto dele. Cada respiração que ele dava a deixava ciente que não estava vestindo uma camisa e seu calor corporal atravessava o material fino que vestia. Suas mãos tremiam quando as ergueu e agarrou o topo de seus ombros. Firme, músculos grossos juntos em maço debaixo das pontas dos dedos.

— Nem um dia se passou — admitiu — sem que eu não tenha lamentado partir. Pensei em você o tempo todo. Desejei que as coisas pudessem ter sido diferentes. Eu vim assim que Homeland ligou. Queira te ver novamente.

Suavemente rosnou, seu peito vibrou contra o dela.

— Você disse que aqui não é o Setor Quatro. Meu povo protege este lugar e fazem as regras? Isto é correto?

— Sim.

Olhou para longe, seu olhar varrendo o porão.

— Onde eles estão?

— Lá em cima. Vê-los te chateia mais.

— Nós estamos sozinhos aqui?

— Sim.

— Meu povo aqui me conhece?

— Sim. Todo mundo em Homeland realmente se importa com você. Seu melhor amigo especialmente.

Confusão nublou suas características.

— Você quer saber seu nome? — Perguntou-se se ouvir o nome de Harley o ajudaria lembrar.

— Meu povo te chamou para me ajudar?

— Sim.

— Bom o suficiente.

Não sabia o que isso significou e abriu sua boca para perguntar, mas ofegou quando ao invés disso ele apertou mais contra ela, quase a esmagando contra as barras, e suas mãos deslizaram mais alto até que seus dedos descansaram debaixo de seus seios. Seus dedos apertaram suas costelas.

— Então eles sabem o que eu farei com você.

Ele girou sem aviso prévio, arrancando-a para longe das barras, e moveu-se rápido. Joy estava muito atordoada para reagir até que a girou em seu abraço e a lançou. Sentiu terror quando caiu, mas não bateu no chão imperdoável. Ao invés disso



um colchão suave pegou seu peso quando caiu sobre o estômago. A cama afundou para a direita enquanto sugava o ar. Correntes faziam barulho.

Examinou pelo ombro, seu coração acelerou, e ficou chocado enquanto via Moon escancarar suas coxas. Uma mão abriu no meio de suas costas para mantê-la no lugar enquanto a outra agarrou o cós de sua saia. O zíper era alto quando o arrancou.

— O que você está fazendo?

Ar tocou em sua espinha e depois dedos deslizaram contra sua roupa íntima. Arrancou com força, erguendo seu peso ao mesmo tempo, e sua saia foi puxada dos seus quadris para suas coxas onde o material se agrupou. Tentou girar, mas não conseguia quando seus joelhos a prenderam no lugar.

Moon largou sua saia e se abaixou por cima dela. Sua mão apoiou no colchão próximo a seus ombros quando se debruçou até que seus rostos estavam juntos para equilibrar seu peso.

— Estou tentando evitar rasgar as roupas do seu corpo, mas estão saindo. Você pode ajudar rolando ou eu as cortarei em tiras.

Todas as advertências que recebeu apareceram em sua mente quando suas palavras foram absorvidas, mas não tinha medo dele. Estava pronta para isto. Ela até queria. Ela queria isto por tempo demais.

A mão em suas costas deslizou até agarrar uma banda de sua bunda, dando-lhe um bom aperto. A sensação dos seus calos era muito notável com tanta pele revelada pela sua calcinha com corte de biquíni.

— Seu traseiro é meu agora, doçura. Qualquer um que me conhece sabe o quanto te quero. — Estudou seus olhos enquanto sua mão massageava seu traseiro onde o agarrou. — E te mandaram para mim. — Ele abaixou seu olhar para sua boca, fixando nela. — Diga isto.

Teve que engolir para achar a voz.

— O que você quer que eu diga? — Sua pulsação acelerou enquanto relaxava seus músculos tensos debaixo dele.

Suas sobrancelhas curvaram quando encontrou seu olhar fixo novamente.

— Você não tem desculpas? Nenhuma palavra de rejeição?

Muito lentamente apoiou seus braços e começou a virar. Foi difícil com seu corpo a restringindo, mas o aperto em seu traseiro aliviou e Moon permitiu. Rolou de costas, sem quebrar contato visual. Estendeu as mãos tremendo, e agarrou seu rosto.

Surpresa mostrou quando seus olhos arregalaram enquanto suavemente puxava-o para mais perto. Ergueu seu queixo lentamente e lambeu seus lábios.

— Beije-me.

Ele sugou ar e outro grunhido suave saiu dele.

— Eu vou fazer tudo para você.



Capítulo Sete

Excitação e um pouco de nervosismo percorria Joy enquanto fechava seus olhos e a boca de Moon lentamente esfregava na dela. Ele foi surpreendentemente delicado. Era mais um provocação do que um beijo quando se afastou. Espiou-o para achá-lo pairando por cima dela. A intensidade escura de seu olhar a fez parecer quente por toda parte.

— Tire suas roupas. Toda. — Moon ergueu-se e cuidadosamente ficou de pé. — Agora.

Levou um segundo para fazer sua mente funcionar. Sentou-se e agarrou a parte inferior de sua camisa, mas hesitou. Fantasizou sobre este momento por tanto tempo. Suas mãos tremeram quando a puxou para cima. Suas bochechas esquentaram, sabendo que a olhava, e esperou que ele não ficasse desapontado quando conseguisse o que queria. Outras perguntas sem resposta a atormentavam. Ele estava acostumado com fêmeas Espécies. Seus corpos eram firmes e fortes. O seu não era. Ele já dormiu com uma humana? Queria perguntar, mas sabia que provavelmente não podia dar a ela uma resposta.

Outra parte dela sofria culpa. Seu treinamento gritava o quão errado era prosseguir quando sua acuidade mental estava obviamente muito comprometida. E se ele tiver uma namorada que não consegue lembrar? Ele a odiaria mais tarde? Sentiria que ela aproveitou-se dele? *Fale agora*, exigiu com sua consciência não permitindo qualquer outra coisa.

— Moon?

— Tire suas roupas. — Sua voz aprofundou quase inumana.

— Está faltando grandes pedaços de sua memória. Pode existir alguém especial em sua vida que você pode ter sentimentos por ela. Ninguém mencionou que você tinha uma namorada, mas isso não significa que você não está pelo menos interessado em alguém. Eu sei tão pouco sobre suas circunstâncias atuais, mas você nunca iria por boa vontade enganar uma mulher. Isto poderia dar errado.

Ele avançou e agarrou a camisa que ela removeu, mas ainda se agachou na frente dela. Tirou-a do seu domínio e a jogou no chão.

— Você me odiaria depois se fizéssemos isto e você tiver outra pessoa.

— Sem desculpas. — rosnou.

Deu-lhe uma pausa enquanto o considerava com alarme.

Lentamente abaixou.



— Se existe uma fêmea, ela não está aqui. Você está.

Ai. Qualquer um com seios faria isto com ele agora mesmo?

Ele pareceu saber onde seus pensamentos foram. Isso não devia tê-la surpreendido. O homem que conhecia tinha sido profundamente esclarecedor.

— Estou certo que não existe nenhuma fêmea que eu queira mais que você, Joy. Se estivesse namorando, eu saberia.

— Você não pode saber disto com certeza.

Ele se debruçou para frente, agarrou a extremidade da cama com ambas as mãos, e assentiu.

— Eu não tenho nenhuma dúvida.

Ele era completamente sincero. Era quase vergonhoso como o quão perto da superfície ele deixava suas emoções. Orgulhava-se de si mesma em se manter firme com eles, mas depois Moon apareceu, despedaçando-a bem na fundação de sua alma até que teve que sair de sua vida para evitar o desastre para os dois. Sofreu remorso e tristeza.

— Certo. — Esticou a mão para trás e desenganchou seu sutiã.

Seu olhar abaixou para assisti-la removê-lo. Soltou-o ao lado da cama antes de deitar-se de costas e ergueu seus quadris. Seus dedos polegares engancharam na faixa de sua calcinha e empurrou, alargando seus dedos para pegar sua saia amontoadas, descendo ambas pelas suas pernas. Ambas as vestimentas caíram no chão quando as chutou para longe. Estava totalmente nua. Moon viu cada centímetro de seu corpo com um olhar metódico.

Suas emoções estavam fechadas enquanto olhava seu rosto, procurando por insinuações do que ele estava pensando ou sentindo enquanto abaixava suas pernas. Não tinha nenhuma ideia do que fazer com suas mãos então as descansou abertas no colchão, próximo a seus quadris.

Moon se levantou e agarrou sua calça de moletom. Seu pênis apertava firmemente contra o material de algodão, esticando a frente. Ele teve que passar o cócs por cima de sua excitação e ficou ereto quando o libertou. Curvou-se, escondendo aquela visão dela, e suavemente xingou.

— As malditas correntes. — O material rasgou quanto tirou sua calça para livrar-se delas, mas as correntes o preveniam de ficar nu.

Joy ofegou quando ele se endireitou novamente e moveu-se para a parte inferior da cama. Colocou um joelho na borda, inclinou-se para frente, e suas mãos apoiaram seu corpo. Seu olhar percorreu suas pernas até seu rosto.

— Se abra para mim doçura.

— Você não quer me beijar primeiro?

— Eu vou. — Seu olhar caiu para seu monte raspado. — Abra.

Oh merda. Ficou ansiosa.

— Talvez nós devêssemos ir um pouco mais devagar? Hã, faz um tempo, hã, eu estou um pouco enferrujada. Talvez devêssemos nos beijar primeiro e trabalhar até isso, ou até embaixo? Sim. Teria lá embaixo, não teria?

Moon segurou seu olhar e sorriu. Era devastador.

— Você não é virgem. Eu me lembro disto.



Ela também. Ele ficou furioso quando explicou que ela teve ex-namorados com quem teve intimidade. Ele pareceu tão ingênuo, pensando que amor duradouro e sexo sempre estiveram de mãos dadas com humanos. Isso a fez se interessar mais por ele.

Rastejou alguns centímetros mais para cima e uma de suas correntes prendeu. O sorriso morreu quando ergueu uma mão e puxou, fazendo-a frisar ao longo da parte inferior.

— Espere! — Levou suas pernas para cima entre seus braços e rolou para o lado, escapando da cama para se levantar.

Moon rosnou.

— Volte aqui.

— Dê-me um segundo. — Correu para a porta de gaiola. O metal prolongando o chão era a única advertência que teve antes dele bater mais perto quando sua mão achatou contra isto.

— Não. Você não vai embora.

Ela girou, olhando fixamente para ele.

— Eu vou pegar a chave de suas correntes. Você quer se livrar delas, não é?

Indecisão apareceu em seu rosto.

— Estarei de volta daqui a pouco. Eu joguei a chave quando destranquei a porta assim você não a tiraria de mim. Eu posso removê-las.

Ele curvou-se até que seus rostos estivessem próximos, estudando-a.

— Você podia estar mentindo.

Estendeu a mão e acariciou seu peito.

— Confie em mim Moon. Eu te quero. Vou pegar a chave e já volto.

Surpreendeu-a quando ele ficou de joelhos, mantendo-a presa entre suas mãos, que agarraram a porta atrás dela. Largou as barras para encurralar suas costelas e abaixou sua cabeça. A sensação de sua boca quente, molhada em seu seio direito quase fez seus joelhos desmoronarem debaixo dela.

Seus dedos arrastaram para cima em seu cabelo enquanto ele chupava seu mamilo. Não havia nada gentil ou carinhoso em sua boca agora. Puxões fortes a fizeram tremer toda, enviando choques de prazer diretamente para seu clitóris e aquecia sua barriga até que sentiu como se acendesse em chamas.

— Sim.

Ele largou seu peito para ir para o outro mamilo, dando-o a mesma atenção agressiva. Os grunhidos rasgaram dele e as mãos que agarravam apertou. Joy agarrou-se para ficar na vertical. Temeu derreter em uma poça de necessidade no chão.

Moon de repente a largou e ergueu sua cabeça para olhar fixamente em seus olhos. Ele cheirou e um estrondo fundo veio de seus lábios separados.

— Você me quer. Eu posso quase sentir o gosto do seu desejo.

Era impossível falar. Ela assentiu ao invés disso.

O aperto aliviou até ele recuar de joelhos. Teve que deixa-lo ir, algo que não queria fazer, mas não teve nenhuma escolha.

— Pegue a chave. Se você estiver mentindo para mim... — A ameaça pendurou no ar.



Ela assentiu silenciosamente e virou-se para abrir a porta, mas percebeu que seu corpo a bloqueou quando bateu seu traseiro à medida que puxava. Joy andou ao lado, para abri-la o suficiente para caber, e ficou de costas para ele enquanto freneticamente procurava pela chave que jogou.

Prata refletiu no chão do porão debaixo das luzes da despesa escura. Teve controle para não correr para recuperá-la, ao invés disso calmamente deu cada passo. Outro grunhido rasgou de Moon quando se curvou e levantou a chave do chão. Virou-se para descobrir que ele escancarou a porta da gaiola e a bloqueou com seu corpo impressionante.

— Venha para mim. — severamente exigiu.

Seu pênis torceu aparentando incrivelmente duro, e colocou um pé na frente do outro até que ela ficou diante dele. Eles quase se tocaram. Moon pegou a chave de sua mão, mantendo contato visual enquanto livrou ambos os pulsos. As amarras e as correntes caíram no chão com um barulho alto. Depois se curvou e destrancou ambas as correntes de tornozelo.

Joy não esperava que ele a agarrasse, mas agarrou. Um braço enganchou ao redor da sua cintura e foi erguida contra seu corpo. Passos largos os levaram para a cama. Ele a colocou lá e a surpreendeu novamente quando se virou de costas. Olhava enquanto ele atravessava a gaiola, fechou a porta, e depois agarrou uma das correntes que estava presa a um canto dianteiro da gaiola.

— O que você está fazendo?

Ele não deu um olhar sequer à ela enquanto enrolava a corrente em volta das barras múltiplas vezes bloqueado-a, trancando a porta. Pegou a outra corrente do canto da frente e a enrolou pelo menos cinco vezes nela e a bloqueou também. As correntes teriam que ser cortadas em vários lugares para invadir o espaço pequeno. Ele a enfrentou depois.

— Por que você fez isto?

— Ninguém vai entrar aqui para me parar. Pelo menos, levará algum tempo para me alcançarem.

— Ninguém interferirá.

— Eu não vou correr nenhum risco, doçura.

Este era o homem que conhecia, o que se apaixonou. Ele se aproximou com a graça de um predador e não era boba o suficiente para não ver o lembrete que ele não era completamente humano.

— Abra-se para mim. — exigiu asperamente. — Agora. Eu não esperarei mais. Eu não posso. Estou prestes a perder o controle.

Parte dela estava tentada em ver o que aconteceria se ele perdesse o controle. Fantasiou incontáveis vezes com ele fazendo amor com ela sem restrição. Seria selvagem, seus instintos de Espécies mal controlados, completamente diferentemente de qualquer outro que já conheceu intimamente. Era parte de sua atração sexual. Outra parte dela lembrou que enquanto ele parecia cem por cento lúcido, ele podia recair novamente. Não iria pressionar sua sorte. Eles estavam juntos aqui e agora.

Joy abriu suas pernas e curvou seus joelhos, colocando seus calcanhares na borda do colchão. Moon chegou mais perto, pausou pela borda da cama, e sua atenção



bloqueou em seu sexo. Ela engoliu com força, o coração acelerou, e uma vez mais estava perdida com o que fazer com suas mãos.

Os nervos também estavam a aterrorizando. Não fazia sexo em quase três anos. A princípio estava se recuperado da traição de um namorado. Depois conheceu 466. Seu trabalho a manteve no local do deserto e uma vez que foi embora, os poucos encontros que teve só ampliou o quanto os outros homens faltavam. Ninguém podia se comparar ao homem dos seus sonhos. *Macho dos meus sonhos*, corrigiu, lembrando de que ele odiava ser chamado de “homem”.

Ele esteve lá a olhando enquanto fazia o mesmo. Seus olhos pareciam pretos em vez de marrom escuros. Seus traços pareceram ficar mais severos e se preocupou que ele poderia não estar gostando do que via, apesar de seu pênis ainda estar grande e duro em sua visão.

— Moon? — A incerteza em sua voz era aparente.

Uma respiração irregular e ele aliviou um joelho da borda da cama, suas mãos apoiando seu peso à medida que descia, e seus ombros manobraram entre seus joelhos para empurrá-los mais separadamente. Ele não lhe deu nenhuma outra advertência antes de soltar seus cotovelos e agarrar suas coxas internas. Seu cabelo sedoso fez cócegas em sua pele antes do sentir sua respiração quente abanar a costura de seu sexo.

O grunhido foi sexy e profundo, um pouco assustador devido ao quão desumano soou, entretanto tinha outras coisas para se concentrar. Ele prendeu seus quadris para baixo apertado, e seus dedos polegares a abriram mais para sua boca quando a língua dava uma lambida longa em seu clitóris.

Joy finalmente soube o que fazer com suas mãos quando procuraram algo para arranhar, enquanto explosões de prazer percorriam seu corpo. Ela cavou as unhas na cama, firmemente apertando. A boca de Moon acariciava, e a língua forte e tão talentosa dele lambia com uma determinação que a deixou ofegante e incapaz de formar pensamentos coerentes.

O gosto de Joy quase o fez perder o controle. Seu pênis doía e dor crua pulsava pelo seu sistema inteiro pela necessidade de estar dentro dela, mas lutou para resistir. Queria que ela gozasse primeiro. Ajudaria-o a entrar se ela estivesse realmente molhada e preparada. Seus quadris contraíram contra seu domínio. Ela torceu seu corpo de um modo frenético e desesperado que o assegurou de que estava perto o suficiente de gozar e não conseguia ficar parada.

Ela era tão responsiva que quase o fez perder o controle do seu lado humano e permitir que seus instintos animais governassem. Ele a prendeu mais apertado e esfregou sua língua rapidamente contra o botão inchado até gritar seu nome. A sensação de suas coxas suaves o seduziu a explorar cada centímetro dela, mas teria que fazer isto mais tarde. A necessidade de estar dentro dela predominava tudo. Seu corpo contorcia, tremia, e continuou indo até que o cheiro da sua liberação foi o ultimo empurrão para impulsionar sua determinação.

Retirou sua boca do paraíso e se levantou, rastejando mais para cima de Joy. Seus olhos estavam fechados, a cabeça jogada para trás, e a boca aberta. Seu rosto



estava corado e rosado — a coisa mais bonita e sensual que já viu. Finalmente, ela era dele.

Queria ferozmente entrar, pegá-la, *possuí-la*. Até procurou pelo lugar perfeito para morder onde não faria muito dano assim seria exibido para todos os outros machos quando ela vestisse sua roupa. O inchaço dos seus seios deteve sua procura. Ela gostava de vestir blusas que revelavam um pouco do decote. Uma mordida próxima ao topo seria perfeita para estacar sua reivindicação.

Uma de suas mãos largou a cama e cegamente esticou, abrindo-a em seu peito. Olhou para baixo e era uma lembrança que ela era delicada. Seus dedos eram finos, sua palma pequena, e sua pele muito mais pálida que a dele. A urgência de seu desejo de foder Joy ligeiramente enfraqueceu. *Calma, droga*, ordenou aos instintos empurrando para sair.

Ele apoiou um braço próximo do seu rosto e esticou a mão entre eles para agarrar seu joelho, empurrando-o mais para cima contra seu quadril. Não precisou guiar seu pênis até ela. Ele tinha uma mente própria naquele momento, todo focado na umidade lisa em que se localizava. Ajustou-se ligeiramente e mordeu de volta um grunhido quando pressionou contra ela.

Devagar. Não a machuque, silenciosamente cantou.

Bonitos olhos azuis abriram e esqueceu de como respirar por um segundo, congelado em cima de Joy, enquanto o olhava em satisfação com metade da pálpebra levantada. *Minha fêmea*. As lembranças rapidamente lampejaram em sua mente de todas as vezes que compartilharam, todas as maneiras que queria a fêmea, e agora a espera estava terminada. Suavemente empurrou, seu corpo receptivo, mas aquecido e lustroso em que afundava.

O grunhido não seria negado quando entrou mais fundo, sua vagina o agarrando tão firmemente que temeu que machucasse ambos. Seus olhos arregalaram, mas nenhuma dor mudou suas feições. A mão em seu peito não o arranhou, mas ao invés disso cavou em músculo, agarrando-se a ele. Sua outra mão agarrou seus bíceps, esperando como se sua vida dependesse disto. Os lábios se separaram quando gemeu.

Seus quadris moveram, contorceram debaixo dele, e músculos prenderam ao redor de seu eixo. A sensação era tão boa que queria uivar, mas ao invés disso focou em sua fêmea. *Para dentro. Para fora. Devagar. Deixe-a se ajustar*. Repetiu aquelas palavras para impedir de ir muito rápido e com força. Puro êxtase ameaçou afogar suas boas intenções. Sempre soube que seria bom com Joy, mas isto estava além de qualquer coisa que já experimentou. Ela era o céu, o inferno, e tudo intoxicante — uma droga para seus sentidos e tudo o que já sonhou embrulhado em uma fêmea pequena.

— Você é minha. — murmurou, sabendo que não duraria muito. Sua semente ameaçava derramar, sua excitação tão grande enquanto suas bolas apertavam.

Largou seu joelho, colocou sua mão entre eles e apertou o dedo polegar em seu clitóris furiosamente para esfregar. Sabia que ela estaria sensível por causa de sua boca e imediatamente reagiu, e unhas cavaram em sua pele, marcando-o. Abaixou sua boca para seu pescoço. Joy afastou o rosto para dar-lhe acesso e suavemente a mordeu. Ela tremeu debaixo dele e gritou seu nome. Seus músculos prendendo o pênis apertaram mais e o molhou quando começaram a tremer.



Afastou a boca de sua garganta delicada enquanto uma névoa quente e branca de êxtase rasgava pelo seu corpo. A base de seu pênis inchou quando encheu Joy com seu sêmen, jatos surgindo tão forte que doía. Doía de tão bom.

Ela valeu a pena à espera. Sabia que seria incrível, mas nunca acreditou que qualquer coisa pareceria tão certa até que finalmente ficou com Joy. Uma coisa era clara acima de tudo enquanto seu corpo cavalgava pelo puro êxtase de finalmente saber o gosto e a sensação de sua fêmea. Nunca permitiria que o afastasse novamente.

Ela é minha! Foi seu último pensamento consciente antes de tudo ficar preto.

Joy tentou recuperar o fôlego, mas era quase impossível com o corpo pesado de Moon a prendendo na cama onde ele desmoronou.

— Moon?

Ele não respondeu. Suas mãos correram pelos seus braços e ombros, lutando para movê-lo o suficiente para ver seu rosto. Seus olhos estavam fechados, sua expressão vaga.

— 466?

Não se moveu ou despertou. A preocupação bateu com força e rápido. Ele estava em boa condição física então não era lógico que desmaiasse de esgotamento causado pelo sexo. Claro, podia ser os efeitos da droga. Provavelmente o desgastou com todo o compassar e o rosnar. Ele lutou com suas correntes também.

Relaxou, incapaz de fazer qualquer outra coisa e o empurrou o suficiente para permitir respirar normalmente. De jeito nenhum conseguiria movê-lo para fora dela sem rolá-lo para o chão, algo que não estava disposta a fazer. Ele podia se machucar. Seus corpos estavam ainda intimamente juntos e percebeu que ele provavelmente estava trancado dentro dela. A sensação do quão grande e aquecido seu pênis era responderia isto.

Joy sabia tudo sobre as diferenças físicas dos Espécies. Não só a maior parte deles têm caninos afiados e calos grossos na pele na ponta dos dedos e palmas, como também que Espécies caninos ficavam trancados dentro da fêmea depois da ejaculação. O Espécie felino não ficava trancado, mas seu sêmen era mais morno que o normal. O Espécie primata tendia a ser realmente sentimental.

Percorreu os ombros, os braços de Moon e qualquer lugar que conseguia tocá-lo. Passou incontáveis noites fantasiando em estar na posição exata que se encontrava. Claro, naquelas fantasias ele estava acordado e a beijando.

Eles finalmente fizeram sexo e foi muito bom. Foi dez vezes melhor que qualquer coisa que esperava. Um calafrio, do tipo bom, desceu sua espinha. Seu amante Espécie não só sabia como fazer um sexo oral surpreendente, com também não se movia como um homem normal enquanto fazia amor. Ele afundou seus quadris contra o dela, cada impulsionada de seu pênis procurando e achando o lugar certo para bater. Só de pensar nisso excitou-a novamente, desejou que pudessem fazer outra rodada.

Estava até mais apaixonada por ele agora. Era uma percepção decepcionante. 466 — Moon — seria um perigo para o coração de qualquer um. Qualquer mulher de sangue vermelho ficaria atraída pela sua personalidade extraordinária e seu domínio físico. Ela não era nenhuma exceção.



O que acontece quando ele conseguir todas as suas memórias de volta? Preocupou-se sobre isso enquanto continuava a acariciá-lo e explorar seu corpo onde quer que pudesse alcançar. Havia uma chance dele não mais sentir um sentimento forte por ela. As pessoas podiam mudar muito em dois anos, o vídeo que Harley mostrou era uma prova disto. O macho que conheceu não teria brincado em praticar esportes com mulheres.

Ainda a aborrecia que ele pudesse ter encontrado outra pessoa. Harley teria mencionado uma namorada ou uma mulher se Moon estivesse saindo com alguém, mas isso não significava que ele não tivesse perdido seu coração em certo ponto. Sabia que eventos que alteraram a vida podem ativar as pessoas para fazer ações em suas vidas. E se ele se recuperar e decidir procurar quem perdeu? E se ele não a quiser? Ficaria despedaçada em perdê-lo novamente.

Joy fechou os olhos e agarrou-se em Moon. *Um dia de cada vez, um passo de cada vez.* Era o conselho que dava a seus incontáveis clientes quando enfrentaram problemas e incertezas em suas vidas privadas. A primeira prioridade era melhorar Moon. Se preocuparia sobre o futuro mais tarde.

Capítulo Oito

Algo está diferente. Foi sua primeira impressão quando ficou consciente. O cheiro de uma excitação feminina encheu seus pulmões à medida que inalava. Seus outros sentidos acordaram depois. A carne morna estava presa embaixo dele. Os seios macios estavam achatados contra seu peito e as coxas da fêmea estavam separadamente espalhadas debaixo dele, o peso leve de suas pernas presas em cima da parte de trás dele.

Abriu os olhos para a visão de cachos castanhos estendidos sobre o travesseiro e a coluna pálida de sua garganta apenas centímetros de distância de sua boca. Seu olhar seguiu a curva de seu queixo para seu rosto delicado. Ela pareceu familiar, mas não conseguiu entender os instintos protetores que surgiram muito fortemente dentro dele enquanto estudava a fêmea enquanto ela dormia.

Seu pênis estava duro e enterrado dentro dela. Tentou lembrar como a fêmea entrou em sua gaiola, mas nada veio à tona. *Droga da procriação.* Levou segundos para



associar o pensamento com o significado. Uma lembrança nebulosa de ser baleado com um dardo e uma dor intensa surgiu dentro de sua cabeça. A droga já foi usada nele antes, mas os detalhes de quantas vezes e as circunstâncias exatas estavam fora de alcançar. Sabia que era uma arma usada contra ele para forçá-lo a montar fêmeas.

Humana. Inclinou sua cabeça o suficiente para olhar para a fêmea dormindo em seu tapete. Para ser exato. Raiva o envolveu e as batidas do seu coração aceleraram. *Inimigo.* Mais imagens e lembranças parciais vieram à tona — humilhação, abuso e comportamento sádico desencadearam nele pelas suas colegas.

Ergueu sua mão, com cuidado para não fazer nenhum movimento súbito que a alertaria de sua intenção. A metade mais baixa dele pulsou, mais que ciente do quão molhada ela estava e do quão firme ela enlucou seu eixo. O desejo de tomar seu prazer dela quase anulou seu desejo de buscar vingança. Pareceria bom em guiar seu corpo para dentro e para fora dela. *Impotente. Ela é muito pequena e fraca para lutar comigo.* Isso o fez parar. Ele não era cruel.

Mostraria piedade. Ficou enfurecido que foi usado para mais testes. Obviamente quiseram procriá-lo com uma humana. Seu olhar parou em seus ombros, garganta, e em seus braços, que estavam curvados para cima, descansando próximo ao travesseiro. Nenhuma contusão ou mordida marcava sua pele pálida. Ele não a pegou tão agressivamente quanto de alguma maneira sabia que iria usando a droga. Também estava confuso que ela estava de frente para ele, seus corpos juntaram-se daquele modo, quando ela devia estar virada do outro lado. Teria montado ela por detrás.

Envolveu seus dedos carinhosamente ao redor da sua garganta frágil. Uma torção rápida e estaria acabado. Ela morreria sem dor. O teste seria um fracasso. Focou em seu rosto, estudado cada detalhe de suas feições. Sua boca era uma tentação. Seu nariz era tão diferente do dele — pequeno e mais estreito. Suas maçãs do rosto eram menos pronunciadas. Até seus cílios eram delicados.

A lembrança dela olhando para ele atingiu sua mente. Sabia que seus olhos seriam azuis, bonitos, com manchas de amarelo. Não conseguia lembrar-se de onde os viu antes, mas era uma certeza que seria o que veria se suas pálpebras separassem. Sua mão em sua garganta relaxou.

Os instintos protetores ficaram mais fortes até que seu peito parecia como se realmente contraísse. Teve que engolir o caroço que se formou em sua garganta quando quase sufocou em crua emoção. Estava confuso por ter se sentido tão autodesprezível por ter considerando quebrar seu pescoço. A visão de sua mão contra sua garganta era até mais alarmante. Retirou-a e pegou uma mecha espessa de seu cabelo ao invés disso.

Macio. Inalou, inspirando-a. Seu pênis endureceu até que suas bolas doeram. Estava tão focado na fêmea que não era fácil se concentrar, mas forçou sua atenção em outro lugar para avaliar a situação.

A cama era mais grossa da qual estava acostumada e não estava no chão. Girou sua cabeça, atordoado pelo seu ambiente. A gaiola que conhecia tão bem tinha sumido. As barras iam do chão até o teto em três das paredes. As correntes estavam amarrando as barras da porta, mas as fechaduras estavam todas do lado de dentro. A lógica lhe disse que a porta tinha sido trancada do lado de dentro.



Ele não era um prisioneiro. Ele assegurou a área para manter os humanos afastados. Seu olhar retornou para a fêmea adormecida. Seu peito levantava e continuamente caía. Rosnou e sua respiração mudou. Suas pálpebras permaneceram fechadas, mas não estava tão drogada que não podia despertar.

Pense. Como eu cheguei aqui? Quem é esta fêmea? Virou a cabeça para o outro lado, olhando para além das barras para uma sala cavernosa e escura. O cheiro do lugar era diferente da Mercile. Um uivo ameaçou explodir dele enquanto ira aquecia seu sangue. Ele os odiava. Levou um momento para lembrar-se do por que. Os empregados da Mercile eram humanos vis que o causaram dor e o mantiveram em sua clemência. Eles não tinham nenhuma. Eram adversários cruéis, espertos, malignos. Até as fêmeas eram cruéis em Mercile.

Puxou seu lábio para trás em um grunhido enquanto girava sua cabeça novamente para olhar fixamente para a fêmea. *Inimigo. Humana. Mate.* Hesitou, incapaz de fazer isto não importando sua necessidade de buscar vingança em um deles. Seus pulmões contraíram novamente e foi difícil respirar quando ternura inundou seus sentidos. Era um conceito estranho.

Por quê? Não existia nenhuma resposta. Ele não conseguia machucá-la. Outra necessidade ficou mais forte até que não conseguiu mais resistir. Ela era sua, pelo menos no momento, em seu colchão. Ninguém podia alcançá-los sem passar pelas barras ou as correntes. Protegeu seu espaço... a não ser que ela tenha feito isto depois que ele foi drogado. Não fazia sentido, entretanto. Os humanos o trancaram dentro de uma gaiola para mantê-lo afastado deles. Eles de boa vontade não prenderiam eles mesmos com suas vítimas.

Eu fiz isto. Eu devo ter nos trancado do lado de dentro. Estava certo disso agora, apesar de sua falta de memória. A condição de seu pênis era uma dica do por que poderia ter a mantido presa. Mais uma examinada em sua pele e sua ausência de trauma verificou que ela não lutou.

Um pouco da lentidão enfraqueceu de sua mente, deixando mais fácil pensar. O cheiro de sexo pendurava no ar, uma mistura de si mesmo e dela. Ele rosnou, querendo achar prazer em seu corpo. Ela mexeu debaixo dele e seus lábios separaram lentamente. Seus olhos debaixo das pálpebras fechadas moveram e depois abriram. Azuis com pintas amarelas — exatamente como ele de alguma maneira sabia.

Esperou que ela gritasse quando ficou ciente que ele a prendia. Ao invés disso, ela sorriu e o calor em seu olhar foi devastador para sua libido. Ela se moveu vagarosamente, suas mãos desenrolaram e ergueram para tocar o topo de seus ombros. As unhas não arranharam sua pele em protesto, mas suavemente o acariciaram.

— Bom dia.

Sua voz estava rouca e feminina, mel para seus ouvidos. Queria ouvi-la falar mais. Ela falou como se pudesse ler seus pensamentos.

— Você desmaiou.

Suas palmas e pontas dos dedos deslizaram pela curva de seus ombros para frente de seu peito, explorando e quase destruindo seu controle apertado. Era difícil de permanecer quieto quando tudo que queria fazer era guiar seus quadris contra o dela. Muitas perguntas o aborreceram, mas se conteve em falar.



A expressão em seu rosto mudou para uma que identificou como preocupação.

— Você está bem? — Seu toque pausou. — O que está errado? — Empalideceu.
— Você sabe quem eu sou?

Não gostou de vê-la aflita e imediatamente respondeu mudando sua posição, tendo certeza que ela não conseguiria lutar se pânico aparecesse. O conceito de prejudicar a fêmea de qualquer forma era ofensivo para ele. Seus braços apoiaram do seu lado para mantê-la enjaulada.

— Calma. — Queria assegurar a ela que não estava em perigo.

Medo encheu seus olhos e sua frequência cardíaca aumentou pela sua angústia. Ela abaixou o olhar, mas não estava enganado. Poderia estar a esmagando então apoiou mais de seu peso em seus braços e pernas, erguendo meia altura. Deu-lhe a oportunidade de escapar debaixo dele, mas ela não escapou.

— Você está segura. — murmurou atento de seu tom para evitar assustá-la mais.

Não ficou tenso quando suas mãos deslizaram de cima de seu peito para seus ombros novamente. Ela não era forte o suficiente para machucá-lo. Suas unhas machucariam se as cavasse em sua pele para tirar sangue, mas podia lidar com aquele desconforto. Ela não estava olhando em seu rosto, onde podia fazer um dano real em seus olhos. A fêmea o agarrou, agarrando de um modo que gostou.

— Eu sou Joy. Nós conhecemos um ao outro.

Muito bem. Respirou fundo, inspirando o cheiro de sua paixão gasta, ainda prolongada no ar. Seu pênis dentro dela, combinado com sua falta de roupa e o que seu nariz lhe disse o seguro disto. Queira montar a fêmea novamente.

— Você sabe seu nome?

Não tinha nenhuma resposta, mas não importava. Eles estavam juntos. Moveu seus quadris cuidadosamente e o confim sedoso de sua vagina era uma tortura. O movimento pequeno foi suficiente para mandá-lo em um frenesi de paixão cega. Ela estava quente, molhada, e apertada ao redor dele. Não gritou ou lutou quando testou como o aguentou enquanto compartilhavam sexo. Surpresa foi a única emoção que mostrou, o persuadindo para afundar sua seta mais fundo dentro dela.

Suas pernas apertaram em torno da parte de trás dele enquanto suas mãos o agarraram com mais força. Ele pausou, esperando ver se ela protestaria. Sua língua saiu para lambar seus lábios, mas olhou fixamente para ele agora sem medo. Notou o modo como sua respiração aumentou, mas quando lentamente tirou seu pênis quase toda a distância para fora dela, ela ergueu suas coxas mais para o alto para sua cintura e as prendeu firmemente contra seus quadris.

Isso foi definitivamente um sim. Enterrou seu nariz contra sua garganta, sua boca separou para saborear sua pele, e rosnou em excitação. O sabor dela era delicioso e queria mais, lambê-la toda e explorar... mais tarde. Ele moveu seus quadris no berço de suas coxas, com cuidado para não ser muito grosso. Ela era humana afinal de contas. Elas contundiam facilmente e dano era a última coisa que queria quando ela gemeu próximo ao seu ouvido.

Quase gozou por senti-la. Ela apertou seu pênis ao ponto de dor, mas era muito bom. Guiou para dentro e para fora de sua vagina, movendo-se mais rápido até que teve



que parar de beijá-la e apertar seus dentes para resistir perder o controle. Seus gemidos aumentaram enquanto seus músculos vaginais apertaram até mais. A sensação de seu clímax era a gota final quando seu sexo ficou mais molhado, mais quente, e ela cavou as unhas na sua pele.

Sua cabeça foi jogada para trás e uivou quando o corpo explodiu. O êxtase o deixou cego. Não estava certo se fechou seus olhos ou se todos os seus sentidos foram anulados por seu pênis inchado quando bloqueou dentro dela, enchendo-a com sua semente. Tremeu violentamente pela experiência intensa.

Soltou o rosto na curva de seu pescoço antes de poder puxar os pensamentos juntos e achar racionalidade. Ela era sua. Afundou seus dentes em sua pele e sangue cobriu sua língua. Ele rosnou, amando o quão bom era seu gosto, tão direito. Sentiu o corpo de ela tremer debaixo do dele, mas apenas registrou até que ela gritou. Não era um som de prazer, mas de dor.

Horror sacudiu por ele quando percebeu o que fez. Tirou sua boca e olhou fixamente para a mordida que infligiu na fêmea. Sangue vermelho brilhante de dois ferimentos de perfuração manchou seu pescoço e ombro e gotejou na cama. A marca de seus dentes inferiores já estava formando contusões em sua carne pálida próximo a base de sua garganta na curva de seu ombro.

Ela o largou e segurou o ferimento. Ele olhou em seus olhos. Eles estavam cheios de angústia enquanto olhava fixamente para ele.

Ele teria se afastado, mas seu pênis inchado o segurou preso dentro dela. Rosnou, enfurecido pelo que fez. O remorso não desfez a ação. Suas pernas soltaram seus quadris e endireitaram ao longo do seu comprimento. Lágrimas deslizaram silenciosamente pelo lado do seu rosto. Um soluço irregular escapou dela.

— Não foi minha intenção. — Estremeceu do quão crua sua voz saiu, mas não podia calar sua tristeza.

Ele agarrou sua mão trêmula e a tirou do ferimento. Estudou o que fez com a fêmea. A mordida iria cicatrizar onde perfurou sua pele. Ela carregaria sua marca pelo resto de sua vida.

Ela virou sua cabeça, dando-lhe uma visão melhor do dano que ele infligiu, e usou a outra mão para esconder seu rosto. Ele teria persuadido que ela confiasse nele, mas não pareceu sincero dado as circunstâncias.

— Eu cuidarei disto. Relaxe.

Ela não disse uma palavra, mas devia doer. Ele abaixou sua boca e se preparou para segurá-la com firmeza se ela lutasse. Golpeou o dano com sua língua tão suavemente quanto possível. Tirou um soluço dela, mas não se afastou.

O gosto dela fez seu pênis estremecer e endurecer. Era desconfortável em vez de excitante com a inchação ainda retrocedendo do laço que se formou próximo a base de seu eixo. Os dois sofreram um pouco quando terminou de limpar o ferimento.

Joy protegia seus olhos enquanto tentava entender o que aconteceu. Não discutiu sobre germes ou o quão anti-higiênico era para 466 lamber a mordida. Os animais cuidavam dos ferimentos desse jeito e não havia nenhuma negação de seu DNA.



Ele me mordeu. Não conseguia se recuperar deste fato. Era ruim o suficiente que ele não soubesse quem ela era. Não era muito uma surpresa, embora desapontadora. Ele podia ter reagido de vários modos quando acordasse e achasse uma mulher desconhecida nua debaixo dele. Levou controle para não estremecer com aqueles argumentos rolando pela sua mente. O pior era que podia ter custado sua vida.

Onde ele está agora mesmo? Ainda na Mercile? Tinha medo de perguntar. Ele poderia pensar que ela era o inimigo. Podia ir de carinhoso a despedaçá-la com suas próprias mãos. As histórias que ouviu sobre os Espécies matando seus capturadores eram fabricações de pesadelos. *Não, não vá por aí,* decidiu. Uma mordida de repente não pareceu tão ruim.

Ele terminou de lambê-la e levantou sua cabeça. Precisava ler seu estado emocional, mas manteve a mão sobre seus olhos. Prolongando o momento não pareceu tão terrível enquanto lidava com seu próprio tumulto.

— Joy?

Esperança chamejou que sua memória finalmente retornou. Enxugou suas lágrimas, piscou rapidamente para clarear, e moveu sua mão para olhar em seu rosto bonito.

— Você se lembra de mim?

Sua testa franzida e a confusão em seus olhos foram respostas suficientes. Esta situação seria apavorante se não estivesse apaixonada por ele.

— Esse é o seu nome?

Isto é uma pergunta, não uma declaração. Limpou sua garganta.

— Sim.

Ele olhou para longe para olhar para algo próximo ao centro da gaiola.

— Eu fiz isto?

Seguiu seu olhar, localizando as correntes na porta.

— Sim.

Olhos escuros fixaram nela.

— Por quê?

— Você queria ter certeza que ninguém conseguiria entrar aqui.

Continue calma, e droga pare de chorar. Suas emoções estavam tão cruas que as lágrimas odiosas estavam sempre na superfície, esperando escapar na maioria das vezes inoportunas. Sentiu-se como um naufrago sentimental e constantemente tinha que batalhar por compostura. Quase nunca chorava, ainda assim parecia que lutava com as lágrimas em toda vez agora. Só Moon podia fazer isso com ela.

Ela acabou de compartilhar relações íntimas com alguém que a considerava como um estranho. Doía em muitos níveis emocionais. O que eles tiveram era algo que com que se importou, ainda que para ele ela pudesse ter sido qualquer mulher. Ela fez amor com ele, mas ele a fodeu.

Ele olhou em sua garganta depois segurou seu olhar.

— Eu não pretendia tirar sangue. Eu sou sincero.

— Eu acredito em você. Está tudo bem.

— Não. — Suavemente rosnou. — Estou furioso. — Sua mão de repente agarrou sua bochecha. O modo amoroso com que a considerou foi promissor.



— Eu não entendo por que, mas você é importante para mim.
De alguma maneira senti que tinham uma conexão forte.
— Você está tendo dificuldades em se lembrar de sua vida.
— Eu recebi a droga de procriação.
— Não. É outra coisa.
— O que?
— Eu não sei. Nós não tínhamos visto isto antes.
— Nós? — Sua voz aprofundou e seus olhos estreitaram com suspeita. — Você é Mercile?
— Não! — Balançou a cabeça em negação. — Você foi libertado de lá. —
Pausou. — O nome 466 ou Moon significam alguma coisa para você? — Esperou que um deles ativasse alguma clareza.
— 466. — Pareceu um pouco excitado. — Eu conheço. É meu nome!
— Sim, é.
Ele olhou ao redor novamente, abaixando seu tom.
— Onde nós estamos?
— Homeland. É seguro aqui.
Sua voz abaixou enquanto aproximava mais seus rostos até que seus lábios quase se tocaram.
— Diga-me o que está acontecendo. O que está errado comigo? Quem você é e por que nós estamos compartilhando sexo? Isto é um truque? Você está sendo forçada em uma experiência de procriação comigo? Eu quero a verdade, fêmea.
Suas mãos achataram em seu peito e medo percorreu sua espinha.
— Por favor, escute-me. Mercile acabou. Você não está mais sendo controlado por eles. Uma droga desconhecida afetou sua memória. Você fica confuso. Você não precisa me machucar para fazer com que eu te diga qualquer coisa que você quer saber. Só pergunte. Estou aqui porque eu quero estar e me importo com você.
Seu peito vibrou quando rosnou.
— Você se importa comigo?
— Sim.
— Você é humana.
— Eu sou. — Não podia negar isto.
— Eles são meus inimigos.
— Eu não sou.
O modo concentrado que a estudou a deixou otimista de que ele iria pelo menos refletir suas palavras.
— 466 qual é a última coisa que você lembra? Focar em um ponto fixo no tempo parece te ajudar mais a lembrar. Você, por favor, fechará seus olhos e tentará me dizer qualquer coisa que vier em sua mente?
Continuou a assisti-la.
— Eu te quero novamente. — Embora lentamente retirou seu pênis semiduro de seu corpo. — Não me distraia mais com sexo. Eu exijo respostas.
— Estou dando a você. Você precisa me ajudar a te ajudar.
Ele sorriu.



— Eu não gosto deste ditado. Já ouvi isto antes.

— Isto é bom. Quer dizer que você está recordando algo. O que é?

Seus olhos fecharam e pacientemente esperou. Era primordial que ele se concentrasse em quaisquer fragmentos que pudesse localizar para reconstituir qualquer parte de sua vida. Queria trazer o homem que amava de volta. A dor em seu peito ficou mais forte à medida que o tempo passava enquanto se preocupava que ele não acharia lucidez. Sua expressão começou a mudar. Seus olhos escuros abriram e a dor neles quase roubou sua respiração.

Seu olhar deslizou para a marca de mordida e rosnou, a largou, e moveu-se mais rápido que achou possível. Um segundo ele estava em cima dela e no próximo ele desapareceu. Virou sua cabeça a tempo de vê-lo cair no chão de quatro.

Lutou para se sentar, profundamente preocupada quando ele ficou abaixado lá com suas costas para ela.

— 466?

Sua cabeça virou e o vislumbre de lágrimas encharcando seus olhos a fez correr para ele. Ficou de pé, girou para enfrentá-la enquanto se afastava, e não parou até que seu traseiro bateu nas barras. Ele rosnou, girou, e cruzou a gaiola para o canto distante.

Joy o assistiu agarrar as barras e cada músculo em seu corpo pareceu ficar rígido. A visão dele totalmente nu era uma distração já que ele era tão bonito, mas sua preocupação sobre seu estado mental a fez se sentir culpada em notar seu físico perfeito.

— 466?

— Saia daqui. — murmurou. — Eu machuco você.

— Não é sua culpa. — Levantou-se com pernas instáveis. Entre o sexo e ele dormir sobre ela, seu corpo parecia um pouco lento e dolorido. Era uma lembrança do quão fora de forma se permitiu ficar durante os anos, sentada atrás de uma mesa. Uma carga de trabalho pesada não permitia quaisquer horas vagas para ir para a academia. — Olhe para mim.

— Eu não posso. — Deu uma respiração profunda, suas costas expandindo. — Saia, Joy. Agora. Eu sou perigoso.

Ele percebeu quem ela era. Seu tom torturado era uma pista do remorso e angústia profunda que devia sentir recuperando um pouco da memória.

— Está tudo bem. Eu estou bem. Não é nada que um curativo e alguns dias não cuidarão.

Balançou a cabeça, o cabelo esfregando contra suas costas.

— Eu barbaramente te ataquei. Saia! — Rosnou. — Vá!

— Eu não vou te deixar. É uma mordida. Eu não morrerei por causa disto ou qualquer coisa.

Largou as barras e lentamente girou. Quase desejou que ele não tivesse girado quando viu seu rosto.

— Você já me deixou. Por que voltou? Por que está aqui?

— Eu te disse muitas vezes. O que você lembra?



— Você me deixou lá. Você se demitiu. — Deu um passo adiante, mas parou. Suas mãos fecharam em seus lados. — Eu fui drogado por um inimigo, sofri perda de memória, e você veio para me ajudar reivindicar minha vida novamente.

Ela assentiu, ignorando o frio na gaiola que estava se tornando notável. Não tinha mais o calor do seu corpo para mantê-la aquecida.

— Esta é toda verdade. Qual é a última coisa que você lembra?

— Tudo.

Não estava certa se aquela declaração era precisa. Ele não podia saber com certeza, do jeito que continuava recaindo.

— Qual é seu nome?

Seu queixo ergueu um pouco e seus olhos estreitaram.

— Moon. Eu vivo em Homeland e às vezes na Reserva. Nós fomos transportados do Setor Quatro, Homeland foi dada pelo governo dos Estados Unidos como um caminho de nos subornar em perdoá-los pelo envolvimento deles em financiar as Indústrias Mercile. Nós compramos a Reserva sozinhos.

Seu coração martelava. Ele não era exatamente o homem que se apaixonou, mas era Moon, a pessoa que ele se tornou depois que deixou sua vida.

— Você se lembra do ataque? Onde foi drogado?

Tentou muito ser profissional. A mulher nela estava de coração partido pelo modo frio que olhava fixamente para ela. Seu pior medo estava se tornando realidade. Disse que se lembrou de tudo e se isso era verdade, decidiu rejeitar tê-la em sua vida. Sempre teve medo que ele não poderia perdoá-la. Pareceu que esse medo era justificado.

— Algum bastardo atirou em mim com um dardo tranquilizante. Eu estava na Reserva. — Olhou para ela, estudando a gaiola. — Este é o porão do Centro Médico em Homeland?

— Sim. Você foi trazido para cá.

— Eu ataquei meus amigos. — Seu tom afundou e seus dedos soltaram. A raiva esvaziou suas feições enquanto seu olhar girava em seu caminho.

O modo como via seu corpo nu de seus pés para cima até que encontrou seu olhar a fez ficar com vergonha.

— Coloque suas roupas. — Olhou para baixo em seu peito, parecendo notar seu próprio estado nu. — Merda.

— Está é a primeira vez que você está completamente lúcido desde que foi drogado. — Não se moveu em direção a suas roupas descartadas. Era agonia pura para ela resistir fazer como ordenou. Ele estava bravo que fizeram sexo e não se importou em poupar seus sentimentos. Empurrou de lado seu embaraço e doeu focar em seu estado mental. — Como você se sente?

— Vou pedir ajuda. Coloque algo — severamente exigiu. —, ou eles verão você toda.

— Converse comigo. Você está com dor? Tem enxaqueca? Zumbindo em suas orelhas? Alguma dormência em suas extremidades? — Era duro manter no modo de terapeuta. — Você sabe o que acontece com você quando perde a memória?



— Porra. — rosnou, olhando fixamente para ela. — Cubra-se agora. Eu não posso me vestir já que eu destruí minha calça de moletom quando a rasguei para passar pelas correntes.

Joy corou e se curvou e suas mãos tremendo enquanto tentava se vestir. Dor perfurou seu tórax como se um punhal tivesse sido diretamente apunhalado em seu coração. Ele se arrependeu do que fizeram. Estragou tudo fazendo sexo com ele quando devia ter sabido melhor.

— Eu sinto muito. — sussurrou, arrastando sua saia para cima em suas pernas e falhou em fechar o zíper por todo o caminho. A camisa era mais fácil de colocar.

— Pelo que? — Correntes fizeram barulho. Ele ainda soava bravo.

Olhou para ele e ficou surpresa por vê-lo usar a chave nas correntes. Ele desenrolou as correntes das barras, soltando-as no chão, e escancarou a porta. Não deixou a gaiola, entretanto, mas ao invés disso andou em sua direção. Joy manteve o olhar em seu rosto.

Seus pensamentos estavam confusos. Ele respeitava a verdade então não podia estar se desculpando pelo que aconteceu entre eles em sua cama. Ele poderia se arrepender disto, mas ela não.

— Eu sinto muito que você está chateado. — Isso foi o melhor que consegui fazer dadas as circunstâncias.

Moon passou por ela, rasgou o lençol do colchão e prosseguiu para enrolá-lo ao redor da sua cintura para cobrir sua metade mais baixa. Conseguiu dar uma boa olhada em seu traseiro antes dele amarrar o material para mantê-lo no lugar e lentamente a enfrentou. Um olhar rápido em seu corpo e segurou seu olhar.

— Você não devia ter voltado. Você fez sua escolha muito tempo atrás em não ser parte da minha vida. — Estendeu a mão de repente e agarrou seu braço. Os dedos fortes pressionaram, mas não machucou. — Que diabo você estava pensando entrando nesta gaiola comigo quando eu estava doido? Você tem sorte que eu não te matei. — Seu olhar foi para seu ferimento e sua boca comprimiu em uma linha apertada. — Cubra suas orelhas.

Ela hesitou.

— Faça isto. Quando eu gritar ecoará aqui.

Ergueu ambas as mãos para fazer como ele ordenou.

— Segurança! — Gritou. — Nós precisamos de ajuda agora!

Joy parou de pressionar suas palmas contra suas orelhas quando a largou e recuou. O olhar furioso de Moon varreu a gaiola antes de olhar para ela novamente.

— Saia. Eu ainda sou perigoso. Eu não tenho nenhuma ideia de quanto tempo permanecerei racional, mas acho que não será por muito tempo.

As portas do elevador deslizaram abrindo, mas Joy ignorou quem entrou no porão. Fixou sua atenção em Moon.

— Eu não vou embora.

Um músculo saltou de sua mandíbula. Não olhou para ela, mas ao invés disso olhou para quem veio quando gritou pela ajuda. Surpresa mudou sua expressão.

— Jessie? Que diabo você está fazendo aqui?



Joy girou para ver uma bonita ruiva vestindo tudo preto perto da gaiola. A mulher segurava uma arma de dardo que estava apontada para Moon. Seu cabelo era realmente longo, caindo em um ombro em uma trança que quase alcançava sua cintura. A mulher parou com uma careta firmemente em seu rosto.

— Moon? — A incerteza na voz do guarda era clara. — Você sabe quem eu sou?

— Claro que eu sei. Eu não estou ferrado no momento, mas eu posso perder a lucidez a qualquer hora. Tire ela daqui e me tranque. Eu sou perigoso.

A arma abaixou e a ruiva atirou em Joy um olhar bravo.

— Você totalmente o desacorrentou e deixou a porta aberta?

— Jessie? — Moon interrompeu antes de Joy poder responder. — Pegue. Eu não posso ficar com isto.

Jogou as chaves para suas correntes. A ruiva pegou. Joy estava surpresa quando Moon curvou e agarrou uma das correntes. Ele a arrastou e prendeu a corrente em um tornozelo depois apertou fechadura até clicar.

— O que você está fazendo?

Olhou nela enquanto prendia o segundo.

— Consertando seu erro. Você nunca devia ter me libertado. — Raiva aprofundou sua voz. — Eu podia ter atacado meus amigos novamente. Eles me colocaram nisto por uma maldita razão.

Sua repreensão fez Joy cambalear. Permitiu que suas emoções pessoais nublassem seu julgamento. Ele a chamou e nem conseguia negar sua culpa. As acusações que Harley fez da primeira vez que se encontrou com ele voltaram para ela. Todas as boas intenções no mundo não importavam quando enfrentava a raiva de Moon.

— Moon? — A voz surpreendeu Joy e ela pulou, olhando para Justice North de pé atrás de sua esposa. Não o ouviu entrar no quarto.

— Bom te ver Justice. Queria que as circunstâncias fossem melhores. — Moon estalou a restrição sobre seu pulso. — Por que sua companheira está perto de mim? Ela não devia estar. Você perdeu seu juízo também?

Justice entrou na gaiola e agarrou Moon pelos ombros.

— Moon?

— Estou presente. Atualmente. — Moon estendeu a mão e segurou o braço de Justice. — Você pegou o bastardo que atirou em mim?

— Ainda não, mas temos pistas sólidas. Conseguimos capturar alguns dos humanos que tentaram roubar Bela. Eles não quiseram falar a princípio, mas eu fui persuasivo.

— Você tirou a gravata novamente e começou a se despir para evitar manchar seu terno chique de sangue? — Um sorriso arrastou os lábios de Moon e seu olhar suavizou. — A presente está bem?

— Ela está bem. Segura. Shadow e Bela acasalaram.

— Bom. Estou contente que esta merda não foi por nada. Qual é a minha condição além de estar fodido? — Olhou para Joy antes de olhar fixamente para Justice. Eu podia tê-la matado. Por que ela está aqui?



— Nós achamos que você só foi tranquilizado, mas você despertou selvagem. Nossos doutores estão consultando especialistas por todo o país.

— Um plano da Mercile? Aqueles bastardos são as pessoas que tentaram pegar a Presente?

— Era um imbecil rico que uma vez a possuiu, mas acreditamos que ele esteja trabalhando com a Mercile.

— Você não respondeu minha pergunta. Por que ela está aqui?

Justice hesitou.

— Nós estávamos desesperados para tentar qualquer coisa. Eu certamente não iria permitir Kregkor perto de você. Sei com você se sente sobre ele.

— Obrigado. — Moon soltou Justice e andou para trás. — Eu não estou certo quanto tempo eu tenho antes de perder a lucidez novamente.

— Você está certo que irá? — Justice o estudou. — Talvez esteja acabado.

— Eu não acho. Estou com uma enxaqueca e um pressentimento ruim.

— Que tipo? — Justice perguntou.

Machucou Joy que ele respondeu a seu amigo, mas ignorou suas perguntas, deixando óbvio que sua ajuda não era dada como bem vinda por Moon. Permaneceu muda enquanto os dois conversavam.

— Eu não sei, mas estou preocupado que perderei minha sanidade novamente. — Ergueu um braço, olhando fixamente para a restrição em seu pulso depois o deixou cair. — Mantenha-me preso. É melhor prevenir do que remediar. Minha memória não está muito clara. Há buracos vagos. Além de morder algumas pessoas e bater um pouco, eu fiz algum dano real para alguém?

— Não.

— Se desculpe por mim, tá? — Moon deu outro passo para trás. — Tudo fica atrapalhado em minha cabeça. Eu não consigo dizer o que é real e o que não é. Estou confuso a maior parte do tempo e acredito que eu voltei para Mercile ou para o deserto. Sinto ódio puro a um ponto que eu podia machucar qualquer coisa que se movesse. — Pausou. — Ira assassina. Você entende? Está é a emoção que me guia.

— Nós estamos fazendo tudo que podemos e não desistiremos.

— Eu sei disto. — Moon hesitou. — Eu seria nobre e te pediria para me matar, mas não estou pronto para jogar a toalha ainda. Eu quero combater esta merda e ter minha vida de volta.

— Não faríamos isto. — Jessie o assegurou, chegando mais perto da gaiola. — Nós conseguiremos encontrar o maníaco que criou a droga e o obrigar a nos dizer como inverter os efeitos. — Guardou sua arma. — Ainda que eu tenha que ir até ele. Eu posso ser bem má quando estou irritada e furiosa.

Moon sorriu para a ruiva, mas pareceu cansado.

— Você está trabalhando com a tarefa força novamente para rastreá-lo?

— Não. Estava com o cargo de guarda porque você acreditava que r Quatro. É o único uniforme que tenho.

— Eu estava com ela. — Justice suavemente adicionou. — Você não teria chance em causar danos em Jessie. Eu estava dentro do elevador o tempo inteiro, pronto para vir para sua ajuda.



— Não ponha sua companheira em risco. — Moon apertou as costas contra a parede e estendeu a mão, roçando sua testa. — Droga. Está ficando pior. Parece como se minha cabeça estivesse sendo apertada.

— Chame Treadmont. — Justice ordenou.

Jessie agarrou seu telefone celular.

— Estou ligando.

O olhar de Moon ergueu e olhou fixamente para Joy. O medo a agarrou que ele ordenaria para ela ser mandada embora, mas não disse nada. A voz de Jessie era suave enquanto explicava a situação para quem respondeu e solicitou que uma equipe médica fosse enviada para o andar de baixo.

Joy sabia que seu tempo com Moon era limitado. Dr. Treadmont provavelmente exigiria examinar Moon em privacidade. Lentamente se aproximou dele enquanto continuaram a olhar um para o outro. Justice não tentou impedi-la. Pausou alguns centímetros de distância do homem que amava.

— Eu não vou embora. — sussurrou e odiou as lágrimas que uma vez mais encheram seus olhos. — Por favor, não peça para eles me manterem afastada de você.

Ele a surpreendeu esticando a mão e agarrando seu rosto. Seu dedo polegar era gentil enquanto acariciava sua bochecha.

— Nós temos negócios inacabados, doçura.

As lágrimas escaparam, mas não as enxugou. Deu-lhe esperança de que ele não a odiava afinal de contas.

— Você é a única que pode me alcançar quando eu estou perdido.

Queria saltar e o abraçar, aliviada que ele reconheceu que tinha algo especial entre eles. Levou um esforço enorme resistir ao desejo. Sua mão caiu e ele quebrou contato visual para olhar para cima de sua cabeça para Justice.

— Não dê a chave das minhas restrições a ela novamente. Eu a mordi. Mantenha barras entre nós de agora em diante. Este é a única maneira dela poder ficar comigo. Fui claro? Mande-a para cima para verificarem o ferimento.

Capítulo Nove



Frustração e preocupação eram duas emoções que Joy podia viver sem. Eles pareciam ser seus companheiros constantes desde que foi escoltada por Jessie para o elevador. O enfermeiro limpou a mordida, colocou um curativo, e lhe deu uma injeção de antibiótico. Pontos não foram exigidos.

— Como Moon está? Ele ainda está lúcido? Faz quatro horas desde que Dr. Treadmont e sua equipe foram para o andar de baixo.

Paul, o enfermeiro, franziu a testa para ela através da mesa.

— Nós ainda estamos esperando eles dizerem.

— Você não pode checar? Eu posso ir vê-lo?

— Ted disse para te manter aqui.

— Claro que ele disse. — O imbecil era territorial e não gostava dela. *Terapeuta sexual!* Raiva queimava daquele insulto.

— Eu podia pedir uma escolta para te levar para sua moradia.

— Não. Eu não vou sair do Centro Médico.

— Então nós esperamos. — O enfermeiro abriu uma gaveta e ofereceu um pacote de chiclete. — Quer um?

— Não obrigado.

Ele o guardou e olhou para seu computador.

— Você podia se sentar naquela outra mesa. Nós temos alguns jogos carregados nestas coisas.

— Eu não quero jogar cartas. — Ela se debruçou para frente para olhar na tela, tendo notado que isso manteve a maior parte de sua atenção. — É isto o que você faz o dia todo?

— É, quando estamos fechados na maior parte. Trisha está tratando as pessoas em sua casa se precisam de pouca assistência. Somente emergências são liberadas para entrar no Centro Médico. — Sorriu. — Eu te tratei já que você já estava aqui ou você teria sido enviada para sua casa também. Tem sido um dia tranquilo, por sorte.

— Moon está trancado numa gaiola. Não há maneira nenhuma dele poder chegar até aqui para machucar alguém.

— Não é por isso que o Centro Médico ainda está fechado. Ele uiva quando está de mal humor. Chateia qualquer um que possa ouvir. Os Espécies não podem suportar ouvir seu próprio povo sofrer. Nós tivemos alguns incidentes.

— Que tipo?

Suspirou e se inclinou para trás, olhando fixamente para ela.

— Eles tentaram chegar nele, pensando que podiam ajudar. Só piorou. Ele se soltou algumas vezes. Não foi bonito. Estávamos mantendo-o aqui em cima a princípio. Até no porão, se ele fizer um escândalo, bem, Espécies têm boa audição. É melhor se nós mantivermos o edifício sem ninguém.

Olhou no relógio.

— Por que está demorando tanto?

— Eu não sei já que eu não estou lá. Eles estão usando enfermeiros Espécies com Moon agora. Ele tentou me matar algumas vezes então não estou reclamando. Ele quereria que eu o evitasse.

Joy se levantou e compassou.



— Eu quero saber o que está acontecendo.

— Nós descobriremos quando eles subirem.

A atitude desinteressada do enfermeiro deixou Joy um pouco louca, mas parte dela o invejava. O bem-estar de Moon era tudo que podia pensar. Ele perdeu contato com a realidade novamente? Ele estava conversando e são? Devia estar com ele.

Passos soaram e ela girou olhando quando Justice, Ted Treadmont, e alguns altos enfermeiros Espécies entraram na área da recepção. Teve que se controlar para não saltar para exigir respostas. Não se incomodou olhar para o doutor de cabelo branco, certo que ele não lhe diria nada. Justice North segurou toda sua atenção.

Encontrou seu olhar.

— Moon precisou ser sedado. Seu estado mental se deteriorou.

Dor a cortou.

— Ele atacou alguém? — Olhou para todos os homens, não vendo quaisquer sinais visíveis de briga.

— Sua enxaqueca piorou até que ele parou completamente de falar. — Justice pausou, correndo uma mão pelo cabelo. Uma careta horrenda arruinou sua boca. — Ficou claro que ele não nos reconheceu mais quando rosnou e tentou dar uma mordida em Ted. Eu cancelei tudo nesse ponto. Ele precisava descansar.

O homem mais velho franziu a testa.

— A condição de Moon está melhorando. Seus momentos de lucidez estão ficando mais frequentes e duram mais tempo.

— Eu enviarei estas amostras para o laboratório. — Um dos enfermeiros deixou a sala levando uma mala. O outro o seguiu.

— Amostras de sangue? — Joy sabia que tiravam muito delas.

— E cabelo. — Ted si jogou em uma cadeira e ruidosamente suspirou. — Queria que pudéssemos achar o químico que preparou o que quer que Moon tenha recebido. Eu adoraria saber como ele fez isto.

— Eu só quero saber como curá-lo. — Joy adicionou, tentando não ofender a linha de pensamento de Treadmont. Ele não estava emocionalmente envolvido como ela estava. O método de como algo foi feito seria importante para ele, como também como inverter os efeitos. — Eu posso ir para o andar de baixo?

— Ele está dormindo. — Ted agitou a cabeça. — Ela não é necessária, Justice. Nós devíamos enviá-la para sua casa.

Indignada, Joy abriu sua boca para protestar, mas Justice falou primeiro.

— Não, Ted. Moon responde a ela.

— Claro que ele responde. Sexo é uma necessidade básica para qualquer homem. Como comida. Dormir. Urinar. Qualquer mulher faria. Nós devíamos usar fêmeas Espécies em vez de termos ela no caminho.

Joy sentiu como se levasse um tapa.

— Não é só sobre sexo. Ele está conversando comigo. Ele...

— Já chega. — A voz de Justice aprofundou. — Ted, você está sendo rude. Eu não acredito que ele lutaria para achar suas memórias se apenas qualquer fêmea fosse enviada para ele. Ele não teve nenhum momento coerente antes de sua chegada. Fomos capazes de falar com ele e ter uma longa conversa.



— Eles fizeram sexo. — Desgosto mostrava no rosto do doutor. — Poupe-me do fingimento que eles não fizeram. Eu não tenho seu sentido aguçado de cheiro, mas até eu pude notar pelo estado de sua cama e do que sobrou da sua calça.

— Eu não me importo com o que eles fizeram. Os resultados importam. — As mãos de Justice fecharam. — Não é sua decisão. É minha. Ela fica. — Seu olhar deslizou para Joy. — Você pode retornar a ele, mas a porta permanece trancada. Moon me fez prometer manter barras entre vocês dois de agora em diante. Ele estava profundamente chateado que você foi machucada. Fique fora de seu alcance.

Começou a discutir, mas não lhe deu tempo de articular uma palavra.

— Estas são as regras. Aceite-as ou vá embora. Eu dei minha palavra que ele não receberia a oportunidade de te prejudicar uma segunda vez. Eu estava disposto a permitir que você arriscasse sua vida para salvá-lo, mas ele deixou claro que não era aceitável. Eu tenho que respeitar seus desejos.

Era óbvio que Justice se decidiu. Ela assentiu de acordo. Era melhor estar perto de Moon do que ser pedida para deixar Homeland.

— Certo.

O telefone celular de Justice tocou e ele o retirou de sua calça.

— Oi? — Escutou por um momento. — Bom. A que distância estão as SUVs? — Pausou novamente. — Encontrarei a equipe quando eles chegarem. Prepare uma sala de interrogação. — Desligou, depositando o telefone em seu bolso.

— O que aconteceu? — Ted se endireitou em sua cadeira.

A boca de Justice se curvou em um sorriso enquanto seu olhar endurecia.

— Nós não conseguimos pegar a pessoa que atirou a droga em Moon, mas pegamos alguém quase tão bom.

— Quem? — Joy estava curioso.

— Nos últimos dias, os guardas da prisão questionaram os empregados da Mercile que prendemos. Demorou um pouco para convencer, mas acabamos de pegar um de seus líderes da equipe de pesquisa. Quatro diferentes prisioneiros o entregaram. Ele saberá que drogas estavam desenvolvendo.

Ted se levantou.

— Eu quero estar lá.

— Claro. — Justice olhou para Joy.

— Eu quero ver Moon.

— Vá em frente.

Não precisou ser informada duas vezes. Quase correu pela sala. Não havia nenhum guarda no elevador. A descida foi rápida. Quando entrou no porão escuro um macho Nova Espécie que não conhecia pairava do lado da sala. Ele inalou e acenou para ela.

— Ele foi tranquilizado. Demorará algumas horas antes dele despertar.

Ela cruzou o quarto para as barras. Moon tomou banho. Seu cabelo estava molhado e recebeu novas calças. Ele estava deitado de lado de frente para ela, aparecendo muito grande para a cama com seus joelhos um pouco em cima da extremidade. Sua respiração fixa, lenta a assegurou que estava bem.



Desejou que pudesse tocá-lo. Isso não aconteceria tão cedo, de acordo com Justice. Ele deixou claro que tinha que ficar longe o suficiente, de maneira que não houvesse nenhuma chance de qualquer contato físico.

— Você está muito perto, fêmea. — murmurou por detrás. — Justice disse que é para você ficar um metro e meio da gaiola a toda hora.

Seus ombros caíram quando olhou para trás.

— Moon ainda está dormindo então ele não pode me alcançar. Meu nome é Joy.

— Smiley. — Ele caminhou mais para perto. Tinha olhos bonitos. Estudou seu rosto. *Primata*. Sabia as distinções dos traços. Eles não eram tão agressivos quanto os caninos ou felinos, em sua experiência.

— Você estava aqui quando estavam conversando com Moon?

— Sim.

— Como ele estava depois que eu fui embora?

— Muito ciente de que você não deve ser posta em perigo novamente. — Pausou, seu olhar devagar percorreu seu corpo de cima para baixo. — Eu concordo que você é frágil o suficiente para facilmente ser machucada. Ele estava frustrado e bravo pelo o que fizeram com ele. Sua enxaqueca piorou até que ele se tornou completamente desorientado.

Odiou ouvir isto. Toda vez que ficava esperançosa que ele se recuperaria, ele recaía. Era desanimador.

— É minha decisão correr riscos se eu estiver disposta a isso.

— Era... até Moon declarar o contrário. É para você ser protegida dele.

Odiou se sentir impotente, mas teria que viver com isto. Justice tinha um argumento válido e ele fez as regras. Ela ou os seguiria ou seria escoltada para fora de Homeland.

— Nós vamos trazê-lo de volta. Moon é um macho determinado. Ninguém aqui desistirá da esperança.

— Você é próximo dele?

— Todo mundo ama Moon. — Mudou sua posição o suficiente para ter uma boa visão do Espécie adormecido. — Ele é mais íntimo de Brass e Harley. Eles são como irmãos, mas nós somos todos uma família na ONE.

— Estou certa que vocês são.

Seu olhar empurrado de volta para ela.

— Você é a psiquiatra?

Ela assentiu e voltou em direção Moon. A expressão pacífica em seu rosto bonito fez pouco para aliviar sua preocupação sobre o que o futuro reservava para ele.

— Eu posso te pedir um favor, Smiley?

— Eu me recuso a te permitir dentro da gaiola.

— Você disse que ele estaria apagado por horas. — Emoção sufocou sua voz. — Eu não sei quando eu terei permissão para me aproximar dele novamente. Eu não ficarei muito tempo. Eu só... preciso tocá-lo.

— Eu não posso fazer isto. — Esticou a mão e tocou em seu ombro suavemente, girando-a para enfrentá-lo. Ele olhou nos seus olhos cuidadosamente. O que quer que



viu lá o fez estremecer. O Espécie abaixou a voz para um sussurro. — Merda. Você se importa profundamente por ele.

— Eu me importo.

— Isto não é somente um trabalho para você, não é? — Sua mão caiu. — Você o ama?

Nem sequer considerou negar isto.

— Eu amo.

Chaves chacoalharam.

— Não diga a ninguém que eu fiz isto. Eles não vieram ajustar a câmera ainda. Cinco minutos e eu fico lá dentro com você no caso dele se recuperar disto mais cedo que o previsto. Nós fomos forçados a nos adaptar a tantas drogas em nossas vidas que alguns de nós passam por elas mais rápido. Mantenha sua voz baixa. Embora as câmeras ainda estejam sem imagem, o som está ativo. Eles têm imagens ao vivo na Segurança.

— Obrigada. — sussurrou de volta. — Eu agradeço.

— Eu sou um idiota por amor, mas não diga a ninguém. — Destrancou a porta e empurrou-a abrindo. — Desculpe. — ruidosamente declarou. — Eu não posso fazer isto. Eu teria problemas.

Joy correu para dentro e se sentou na borda da cama. Sua mão tremia lentamente enquanto colocava as mechas úmidas do cabelo de Moon de sua bochecha e acariciou seu queixo. Olhou em seu peito, notando seus mamilos tensos e a pele aparentemente gelada.

— Tem um cobertor? — Murmurou, lembrando-se de manter a voz baixa.

— Ele não precisa de um. — Smiley rastejou mais perto. — Este é um ambiente confortável o suficiente para ele. É o tranquilizante que esfria sua pele. Diminui a frequência cardíaca. Ele precisava descansar e aliviar a enxaqueca. Aquecer sua temperatura externa demais só removeria o sedativo mais rápido pelos seus poros. Nós até abaixamos o calor para ter certeza que ele ficasse adormecido por mais tempo. Ele aquecerá depressa quando acordar. Todo aquele compassar e aquelas lutas o fez suar.

Joy assentiu, tocando no peito de Moon. Ele parecia mais gelado que o normal para ela. Sua pele sempre estava quente. Algo a importunava e um louco pensamento de repente veio em sua cabeça. Olhou para Smiley.

— Espécies liberam as drogas pelo suor?

— Claro. É parte da razão que estamos todos em ótima forma. Percebemos em uma idade jovem que exercícios rigorosos não só nos afastava de ficarmos entediados enquanto estávamos trancados em nossas gaiolas, nos ajudava nossos sistemas de libertar as drogas. O ciclo se tornou rotina para nós. Eu me sinto inquieto se eu não mantiver um regime ativo de malhação.

Sua atenção retornou a Moon.

— Vocês ficam ajustando a temperatura aqui debaixo?

— Sim.

Sua cabeça virou em direção a Smiley.

— Há uma sauna em Homeland.

— Não. — Sua expressão se tornou quase cômica. — Aquelas salas quentes? Elas seriam uma forma de tortura para meu povo. O calor seria insuportável.



— Mas faria com que você suasse muito, certo?

— Baldes.

Seu olhar deslizou para Moon.

— E talvez liberasse algumas drogas que lhe foi dada? — Olhou de volta para ele.

Os olhos de Smiley arregalaram. — Nós não tentamos isto. — Agarrou seu rádio, mas pausou. — Ele desidrataria.

— Não se ele for monitorado e for feito corretamente.

Smiley recuou da gaiola e caminhou para longe o suficiente que tudo o que podia ouvir era o suave tom de sua fala, mas não as palavras. Focou em Moon.

— Estou aqui. — Acariciou sua bochecha. — Eu sei que você queria me proteger, mas você não me machucaria, não importando seu estado mental. — Acreditava nisto. Ele ficaria mais propenso a querer sexo em vez de derramar sangue.

Passos soaram e Joy girou a cabeça. Smiley acenou para ela e sussurrou.

— Saia. Eles estão descendo aqui. Você não pode ser achada neste lado da porta.

Remorso era uma pílula amarga para engolir quando largou Moon, seu olhar prolongou nele enquanto ficava de pé. Smiley trancou a porta e apontou.

— Um metro e meio para trás.

— O que eles disseram sobre a sauna?

— Eu não sei o que os médicos dirão, mas Justice estava interessado na teoria.

Joy olhou fixamente para a forma ainda imóvel de Moon.

— Espero que isto funcione.

— Nós estamos desesperados. Tentaremos qualquer coisa neste momento.

Olhou para Smiley.

Ele encolheu os ombros.

— Está é a verdade.

* * * * *

466 não conseguia se mover quando despertou. Levantou sua cabeça e rosnou. O humano em pé alguns centímetros na frente dele se assustou, empalideceu, e girou para falar com alguém.

— Eu ainda protesto.

— Faça isto, Ted.

O macho que respondeu tinha uma voz profunda, grossa para um humano e soava como se ele falasse através de uma porta ou parede. Deu a 466 tempo de olhar para seu corpo. As restrições o seguravam na vertical em seus pés e estavam firmemente ligadas a uma superfície plana de madeira. As cintas espessas estavam embrulhadas ao redor de seus pulsos, cotovelos, peito, cintura, coxas e tornozelos.

Os tubos estranhos que estavam grudados em seu corpo eram alarmantes. Estavam injetando algum fluido diretamente em suas veias? Rosnou novamente, ergueu o queixo, e deu ao humano um olhar que prometeu morte rápida. Lutou, mas as cintas em seu corpo não quebraram.

Eles deviam ter usado correntes. Isso foi um erro, decidiu. Mercile normalmente não fazia coisas estúpidas que podiam permitir a eles escapar, mas seu erro custaria a



vida do humano de cabelo branco. Poderia levar tempo para se soltar, mas iria, então ele quebraria o pescoço do humano. Ele se preocuparia com o outro humano depois que se livrasse do primeiro.

— Nós devíamos esperar até a força tarefa chegar. Você pode interrogar o homem que eles estão trazendo e obter respostas desse jeito. Isso podia prejudicar mais que fazer bem.

— O prisioneiro podia mentir. Podia levar dias para quebrar seu espírito o suficiente para confiar em suas palavras. Não há nenhuma garantia que ele sequer saiba que droga deram a Moon. — A outra voz profunda até mais, quase soando inumano.

— E se ele for tão amargo que de propósito nos der uma resposta que causará a morte de Moon? — Um terceiro humano tinha uma voz raramente profunda também. Ele também permaneceu longe da vista. — Vamos focar no que sabemos que são fatos. Nós podemos transpirar certas drogas. Poderia não funcionar neste caso, mas é mais seguro tentar isto que confiar em um químico com rancor.

O humano de cabelo branco pareceu agitado.

— Nós chamaremos mais peritos e confirmarão qualquer coisa que o imbecil falar antes de tentarmos em Moon. Eu entendo suas reservas em confiar em qualquer um que trabalhou para aquela companhia, mas é por isso que temos boas pessoas em serviço.

— Até agora esses peritos não descobriram o que fizeram com Moon. Eles não sabem muito sobre Espécies. Infelizmente, só Mercile sabe. Faça isto, Ted. Caso contrário, saia do caminho e eu mesmo farei isto.

— Justice. — O humano de cabelo branco estendeu a mão e agarrou a ponta do seu nariz com seu dedo indicador e dedo polegar, beliscando-o. — Alguns dias trabalhando para a ONE é um saco. Isto não é profissional. — Sua mão soltou para seu lado. — Em um hospital nós chamaríamos isto de falsa medicina.

— Então vá trabalhar para um. — Foi uma fêmea que falou. — Vamos, Ted. Você sabia quando aceitou o trabalho que o livro de regra seria jogado pela janela. Eles não ensinam sobre Espécies na faculdade de medicina.

— Eu não gosto disto, Trisha. — O humano de cabelo branco hesitou. — Tudo bem. Estou declarando, entretanto, que eu protesto.

— Anotado. — a fêmea concordou. — Nós monitoraremos seus sinais vitais de perto e temos uma equipe de emergência aguardando se Moon ter problemas.

466 olhou ao redor com preocupação. Os técnicos normalmente não se importavam de infligir dor em seu povo. Tinha de ser uma tortura particularmente horrível para um deles empacar em fazer o que quer que eles planejavam.

A sala era pequena com tábuas de madeira forrando as paredes e muito quente. Parecia que as tábuas também tinham sido colocadas um chão de azulejo — podia ver através de algumas rachaduras mais largas. Um grande dreno estava a sua esquerda. Teve que torcer sua cabeça para ter uma visão da coisa que ele estava amarrado. Pareceu ser algum tipo de mesa de madeira que tinha suportes que o manteve a alguns centímetros do chão. A coisa em que ele deitava não era comprida o suficiente para impedir que seus dedos do pé oscilassem na extremidade enquanto os mexia. Olhou para cima. Quatro grandes coisas redondas de metal com muitos buracos estavam



presas ao teto no final do espaço apertado. Pelo menos nenhuma delas estava apontada em sua direção. Alguns centímetros na frente dele havia um aparentemente estranho pequeno maçarico ou fogão de algum tipo com pedras em cima. Um balde da água e uma concha estava ao lado disto.

Perguntou-se se esse era o fim de sua existência. Os técnicos decidiram matá-lo? Pareceu que sim. Gás podia sair por cima. O dreno implicava fácil limpeza e as paredes forradas com madeira seriam fáceis de substituir se derramar sangue estiver envolvido. Lutou novamente.

O humano de cabelo branco o enfrentou, sua expressão horrenda. 466 rosnou uma advertência.

— Você está prestes a ficar com muito calor. — o humano sussurrou. — Diga-me se for demais, certo? Nós estamos monitorando seus sinais vitais, mas precisamos de sua ajuda também. Não queremos te aquecer demais.

Eles devem estar testando novas substâncias químicas, mas não estavam fazendo isto com um tubo. 466 olhou para as alças de metal atrás do homem. Eles controlaram o fluxo para os objetos de metal superaquecer? O medo e ira combinaram enquanto lutava mais, mas não pôde se libertar.

— Por favor. — outra voz alcançou suas orelhas. — Deixe-me entrar lá com ele. — Havia algo familiar nessa voz.

— Não. — O humano de cabelo branco recuou para o outro lado da sala estreita. — Está lotado e desconfortável o suficiente aqui.

— Eu não me importo! — A voz da fêmea levantou. — Por favor, Sr. North? Ele está lutando e parece em pânico. Eu não acho que ele sabe que ninguém vai machucá-lo.

— Vá. — a voz profunda respondeu.

Uma fêmea humana entrou em sua frente. Ele cessou suas lutas com as cintas quando viu seu rosto. Olhos largos, grandes e azuis encontraram os seus. Ela congelou num piscar de olhos. O cabelo escuro caiu em sua camisa branca pendurando logo abaixo de seus peitos. A visão dela fez algo engraçado em 466. O desejo de matar o deixou. De alguma maneira não se aplicou a ela.

Ela se aproximou cautelosamente, suas mãos pequenas ergueram e abriu suas palmas em direção a ele. Elas não seguraram nenhuma arma ou dispositivos médicos. Empurrou o cabelo do seu rosto quando prendeu em suas bochechas. Estava começando a suar do calor.

— Ei. — sussurrou. — Sou eu.

Ele olhou para a camisa moldada sobre a inchação de seus seios. Pelo material da camisa claramente viu que algo preto escondeu seus mamilos. A humana vestia uma camisa muito pequena debaixo da camiseta por alguma razão estranha que não entendeu.

— Nada te machucará. Eu prometo. — sussurrou. Uma mão estendeu e quase tocou em sua pele. — Viu? Está só muito quente para fazer você suar. — Olhou para o humano de cabelo branco. — Você pode deixar um pouco mais quente. Acho que eu posso notar se for demais.



466 puxou seu lábio superior para trás e permitiu que ela visse seus caninos afiados enquanto rosnava uma advertência. Era uma lembrança que ele parou de lutar contra as restrições. Sugou ar, expandindo seu tórax para empurrar contra elas enquanto dobrava seus músculos. Poderia ser somente pensamento tendencioso, mas as restrições pareceram dar-lhe um pouco mais de espaço.

— Eu sou Joy.

Ela não correu do jeito que pensou que ela fosse. Movimento chamou sua atenção e viu quando o humano de cabelo branco moveu para o balde, tirou um pouco de água e despejou-a nas pedras. Vapor subiu e a sala se tornou notavelmente mais quente. Suor apareceu por toda parte de seu corpo.

Dedos gentis esfregaram seu tórax e seus olhos arregalaram em choque. Entretanto a humana não estava usando luvas, ela fez contato direto com sua pele. Jogou sua cabeça para trás e uivou em ira. Mercile deve estar tentando matá-lo, já que isto nunca aconteceu antes. Lutou novamente, empurrando seu corpo violentamente em esperança que conseguisse se libertar.

— Olhe para mim!

A humano de repente fez o inesperado. Ela agarrou o topo de um de seus ombros e usou-o como alavanca para levantar seu corpo mais alto. Seus pequenos pés ficaram bem entre os dele na plataforma onde se deitava. O corpo da fêmea era macio e úmido quando apertou firmemente contra o dele. Olhou para ela.

Podia bater sua cabeça contra sua testa para afastá-la. Não a mataria, mas machucaria. Seu queixo ergueu e ela encontrou seu olhar. Ela se expôs a morte agora. Tudo o que levaria era ele atingir seu queixo na ponta do seu nariz minúsculo com suficiente força.

— Por favor, pare de lutar.

— Desça já daí! — O humano de cabelo branco gritou. — Você é louca?

466 concordou. A fêmea tinha de ser louca para se pôr a pouca distância. As manchas amarelas brilhando nas azuis de suas íris o fascinaram, entretanto e o mantiveram totalmente parado. Ela tinha olhos bonitos. O olhar suplicante neles fez os músculos do estômago apertarem.

— Estamos tentando tirar as drogas de você. — O tom de sua voz era quase triste.

Ajustou-se contra ele e levantou os dedos para tocar em sua bochecha. Ele podia ter se esquivado para evitar contato, mas curiosamente o manteve parado. A pele macia o acariciava e gostou da sensação das pontas dos dedos acariciando seu rosto. Ela era gentil e o modo que olhava para ele era como se ela se importasse profundamente com ele.

— Converse comigo. — sussurrou enquanto seus seios esmagavam contra a parede de seu tórax. — Pense. Lembre.

O peso de sua mão em seu ombro e seus dedos percorrendo seu queixo não era de nenhum jeito ofensivo. Gostou dela contra ele, tão perto. Suas narinas alargaram enquanto dava uma respiração profunda e seu cheiro o encheu. Sangue apressado para sua virilha enquanto seu pênis endurecia. Uma imagem relampejou em sua mente. Tentou agarrá-la, mas desapareceu. Ela era o que ele queria.



— Droga! — O humano gritou. — Saia de cima dele!

466 girou sua atenção para o humano, dirigindo sua ira lá. Se ele tivesse sido capaz, teria embrulhado seus braços em torno da fêmea para mantê-la perto. O humano pareceu uma ameaça agora. O homem de cabelo branco deu um passo em sua direção e pareceu que sua intenção era de tirar a fêmea à força.

466 rosnou.

— Eu arrancarei seus braços se você tocá-la. — Não podia ficar livre no momento, mas isso não significava que não iria. O humano morreria com uma morte dolorosa se ele chegasse um pouco mais perto.

O humano de cabelo branco ofegou e tropeçou de volta.

Capítulo Dez

Isto é minha culpa. Joy foi quem sugeriu para tentarem retirar as drogas de seu sistema pelo suor. Nunca passou pela sua mente que ele entenderia mal suas intenções.

Conseguiu ter a atenção de Moon novamente uma vez que ele parou de ameaçar Dr. Treadmont. Nenhum reconhecimento faiscou em seu olhar escuro. Embora parecesse uma vantagem que ele não tentou tirá-la. Ele estava contido, mas não totalmente indefeso. Ele podia tê-la mordido. Suas mãos e rosto estavam ao alcance de sua boca.

Debateu sem ter certeza se ele responderia a Moon ou 466, ou nenhum deles. Suavizou seu tom, esperando o acalmar.

— Você pode conversar assim eu assumirei que pode me entender.

Seu olhar estreitado. Estava certa que ele não a reconhecia — novamente. Lentamente aproximou as pontas dos dedos mais perto do seu rosto novamente. Ele não se esquivou. Permitiu que ela colocasse para trás um pouco do seu cabelo, que caiu em seu rosto. Sua palma acariciou sua bochecha no processo.

— Você está em Homeland.

Confusão nublou sua expressão um segundo antes dele mascarar suas feições. Onde ele está em sua mente? Pausou, tentando compreender a melhor maneira de continuar sem deixá-lo com raiva.

— É um lugar seguro. Você já se exercitou para ajudar a tirar as drogas de seu sistema?



Sua boca firmou em uma linha apertada e olhou por cima dela para Dr. Treadmont, depois de volta.

— Sim.

Aquela palavra concisa deu a Joy esperança.

— É isso que estamos fazendo. Uma droga ruim deixou você realmente confuso e desorientado. Você sofreu perda de memória.

— Faça-o sair. — Rosnou baixo.

— Sem chance. — Treadmont devolveu.

— Ted? — Justice North falou da outra sala. — Saia daí agora. Essa é uma ordem. Ele está mais tranquilo com ela e você o agita.

Joy não olhou para trás para ver como o doutor reagiu, mas podia imaginar que ele não teria gostado em ser ordenado pelo líder da ONE. Ouviu Treadmont deixar o quarto.

— Que droga? — Manteve sua voz baixa, quase um silvar. — Quem fez isto comigo? Aquele técnico?

— Não. Não sabemos que droga é, mas estamos esperando que você possa transpirá-la totalmente do seu sistema.

Ele se mexeu, puxando as restrições, mas fez lento o suficiente que não foi desalojada dele.

— Livre-me. Eu não te machucarei.

— Você precisa melhorar um pouco primeiro. Você se lembra de mim?

— Eu gosto do seu cheiro.

Seus lábios curvaram e não conseguiu evitar sorrir.

— Eu gosto do seu cheiro também. Acho que isto é um começo.

Ele olhou para seu braço.

— Eles ainda estão me dando drogas.

Ela olhou para a intravenosa em seu braço.

— Essa ainda é uma opção. Isto só está aí como uma precaução. É só solução salina e não será usado a menos que você mostre sinais de desidratação.

Alguma emoção chamejou em seus olhos.

— Eu não gosto de esportes.

SIM! Queria pular no ar, mas não ousou. Apenas teve uma pequena reação com ele. Não queira cair de bunda.

— Isso mesmo.

Ele fechou os olhos.

— Você é uma psiquiatra. Você quer me consertar e me deixar mais humano. — Seus olhos arregalaram. — Eu não sou um.

— Você definitivamente não gosta de caras humanos. Você é melhor. — Tinha um período agora.

— Sim.

Suor brilhou em seu lábio superior e em sua sobrancelha. Sabia que estava acontecendo com ela também. A sauna provisória estava criando o ambiente que precisavam.



— Seu cabelo é mais longo que eu pensei que seria. Você sempre o mantém em uma bola apertada na base do seu pescoço. — Um músculo em sua mandíbula apertou.

— Quem são os outros humanos no quarto ao lado? Guardas?

— Eles são seus amigos. Alguns deles são como você.

Isso o surpreendeu, julgando pela sua expressão. Ele fechou seus olhos novamente e um olhar de concentração tencionou suas características.

— Você está bem? — Perguntou.

— É tão quente.

Ela olhou para seu corpo. Suor despejava dele. Estava bem certa que estava suando tanto quanto. Sua mão deslizou e teve que agarrar a cinta em seus bíceps superiores para impedir de cair. A temperatura no quarto era quase insuportável.

Esperou por ele falar novamente. Tempo pareceu não passar. Cada centímetro de sua roupa parecia como se estivesse colada em sua pele.

— Joy, eu lembro. — de repente disse. — Onde está Justice? Eu disse que ele mantivesse você afastada de mim. — Ele fez uma careta. — Desça antes de você cair.

Mãos agarraram seus quadris e ofegou. Justice estava atrás dela e facilmente a ergueu do chão. Suas roupas já estavam achatadas nele, mas pareceu inconsciente disso quando a largou para atender Moon.

— Ela tem um efeito calmante em você. — Justice encolheu os ombros. — Não era como se nós pudéssemos te pedir que malhasse até você cair de esgotamento.

— Pensei em matá-la, droga. — Moon nem olhou para Joy. — Essa é a grande cura? Me derreter?

— Você voltou ser você então não reclame. — Justice esticou a mão e puxou sua camisa. — É como ficar em pé no inferno, não é? Vou precisar de um banho.

— Me solte.

— Estamos esperando que isto consiga tirar o que quer que você foi exposto para fora de seu sistema.

— Eu não disse que eu iria sair daqui. Tire-me deste maldito aparelho.

Justice livrou a parte superior do corpo de Moon e curvou-se para livrar sua metade mais baixa. O som de velcro foi alto. Joy recuou para um canto para dar aos dois homens mais espaço.

— Você não poderia ter afogado meu traseiro numa banheira quente? — Moon estava livre e desceu para o chão. — Nós estamos no Centro Médico?

Justice tirou sua camisa, largando-a no chão. Ele se curvou, tirando seus sapatos. — Sim. Este é o maior banheiro que temos. Você não tem nenhuma ideia de quantos machos foi preciso para montar isto. E uma banheira quente não teria funcionado. Ainda que funcionasse, você sabe o quão impossível teria sido para te pôr dentro e te manter lá. Imagine os riscos envolvidos com alguém te afogando se você lutasse demais? Você não tem sido exatamente amigável.

— Saia daqui. — Moon finalmente olhou para Joy novamente. — Não há nenhuma razão para ninguém mais sofrer. Quanto tempo eu tenho que ficar aqui? — Ergueu o braço que ainda estava preso à intravenosa e perguntou a Justice. — Eu posso me livrar disto?



— Só se você mantiver Ted informado sobre qualquer coisa que sentir. Isso significa qualquer coisa e tudo. Não estamos certos por quanto tempo temos que te manter superaquecido. Nós queremos que essa droga saia de você para sempre.

— Vinte minutos. — Treadmont gritou. — Então podemos tirar você por algumas horas e avaliar sua condição a longo prazo.

Moon arrancou a intravenosa e Joy estremeceu à vista de sangue.

— Havia uma maneira melhor de fazer isto.

Ele a atirou um olhar feio antes de fazer careta para Justice.

— Saia daqui. Está mais quente que o inferno.

— Não mesmo. — Justice riu. — Nós decidimos tentar isto antes de forçarmos tirar informações de um residente de Fuller. Ele é um químico. Você pode apreciar minha hesitação em depender de qualquer coisa que ele poderia nos dizer. Os humanos presos em Fuller não são confiáveis.

— Moon? — Harley de repente invadiu o espaço estreito.

A expressão de exaltação no rosto de Moon machucou Joy. Ele nunca reagiu a sua tão fortemente ou tão positivamente em todo tempo que o conhecia. O grande Espécie quase empurrou Justice do caminho para alcançar seu amigo. Ele agarrou o outro homem em um abraço de urso.

— É tão bom ver você. Senti saudade do tempo que você era lúcido. — Harley aliviou voltando, mas ainda manteve o abraço em seu amigo. — Você precisa vencer esta coisa.

— Estou tentando. — Moon sorriu, e seu queixo caiu para seu tórax para olhar para baixo. — Sou mais importante que sua bota de motoqueiro favorita? O couro poderia encolher neste calor infernal.

— Eu não me importo. Comprarei mais. — Harley agitou sua cabeça. — Esquive-se da próxima vez que alguém atirar em você.

— Foi má sorte. Errou meu colete e bateu no meu braço. Não doeu, se isso ajuda. Só uma picada e depois um monte de nada.

Justice girou e gesticulou para Joy sair. Ela hesitou, mas Moon estava sorrindo para Harley. Ele não pareceu nem se lembrar de que estava lá. A sensação de chamas em seu peito teve pouco a ver com o calor. Veio por saber que Moon não precisava dela. Afastou-se da parede e saiu do banheiro à frente do líder da ONE.

Era uma diferença drástica na temperatura quando abriu a porta e entrou no outro quarto. Calafrios torturaram seu corpo antes de andar três metros no quarto. Trisha, Treadmont, e quatro Novas Espécies olhavam fixamente para ela.

Cruzou seus braços por cima de suas encharcadas de suor e tremeu, sugando o ar muito mais gelado, mais fresco.

— Eu, hã, preciso de um banho e roupas secas.

Trisha, a doutora, deu-lhe um olhar simpaticamente.

— Siga-me para o quarto de exames ao lado. Eu te ajudarei. Aposto que você está congelando. — Olhou para Justice. — Você sabe se virar.

— Eu posso me guiar sozinho e eu sei onde as coisas restantes estão armazenadas. — concordou.

Ted Treadmont girou para olhar o monitor.



— Eu fico aqui, Trisha. Não se apresse. Gritarei se precisarmos de você.

Embaraço era uma emoção estúpida, Joy decidiu. Ainda sentiu isto, entretanto enquanto evitava olhar para os machos Espécies que passava. Moon nem disse adeus ou agradeceu por entrar lá para ajudá-lo. *Ele tem outras coisas em mente*, debateu. *Pessoas mais importantes em sua vida para conversar. Ai. Sim, dói. O que você esperava?* Não teve nenhuma resposta.

Moon assistia Harley se despir até sua cueca preta e sorriu quando ele sentou-se no chão.

— Você não tem que ficar aqui e ser minha babá. Short legal.

Harley se sentou ao lado dele.

— Amigos sofrem com amigos. Humanos gostam desse calor em um quarto? Por que isto?

— Não faço ideia. — Era uma desgraça estar tão quente. Estudou o rosto do seu amigo. — Você sentiu minha falta?

— Você sabe que sim. — Harley limpou a garganta e apontou para cima. — Nós estamos sendo filmados.

Moon olhou para câmera.

— Quem está lá fora?

— Ted, Trisha, Justice, Flame, Jericho, e Fury. Todos nós estamos preocupados com você.

Moon absorveu a informação.

— Eles acham que isto vai funcionar?

— Estamos esperando.

— Eles pegaram a pessoa que este fez isto comigo?

— Ainda estamos procurando por ele.

— O que era que Justice estava falando sobre a Fuller então? — Moon esfregou seu tórax, odiando a sensação de suor cobrindo seu corpo. Fuller era a prisão onde os humanos que trabalharam para Mercile eram encarcerados. Fuller foi criada para alojá-los. Espécies queriam e precisavam ser mantidos longe deles então só humanos trabalham lá.

— Um dos imbecis que costumava fazer alguns dos seus testes de droga.

— Esta droga é algo novo?

— É isso que imaginamos. Ninguém se lembra de já ter sido submetido a uma droga como esta aqui. Provavelmente é algo que a Mercile estava inventando antes dela ser fechada.

— É pior que a droga de procriação. Pelo menos sabíamos que era temporário. — Esfregou seus braços depois, enxugando o suor que estava juntando em sua pele. — Fale-me sobre ela.

Harley franziu a testa.

— Joy. — Moon declarou suavemente. — Quem a chamou? Como ela reagiu? — Estava quase com medo de ouvir a resposta. — Quanto custou para suborná-la a vir?



— Eu não sei quem a chamou. Voei para a Reserva para ficar com você e ela já estava aqui quando retornei a Homeland. Eu estava atrasado alguns dias para limpar a bagunça depois que nossos muros foram invadidos.

— Alguma vida foi perdida?

— Nenhum dos nossos.

— Bom. Quanto custou? Não evite a pergunta. — Ficou irritado que seu melhor amigo não estava sendo acessível, mas entendeu o desejo de Harley de protegê-lo. — Seja sincero. É disso que eu mais preciso.

— Nenhum dinheiro foi envolvido. Ela deixou claro que não queria ser paga.

Um pouco de sua raiva aliviou. Também o deixou confuso.

— Então por que ela está aqui?

— É isso que eu quis saber. Fui grosso com ela quando nos conhecemos. Eu a peguei mostrando os seios para você.

Surpresa bateu em Moon.

— O que?

Harley sorriu.

— Sim. Foi isso que veio em minha mente. Estava pronto para jogá-la por cima do meu ombro e levá-la para o portão da frente, pensando que era uma pervertida se aproveitando de você ou te provocando só para ser cruel. Você não respondia a qualquer outra coisa, a não ser ela exibindo seus dotes, Moon. Isto é apenas a soma disto. Eu estava desconfiado a princípio de seu raciocínio, mas funcionou. Parece que humanas sensuais mostrando muita pele amansam a besta em você ou pelo menos faz com que converse para ver mais. — Ele riu.

Imagens nebulosas surgiram de Joy e seu decote muito atraente.

— Eu meio que me lembro. Não muito, entretanto.

— Você estava bem desligado aquele dia. — Harley estendeu a mão e afastou o cabelo do seu pescoço. — Posso sentir litros rolando para fora à medida que falamos. Sou só eu?

— Não. Humanos pagam por isto? Não abre seus poros da pele ou algum merda dessas?

— Meus poros estão tão abertos que minha pele quer cair.

— Mais dez minutos. — Ted gritou. — Você precisa de água?

— Estou em uma poça. — Moon respondeu. — Estamos bem. — Abaixou a voz e enxugou mais suor do tórax. Estava descendo seu corpo. — Faça-me um favor, Harley.

— Qualquer coisa.

— Tenha certeza que eu não tenha a chance de machucá-la se perder meu juízo novamente.

Harley hesitou.

— Eu não senti o desejo de matar, mas ainda tive a ideia de bater meu queixo na ponta do seu nariz quando ela entrou aqui e chegou muito perto de mim. Isso a teria matado imediatamente se eu tivesse impulso suficiente para enviar o osso em seu cérebro.

Harley estendeu a mão e agarrou seu pulso.



— Ela sabe dos riscos. Ela assinou um documento absolvendo a ONE da responsabilidade no caso de sua morte ou dano. — Ele soltou.

Moon estava contente que estava sentado. Isso era sequer possível? Surpreendeu-o que Joy de boa vontade faria algo daquela magnitude para ficar em Homeland.

— Ela está ciente do dano que podemos causar. Esta manhã eu li os arquivos que ela fez de alguns de nós. Justice me deixou lê-los depois que nós discutimos um pouco. Eu queria cuidar de você. Todas as notas da psiquiatra dirigida aos pacientes foram transferidas para Homeland quando nós fomos trazidos. Um de nossos machos disse a ela sobre como rasgou a garganta de um técnico que se debruçou muito perto dele enquanto estava amarrado com correntes deitado em uma mesa. Ele só podia mover sua cabeça. Outro Espécie descreveu como conseguiu livrar um braço e quebrar o pescoço de um guarda antes do humano sequer poder reagir.

Harley engoliu, empurrando seu cabelo úmido para mantê-lo fora de seu rosto.

— Aquela fêmea sabe o quão perigoso você pode ser, ainda assim não afrouxou e se apressou para ajudar. O que isso te diz?

Frustração subiu em Moon. Ele estava com calor, irritável, e bravo.

— Ela está disposta a morrer por você. Eu não confiei nela a princípio e estava cauteloso com seus motivos, mas ela tem um sentimento forte e verdadeiro por você, Moon. Ela lamenta ter fugido de você no Setor Quatro.

— Ela nem sequer tentou me contatar uma vez que viemos para Homeland. Ou para a Reserva.

— Você devia falar com ela.

— Estou conversando com você.

— Certo. — Harley lançou um olhar hesitante em sua direção. — Eu acho que ela ama você.

— Amor? — Moon esfregou seus braços novamente, mais forte desta vez, tentando enxugar o suor e o sentimento intranquilo que o deixou um pouco tonto.

Seu dedo achou algo estranho e esfregou o lugar enquanto refletia sobre as palavras de Harley. Ele tinha ficado obcecado por Joy quando estavam no Setor Quatro. Ela era a fêmea que ele queria acima de todas as outras.

Ela partindo o deprimiu e chorou por muito tempo pela sua perda. Toda vez que sequer pensava nela era como se comesse algo ruim e dor roia seu intestino. *Isso pode ser amor?* Não estava certo já que nunca o experimentou.

— Amor. — Harley repetiu. — Eu não consigo pensar em nenhuma outra razão por que ela te enfrentaria quando você estava selvagem. Inferno, você me assustou e eu não sou um fraco pequeno humano.

Moon franziu a testa, distraído. Seu dedo sondou o lugar novamente. O pequeno caroço movido contra seu osso, realmente machucando.

— O que é isto?

— Há algo debaixo da minha pele.

Harley olhou para baixo.

— Foi aí onde você foi baleado?

— Sim.



— Era um dardo, não uma bala.

— O que você disse? — Era Ted, gritando do outro quarto.

— Eu achei algo em meu braço. — A voz de Moon elevou e olhou para Harley. — É pequeno e dói quando eu toco.

— Venha aqui. — Ted ordenou. — Vamos dar uma olhada.

Moon ficou de pé, mas ficou tonto quando se levantou, o quarto girando um pouco. Harley não teve esse problema, entretanto quando o agarrou em seus cotovelos para firmá-lo.

— Você está bem?

— Acho que o calor está me afetando.

— A mim também, mas não estou oscilante. Vamos sair daqui.

De repente Fury estava lá para ajudar, pondo um braço ao redor dele. Humilhou Moon um pouco em precisar de ajuda para caminhar, mas ambos os machos mantiveram um aperto firme nele enquanto o levavam para fora do banheiro. Ted apontou para a cama no lado do quarto de exame.

— Coloque-o lá. — Olhou para Flame. — Traga Paul. Diga a ele que a hora do recreio acabou e que nosso paciente não tentará matá-lo. Eu preciso da máquina de ultrassom. Seu povo não foi treinado nelas tão bem quanto ele.

— Estou nessa. — Flame anunciou, girou, e correu pelo corredor abaixo.

— O que você acha que é? — Moon quase desmoronou no colchão. Seu corpo estava molhado e foi de suar a estar frio. — Será que um pedaço do dardo quebrou em meu braço?

— Onde você o sentiu?

Moon mostrou ao doutor colocando o dedo indicador do humano em cima da área.

— Aí mesmo.

Paul chamou a atenção de todo mundo enquanto empurrava uma máquina com rodas no quarto. Sorriu quando Moon encontrou seu olhar.

— Aí está o cara que eu conheço. — Paul chegou mais perto. — Ouvi que você está conosco novamente. Estou tão contente. Sério. A última vez você tentou dar uma mordida em meu braço.

— Eu sinto muito.

Paul parou e se curvou para ligar um cordão.

— Sem problema. É tudo diversão e brincadeiras até que alguém perca um olho... ou um braço, em meu caso.

— Pare com isto. — Ted estalou. — Brinque mais tarde. Esse é o problema com vocês jovens. Estão mais preocupados com a consulta do que com o tratamento.

— Ninguém nunca te acusaria disto. — Paul murmurou enquanto ligava a máquina e a preparava. — O que estamos procurando? Ele foi ferido? Seu peito dói? Eu disse para que tivessem a certeza de não apertarem as cintas demais e ter certeza que você podia respirar sem dificuldade. Devíamos te fazer um Raio X se você achar que pode ter fraturado algumas costelas.

Ted produziu o que pareceu com um marcador e desenhou um círculo no braço superior de Moon.



— Procure esta área aqui mesmo.

— Isso facilita. — Paul retirou uma garrafa de gel do ultrassom e hesitou. — Você quer que eu amorne isto?

— Não. Eu tive suficiente calor para durar para sempre. — Moon nunca queria estar naquele calor novamente.

Paul assentiu e passou a substância clara em cima de um instrumento de mão preso a máquina. Empurrou-o contra o braço de Moon e olhou a tela, que Moon não podia ver. Lentamente moveu sobre sua pele, entretanto parou. Paul empurrou um pouco mais forte, ajustou a coisa, e suavemente xingou.

— Que diabo é isto?

— Droga. Preciso de um bisturi. Nós retiraremos o que quer que seja e examinaremos.

— A ponta quebrou no osso? — Moon não gostou da ideia que parte do dardo ainda estava dentro dele.

— Não, estou certo que não é a ponta do dardo. Nós não verificamos objetos estranhos porque o dardo estava intacto. — Ted falou com uma voz brava. Pareceu realmente preocupado. — É um objeto retangular, muito pequeno. Definitivamente não é nada que pudesse ser parte de um dardo.

— Oh-Oh. — Paul concordou. — Merda. É quase como um daqueles chips de animais de estimação que minha esposa implantou em nosso cachorro no caso dele um dia se perder. Talvez um pouco maior.

— Ele estava marcado com um sistema de acompanhamento de algum tipo? — Justice retornou. Ele vestiu o mesmo tipo de vestimenta de enfermeira, só de tamanho maior.

— Eu não sei o que é. — Ted admitiu. — Nós não saberemos até que eu o remova.

— Faça isto. — Fury exigiu.

Moon assentiu.

— Sim. Tire isto de mim. Eu não sei por que eles quereriam poder me localizar. Nossos inimigos sabem exatamente onde estamos. Aqui ou na Reserva.

Harley rosnou.

— E se eles tiverem algum tipo de arma que poderia alvejar um certo local? Um projétil de algum tipo. Podia estar enviando um sinal de direção.

— Tire isto dele agora. — Justice ordenou. — Estou ligando para Tim para fazê-lo vir aqui. Ele sabe tudo sobre armas do exército.

O primeiro pensamento de Moon estava em Joy quando olhou para Harley.

— Tire Joy daqui. Leve-a para a moradia humana e fique com ela. — Não a queria em nenhum lugar perto dele até que pudesse ter certeza do que estava acontecendo. Também não queria perder Harley se o Centro Médico fosse atacado.

— Não vou deixar você.

Maldito Espécie teimoso.

— Você é realmente um irmão?

Olhos escuros de Harley estreitaram e suavemente rosnou.

— Você está puxando esta carta?



— Sim. Leve-a para segurança e fique com ela.
— Porra. — Harley girou e marchou em direção à porta. — Você não joga limpo.
— Coloque alguma calça primeiro. — Moon gritou. A ideia de Joy vendo tanto de Harley não caía bem pra ele. E se ela o achasse mais sexualmente atraente? O conceito só o deixou pronto para chamar Harley de volta. Não disse nada, entretanto, e se deitou quieto.

Capítulo Onze

Joy compassava na sala de estar da cabana e mastigava o lábio inferior. Harley a assistia do sofá, seus braços cruzados sobre o peito.

— Isto está ajudando? Este seu exercício?

Resistiu ao desejo de sacudi-lo. O macho era irritante, mas sabia que estava preocupado com o que estava acontecendo com Moon no Centro Médico. Ela também. Harley lhe contou sobre o objeto no braço de Moon.

— Você devia ter me dito sobre o braço dele antes de sairmos do Centro Médico.

— Você teria saído?

Parou de caminhar.

— Não.

— É por isso que eu não te disse.

— A ONE não tem sistemas antimísseis ou algo semelhante para derrubar qualquer coisa se alguém lançar um ataque?

— Nós temos guardas armados com armas para lidar com qualquer coisa que for uma ameaça. Não estamos certos do por que alguém associado a Mercile colocaria um rastreador dentro de Moon, mas este é o pior argumento que podíamos pensar e é melhor estar preparado para o pior. Talvez eles só quisessem ver se nós o voaríamos para Homeland ou para a Reserva. Eles podem ter querido localizar nossos padrões de voos. Nós os mudamos frequentemente depois que um de nossos helicópteros foi abatido. Eu posso pensar em uma dúzia outras razões para eles terem feito isto.

— Eu não sei como você vive com isto. — Joy compassava novamente. — Tantos imbecis para lidar e tanto perigo. Por que eles não podem deixar os Espécies em paz?

— Nós desejamos que eles parassem de nos hostilizar também. Desejar não faz isso se tornar realidade. — Cruzou as pernas, mexendo os dedões dos pés nus. — Seu mundo não é tão seguro também. Nós vemos suas notícias em nossas televisões. Não existe assalto, estupros, ou roubo de carros nas terras da ONE.

Joy continuou compassando.

— Nós não roubamos um do outro. Nós não...



— Eu entendi! — Gemeu. — Eu estou exagerando e não estou sendo sensata. Sua taxa criminal é muito mais baixa aqui. Eu estou um pouco apavorada por toda essa coisa de rastreador de míssil. Você tem que admitir isto é um tanto quanto sinistro.

— O termo inimigo implica que eles não são agradáveis de se lidar.

Joy colocou as mãos em sua cintura e atirou-lhe um olhar irritado.

— Eu estou reclamando Harley. É um modo normal das pessoas expressarem suas frustrações. Estou preocupada com Moon e o que está acontecendo com ele.

— Oh. Isto é uma coisa humana? — Uma sobranceira curvou.

— Sim. — Encolheu os ombros e relaxou. — Mais especificamente, uma coisa de mulher. Você deveria assentir e não começar uma discussão comigo.

— Entendi.

Ela o estudou.

— Você é bem tranquilo para um Espécie sob tensão.

— Nós andamos um longo caminho desde que fomos libertados, Dra. Não espere que eu deite de costas neste sofá e comece a discutir como me sinto. Não vai acontecer. Eu também não vou despedaçar meus punhos esmurrando suas boas paredes. É tentador, mas não acontecerá nada, a menos que você queira mais espaço aberto entre a cozinha e a sala de estar.

Joy sorriu. Gostava do Espécie, quando ele não estava ameaçando-a ou acusando-a de fazer coisas abomináveis com Moon.

— Duvido que a ONE aprecie você remodelando uma das cabanas de convidados.

— Provavelmente não. — Olhou em seu pulso e então suspirou. — Continuo esquecendo que não tenho relógio.

— O que aconteceu com ele? — Estava curiosa com o quão dependente os Espécies se tornaram em tecnologia. Fazia muito tempo desde que ela esteve ao redor deles. Aparelhos eram estranhos para eles depois de Mercile.

— Deixei tudo muito perto daquele forno. Meu relógio e botas estavam arruinados. — Olhou para seu corpo para a calça de moletom e camiseta com o logotipo da ONE com um gesto. — Sinto falta da minha calça jeans, mas prometi a Moon que eu teria certeza que você chegaria aqui e ficasse.

— Não tentarei achar um caminho de volta para o Centro Médico. Percebo que preciso de uma escolta e que alarmaria qualquer um que me visse caminhando ao redor sem uma. Esta é a última coisa que quero fazer.

— Eu mantenho minha palavra, Dra. Até para uma psiquiatra.

Seu bom humor fugiu.

— Seu povo concordou com terapia como eu também. Você sabe o quão irritante é ser chamado disto? Psiquiatra implica algo horrível e soa doloroso. Tudo o que quisemos fazer era ajudar vocês a se ajustarem a vida fora da Mercile. Vocês precisavam ter alguém lá para conversar e se conectar depois de tudo que passaram. Isto é compaixão e bom senso básico para ajudar alguém em necessidade. Não foi fácil para nós também.

Suas sobranceiras ergueram novamente enquanto a considerava.

— Vocês não foram exatamente amigáveis a princípio. Eu estava apavorada de que vocês sofreriam um colapso pós-traumático em meu escritório e não pense em



nenhum momento que eu não soubesse que até os guardas fortes estariam desfavoravelmente equipados em lidar com essa situação. Até suas mulheres podiam acabar com eles. Fêmeas. — corrigiu, sabendo que eles preferiram aquele termo.

Harley sorriu.

— Você sabe quanto sermão eu ouvi dos meus pais e amigos quando fiz as malas e lhes disse que consegui um trabalho sobre o qual não poderia falar? Eles não tinham nenhuma ideia de onde eu estava, e minha mãe pensava que eu estava sendo cruel mantendo-a na escuridão. Nós não podíamos deixar o Setor Quatro, e era chato. Eu teria matado para dar uma volta ou um passeio a uma loja de café. Qualquer coisa normal.

— Você está reclamando novamente, não é? Eu devia assentir agora?

— Desculpe. Por que está demorando tanto? Você não pode mandar uma mensagem de texto ou algo para conseguir uma atualização? Rusty fez isto.

— Eu esqueci que meu telefone celular estava no bolso de trás da minha calça jeans. Eu tive medo de ligá-lo até que esfriasse. Poderia estar frito.

— Droga. — Olhou fixamente para o telefone da casa na mesa perto da porta. — Você pode ligar para alguém?

— Eles nos informarão quando descobrirem o que está acontecendo. Tudo o que faremos é fazê-los se apressarem mais se interrompermos o que quer que esteja acontecendo agora.

— Impaciência costumava ser uma característica comum dos Espécies.

— Progresso não é uma coisa maravilhosa? — Riu. — Eu vejo por que Moon gosta de você. Você é um tanto quanto atraente quando não está no modo psiquiatra.

— Você é solteiro, não é?

— Sim.

— Grande surpresa. — xingou e cruzou seus braços sobre o tórax.

— Sarcasmo não está mais perdido em nós. — Levantou-se. — Você quer algo para comer? Isso poderia manter sua boca ocupada antes de você ficar muito insultante.

Joy sabia que estava sendo chata. Ela inventou o plano louco. Eles podiam ter pelo menos dito a ela se funcionou ou não. Estava a enlouquecendo, perguntando-se se ele foi capaz de reter sua memória ou se ele voltou à confusão mental.

A campainha tocou e se assustou. Harley andou a passos largos para a porta e a abriu. Sua grande forma bloqueou sua visão, mas estava perto o suficiente de ouvir seu suspiro surpreso.

— Moon!

— E um detalhe de Segurança. — uma voz familiar, grossa respondeu. — Para ter certeza que eu permaneço eu mesmo.

— Você saiu do Centro Médico?

Joy chegou mais perto, um pouco surpresa também que ele foi liberado da supervisão. Exaltação bateu depois. Deve significar ele se livrou da droga em seu sistema. Seu coração acelerou e abraçou sua cintura, tentando olhar para ele ao redor do seu amigo vultoso.

— Nós conversaremos mais tarde. Eu vim falar com Joy. Faça-me um favor e vá a minha casa. Eu mataria por alguns bifés e café. Eu devo estar lá no tempo que você tiver acabado de prepará-los. — Moon riu. — Eu presumo que você não se importará.



— Não. — Harley avançou e abraçou o outro Espécie. — Nem um pouco. Estou contente que você voltou.

Moon olhou fixamente para Joy por cima do ombro do seu amigo enquanto o abraçava de volta.

— Eu também. Estarei lá logo. Nós temos muito para colocar em dia. Joy mal notou Harley sair, olhando fixamente para o homem que amava. Moon obviamente tomou banho. Ele vestiu uma camiseta e calça de moletom preta. Seu olhar escuro bloqueou com o dela enquanto entrava, depois girou e falou com o Espécie que o acompanhava.

— Espere lá. Isto é privado. Você ouvirá se houver um problema e eu não fecharei a porta assim você poderá ganhar entrada se houver.

— Não esperou por uma resposta quando fechou a porta firmemente entre ele e o segurança em sua varanda. Ele se debruçou contra ela e olhou para ela.

— Funcionou. — Era tudo o que podia pensar em dizer. Moon ficou em pé na sua sala de estar. Seu rosto bonito segurava uma expressão horrenda, uma lembrança total que ele não era a mesma pessoa que uma vez conheceu. Cautela brilhou em seus olhos e um pouco de raiva também, se fosse optar. Os nervos atingiram com força enquanto seu estômago apertava. Ele viria agradecê-la por correr para seu lado ou pedi-la para deixar Homeland.

— Nós achamos um implante em meu braço. Estava me dosando com a droga para mantê-la em meu sistema por mais tempo. A princípio acreditamos que era um dispositivo de rastreamento, mas descobrimos a verdade uma vez que foi examinado por um microscópio e testado. Os rastros da mesma substância química em meu sistema estavam dentro dele.

Estava muito atordoada para falar. Ele estava curado, mas não era por causa da sua sugestão para usar a sauna afinal de contas. Embora não importasse para ela desde que ele melhorasse.

— Ted imaginou que isso teria continuado me drogando por mais alguns dias no máximo depois teria finalmente terminado.

— Estou contente que você se recuperou. — Sua voz saiu trêmula. Seus ombros endireitaram um pouco enquanto se recompôs e forçou os braços para os lados. Queria parecer tranquila e composta. — Como você está se sentindo? Nenhuma enxaqueca ou nebulosidade?

Moon armou sua cabeça. Raiva definitivamente relampejou em seus olhos escuros.

— Isto é tudo que você tem a dizer para mim, Dra. Yards?

Desistiu de ser profissional. Era besteira sequer fingir poder fazer isso e eles dois obviamente sabiam disto depois do modo zombeteiro com que ele a tratou.

— Não. — Deu um hesitante avanço, o desejo de tocá-lo era forte o suficiente até que seus dedos dobraram. Provavelmente não seria esperto tentar, então pausou, mantendo uns bons três metros de espaço entre eles. — O que você quer que eu diga? Eu não sou mais sua terapeuta, mas este é o papel que eu estou mais confortável neste momento porque você está me encarando. Estou tentando determinar o motivo.



Ele afastou-se da porta e lentamente chegou mais perto. Joy viu o modo flexível com que ele se movia. Um alarme disparou atrás de sua mente. Esse não era o homem vindo até ela, era um predador irritado e perigoso. Deu um passo para trás antes dele poder tocá-la. Ele congelou e suavemente rosnou.

— Você de todas as pessoas devia saber melhor do meu humor atual. Você gira e corre, e eu te derrubarei. — Ele olhou atrás dela antes de segurar seu olhar. — O tapete parece espesso, mas eu duvido que te preveniria de ser machucada se eu te derrubasse no chão.

Era difícil pensar enquanto batalhava com o medo e a lógica. Ele não a machucaria intencionalmente, entretanto sabia que sua ameaça era real. Olhou fixamente para seu rosto e sua beleza exótica a atingiu mais uma vez. Ele pareceu feroz e sensual ao mesmo tempo. Seus lábios cheios estavam um pouco separados, lembrando-lhe de seus caninos afiados. A marca de mordida nela não doeu, mas a consciência dela de repente estava exaltada, junto com a memória de como ele a pôs lá.

— Eu estou quase tentada a te empurrar. — admitiu, lançando a precaução de lado. Seus olhos bonitos arregalaram pela sua surpresa aparente. — O que você faria comigo?

Seu olhar percorreu seu corpo lentamente, vendo cada centímetro, e suas narinas alargaram quando inalou. Olhou até a frente de sua calça. Não havia como perder sua resposta. O contorno de seu pênis engrossou e prolongou enquanto olhava.

— Foder. — suavemente silvou.

Empurrou seu olhar para longe de sua virilha para examinar seus olhos novamente. Ele olhava para ela. Deu outro passo pequeno para trás, sabendo que provocaria seu instinto de perseguição.

— Não faça isto, Joy. Eu vim para conversar.

É isso que ela temia. Tinha medo que ele a pedisse para deixar Homeland. Ele deve lamentar o que aconteceu entre eles e não seria um exagero se ele a culpasse por fazerem sexo. Sua necessidade de falar com ela implicava que ele desejava que não acontecesse. Tentou esconder sua dor.

— Certo.

Seus olhos fecharam.

— Não use esse tom.

— Que tom? — Sussurrou não confiante que sua voz escondesse o fato que seu coração estava partido.

Seus olhos abriram.

— Droga. Você não tem nenhum direito de agir como vítima. Você me deixou! Você é que foi embora. — Sua voz elevou para um grunhido. — Não espere retornar a minha vida como se todo aquele tempo não tivesse passado. Eu não sou o mesmo macho.

— Eu sei disto.

A porta da frente abriu e Flame apareceu.

— Está tudo bem?



— Saia. — Moon ordenou. — Nós estamos tendo uma discussão. Ela gritará por você se precisar de ajuda. Estou completamente ciente de quem eu sou e não vou perder o controle novamente. Fique do lado de fora em seu posto e pare de interferir.

Flame olhou para Joy, tendo certeza que ela estava bem. Ela assentiu, caso contrário se preocupou que ele não daria a eles privacidade.

— Hã, compreendido. — Ele saiu, firmemente fechando a porta.

Joy estudou Moon. Uma de suas mãos ergueu para correr os dedos pelo lado de seu cabelo, empurrando-o para trás, longe de seu rosto. A raiva ainda queimava em seus olhos marrons enquanto severamente a observava. Seu intestino remexeu. Isto iria ser um fim doloroso para seu reencontro.

Moon lutava com sua ira. Joy sempre foi um lugar dolorido para ele. Tinha sido um inferno quando ela desapareceu, deixando-o com nenhum recurso, a não ser aceitar que ele nunca a veria novamente. Não era como se ele pudesse localizá-la no mundo estrangeiro para o qual ela fugiu. Cruzou sua mente algumas cem vezes, entretanto suas chances de realmente localizá-la não foram boas. O orgulho não permitiu no final e teria sido estupidez pôr sua vida em risco para procurar uma fêmea que o rejeitou de uma maneira muito definitiva.

Ela estava na frente dele, parecendo frágil, suas emoções claras em seu rosto. Isso não mudou nela. Seus olhos sempre foram muito expressivos e passava pelas suas defesas toda vez. Até agora queria acalmá-la e fazer seu olhar de dor enfraquecer. O fato dela ainda o afetar fortemente só fortaleceu sua amargura.

— Eu agradeço que você tenha tirado um tempo da sua vida ocupada para vir a Homeland. — Manteve seu tom neutro.

Joy abaixou o olhar fixamente para seu peito. Ela assentiu enquanto os ombros endureciam.

Abafou um grunhido e estava agradecido por ter passado toda sua vida escondendo seus sentimentos. Depois de tudo o que o fez passar, não permitiria que ela entrasse de volta em sua vida como se nenhum tempo tivesse passado. Mudou ao longo dos anos, aprendeu a superar sua obsessão por ela, e fez um bom trabalho. O risco dela indo embora dele uma segunda vez era muito alto para arriscar. Não permitiria que ela rastejasse em seu coração novamente. *Uma vez queimado, duas vezes envergonhado.* Era um lema humano com que ele familiarizou-se.

— O que você quer de mim? — Recusou se desculpar pelo tom severo, mas precisava de respostas. — Por que você realmente veio aqui?

Ela levantou seu olhar para o dele. A tristeza no olhar debilitou um pouco sua decisão de enviá-la de volta para seu mundo, mas só por um momento. Ela não tinha nenhum direito de condolência. Ele era a vítima.

— Estou contente que você está bem Moon.

Ele rosnou baixo para mostrar-lhe que sua paciência alcançou seu limite.

Ela não vacilou.

— Eu senti sua falta.

— Mentira. — acusou. — Sempre há escolhas. Você era muito fraca para enfrentar a dificuldade de esperar para descobrir o que estava acontecendo entre nós.



— Eu não sei o quanto você se lembra das nossas discussões enquanto você estava sob a influência da droga, mas eu quero estar certa que você sabe que eu sinto tanto por ter partido. Eu tive que ir.

— Eu não acredito nisto.

— Então você ainda é ingênuo. — Seu queixo ergueu e um olhar desafiante apareceu em seu rosto. — Você sabe quanto dinheiro eles investiram para manter os Espécies protegidos da imprensa e de algumas ameaças possíveis? Eu teria sido considerada um risco de segurança. Era prioridade máxima manter todos os locais escondidos a qualquer preço. Ainda que isso significasse me jogar em uma gaiola de prisão e fazer a papelada ou qualquer outra coisa que eles tivessem para me impedir de falar com alguém não envolvido com o programa. Meus supervisores teriam me removido à força.

Seu temperamento chamejou e ele agarrou seu rosto antes de perceber sua intenção. Seu domínio era gentil, mas sabia que era um engano tocar em Joy. Não era o suficiente e queria mais. Envolveu seu outro braço ao redor da sua cintura para impedi-la de se afastar.

— Eles não te expulsariam por você permitir que eu chegasse perto de você.

Ela despencou um pouco em seu abraço, mas não olhou.

— Sim, eles expulsariam. Eu não era militar, 466. As regras eram muito rígidas em minha interação com Espécies. O único contato físico permitido era no caso de ser atacada e ter que me defender até um dos guardas chegarem.

O uso de seu número atribuído pela Mercile era um insulto, mas não acreditou que ela fez de propósito.

— Moon., — corrigiu.

— Eu sinto muito.

— Você partiu antes de eu possuir um nome.

Atentamente olhou para ele.

— Você tem que acreditar em mim. Você sabia que no Setor Dois eles mantiveram uma das terapeutas trancada dentro de seu quarto por seis dias como castigo por segurar a mão de uma de suas fêmeas?

— Por que ela foi mantida em seu quarto? Por que ela iria segurar a mão de uma fêmea e ser punida por isso? A fêmea protestou?

— A fêmea experimentou um trauma horrível. A terapeuta segurou sua mão para mostrá-la suporte sentimental. A cliente não se importou, mas o guarda na sala reportou o contato físico. — Ela estalou uma respiração e identificou frustração em sua expressão. — Foi estúpido, mas é assim que os supervisores responderam a isto. Barbara foi suspensa por seis dias sem pagamento e isolada, só para ser um exemplo. Ela era uma senhora realmente agradável com muita compaixão. Conversava com ela frequentemente porque estávamos ambas sofrendo com Geraldine, que tratava com desprezo nossas qualificações em tratar Espécies.

Moon acreditou em Joy. Os humanos podiam exagerar e lembrou-se dela dizendo que era a causa do atrito entre ela e Geraldine.

— Eu queria tocar muito mais do que sua mão. — suavemente admitiu enquanto se debruçava perto o suficiente para que seus seios quase esfregaram seu



peito. — Eu queira me sentar em seu colo, te deixa fazer qualquer coisa que quisesse comigo, e eu sabia que não conseguiria continuar dizendo 'não' por muito mais tempo. — Molhou os lábios, levando seu foco para lá, e seu pênis endureceu ao ponto de doer. Doía para tê-la. — Você deixou claro que eu não era só uma curiosidade em ver como seria compartilhar sexo com uma humana. Uma vez nunca teria sido suficiente para nós. Alguém teria descoberto.

Fechou seus olhos e lutou com o desejo forte de levá-la para o chão. Suas roupas rasgariam facilmente em suas mãos e depois nada estaria em seu caminho. Podia explorar e lamber cada centímetro dela. Sempre foi seu desejo memorizar seu corpo pelo sabor e toque.

Uma de suas mãos hesitantemente pousou contra seu tórax. Sua palma descansava em sua camisa, mas as pontas dos dedos acharam pele. Foi o suficiente para perder seu controle. Moon estava de saco cheio de lutar com seu desejo por Joy. Ela estava bem na frente dele e quase o desafiando a pegá-la. Desta vez não haveria nenhuma droga em seu sistema para dar uma qualidade surrealista. Nenhuma memória como sonho o assombrariam depois ou o deixaria se interrogando o quão bom eles realmente eram juntos.

Deslizou sua mão da sua cintura até seu traseiro, apertou enquanto a puxava firmemente contra seu corpo e a ergueu. O suspiro de surpresa de Joy foi tão leve que mal teria notado se não estivesse muito próximo prestando atenção. Caminhou adiante, procurando pelo quarto mais próximo. Não a pegaria no tapete. Largou seu rosto para embrulhar seu outro braço debaixo do seu traseiro para evitá-lo de escorregar.

— Segure-se em mim. — exigiu.

Quase esperou que ela protestasse, mas seus dedos agarraram em seus ombros. Ela não disse uma palavra enquanto a levou pela sala de estar para o primeiro quarto corredor abaixo. Pausou, usado o pé para engancha a porta e empurrá-la fechando. Não havia fechadura. Silenciosamente prometeu bater em Flame se o macho viesse investigar por que estava demorando tanto.

A moradia humana tinha camas pequenas que eram mais próximas do chão, mas era melhor do que não ter nenhuma. Parou na parte inferior e encontrou seu olhar enquanto seu abraço afrouxava. Ela deslizou até que seus pés tocaram o tapete.

— Tire suas roupas.

Seus dentes brancos lisos morderam seu lábio inferior e estudou seus olhos cuidadosamente para procurar por quaisquer sinais de medo. Não havia nenhum. Ela agarrou a camisa. Espantou-o quando ela começou a se despir. Seu pênis tremeu em resposta, querendo levantar até mais pelo modo de sua rendição. Ele estava indo foder Joy e desta vez não havia nenhuma dúvida que eles dois sabiam o que queriam.

Odiou ver o modo como suas mãos tremiam quando tirou sua camiseta por cima da cabeça e jogou-a de lado. Ele não deu a mínima para onde aterrisou. Não tinham sapatos no Centro Médico então não teve problemas de removê-los. Seus dedos polegares engancharam no cós da calça de moletom, mas pausou, contemplando se a evidência nua do quanto a queria a faria mudar de ideia. Algumas humanas tinham medo quando viam um macho Espécie totalmente nu.



Imagens fracas sugeriram em sua mente dele e Joy dentro da gaiola. Ele reivindicou seu corpo antes e ela não recuou quando viu o comprimento e espessura de seu pênis. Só desejou que ele pudesse vivamente recordar os detalhes. As memórias poderiam surgir, mas estava prestes a fazer novas das quais iria se lembrar muito bem. Empurrou a calça de moletom para os tornozelos enquanto se curvava, tirando-a de seus pés. Ela o queria e iria tê-lo. Endireitou e deu sua total atenção a ela.

Seus joelhos quase cederam quando olhou para sua pele cremosa. O corpo nu de Joy era uma visão. Ela era tão diferente das fêmeas Espécies. Nenhum músculo traçava sua barriga, era carne lisa e suave. Seus seios eram arredondados e mais generosos, os mamilos mais cheios. Engoliu com dificuldade de desejo de envolver seus lábios ao redor de cada um para testar o quão bem se ajustavam dentro de sua boca.

Olhos azuis chamaram sua atenção quando ela recuou para se sentar na extremidade da cama. Reconhecer a hesitação neles não o preveniu de dar um passo, depois outro, e inclinou por cima dela enquanto se deitava de costas. Apoiou seu peso para impedir de cair sobre ela.

— Abra suas coxas para mim, doçura.

Ela fez isto, suas pernas esfregaram contra ele enquanto manobrava na cama. Ele dobrou seu queixo para vê-la enquanto abria seu sexo a sua visão. Ela raspou seu monte. Ele a inspirou, todos os cheiros maravilhosos de Joy. Uma pitada de excitação também provocou seu nariz. Não estava pronta para recebê-lo ainda, mas estaria quando ele juntasse seus corpos.

Joy era viciante e fazia coisas loucas com ele. Era um pouco perturbador e de repente entendeu por que machos quisessem acasalar fêmeas. A ideia de embrulhar um cobertor ao redor dela e jogá-la por cima de seu ombro lampejou pela sua mente. Entretanto nunca permitiria que ela deixasse sua casa se a levasse lá. Seu olhar ergueu para a cabeceira, decidindo que definitivamente estaria tentado a amarrá-la se ela falava sério em mantê-la na cama.

— Moon?

Sua voz chamou seu foco. Uma pitada de incerteza o fez perceber que tinha parado todo movimento enquanto debatia a logística de como a levar para sua casa sem alguém alertar a Segurança que ele a levou para fora da acomodação de convidados humanos. Eles poderiam presumir que ele teve uma recaída e não estava agindo são. Não era racional querer fazer isto, mas não teve nada a ver com tudo que recentemente suportou. Ela o enlouquecia.

Ela se sentou e agarrou seus ombros enquanto olhava profundamente em seus olhos, preocupação aparente.

— Você está bem?

Olhou para os montes macios de seus seios e rosnou. As imagens de todas as coisas que quis fazer com ela inundaram seus sentidos, fazendo seu pênis doer do quão duro ficou. Agradeceu por já estar de joelhos ou poderia ter desmoronado.

— Eu estou bem. — administrou para responder.

Ela não pareceu segura.

— Você está tendo uma enxaqueca?



Agarrou seus quadris, o toque era gentil enquanto os dedos curvavam em torno do topo de seu traseiro flexível. Puxou-a mais perto até a cabeça de seu pênis a esfregou onde ela estava aberta para ajustar seu corpo. Odiou o modo como sua mão tremia quando o deslizava ao redor para esfregar seu dedo polegar contra seu clitóris. Joy ofegou, olhos alargando, mas não se afastou. Ele esfregava constantemente com círculos lentos.

— Nenhuma enxaqueca. Não posso esperar para estar dentro de você. — Sua restrição estava escapando quando o cheiro atraente de sua excitação cresceu. — Diga-me para diminuir a velocidade.

Ela fez o inesperado estendendo a mão entre eles e embrulhando seus dedos ao redor do seu eixo. Era sua vez de ofegar quando a tortura lenta começou enquanto ela explorava o comprimento com seu toque hesitante.

— Porra. — Estava cansado de esperar. — Diga-me se eu estiver indo muito rápido.

Capítulo Doze

Joy gemeu de prazer quando Moon de repente se lançou e lábios mornos e cheios embrulharam ao redor de um mamilo. Sua boca era quente, molhada, e chupava com força, como se estivesse passando fome de sentir o gosto dela. Fortes puxões deram tiros de consciência pelo seu corpo.

Sua mão agarrou seu cabelo para mantê-lo no lugar quando espalhou mais suas coxas para dar a ele espaço para brincar com sua vagina. Seus quadris rolaram e arqueou suas costas em protesto quando largou seu seio, mas ele apenas girou sua cabeça para dar atenção ao outro.

— Moon... Não pare. — Teria que matá-lo se parasse. Seria além de cruel se a deixasse quente e incomodada, e depois abruptamente parasse. Não que o culparia por querer castigá-la pelo passado. — Por favor.

Sim, eu implorarei, caladamente admitiu. *Farei qualquer coisa perto disso para ele*. Para ter o macho que amou perto, deleitando-se em seu toque, seus dedos entrelaçados em seu cabelo sedoso, valia a pena qualquer preço.

Ela se debruçou para trás, recusando deixá-lo ir enquanto a seguia para baixo. Sua outra mão freneticamente acariciava o comprimento rígido de seu pênis. Ele estava



duro como aço, mas suavemente aveludado ao mesmo tempo. O dedo polegar acariciando seu clitóris apertou um pouco mais, mudando de um padrão circular para tocá-la de cima para baixo. Sua barriga apertou quando quase gozou.

— Por favor? — Ela o queria dentro dela mais do que queria respirar. O clímax pareceria menos gratificante sem seus corpos juntos. O vazio se tornou um tormento que só ele podia curar. — Eu preciso de você dentro de mim.

Moon beliscou seu seio e gritou da dor afiada, mas sua língua acalmou o machucado antes dele largá-lo. Seu queixo ergueu e aqueles olhos sensuais dele olharam para ela. Estreitaram quando suas narinas alargaram enquanto inalava profundamente. Um grunhido saiu dele antes de puxá-la alguns centímetros a mais para o final da cama até que seu traseiro descansou bem na borda. Ele olhou abaixo, moveu seus quadris. Foi fácil para ela guiar a coroa de sua seta para onde o queria.

A umidade de seu desejo estava lisa quando a cabeça do seu pênis esfregou contra ela até que estavam posicionados direito. Moon fechou os olhos e olhava seu bonito rosto à medida que ele hesitava. Joy embrulhou suas pernas em torno da parte de trás de suas coxas, puxando a base de sua seta, encorajando-a a entrar.

— Maldita seja você. — Moon rosnou. Os olhos marrom-escuros abriram para trancar o olhar com ela enquanto empurrava os quadris para frente. — Maldito seja nós dois, doçura.

Foi um tapa sentimental, mas antes dela poder entender o golpe dele xingando ambos, ele estava esticando-a e seu pênis grosso estava enterrado em sua vagina. O ajuste era confortável o suficiente para tirar um gemido afiado dela. Ele agarrou seus pulsos e seus braços foram empurrados para cima de sua cabeça. Seu peso apertou em cima dela, quase a esmagando no colchão macio.

Moon reposicionou seu corpo apoiando seus cotovelos para erguer um pouco de sua massa assim ele não ia limitar sua respiração e sua boca tomou posse da dela. Um grunhido vibrou seu tórax e a deixou muito ciente que eles estavam pele com pele.

A paixão selvagem de seu beijo e os sons selvagens que ele fez exaltou seu desejo. Ele guiava para dentro dela mais fundo, enchendo-a até que estava certa que não podia tomar mais e eles estavam ligados tão completamente quanto duas pessoas podiam ficar. Moveu suas pernas mais para o alto, embrulhando-os ao redor da sua cintura para agarrá-lo já que ele recusou largar seus pulsos, entretanto fracamente puxou seus braços.

Ele retirou um pouco e seus músculos vaginais apertaram, tentando o prevenir de deixá-la. Pausou e sua língua diminuindo a velocidade da sua exploração em sua boca, antes de guiar para dentro dela com um mergulho forte. Ela gemeu em êxtase e girou sua cabeça, quebrando seu beijo para evitar mordê-lo.

Seu nariz esfregou sua garganta enquanto suavemente rosnou.

— Você está bem?

— Sim. Você é tão bom.

— Você é tão apertada e quente. Molhada. — Sua respiração fez um pouco de cócegas e a ponta de sua língua traçou a concha de sua orelha. — Eu serei mais gentil.

— Não. — Queria Moon, todo, apenas do jeito que ele era. — Não contenha-se.



Seus dedos soltaram de seus pulsos e ela agarrou seu rosto no momento que suas mãos estavam livres, amando poder acariciar suas bochechas enquanto olhava fixamente em seus olhos bonitos. Podia olhar fixamente neles para sempre.

— Eu sou bem forte.

— Eu posso suportar. — Seus quadris mexeram suficiente para fazê-los gemer de prazer do leve esfregar de seus sexos. — Eu quero você.

Indecisão chamejou em seu olhar.

— Você é Espécie e eu não quero que você finja ser qualquer coisa menos.

Um canto de sua boca torceu quando diversão mostrou.

— Você quer que eu te foda como um animal?

Lambeu seus lábios, sentindo falta do seu beijo.

— Eu quero você. — repetiu, destacando o argumento. — Não me atormente. — Aquela dúvida interna que ele poderia estar brincando com ela surgiu.

Uma emoção desconhecida traçou suas características antes dele mergulhar seu rosto contra seu pescoço.

— Segure-se em mim, doçura.

Suas mãos deslizaram de suas bochechas até o topo de seus ombros. Agarrou-se nele quando começou a se mover. O deslizamento sem pressa de sua seta espessa deslizando para dentro e para fora dela renovou o desejo por Moon. Cada golpe a deixava mais exaltada. Os gemidos rasgaram de sua garganta quando suas unhas apertaram suas costas.

— Sim. — persuadiu.

Moon lentamente beliscava a pele sensível debaixo de sua orelha. Cada mordida era puro encanto e seu corpo inteiro apertou mais, provocando. Ele bateu com mais força, cabeça batendo na parede com cada punhalada potente.

Joy jogou a cabeça para trás e choramingou seu nome. Uma névoa de êxtase roubou sua habilidade de pensar. Moon não foi silencioso quando encontrou sua liberação. Ele lançou sua cabeça para trás e rosnou.

— Porra.

Amou a sensação dele gozando dentro dela, cada tremor de seu corpo a enchendo com sua semente. A inchação que aconteceu na base de sua seta era até boa, trancando-os juntos de um modo que pareceu certo. Ambos deitaram ofegando. Ele se recuperou primeiro e ergueu a cabeça.

Abriu os olhos para olhar em suas características coradas. Havia algo realmente sensual na aparência suave de seu olhar e o modo como seu cabelo caiu para frente. Ele limpou a garganta antes de lambeu seus lábios. De repente girou sua cabeça em direção à porta do quarto.

— Você não ouse entrar aqui. — gritou. — Vá embora!

Joy olhou para a porta fechada. A audição de Moon explicaria como ele sabia que a casa tinha sido invadida. Ele a enfrentou com uma expressão horrenda.

— Você e eu vamos ter uma conversa longa mais tarde. Eu tenho que ir. Harley está esperando e eu odiaria bater em Flame porque ele está preocupado comigo estando com você tão cedo.



Ele estava partindo. Não era uma surpresa já que o escutou fazendo planos com Harley, mas ainda doeu. Queria demorar na cama com ele. Havia muito a dizer e realmente queria saber se o que compartilharam era só sexo para ele... ou mais.

— Eu retornarei amanhã para descobrir que você foi embora novamente? — Raiva de repente estreitou seus olhos e soou em sua voz profunda.

— Eu não vou para lugar nenhum. — Cem coisas vieram em sua cabeça que quis dizer a ele. — Você voltará para me ver?

— Amanhã. — confirmou. — Os médicos querem que eu retorne hoje à noite para outro exame, mas eles estão me deixando ir para casa hoje à noite com a guarda da Segurança. Diferente da Segurança só Harley pode estar lá. O médico quer estar certo que eu estou livre da droga e seguro para estar por aí. Você sabe como médicos são.

— Eles estão preocupados. — Podia entender.

O silêncio se prolongou enquanto olhavam um ao outro. Moon quebrou contato visual primeiro quando se ergueu dela e retirou de seu corpo. Eles não estavam mais bloqueados juntos agora que a inchação enfraqueceu. Ele deslizou para o final da cama e ela se sentou, agarrando-se às coberturas para cobrir seu corpo nu. Ficou um pouco desconfortável de repente estar tão exposta.

Moon manteve suas costas para ela enquanto se vestiu. Uma parte dela se ressentia que ele não estava ficando. Isso a lembrou da história amarga de seu último namorado. Jeff tinha um jeito de fazê-la se sentir usada depois do sexo. Ele nunca passava a noite ou nem sequer se incomodava em esperar para depois se abraçarem. Era impossível não comparar o passado com o presente enquanto Moon cruzava o quarto.

Orgulho a manteve calada enquanto abria a porta. O lado racional dela sabia que eles não planejaram acabar no quarto de hóspedes para o sexo no calor do momento e que Harley estava esperando na casa de Moon pela sua chegada. Ele tinha que ir. Outra parte dela queria chorar porque ele podia ter dado um telefonema dizendo que estaria atrasado assim teriam algum tempo para resolver algumas coisas.

Ele deu um passo para o corredor, mas parou. Não olhou para trás, mas sua linguagem corporal indicava que ele estava dividido entre ir ou ficar. Esperou que ele virasse e voltasse.

— Não vá embora. — Ainda não se moveu, como se estivesse esperando por uma resposta.

— Não irei. — respondeu.

Foi quando ele lentamente olhou em sua direção e seu olhar achou o dela.

— Eu te verei amanhã. E Joy?

Seu coração martelava naquele olhar intenso.

— O que?

— Esteja aqui.

Era uma ordem. Pura e simples. Ela assentiu.

— Eu prometo Moon.

Ele fechou a porta quando partiu. Seus ombros caíram quando largou o aperto apertado na fronha. Deslizou de seus seios. Olhou para baixo e seus dedos tremiam um



pouco enquanto localizava o padrão da mordida que ele deixou lá. A pele não estava partida, mas definitivamente deixaria outra marca. Estava sensível, mas não doeu.

— Maldição. — sussurrou.

Estava loucamente apaixonada por alguém que poderia não ser capaz de perdoá-la pelo passado. Só porque ele foi para a cama com ela depois que ficou lúcido não significou que ele queira um futuro com ela. Ela não era tão ingênua. Às vezes sexo era só sexo. A graça era que ele queria vê-la novamente. Poderia ser para dizer a ela para ir para o inferno, mas teria que esperar até que ele voltasse para descobrir.

A sensação pegajosa entre suas coxas se tornou mais aparente. Um banho estava em ordem e comida não machucaria também. Teve um pressentimento que iria ser uma noite muito longa. De jeito nenhum iria parar de se preocupar sobre sua próxima conversa até que tivessem conversando.

Embrulhou o cobertor ao redor do seu corpo quando se levantou sem estar certa se Moon pensou em fechar a porta da frente. A última coisa que queria era caminhar nua pelo corredor e chocar-se com o Segurança, verificando seu bem-estar.

Ninguém a parou enquanto andava a distância pequena para o quarto principal e trancou a porta. O cobertor caiu em seus pés e foi em direção ao banheiro, debatendo se tomava um banho longo ao invés de rápido.

Um zumbido leve soou e ela pausou, olhando ao redor. Veio de sua bolsa, onde descansava no criado mudo. Mudou a direção e deslizou seus dedos para fora do bolso, olhando para o telefone enquanto verificava o ID.

— Ótimo. Era só o que eu precisava. — Deslizou seu dedo polegar em cima da tela e colocou na orelha. — Oi, Eric. — Seu chefe já deixou seis mensagens e estava provavelmente irritado que ela saiu sem dar-lhe um aviso apesar do tom tranquilo que ele usou. Ele era bem doce, mas ele tinha negócios para administrar. — Eu sinto muito que não retornei seus telefonemas. Eu te disse que uma emergência surgiu e eu não tive nenhum tempo livre. — Lembrou-se de sua última mensagem de voz. — As coisas estão um pouco melhores, mas eu ainda preciso de alguns dias.

— Estou contente em ouvir isto. — Hesitou. — Nós, hã, temos um problema sério.

Golpe de medo. Ele iria despedi-la? Era uma possibilidade. Tanta quanto esperava que as coisas terminassem bem com Moon, ser despedida não era uma opção. Não queria isto no registro de trabalho.

— Alguém arrombou nossos escritórios há pouco tempo atrás.

Essa era a última coisa que esperava ouvir.

— Alguém foi machucado?

— Não. Era Aniversário de Susan e nós fizemos uma festa na lanchonete no fim da rua. Nossa ala inteira foi fechada então ninguém estava lá quando aconteceu.

Arrepiou-se. A recepcionista era um amor. Fez um bilhete mental para ligar para uma floricultora assim que desligasse para enviar uma cesta de presentes. Tinha o endereço da mulher guardado em seu telefone.

— Isto é horrível. Eles roubaram os computadores? — Havia uma televisão na recepção também, mas nada mais veio em sua mente que um ladrão poderia levar. — Como eles passaram pela segurança do hospital ou pelo elevador sem serem pegos?



— Eles não roubaram nada eletrônico.
— Deixe-me adivinhar. Um drogado pensou que nós armazenamos drogas lá em cima?

Eric hesitou novamente.

— Eu preciso de você aqui imediatamente.

— Eu não posso.

Sua voz abaixou.

— Você precisa vir Joy. Seja quem eles forem, eles arrombaram nossos armários de arquivos. Nós estamos checando todos eles para ver o que está faltando ou o que foi mexido, mas você é a única que pode verificar seus arquivos. Você podia dizer se algo estiver faltando ou se alguém mexeu neles.

— Nós mantemos notas das sessões lá.

— Exatamente. Informações pessoais, confidenciais, muito privadas.

— Você acha que eles estavam indo atrás dos arquivos? Talvez acreditaram que era onde as drogas estavam armazenadas. Alguém drogado poderia ter pensado que os armários estavam trancados porque guardavam narcóticos.

— Eu tenho três clientes que têm perseguidores. Um deles tem um vício sexual que podia pôr seu trabalho em risco. — Sua voz abaixou até mais que ela teve que se esforçar para ouvi-lo. — Alguns estão tendo casos extraconjugais. Nós somos responsáveis se quaisquer informações delicadas forem invadidas e nós não os advertimos. E se ele era o perseguidor de alguém? E se eles estavam procurando por informações para chantagear alguém? Você entendeu onde eu estou indo?

Infelizmente, entendia.

— Entendo.

— Bom. — Falou em uma voz mais normal. — A polícia chegou. Quanto tempo levará para você para chegar aqui? Eles estão esperando por nós para descobrir se alguns de nossos clientes foram alvos. Você tem alguns casos de alto risco?

— Quatro. — Jenny que viveu com um namorado abusivo que levava o ciúme num nível extremo. Encorajou a pobre mulher a deixá-lo, mas era um processo lento. Aquele imbecil provavelmente a mataria se conseguisse por suas mãos naquelas anotações e ler sobre suas discussões. Paul era gay, mas não estava pronto para se assumir por medo de ferir sua carreira. Ele era um atleta profissional com muitos fãs. A imprensa despedaçaria sua vida se viessem a saber do seu segredo. Maggie era nova e era muito cedo para dizer se alguém realmente a estava observando do jeito que ela disse. Podia ser um possível perseguidor ou um caso de paranoia. Lesley era uma sobrevivente de estupro que chegou depois que seu atacante foi libertado da prisão. Ele fez ameaças e o medo constante que ela experimentou a fez buscar ajuda.

— Joy?

— Estou ainda aqui. Eu estava pensando. — Olhou para o relógio no criado mudo e calculou. — Eu posso chegar aí em aproximadamente duas horas.

— Eu quero você aqui agora.

— Eu não estou na cidade. — Não mencionou estar precisando tomar banho antes de partir. — Vai me custar todo esse tempo para dirigir até aí e provavelmente conseguirei uma multa de velocidade ou duas nesse ritmo.



— Chegue aqui O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.

— Estou a caminho. — Terminou o telefonema e correu para o banheiro. Não teve nenhuma escolha. Ela era responsável pelos seus clientes. Tinha que ir.

Moon não voltaria até a manhã. Ela podia facilmente dirigir para o hospital, lidar com a crise e retornar a Homeland antes dele chegar. Não tinha nenhum modo de contatá-lo então deixaria um bilhete na porta e uma mensagem no portão. Não arriscaria mais enganos entre eles. Se estivesse atrasada por alguma razão e ele não a encontrasse... Bem, nem queria pensar sobre o que podia acontecer. Não esperou a água amornar antes de entrar no box. Tinha que se apressar.

* * * * *

— Isto estava ótimo. Obrigado. — Moon sorriu e afastou-se do balcão para se debruçar de volta em sua cadeira. — Você de alguma maneira faz bifes melhor que eu.

Harley riu.

— O segredo está todo no tempero. Eu continuo te dizendo para usar sal e um pouco de pimenta antes de chamuscá-los.

— Você podia deixar a Segurança para trabalhar na lanchonete.

— Não mesmo. — Harley deu um gole em seu refrigerante. — Eu não conseguiria permanecer em um lugar fechado o dia todo ainda que fosse para cozinhar.

Era um problema comum com Espécies e a razão deles terem humanos trabalhando em Homeland. Os humanos não se importam de serem trancados dentro de edifícios.

— O ar fresco é maravilhoso.

Eles permutaram olhares sabendo o que estavam pensando, ambos se lembraram de todos os anos que ficaram presos em gaiolas à mercê da Mercile.

— Então... — Harley curvou uma sobrancelha. — Nós vamos continuar evitando o assunto? Nós comemos e eu te atualizei sobre a Fêmea Presente e Shadow. Eles estão felizes e apaixonados. Breeze está completamente recuperada na Reserva. Eu conversei. Você não.

Moon suspirou.

— Você entrou cheirando a sexo compartilhado. Ela ainda está por você todo já que não tomou banho antes de jantar. O que você está fazendo?

— Passando tempo com meu melhor amigo.

Harley murmurou no fundo dentro de sua garganta para soar seu desgosto.

— Eu não sei. — Era difícil admitir. — Joy sempre foi uma complicação.

— Ela está indo embora?

— Não imediatamente. — restringiu.

— Droga. Pare com isso. O que vai acontecer entre vocês dois?

— Eu não sei. — Estava frustrado. Olhou para suas pernas, resistindo o desejo de chutar o balcão da cozinha que estava sentado. A sensação de pôr um buraco em algo parecia boa.



— Você tem que dar a ela algum crédito por tentar te ajudar quando você estava drogado.

Olhou para cima e segurou o olhar de Harley.

— Que ela não devia ter tido permissão para fazer. Eu podia tê-la matado.

— Foi isso que eu disse a princípio, mas fui ultrapassado em votação. Mudei de ideia uma vez que percebi que ela era a única com quem você podia se conectar. Ela é uma fêmea adulta que sabia dos riscos.

Seu temperamento ferveu.

— Eu era perigoso.

— Verdade. — Harley encolheu os ombros. — Mas você queria fodê-la mais do que qualquer outra coisa. Ela podia ter feito você latir e fazer truques de cachorro só mostrando seus peitos.

Custou controle para não se esticar e esmurrar seu amigo. Seria satisfatório bater nele no banco para cair de bunda.

— Pare de encher meu saco. — Ele o conhecia muito bem. — Você está esperando que se nós formos lutar, eu confessarei que eu ainda tenho sentimentos por ela uma vez que eu me tranquilizar.

O sorriso rápido de Harley o fez se arrepender de não continuar com seu punho.

— Não há necessidade de me pressionar para conversar. Ela me amarra em nós. Eu fui para a acomodação humana porque não conseguia me manter afastado. Você estando lá era minha desculpa para vê-la.

— Ai. Senti sua falta também.

— Não começa. — Moon estava de mau humor para brincar. — Você sabe que você é um irmão. Ela é em quem eu penso quando estou solitário.

— Material para se acariciar, né? É ela quem você imagina quando...

Moon rosnou, lampejando seus caninos.

— Você ou realmente sentiu falta de brigar comigo ou ficou idiota enquanto eu estava drogado. Eu quis dizer que a lembrança dela me atormentava quando me sentia sozinho. Não é apenas sexual.

Todo humor desapareceu das feições de Harley e seus olhos estreitaram.

— Você vai permitir que ela deixe Homeland ou não? É isso que eu quero saber.

— Não é minha decisão. Nós vamos conversar amanhã.

— Ela é pequena e seria fácil para você mantê-la ao redor se você quisesse ter certeza que ela ficasse. Recuse-se a deixá-la ir. Eu gostaria de vê-la tentar escapar de você para sair por uma porta se você dissesse o contrário. Você não é mais um macho recentemente libertado que está encontrando sua condição na vida. Você está no controle agora em vez do contrário. Ela não tem nenhuma autoridade aqui.

— Eu não posso forçá-la a ficar se ela quiser retornar ao seu mundo.

Harley bufou.

— Eu iria se eu um dia quisesse uma fêmea tanto assim.

— Eu ainda estou bravo com ela pelo passado e ela nunca veio a Homeland para me ver até que isto aconteceu.

— Ah.

— O que isso quer dizer?



Harley se debruçou mais perto e olhou para ele franzindo a testa.

— A fêmea é sua. Enfrente isso. Você chegou tarde para outras refeições logo depois do trabalho e fedendo a suor. Você sempre tomava banho não importando o que eu colocasse no prato ou o quão faminto você estivesse. Estou sentindo o cheiro dela porque você está tendo uma daquelas reações misteriosas que experimentamos quando uma fêmea nos pega pelas bolas. Você provavelmente tem necessidade de seu cheiro em você a fim de continuar sentando aí em vez de cheirar atrás dela para conseguir outro cheiro. — Um sorriso curvou seus lábios. — Negue isto para você mesmo, mas eu te conheço muito bem. Você tem essa expressão batida que nós dois testemunhamos nos machos que se acasalaram. — Ele riu. — É ela. É aquela aparência de oh merda quando é absorvido que é verdade.

Moon sabia que a cor drenou de seu rosto. Seu melhor amigo estava certo. Ele não mentiria para Harley.

— Vá para a acomodação humana e cerque sua fêmea. Não deixe de dizer a ela que eu espero ainda passar tempo com você. Ela cometeu um erro. Supere isto. Eu me recuso te ver de mau humor e bater nos membros da força tarefa com quem nós treinamos quando você solta sua raiva neles. Eles não são atraentes e transáveis. Ela é. Não permita a ela partir porque você guarda rancor.

— Às vezes eu acho que você ficou muito humano. — Divertiu-o, entretanto, Harley estava certo. Ele poderia odiar o que ela fez com ele uma vez, mas ela voltou. Eles tinham coisas para descobrir, mas queria tentar. Isso significava que precisava pedir para ela ficar para pode fazer isto. Não queria insistir no passado quando Joy podia se tornar parte de seu futuro.

— Eu passo tempo demais com Trey e os caras. Eles são uma influência ruim no melhor sentido. — Empurrou seu dedo polegar em direção à porta. — Vá ficar com ela.

Quando Moon deslizou da cadeira a campainha tocou. Olhou para Harley, que encolheu os ombros.

— Eu não estou esperando ninguém. — Moon cruzou a sala em rápidos passos largos. Não seria Joy. Sua escolta teria ligado primeiro para conseguir sua permissão para trazê-la para sua casa.

— Todo mundo estava preocupado com você. Notícia espalha rápido. É provavelmente alguém querendo ter certeza que você está realmente de volta ao normal depois de ser informado de estar em casa. — Harley seguiu. — Vamos esperar que não seja uma fêmea para te oferecer uma transa de compaixão. Elas não saberão que você já está tomado até que sintam o cheiro dela por você todo.

Moon abriu a porta e mostrou seus dentes quando olhou para o humano esperando em sua varanda. Não era ninguém que queria ver.

— Você.

— Oi, Moon. Você vai me pedir para entrar?

Ele andou para o centro da entrada, espalhou seus braços, e agarraram a armação completamente para bloquear a entrada com seu corpo.

— Não.

— Você está sendo extremamente rude.

— Vá embora, Kregkor.



— Eu vim para avaliar você.

— Você não é meu psiquiatra. Eu não preciso de um.

O humano chato deu um sorriso frio.

— Você sofreu um trauma e pode ainda estar experimentando efeitos colaterais. Por favor, me convide para entrar. Nós discutiremos tudo o que aconteceu com você e como você se sente sobre isto.

— Ele acha uma merda que um imbecil atirou nele. — Harley pausou atrás dele.

— Ele está bem agora que as drogas deixaram seu sistema. Avaliação completa.

Moon resistiu rir. Justice lhes pediu para tolerar o psiquiatra. Isso não significava que o convidaria dentro de sua casa ou desperdiçaria tempo sendo perguntado com perguntas estúpidas. As respostas do seu amigo não agradaram o humano. Uma careta dobrou seu rosto.

— Eu vim falar com Moon. Você pode marcar uma consulta comigo se deseja discutir seus sentimentos, Harley. Tenho alguns horários amanhã. Eu sei que você tem muitos assuntos sérios que precisam ser tratados. Me poupará a enxaqueca de ir a Fury ou Justice para fazer você vir me ver.

O tórax de Harley apertou contra o braço superior de Moon e agarrou mais a armação de madeira para prevenir que seu amigo alcançasse o psiquiatra. Moon atirou a Harley um olhar de advertência que esperou transmitir que ele precisava permanecer calmo. Kregkor tinha um hábito de enfurecer os Espécies com sua convicção que todos estavam desesperadamente necessitando de sua ajuda. Mesmo que o psiquiatra merecesse levar uma surra, eles não tinham permissão de tocá-lo. Harley rosnou, mas recuou.

— Eu tenho coisas para fazer. — *Coisas melhores para fazer do que desperdiçar meu tempo*, caladamente emendou, forçando um sorriso. — Foi atencioso de sua parte vir a minha casa, mas eu estou saindo.

— Em outras palavras, você está em nosso caminho. — Harley rosnou. — Você não tem uma companheira em casa esperando por você? Estou certo que ela sente sua falta. Você é tão agradável para estar ao redor.

Moon quase estremeceu pelo sarcasmo claro. O psiquiatra percebeu também quando seu rosto avermelhou enquanto suas mãos torceram em seus lados. Precisava acalmar as coisas.

— Eu vou retornar ao Centro Médico hoje à noite para um check-up. Estou certo que você não quer que eu me atrase para isto. — Não era exatamente uma mentira. Iria lá depois de fazer uma visita para Joy.

— Isto é parte do check-up. — Olhos pequenos de Kregkor cintilaram com satisfação. — É obrigatório que você receba um atestado de saúde. Isso significa que você precisa falar com um profissional treinado sobre as ramificações emocionais do trauma que você sofreu. Justice concordou.

Moon mordeu de volta um xingamento. Ninguém disse isso a ele.

— Ele não conversará com você. — Harley se debruçou novamente para rosnar para o humano. — Acontece que você não é o único psiquiatra em Homeland. Ele irá ver a Dra. Yards.

Isso era brilhante. Moon sorriu.



— Boa ideia. Eu irei vê-la agora mesmo.

— Aquela mulher? — Kregkor agitou a cabeça. — Ela não é qualificada.

— Ela cuidou de mim logo depois de que eu fui libertado da Mercile. — Moon largou o batente da porta, sem prestar mais atenção se Harley queria intimidar o humano. Ninguém tinha permissão para despedir Joy. — Ela sabe mais sobre os Espécies que você um dia saberá.

— Ela não quer nos matar e seria esperta o suficiente para nunca verbalmente perturbar uma companheira.

O rosto de Kregkor ficou vermelho quando atirou em Harley um olhar furioso.

— Você está fora da linha. Aquela foi uma circunstância especial.

— Eu não gosto de você. — Harley rosnou novamente, mais fundo, mais ameaçador.

O humano empalideceu ligeiramente e recuou. Olhou para Moon.

— Eu percebo que eu não sou popular, mas você precisa ser avaliado.

— Joy fará isto.

— A Dra. Joyce Yards foi embora. — disse orgulhosamente. — Quando eu estava sendo processado no portão principal, seu veículo estava sendo revistado na saída.

O coração de Moon pulou uma batida.

— Você está errado. Ela está na moradia humana.

— Ela tem cabelo marrom, longo e estava dirigindo um sedan de quatro portas azul. Disseram que ela era Dra. Joyce Yards. — Tirou seu celular para acenar. — Você quer ligar para o portão principal? Foi estranho ver um estranho deixar Homeland a essa hora. A maior parte do pessoal parte às cinco.

Ira encheu Moon quando ele girou, chocou-se com Harley, e se apressou para o telefone residencial. A Segurança respondeu no segundo toque.

— Onde a fêmea psiquiatra está? — Imaginou que quem respondeu poderia identificá-la mais fácil com aquela descrição.

— Ela partiu, Moon. Seu carro foi revistado para ter certeza que ela não levou nada com ela que pertencia ao ONE. Você quer que eu ache a pessoa que falou com a fêmea?

— Não. — Jogou o telefone e ele esmagou quando colidiu com a parede.

— Merda. — Harley suspirou.

Girou para enfrentar seu amigo. Harley segurou seu olhar com uma expressão igualmente severa. Kregkor rastejou para dentro enquanto ambos estavam distraídos. Isso o fez um alvo no pior sentido. Moon se lançou antes de considerar o que estava prestes a fazer. Harley o agarrou antes de ele chegar ao humano para expulsá-lo. Ele iria fazer o macho voar para fora em direção ao jardim.

— Respire. — Harley ordenou. — É isso. Deixe-me lidar com isso primeiro e depois lidaremos com o que fazer com sua fêmea.

Ele assentiu, seu controle estava seguro por uma linha fina. Emoções fortes estavam o esmagando. Joy prometeu que ficaria. Era o passado se repetindo. O uivo que queria estourar quase o sufocou.

Harley o soltou e caminhou para o psiquiatra.



— Eu te darei uma vantagem de cinco segundos. Se você ainda estiver aqui, eu não o impedirei de te transformar em um gritante saco de pancada. Lição número um sobre Espécies que você devia aprender é nunca irritar um quando ele estiver pronto para estourar. Dê uma olhada. — Empurrou seu dedo polegar em direção a Moon. — Vê aquele olhar de assassino refletir em seus olhos? Lembre o que nós somos. Corra humano.

Kregkor deu as costas e saiu correndo. Harley bateu a porta e a trancou.

— Homem fácil. — Lentamente girou e seus olhos escuros estreitaram. — Não estrague sua casa. Ou meu rosto. Você gosta de nós dois. Lidaremos com isso assim que você se acalmar.

Capítulo Treze

Joy destrancou a porta da frente do seu apartamento um pouco depois das dez horas da noite. Tinha sido um pesadelo lidar com o problema no trabalho. Conseguiu alcançar o hospital dentro de duas horas, mas não esperava o circo de três anéis que encontrou lá. Seu chefe chamou uma equipe de advogados para proteger os direitos dos seus clientes.

O advogado exigiu que ela respondesse para ele com respostas sussurradas cada pergunta da polícia. Ele que falou com eles diretamente depois de filtrar o que ela disse. Foi um lento e chato processo que levou horas.

Jogou seus sapatos dentro da porta e a trancou. Bateu no interruptor e luz encheu o espaço aberto que associava a cozinha com a sala de estar. A casa de vinte e um metros quadrados não era grande, mas era acessível. Um balcão longo que usava como mesa de jantar era a única coisa que separava os cômodos. A solitária banqueta era uma lembrança de sua vida solitária. Sentia falta de Moon.

A viagem para seu quarto foi rápida. A cama de solteiro combinava com a mobília e era mais apropriada para um adolescente, mas com o espaço limitado permitiu que ela usasse um lado do quarto como um escritório. Ligou seu computador para verificar os e-mails e notou que sua secretária eletrônica piscava enquanto esperava por elas carregarem. Bateu o botão para checá-las.

— Oi Joy. É mamãe. Não se esqueça de ligar para a Tia Margie na terça-feira. Ela está tendo uma cirurgia novamente e você sabe como ela fica. Tenha certeza que ela não reescreva seu testamento. O pobre do Markus está cheio dela dizendo que vai morrer. Dê a seu primo um descanso a acalmando. Amo você.

Joy estremeceu quando escutou as próximas quatro mensagens de seu chefe. Ele as deixou antes deles se falarem pelo celular. A última mensagem era outra lembrança que ela perdeu totalmente o toque com sua própria vida quando se apressou para estar com Moon.



— Você está bem? — Era voz de Meg. — Eu sei que você está estressada com a inundação de novos clientes que foi empurrada para você quando seu parceiro se aposentou, mas você nunca me dá um bolo. Estou preocupada. Ligue-me.

Agarrou o telefone e discou. Meg respondeu no primeiro toque.

— Eu sinto tanto. Espero que não seja muito tarde para ligar.

— Nunca. Eu estava fazendo um lanche. Direto dos meus lábios para os meus quadris esta hora, mas estou aconselhando alguém com um transtorno alimentar. Eu de repente não me importo se eu ganhar alguns quilos. Estar no peso perfeito é exagerado. Chega de falar de mim. Como você está?

Joy sorriu e sentou em sua escrivaninha.

— Estou bem.

— Você sempre me liga se não é capaz de nos encontrar na nossa noite de filme.

— Eu sinto muito sobre isto. A vida meio que tomou uma virada surpreendente.

— Você precisa de mim em modo profissional?

— Não. — Joy riu. — Só relaxe e seja minha amiga.

— Você diz isso para não ter que me pagar.

Era uma piada entre elas.

— Facilita ambos os lados. Eu não te processei quando você divagou sobre seu ex-namorado.

— Verdade. O que está acontecendo? Eles estão abusando muito de você no hospital? Eu continuo te dizendo que prática privada paga mais e as horas são muito estáveis.

— Não. — Joy debateu o que dizer. — Meu passado meio que veio à tona e me mordeu. — Subconscientemente esfregou onde Moon afundou seus dentes nela. Ainda estava um pouco sensível. — Eu tirei algum tempo de folga do trabalho para lidar com isto. Sabia que você iria monstruosamente enlouquecer se não ouvisse de mim e não quero que você fique preocupada. Eu estou viva e bem. Não estarei por aqui por um tempo até que eu resolva isto.

Meg ficou muda por longos segundos.

— O que está acontecendo? Eu não consigo pensar em qualquer coisa que te distrairia ao ponto de me dar um bolo e ficar um tempo longe dos seus clientes.

— Lembre quando eu me mudei para sua casa por algumas semanas? É sobre ele.

— Merda. O cara que você se apaixonou? Ele apareceu em seu escritório pedindo que você o aconselhasse novamente?

— Não. Vamos apenas dizer que nós nos chocamos um no outro e eu passei algum tempo com ele.

— Ele ainda está maciçamente gostoso?

— Até muito mais.

— E ele não é mais seu cliente.

— Não.

Meg suavemente xingou.

— Você foi até lá, não é? Eu lembro o quão deprimida você estava. Eu nunca te vi tão pendurada em um cara. Você até recusou me dizer qualquer coisa sobre ele.



Joy sabia o que Meg queria saber.

— Eu fui até lá. Nós fizemos sexo.

— Oh meu Deus! — Meg soou surpresa. — Certo. Faz alguns anos. Ninguém podia te acusar de qualquer coisa pouco ética. Pelo menos em teoria. — Pausou. — Como foi? Por favor, diga-me que ele não é um daqueles tipos que tem aparência, mas totalmente sem noção na cama. Você foi por o inferno por esse cara. Valeu a pena?

Calor esquentou a barriga de Joy só de lembrar os momentos íntimos com os quais compartilhou com Moon.

— Foi cem vezes melhor do que qualquer coisa eu já fantasiei.

— Estou contente e um pouco com inveja.

— Obrigada. Eu só voltei para casa para empacotar algumas das minhas roupas e depois estou voltando para ele. Eu não quero que você se preocupe se não ouvir de mim.

— Então você temporariamente se mudou para sua casa?

— Hã, não exatamente. Estou ficando no mesmo lugar que ele está.

— Isso soa misterioso e vago. Você quer expandir nos detalhes?

Não podia dizer a Meg sobre Homeland sem dizer que Moon era Nova Espécie.

— Para falar a verdade não. Eu ainda estaria com ele, mas tive que lidar com uma emergência no trabalho. Parei em casa para empacotar minhas malas já que estou só a alguns quarteirões de distância do hospital.

— Está tudo bem? — Não pediu especificidades, sabendo que não podia dar detalhes precisos de ninguém que ela tratou.

— Alguém arrombou os escritórios enquanto todo mundo estava fora.

— Um viciado em droga procurando por drogas?

Era um problema comum em sua linha de trabalho.

— Não. Seja quem for, eles abriram e bagunçaram com todos os meus arquivos.

— Você está bem?

— As páginas não estavam na ordem em alguns dos arquivos e sou meticulosa sobre isto. Mas nada estava faltando e a copiadora que usamos mantém registros de tudo que imprimimos. Eles não fizeram duplicatas. Claro, isso não significa que eles não usaram alguma outra tecnologia para fazer isto. Para tudo que sabemos, eles podiam ter tirado fotografias de todas as páginas com seus telefones.

— Merda!

— Eu sei. A polícia ainda estava polvilhando para descobrir impressões digitais quando eu parti. Espero que eles localizem alguns e descubra quem fez isto. Eu tive que ligar para todos os meus clientes para deixá-los cientes sobre a invasão de privacidade. O advogado teve um ataque, mas o que mais eu deveria fazer?

— Era seu dever informá-los.

— Foi isso que eu disse, mas o imbecil estava preocupado que nós fôssemos processados.

— Ótimos.

— Sim. — Joy olhou no relógio. — Olhe, eu preciso ir. Eu tenho que voltar, hã, para ele, e eu preferiria que ele não soubesse que eu sai. Nós vamos nos encontrar de manhã. Eu tenho que empacotar roupas suficientes para durar por uma boa semana,



por via das dúvidas que eu fique lá tanto tempo. Seria bom dormir um pouco hoje à noite.

— Você nem vai me dar um nome, huh?

— Não. — Esperou que isso mudasse se ela e Moon pudessem trabalhar além de seus problemas. Um dia adoraria apresentá-lo para as pessoas importantes em sua vida.

— O que seu chefe diz sobre sua licença?

— Ele não ficou feliz, mas eu tinha tempo de férias. Eu o usei. Tenho nove dias para descobrir se eu devia retornar ao trabalho ou me demitir.

Meg não disse nada.

— Você está aí?

— Presumo que ele vive muito longe do hospital para substituir o trabalho diariamente se as coisas ficarem sérias entre você dois?

Eles já estavam, mas não declarou isto. Amava Moon. Não podia ficar mais sério que isto.

— Sim.

— Você não acha que poderia estar agindo por impulso? Esta é a sua carreira, Joy. Eu sinto a necessidade de assinalar que seria um erro fazer uma decisão precipitada. Namore-o durante algum tempo e dê tempo antes de você alterar sua vida para combinar com a dele.

Não era como se Moon pudesse deixar Homeland para viver com ela. Teria que fazer sacrifícios. Ele poderia estar disposto a ter uma relação à distância, mas ela não. Só fazia seis horas desde que o viu e sentia tanto sua falta que roeu nela. O conceito de só passar o tempo com ele em seus dias de folga não era aceitável.

— Você tem um trabalho e seu apartamento para pensar a respeito. Eu sei que não é independentemente rica. — Meg suavemente cutucou. — Você não tem condições de se demitir e fazer o pagamento da sua hipoteca. Mantenha tudo isso em mente antes de você fazer qualquer coisa que pudesse ter consequências medonhas.

— Anotado terapeuta. — brincou. — Estou agradecida que você se importa e ficaria impressionada se pudesse espiar em meu processo de pensamento. Eu preciso ir.

— Certo.

— Não se preocupe comigo. Eu tenho esperanças que as coisas podem funcionar de um modo que realmente me faria feliz. — Desligou e focou no computador.

* * * * *

Moon não conseguia se sentar quieto e sabia que isto irritava Harley.

— Pare de me olhar como se eu fosse explodir em ira. Eu não bati em nada ainda, mas isso pode mudar.

— Você está agindo como um tigre enjaulado. — Um cintilar de diversão se mostrava em sua expressão. — E você certamente não parece com um. A forma do seu olho está errada, mais você não está mais atrás das barras.

— Esta é sua versão de me ajudar? Ela partiu. Novamente. Pare com as tentativas de me tirar do mau humor. Não funcionará.



Harley mudou sua posição lentamente onde se sentou no sofá.

— Vocês discutiram?

— Não.

— O sexo foi ruim?

Moon virou para ele.

— Ela é humana. Era uma pergunta legítima. Você se controlou, certo? Teve a certeza de não assustá-la? Você sabe o procedimento. Tem que dar elogios educados a elas e ir realmente lento para elas não acreditarem que ficaremos violentos quando as coisas ficarem quentes.

— Ela não teve medo.

— Aceitarei sua palavra já que eu não estava lá. Ela lidou bem com você quando estava drogado. Inferno, eu não teria tirado minhas roupas ao seu redor quando você estava naquela condição e eu sei que nem sou seu tipo. Você estava sem lucidez. Não havia como dizer o que você faria.

— Harley!

— Talvez ela fugiu com medo de outra coisa.

— Como o que? Ninguém aqui ousaria ameaçá-la. — Suspeita atingiu. — Você acha que um dos machos disse algo para ela? Dois deles estavam estacionados do lado de fora da acomodação humana.

Harley ficou de pé.

— Smiley é muito amigável com humanos e Darkness a evitaria. Aquele macho não é social, mas ele não aterrorizaria uma fêmea. Quis dizer que ela poderia ter precisado algum tempo para pensar nas coisas sem ter você invadindo seu espaço.

— Eu devia falar com eles para ter certeza que não havia um problema.

— Agora você está só sendo cabeça dura. Ela é uma fêmea. Está em sua natureza fazer coisas que nós não entendemos. É parte da razão pelo qual somos tão atraídos por elas. — Cruzou os braços sobre seu tórax e sorriu. — Ela retornará. Pense como se você fosse um humano.

— Eu não sou.

— Verdade. — Harley assentiu. — Sua vida drasticamente mudará se vocês dois tornarem-se companheiros. É para sempre e ela não é ingênua sobre quem nós somos. Divórcio não está na mesa se ela concordar se tornar sua. Significaria desistir de um trabalho que estou certo que significa algo para ela e deixar o mundo lá fora. Elas têm família e amigos para considerar também. Eu não tenho nenhum filho, mas se eu tivesse, ficaria desconfiado em enviar o meu para o mundo lá fora onde eles poderiam se ferir. Seu povo poderia se sentir do mesmo jeito sobre nosso mundo. Talvez eles não sejam fãs de Espécies e acreditam em todas as coisas ruins que ouvem dos nossos inimigos.

Moon franziu a testa, não apreciando a sensação nauseada que experimentou. Seria difícil convencê-la a ser sua companheira se seu povo se fixar contra isto. O tumulto sentimental que causaria decidir entre eles ou ele seria grande. Só ela podia imaginar suas reações já que nunca conheceu ninguém de sua vida pessoal.

— Faz muito tempo desde que ela esteve ao redor de Espécies e nós evoluímos. Levará um tempo de ajuste também, Moon. Humanos entram em pânico quando são



enfrentados a compromissos de longo prazo. É por isso que eles têm aquela citação “pés frios”.

— Eu não mencionei nada sobre torná-la minha companheira.

— Ela não é cega. Você tem todos os sintomas que são fáceis de localizar.

— Não para ela.

— Ela aprendeu muito sobre nós depois que fomos libertados.

— Ela lidou com Espécies diretamente da Mercile. Não havia nenhum par acasalado no Setor Quatro.

— Verdade. — Harley deixou seus braços caírem aos seus lados e encolheu os ombros. — Acredito que tem sentimentos fortes. Ela retornará. Dê a ela algum tempo.

— E se ela não voltar?

— Nós podíamos pedir para a equipe da força tarefa a seguir e a trazê-la de volta. Ela seria fácil de localizar e agarrar.

Moon estava tentado a ligar para Trey Roberts. Eles eram amigos e o macho era sempre útil. Só levaria cerca de uma hora para juntar uma equipe. Mentalmente escolheu três outros membros que confiaria a Joy. Melhor ainda, ele iria com eles. Eles só precisariam de um veículo. Tim Oberto precisava ficar de fora desde que o humano queria aprovação de Justice, Fury, Slade, ou de um dos membros do conselho para coletar uma fêmea humana do mundo lá fora.

— Você está tramando isto em sua cabeça agora mesmo, não é?

Moon olhou fixamente para Harley. O macho teve a audácia de rir.

— Era uma piada. Você levou isso para o lado ruim. Você está certo que suas bolas ainda estão presas?

Rosnou insultado.

Harley levantou suas mãos à medida que se levantava.

— Certo. Entendi. Isto não é engraçado para você. Estou certo que me provocará se eu um dia achar uma fêmea que me enlouquecerá. Sem mais brincadeiras. Você não pode enviar uma equipe atrás dela. Você pode imaginar o quão apavorada ela ficaria por ter o equivalente a equipe da SWAT de repente a cercando? Ela poderia lidar com isto bem, mas aqueles próximos a ela iriam pitar. Chamaria atenção da mídia e Justice teria que fazer conferências de imprensa para desfazer o dano. Ele seria infeliz em ter que assegurar o público que não estamos saindo por aí sequestrando suas fêmeas para serem nossas companheiras.

Mas quando? Em outros dois anos? Não conseguia nem dizer as palavras para expressar aquele medo.

Harley pareceu preocupado.

— Ela tem fortes sentimentos por você. Você não estava lá quando ela estava enfrentando uma sala cheia de machos. A fêmea é feroz quando se trata de você. Eu acharia que isto é um caso de nervosismo. Eles não são tão focados como nós em conseguirmos e manter o que queremos. Eles tendem a ir atrás de algo, pegá-lo, e entrar em pânico quando percebem que eles estão em seu poder. Você se apaixonou por um humano então precisa aceitar suas falhas.

— Certo. — Precisava ficar sozinho e pensar.

— O que isso quer dizer?



— Ela retornará a mim. — Ainda que ele tivesse que certificar-se disso.

— Por que nós não vamos dar uma corrida? Drenará um pouco de sua energia inquieta. Você ainda está com a ferida muito aberta.

— Eu estou bem.

— Mentira. — Harley acusou. — Você está qualquer coisa menos bem. Eu ficaria puto se ela me abandonasse. Você precisa correr e transpirar isto.

— Eu tive transpiração suficiente para durar por toda vida. — Teve uma retrospectiva do que suportou no Centro Médico.

Harley sorriu.

— Verdade. Isso foi infernal. — Respondeu. — Eu não posso entregar o bastardo que te machucou para você poder bater nele até formar uma massa sangrenta ou perseguir sua fêmea desobediente. O que eu posso fazer é te ajudar a lidar com a raiva. Nós correremos ou levaremos isto para os tatames se você precisar lutar. Você certamente não pode buscar uma fêmea para te distrair já que você só quer Joy.

Ele a queria da pior maneira. Primeiro, gritaria com ela por deixá-lo depois a seduziria para provar que pertence a ele.

— Eu estou bravo. — admitiu. — Eu sei que eles pegarão aqueles envolvidos com o ataque. Paciência ainda não é minha melhor característica, mas eu sei que é só uma questão de tempo antes deles serem trazidos para nós. Preciso ficar sozinho e pensar a respeito de Joy.

Harley olhou para baixo e sorriu.

— Sente falta dela tanto assim, né? Deve ser mais difícil com seu cheiro agarrado em você. — Seus olhos faiscaram com diversão quando olhou de volta para cima.

— Você disse que pararia de fazer piadas.

— Desculpe. — Encolheu os ombros. — Você não teria deixado essa passar também se fosse com qualquer outro. Eu dormirei aqui hoje à noite para te fazer companhia.

— Vá para casa. Prometo que eu não destruirei minha casa ou ligarei para Trey juntar uma equipe.

Harley o estudou com suspeita.

— Eu achei minha companheira, mas ela fugiu de Homeland. Eu só quero algum tempo para me ajustar a tudo. Eu preciso de um pouco de espaço e silêncio. Era mais fácil achar tranquilidade no silêncio de nossas gaiolas na Mercile.

— Certo. Me ligue se precisar de qualquer coisa. Eu mantere o telefone ao alcance a toda hora. Nós compartilharemos o café da manhã se eu não ouvir de você até lá.

— Obrigado.

O abraço que compartilharam não foi estranho. Era uma lembrança de que alguém se importava com ele e o laço entre eles era forte. Ele achou uma família em Harley. Eles se separaram.

— Ligue-me se você precisar conversar. — Harley murmurou. — Ou queira alguém para se sentar com você.

— Eu irei.



Moon o assistiu ir e esperou um minuto inteiro para ter certeza que ele não retornaria antes de girar e entrar em seu quarto. Abriu a porta do closet, acendeu a luz, e examinou sua roupa. Escolheu couro preto quando puxou a jaqueta do cabide. Jogou-a pelo quarto para cair sobre a cama. Calça jeans seguiu, junto com suas botas.

Uma equipe não seria enviada atrás de Joy. Harley lembrou-se que causaria uma cena se houvesse quaisquer testemunhas ao redor dela quando eles chegarem. Um macho não chamaria atenção demais, entretanto. Rosnou baixo, saindo do closet para tomar um banho rápido.

— Eu mesmo irei atrás dela. — *Porra de esperar.* Ele passou dois anos sem Joy depois que ela correu dele e se recusou a permitir que ela fizesse isso uma segunda vez.

* * * * *

Culpa era uma emoção que Moon raramente experimentava. Ele não catava mentiras ou fazia coisas que sabia que eram erradas. *Até hoje à noite.* Teve a certeza de mascarar sua expressão enquanto segurava o olhar do oficial de plantão no portão escondido. Era uma saída de emergência no caso de ataque ou se eles precisassem mover alguém para dentro ou fora de Homeland escondido.

— Eu não te reconheci nessas roupas, Moon. — True era um macho que foi roubado por alguns dos empregados da Mercile antes da instalação ter sido invadida para libertar os Espécies. Ele foi localizado mais tarde e recuperado com uma dúzia de outros. — Isto é uma motocicleta? — Estudou a máquina entre as coxas de Moon. — Eu nunca vi uma a não ser na televisão.

— Harley as ama e cada um de nós mantém uma aqui. Ele tem cinco delas em sua casa na Reserva.

— É bonita. — O macho caminhou em torno da moto, admiração em seu olhar. — É difícil dirigir com apenas duas rodas?

— Eu sugeriria aprender em uma moto de trilha na Reserva primeiro. Foi isso que nós fizemos.

O macho sorriu quando pausou na frente dele novamente.

— Eu não irei para lá durante algum tempo. Fui atribuído para começar a trabalhar com a força tarefa logo.

— Eu lembro. Você vai nas missões de salvamento com eles para poder fazer o primeiro contato com os Espécie.

— Eu gosto dos humanos da força.

— Trey ficou impressionado com sua habilidade de lidar com a aversão a humanos quando treinou com eles. Ele te recomendou para o trabalho.

— Eles não são nossos inimigos. — Sua voz aprofundou. — Eu só tenho um problema com as pessoas que prejudicam outros que não podem lutar de volta.

— Estou contente que você está se ajustando tão bem. Abra o portão.

O macho não se moveu.

— Por quê?



— Eu vou patrulhar. — Empurrou o capacete, odiando a mentira. — É algo que eu faço de vez em quando.

— Espécies não deixam Homeland sem uma escolta completa.

Ele sabia das regras.

— Dê uma boa olhada em mim. O capacete cobre meu rosto e o vidro é pintado. Você pode ver meu rosto através dele, até com sua visão?

True chegou mais perto, olhando atentamente para ele.

— Não.

— Exatamente. — Flexionou suas mãos enluvadas nos guidões. — Cada centímetro de mim está coberto. Eu parecerei humano. É um ótimo disfarce. — Esperou que o macho aceitasse uma ordem direta dele, mas True não era ingênuo. — Ninguém sabe que nós compramos a casa do outro lado deste portão. Eu sairei da estrada como se eu fosse um humano vivendo lá. Às vezes nós patrulhamos do lado de fora dos nossos muros.

— Ninguém me informou disto.

— Nem todos sabem sobre a localização deste portão também. — Esperou que isso cessasse o assunto. — Abra o portão. Eu voltarei pelo portão principal. Os humanos vendo não pensarão nada de uma moto entrando, mas poderiam ter suspeitas se uma saísse.

— Eu preciso contatar alguém para ter permissão.

— Você está desperdiçando tempo. — Moon rosnou para mostrar a ele desgosto e frustração. Precisava ir atrás de Joy. — Abra o portão agora. Esta é uma ordem direta.

True franziu a testa.

— Você escolheu este local porque esperou que eu não soubesse o procedimento, não é? Eu não sou ingênuo. Eles teriam me informado se você fosse vir aqui. Você quer deixar Homeland sem ninguém saber disto. Por quê?

Merda! Moon sabia que seu plano falhou. Ele podia atacar o macho e ir, mas deixaria o local desprotegido. Teria que derrubar True para passar por ele. Não arriscaria uma invasão em Homeland.

— Você esteve doente. — True chegou mais perto. — Você está experimentando instabilidade? Eu fui informado que você estava completamente recuperado. — Seu tom suavizou. — Diga-me o problema e eu farei o que quer que eu possa para ajudar. Você quer sair porque você está se sentindo preso?

Os ombros de Moon caíram. O nível de remorso em tentar enganar aumentou.

— Eu me desculpo. Esperei que você não me questionasse. Eu não tenho permissão para sair.

— Você deseja ir caçar as pessoas que machucaram você? Eu entendo se você fizer isso, mas a força tarefa não teve qualquer pista ainda. Eu sou amigo de alguns deles e seríamos informados se eles estivessem se preparando para uma missão. Indo lá fora cegamente não fará nenhum bem.

— Não é por isso que eu quero sair. — Ele era um mentiroso ruim e não tentou novamente.

True estendeu a mão e agarrou seu antebraço coberto de couro.



— Você quis se libertar. Homeland é grande, mas você está provavelmente se sentindo contido dentro de nossos muros. Por que você não pede para ser enviado para a Reserva? Talvez alguns dias na Zona Selvagem com alguns dos residentes te fará algum bem.

Moon estendeu a mão para cima no segundo que True o largou e arrancou seu capacete.

— Minha fêmea está lá fora. Ela partiu e eu quero tê-la de volta.

Surpresa arregalou os olhos de True.

— Ela é humana. Já ouviu falar do termo “pés frios”? Harley acredita que ela sofreu um ataque disso quando ela percebeu que eu quero acasalar com ela. Eu a deixei na habitação humana, mas descobri que ela tinha ido embora. Eles verificaram no portão principal que ela deixou naquela direção.

True balançou a cabeça.

— Eu não conheço esse termo, mas quer dizer que ela estava assustada e fugiu?

— Sim.

— Isto é chato. — O macho recuou alguns centímetros. — Como você a achará?

— Eu procurei seu endereço. Eles fizeram uma pesquisa completa antes deles mandarem buscá-la depois que eu fui drogado. Eu estive fora com a equipe da força tarefa o suficiente para conhecer suas leis de trânsito. Eu quero falar com ela e a convencê-la a voltar para casa comigo.

— Você está certo que ela é sua companheira?

— Bem certo. Eu estou dizendo mentiras e quebrando regras tentando vê-la.

— Você acredita que ela sente profundamente por você?

Moon assentiu nitidamente.

— Sim.

— Meu turno termina às seis da manhã. — Agarrou seu cinto e retirou sua arma, oferecendo-a a Moon. — Pegue. Você pode precisar disto. Ouvi que o mundo lá fora é bem perigoso.

Moon estava muito surpreso para se mover.

— Eu me importei com uma humana uma vez. Eu poderia ter feito algo realmente tolo se fosse me dada chance de ficar com ela. Eu estava errado sobre ela ser uma boa fêmea então não funcionou para mim. Boa sorte, Moon. Volte antes do meu turno acabar, assim eu posso te colocar para dentro. Nós dois estaremos em apuros se descobrirem que deixei você ir.

Gratidão finalmente atravessou seu choque. Ele aceitou a arma, enfiou no cós de sua calça jeans, e fechou o zíper de sua jaqueta.

— Obrigado.

— Seja cuidadoso. Não esqueça, meu turno termina às seis. Às vezes eles vêm cinco ou dez minutos mais cedo.

— Obrigado. Te devo um enorme favor.

— Pegue sua fêmea e seja feliz. Desejo isso para você.

Moon empurrou o capacete de volta enquanto True destrancou o portão, abrindo a partição sólida que se assemelhava ao tijolo do outro lado para combinar com o resto da parede. Ligou o motor e lentamente empurrou para frente. Atirou ao macho



um olhar agradecido que ele não podia ver pelo vidro tingido enquanto entrava no quintal da casa ao lado, sem ligar o farol até que alcançou a rua residencial.

Estava entrando no mundo lá fora para achar Joy. Ele fez isto!

Capítulo Quatorze

Joy xingou enquanto chupava seu dedo sangrento.

— Droga. — O pequeno ferimento tinha tudo a ver com sua mala lotada. Empurrou seu peso sobre ela e lutou com o zíper para fechá-la por todo o caminho.

Andou para trás e estudou as duas malas. Era sua intenção só empacotar roupas suficientes para sete dias, mas não imaginava o quão difícil era escolher roupas. O vestido de coquetel preto era um pouco chique demais, mas era sensual. O vestido azul quase idêntico combinava com seus olhos. Foi muito difícil escolher entre eles então empacotou ambos.

Calça jeans tinha sido um dever desde que Moon poderia querer levá-la em uma excursão por Homeland. Esperou que ele quisesse passar tempo com ela. Teve que pegar camisas de mangas longas e curtas para combinar cada par, dependendo se era um passeio de dia ou noite. A dificuldade real aconteceu quando pensou em convidá-lo para jantar. Abriu suas gavetas de lingerie naquele momento, sedução em sua mente.

O que era sensual para um Espécie? Camisolas enormes? Roupa íntima de seda? Talvez ele apreciasse vê-la de meia calça e cinta liga com nada mais exceto uma calcinha combinando com o sutiã? Ele gostava de assistir vídeos pornográficos quando o conheceu.

Foi aí quando ela enlouqueceu totalmente decidindo levar tudo. Era importante que ele a achasse tão atraente quanto às mulheres por quem obviamente ele se interessaria.

— Estou sendo tão feminina. — murmurou, sentando-se no lado de sua cama. — Eu sei bem. — Ela disse aos seus clientes mil vezes que era importante que as pessoas os aceitem por quem eles eram em vez de focarem em mudar suas aparências. Claro, nunca esteve tão preocupada sobre sua aparência para os homens antes. — É um tanto quanto triste. — decidiu.

A campainha tocou e franziu a testa, levantando-se. Era um pouco depois da meia-noite quando olhou no relógio próximo à televisão. Ela pausou e hesitou na frente



da porta. Estava na lista de coisas para fazer instalar na porta um olho mágico, mas nunca achou tempo. Seu trabalho a manteve bem ocupada durante a semana e seu tempo livre era gasto com família ou amigos.

— Quem é?

— Sr. Johnson. — A voz estava abafada.

Ainda não destrancou a porta. O síndico do edifício não tinha nenhuma razão para estar lá tão tarde. Ele morava no primeiro andar e dificilmente via o homem mais velho. Ele ficava na dele a menos que alguém quebrasse as regras. Ela parou em seu próprio espaço.

— O que você precisa?

— Há um vazamento de água em cima. — murmurou baixo o suficiente que mal distinguiu as palavras.

Gemeu, torcendo as fechaduras. Alguns meses atrás ouvir sobre um tubo de água quebrar no quarto andar. O caminhão do lado de fora arrastando o gesso molhado foi uma coisa desagradável. Foi algo que tinha sido mais desagradável para os inquilinos envolvidos ver aquela bagunça dentro de suas casas. As paredes envolvidas em dois andares tiveram de ser arrancadas e substituídas uma vez que o encanamento foi atualizado. Abriu a porta para deixá-lo entrar.

— Eu não vi nenhuma ág...

Não foi um corpo delicado que colidiu com ela, mas um sólido e grande. Aconteceu tão rápido que mal registrou o que estava acontecendo antes dela estar caindo, aterrissando de costas para o azulejo de entrada. A porta fechou e o som distintivo de uma fechadura clicando a tirou da dor de ter a respiração nocauteada dela para olhar fixamente com medo para o homem plantado entre seus pés espalhados e descalços.

Ele usava um moletom com capuz cinza que manteve a maior parte de suas características sombreadas da luz na sala de estar. Seus lábios eram finos e puxou para trás em uma careta para revelar seus dentes. Curvou-se antes dela poder se recuperar e dedos frios embrulharam ao redor de sua garganta. Apertaram o suficiente até que não pôde gritar. Realmente queria.

— Onde você esteve Joyce?

Sua voz era familiar enquanto lutava para abaixar o pânico. Registrou que o intruso sabia sobre o Sr. Johnson e ele disse seu nome. Isto não era algum crime comum.

Sua outra mão agarrou sua camisa e a arrastou para seus pés instáveis. Machucou, a sufocou, mas conseguiu ar em seus pulmões quando os dedos aliviaram lentamente ao redor da sua garganta. Ele era mais ou menos vinte centímetros mais alto que ela e o colocou com aproximadamente oitenta quilos. Realmente esperou que isto fosse só um roubo. As outras opções não eram nenhuma sobre as quais quis considerar.

Tudo o que leu ou ouviu sobre criminosos voou por sua cabeça enquanto manteve os olhos abaixados para olhar fixamente para seu tórax. Ele não poderia querer matá-la se evitasse olhar em seu rosto, dando-lhe uma sensação de segurança de que não poderia identificá-lo. Instinto exigiu que ela lutasse, mas resistiu. Por meio da estatística suas chances de sobrevivência eram melhores se ele a julgasse inofensiva.



Claro que dependia de sua motivação. O fato de tê-la atacado em um local privado drasticamente aumentava suas chances de ser estuprada ou assassinada.

Tentaria conversar com ele, mas ele manteve um domínio forte em sua garganta. Era difícil respirar. Formar frases seria impossível. Suas mãos fecharam para prevenir de agarrar seus pulsos, algo que realmente queria fazer em esperanças de se livrar. Sabia que prestar atenção era importante. Toda interação com ele daria pistas de como prosseguir.

— Onde você esteve? — Seu alto tom implicou que estava agitado e foi atingida por uma sensação de familiaridade. Ouviu essa voz em algum lugar antes, mas não conseguia lembrar. — Você apenas desapareceu.

Era difícil não olhar em seu rosto. Fechou os olhos para resistir a tentação. O que ele quis dizer? Ele não estava racional. Não era bom.

— Eu fui até seu escritório. — confessou. — Pensei que eu acharia uma pista lá de onde você foi. Dirigi pela casa dos seus pais e todas as casas dos seus amigos.

Joy fechou seus joelhos quando ameaçaram curvar. A situação era muito pior que suspeitava se ele sabia tanto sobre sua vida. Ela era o alvo. A motivação estava fora do seu alcance, entretanto. Ele era alguém que estava ligado a um dos seus clientes que pensaram que ela podia ser usada de alguma maneira para ganhar o que quer que ele queira deles? Talvez ele a culpasse por alguma ação que um de seus clientes tomou. Um namorado desprezado ou talvez um membro de família que temeu que influenciasse demais sobre a pessoa que ele amava?

Pior, ele podia ser um antigo cliente. Havia um tempo que aconselhou alguém e eles não tiveram conexões. A mais recente que se referiu era outro médico que tinha problemas com mulheres em geral. Ele era facilmente ofendido por qualquer palavra falada por ela e passava a hora colocando-a para baixo. Sabia que era uma causa perdida vê-lo uma segunda vez então deu a ele o cartão de Bill Core. Isso poderia ter sido visualizado como rejeição, mas queria que ele fosse visto por alguém que se sentiria confortável conversando.

Ele a girou o suficiente para quase bater nela. A mão largou sua camisa, mas manteve um aperto firme em sua garganta. Um braço envolveu ao redor do seu meio, deixando-a de pé. Ele tropeçou para frente pela sala de estar na direção do quarto, suas costas apertavam contra sua frente. O terror de ser estuprada se tornou uma possibilidade real.

Ela lutaria. O momento a pôs no chão, todas as apostas estavam feitas. O edifício era mais velho, as paredes espessas suficientes para amortizar o barulho dos vizinhos, mas eles poderiam ouvi-la gritar. Planejou fazer muito disto uma vez que se livrar da mão em sua garganta. Ele obviamente se sentia de algum jeito por ela e a perseguiu sem ela suspeitar de nada. Estupro não era sobre sexo.

As malas o preveniram de jogá-la na cama. Ele teria que chutá-las ou empurrá-las para fora do caminho. Ele não poderia fazer também do jeito que a prendia. A luminária era uma boa arma, como também era a estátua de decoração pesada em sua cabeceira, um deus grego. A construção poderosa da figura tinha sido uma lembrança triste de 466. Ainda assim comprou a coisa, mesmo sabendo por que ficou atraída por ela.



— Você está indo para algum lugar? — Sua raiva era clara quando cuspiu as palavras. — A câmera não mostrou você levando nada então você está as tirando.

Ele estava vendo sua casa? Como? Uma dúzia de perguntas ficou sem respostas. Era profundamente perturbador em todo caso. Ele segurou quieto, arquejando um pouco de levar seu peso morto. Era uma boa coisa. Significava que ele não estava em boa forma, o que aumentou suas chances de machucá-lo quando dada a oportunidade.

Seu olhar arremessou para a porta do banheiro. Era oca, todas as portas internas eram, mas tinha uma fechadura. Spray de cabelo seria uma grande arma, como também seria as tesouras que mantinha na gaveta superior da penteadeira. Era horrível considerar mergulha-las em um ser humano vivo, mas estava certa que não hesitaria. Apunhala-lo na garganta seria sua melhor aposta para derrubá-lo rápido. Era perturbador descobrir onde sua mente foi naquele momento, mas afastou o desânimo. Sobrevivência significava tudo.

— Eu sabia que invadir o escritório traria você de volta. — Deu outro passo, levando-a para mais perto da cama. — Sabia que você apareceria aqui. Há segurança demais no estacionamento do hospital. Isto é muito melhor para o que eu planejei.

Sua voz ganhou um tom normal agora que ele estava seguro e tinha a situação sob controle. Dedos gelados espetaram seu coração quando se lembrou da voz. Douglas Peed tinha sido seu cliente por quatro meses, uma indicação de um colega de trabalho que se aposentou. Ele sofreu bullying por toda sua vida. Começou com crianças rindo de seu sobrenome, zombando-o ao ponto dele tentar suicídio algumas vezes no início da adolescência. A crueldade de outros não diminuiu muito quando adulto.

Tentou guiá-lo a largar a amargura, mas ele tendeu a deixar a raiva ferver debaixo da superfície. Eles estavam ganhando terreno, entretanto até três semanas atrás quando sua namorada de muito tempo o largou depois que ele propôs casamento.

Joy esteve com o coração partido por ele quando ele se despedaçou em seu escritório, admitindo para ela que a mulher recusou porque de jeito nenhum ela ficaria presa com seu sobrenome. Ele tinha sido chutado com força sua vida inteira.

Por que ele está vindo atrás de mim? Ela lhe deu condolência e compreensão, mas foi difícil para ele quando seu terapeuta se aposentou e ele foi designado novamente para ela. Ter perdido sua consulta enquanto estava em Homeland o fez perder o controle? Isso tinha sido a gota d'água? Suas próximas palavras confirmaram suas suspeitas.

— Eu sou tratado como merda por todo mundo.

Esperou que pudesse convencê-lo a ser sensato. Ele precisava colocá-la para baixo e largar o aperto asfixiante de sua garganta. Fez um barulho suave para indicar que queria falar. Ele ficou tenso contra seu corpo, mas antes dele poder dizer ou fazer qualquer coisa em resposta, um alto baque começou na outra sala.

Douglas se apavorou e a soltou. Ela estava livre e lentamente girou para enfrentá-lo. Começou a falar, mas a arma que ele tirou da parte de trás de suas calças a calou imediatamente quando olhou fixamente para a arma.

— Joy? Eu sei que você está aí dentro. Abra.

Moon! Não havia nenhuma dúvida de quem a voz tão profunda e rouca pertencia.



— Eu te matarei. — Douglas jurou. — Livre-se de quem for. — Ele recuou, mantendo a arma mirada nela.

Tremia da cabeça até os pés enquanto seguia o homem instável para sua sala de estar. A fonte do seu medo mudou da sua própria segurança para a de Moon. De jeito nenhum iria arriscar a vida dele.

Moon bateu seu punho na porta de Joy novamente. Ela estava lá, achou seu carro azul estacionado atrás do edifício. A investigação que fizeram dela lhe deu o número da placa então não havia nenhum erro. O capô estava frio, indicando que estava lá há um tempo. Era o único veículo registrado em seu nome, então ela tinha de estar em casa.

— Joy? — Odiou levantar sua voz porque ela vivia muito perto de outros humanos, mas não iria permitir que ela se escondesse. Quebraria a porta se precisasse. Não era sua primeira escolha. Alguém poderia chamar a polícia. — Eu não vou embora até nós conversarmos.

Ele escutou, respirando pela boca. O fedor do corredor o incomodava. Quem limpou o chão usou substâncias químicas fortes e competiam com o ofensivo odor de lixo. Girou sua cabeça, olhando para a sacola de lixo no corredor abaixo. Os humanos não levam para fora e lacram dentro de recipientes de plástico? Levantou seu punho novamente e deu a porta duas batidas afiadas.

— Joy? — Recuou alguns centímetros para avaliar melhor o lugar para plantar sua bota. A porta não parecia muito robusta. Um chute forte devia derrubá-la.

Uma trava deslizou e a porta abriu alguns centímetros. O rosto de Joy apareceu enquanto o espiava.

— O que você está fazendo aqui, Moon?

Ele estremeceu. Havia um rastro de medo em sua voz e seu rosto parecia raramente pálido. Ele não pretendia assustá-la. Ficou quieto em vez de empurrar para entrar em sua casa como queria fazer. O outro problema era que ela parecia estar firmemente apertada contra a porta. Ela poderia se machucar se ele forcesse abrir.

— Por que você foi embora? — Seu coração martelava enquanto sangue apressava para suas orelhas. Não estava certo do que faria se ela o ordenasse a ir embora. Ele não iria, não até a convencer em retornar a Homeland. Era difícil manter sua voz neutra quando queria rosnar.

— Uma emergência surgiu no trabalho. — Lambeu seus lábios e limpou sua garganta. — Eu te darei um telefonema amanhã. Está tarde e eu preciso dormir um pouco.

A resposta dela o surpreendeu. Não era o que esperava, mas o enraivou depois de absorvê-la.

— Você me ligará?

— Sim. — Empurrou contra a porta até que sua bochecha amassou ao longo da extremidade. — Eu amo você.

As três palavras suavemente faladas o fez balançar em seus pés e o forçou a trocar seu peso para manter-se na vertical. Ela o amava? A porta fechou e a fechadura clicou. Piscou algumas vezes enquanto entendia. Ela o amava? Não estava certo o que



fazer. Como ela podia dizer isso a ele, e pôr uma porta entre eles? Uma variedade de emoções confusas irrompeu. Ele não era o único com fortes sentimentos. Amor significou tudo para ele, mas e para ela?

Irritou-o que ela soltou isto sem aviso prévio. E *fechou a porta em minha cara*. Ele recuou, pausou, avançou. Suas mãos torcendo aos seus lados, querendo tocá-la. Precisava saber como ela o amava. Os humanos eram extremamente vagos. Eles amavam seus amigos, seus carros e possessões parecia igualdade.

Ele saltou, sem dar à mínima se a assustaria ou deixaria seus vizinhos em um estado de medo. De jeito nenhum ele iria virar e ir embora quando não estava certo o que amor significava para ela. Sua bota pregou na porta centímetros da maçaneta. O estalo da madeira foi de longe mais alto que pretendia, mas a porta abriu.

Esperou que Joy saltasse ou talvez gritasse quando invadiu para segui-la. A visão de um macho olhando para ele na sala pequena, com Joy entre eles, deteve seu movimento abrupto para frente. O rosto do humano estava a maior parte escondido por um capuz mole, mas a arma apontada diretamente em sua cabeça chamou sua atenção.

Tempo pareceu parar enquanto lutava para fazer sentido a situação. O braço segurando a arma empurrou em sua direção. Joy gritou e girou para enfrentá-lo. Seu cabelo chicoteou tão rápido que os longos fios bateram no metal. Ela chutou para cima e saltou em sua direção. Seus reflexos foram lentos enquanto seu corpo batia em seu tórax. Um estrondo afiado o ensurdeceu no quarto pequeno.

Ele estava desequilibrado quando todo o peso de Joy o agarrou e foram impulsionados para trás. A sensação dela era suficiente para tirá-lo de seu choque. Suas costas colidiram na parede próximo à porta, a única coisa que impediu ambos de bater no chão. O instinto assumiu o comando quando olhou para o lado antes dele jogá-la na cozinha. Não teve tempo de ver se ela aterrissou seguramente atrás da fila de gabinetes que separava a sala de estar. Tudo que importava era que ela estivesse fora da linha de fogo.

Uivou em ira e se afastou da porta. O humano atirou contra eles. O macho tropeçou para trás e Moon saltou nele, tropeçando na mesa de centro. O braço do macho voou para cima quando ele perdeu seu equilíbrio. Outro tiro bateu no teto, enviando escombros brancos para baixo.

Moon caiu sobre as pernas do humano. O grunhido de dor dele mal foi registrado enquanto jogou a arma para longe. O macho deu um gritou afiado como se fosse uma fêmea. Foi cortado quando Moon lançou toda a ira de seu punho que o atingiu no rosto que não estava mais escondido. Os olhos do humano rolaram para trás, acompanhado pelo som esmagante de sua mandíbula quebrando pelo soco. Ele não se moveu, mas estava vivo quando seu tórax subia e caía.

Moon rosnou, pronto para rasgar a garganta do macho.

— Não o mate. — Joy ofegou. — Ele está doente.

Moon não deu a mínima. O humano estava dentro da casa de Joy e atirou contra eles. A ira surgiu. Por que o macho estava lá em primeiro lugar? Ele foi a razão dela deixou Homeland? Ele era alguém que ela se importava? Amava? Rosnou e seus dedos curvaram em garras olhava a garganta exposta.



— Moon! — Joy soou um pouco mais perto. — Por favor, não o mate. Prenda-o.
— Ela lançou algo nele que caiu sobre o chão próximo a onde ele abaixou.

Olhou para o pano de prato. Era preto e espesso.

— Rasgue em tiras e prenda-o. Estou ligando para a polícia. Por favor, Moon? Ele é um cliente meu. Ele é mentalmente doente. — Deu uma respiração irregular. — Ele sofreu abuso ao crescer. Está obviamente delirando e perigoso agora.

Eu gostaria de quebrar seu pescoço, Moon murmurou para ele mesmo, batalhando com o desejo de matar o bastardo. Chatearia mais Joy. Curvou e agarrou a toalha. Foi fácil de morder em uma extremidade e rasgá-la severamente em três tiras longas. Moon não foi gentil quando ele rolou o humano sobre seu estômago. Deu-lhe satisfação quando percebeu, do modo estranho que estava torcido, que as pernas do humano estavam quebradas próximo do joelho. Seria doloroso quando ele recuperasse a consciência e iria doer como o inferno.

As amarras poderiam estar muito apertadas, mas ele não tinha nenhuma gentileza nele. Não quando se tratava do paciente de Joy. Estava amarrando uma segunda tira um pouco mais alta que o primeiro quando algo chamou sua atenção. Olhou em seu dedo polegar para ver sangue. Terminou o trabalho e examinou suas mãos para ver onde foi cortado. Ele não estava cortado ou ferido. Ergueu seu dedo para seu nariz para saber o odor do seu inimigo.

O fedor da pólvora deixou seus sentidos um pouco entorpecidos, mas o cheiro que captou agora o imobilizou. Conhecia-o muito bem. Girou sua cabeça para olhar fixamente para Joy. Ela estava na cozinha no outro lado do balcão, debruçando fortemente contra ele. Uma mão estava segurando seu antebraço e sangue vazado entre seus dedos.

Ele a machucou. Deve ter acontecido quando a tirou do caminho. Seu braço deve ter batido no balcão e cortado sua pele. O remorso foi imediato enquanto olhava fixamente para ela. Ela estava pálida enquanto o olhava. Olhou para sua mão novamente quando ficou de pé.

— Eu sinto muito.

Lágrimas encheram seus olhos, derramando em suas bochechas.

— Meu telefone está no quarto. Ligue para a polícia. Meu sem fio está no carregador lá.

Ele estava dividido entre ir para ela e fazer o que ela pediu.

— Diga a eles que precisamos da polícia e uma ambulância.

Rosnou, atirando um olhar cheio de ódio para o humano imóvel espreguiçado de cara para o chão.

— Eu direi a eles para vir para prendê-lo, mas eu não pedirei ajuda médica. Quero que ele sofra por tanto tempo possível.

— Olhou de volta para ela, esperando que ela soubesse o quanto custou não matar o bastardo em primeiro lugar.

— Não é para ele. — Sua voz rachou. — É para mim.

O coração de Moon cambaleou.

— Eu te machuquei tanto assim? Seu braço está quebrado?

Ela franziu a testa.



— Você não fez isto. Fui eu quem saltou na frente da bala. Estou contente que me atingiu em vez de você.

Olhou para seu braço, notando que estava sangrando muito mais. Seus dedos estavam cobertos e manchou sua camisa até o cotovelo. *Ela foi baleada!* A cena na porta repassou de novo em sua mente.

O humano estava em pé do outro lado da sala, mas Joy se afastou da porta quando ela caiu aberta. Ela estava muito mais perto dele do que o macho segurando a arma. Ela enfrentou o homem, então deve tê-lo visto apontando para Moon, pronto para disparar. A próxima parte quase o levou para seus joelhos.

— Você de propósito ficou entre nós. Você sabia que ele iria atirar em mim.

— Ligue para a polícia. Estou tentando muito permanecer tranquila. Nunca fui baleada antes. Realmente dói e já mencionei que eu não lido bem com a visão de sangue? Eu não lido. Estou tentando muito não desmaiar.

Correu para ela e a pegou em seus braços. Ela ofegou, mas não protestou quando quase correu para seu quarto. Era fácil localizar o banheiro. As casas humanas eram iguais as dos Espécies. A luz já estava acesa quando ele a colocou no balcão.

— O que você está fazendo? — A dor em seus olhos o rasgou.

Ele agarrou sua mão carinhosamente e a puxou do ferimento. O sangue correu mais rápido. Era demais para ele tratar com qualquer kit de primeiros socorros que ela poderia ter escondido no banheiro. Ele largou sua mão. — Faça pressão sobre ele. — Ela precisava de um médico, não dele.

Ela gemeu.

— Acho que eu vou desmaiar. Eu realmente não aguento ver sangue. — Mas fez o que ele exigiu, parecendo lutar com sua reação ao ferimento quando o segurou.

Bateu seu joelho em um canto de sua cama quando entrou no quarto, quase tropeçou, mas se recuperou quando alcançou sua escrivaninha. O quarto era pequeno cheio demais de mobília para que ele facilmente manobrasse. Notou que sua mão estava coberta pelo seu sangue quando a estendeu para cima para o telefone e achou o botão para falar. Ele discou com um dedo instável.

— Polícia. Por favor, declare sua emergência. — uma fêmea tranquila respondeu.

— Minha fêmea foi baleada por um macho humano.

Houve alguns segundos de silêncio.

— Você me ouviu? Envie uma ambulância. Ela foi baleada no braço e está sangrando.

— Certo. — A fêmea não soou alarmada pelas notícias. — Você disse que uma fêmea foi baleada por um macho humano?

— Sim.

— Ela é humana também?

— Sim. — Levou o receptor sem fio para o banheiro para checar Joy. Ela se sentou onde a deixou, segurando seu braço. Teve medo que ela caísse então apertou mais perto, embrulhando um braço ao redor da sua cintura. Ela se debruçou nele. — Envie ajuda.

— Senhor. — a fêmea no telefone suspirou. — A polícia é para emergências reais.



— Esta é uma. Um macho humano atirou em minha fêmea. Ela está precisando de cuidados médicos.

— Certo. Estou enviando um carro de patrulha para seu local. Os oficiais responsáveis poderão te ajudar.

— Eu preciso de uma ambulância.

— Eu estou certa que eles terão muito prazer em chamar uma se você precisar de mais ajuda que eles puderem te dar. — Pausou. — Você toma medicamento?

Ele rosnou.

— Você acha que eu sou louco? Minha fêmea está sangrando. O macho humano está preso na sala de estar.

Joy olhou para ele e odiou o modo que ela balançou antes de suas pálpebras abaixaram. Esperou que sua aversão fosse do sangue que a deixou tonta. Ajustou seu braço atrás dela e empurrou seus dedos para fora do caminho, odiando machucá-la quando apertou com mais força para aplicar pressão no ferimento. Podia ser do trauma de ser baleada ou da perda de sangue, mas ele não iria correr nenhum risco com sua vida. Ela soltou o rosto contra seu peito e choramingou. Ele não aliviou seu aperto.

— Eu não estou implicando qualquer coisa, senhor. Os oficiais devem estar aí dentro de alguns minutos. Você tem uma arma? Você disse que ela foi baleada?

— Não por mim. Foi um humano! — Pensaram que ele machucou Joy? Isso o enraivou.

— Certo. Ao invés do que? Alienígenas?

De repente fez sentido.

— Eu sou Nova Espécie. — rosnou. — Vou ligar para Homeland. Eles enviarão um helicóptero para nós se você não ajudar. — Desligou e terminou a conversa novamente. O telefone bipou para ele, mas ouviu um sinal de discagem. Ligou para a ONE.

— Você contatou a ONE. Como eu posso te ajudar? — Reconheceu a voz do macho.

— Book, é Moon. Eu preciso imediatamente de ajuda. — Balbuciou o endereço de Joy. — Envie uma equipe para este local e precisamos de um médico. Minha fêmea foi baleada. A polícia humana está a caminho. — Todo o inferno iria se libertar em Homeland, mas não se importava. Enfrentaria qualquer castigo que viesse em seu caminho. — Eu saí escondido para achar Joy. Diga a Justice e a todo mundo que eu sinto muito. Você devia chamar Harley também. Eu o quero nesse helicóptero.

— Merda! — Book rosnou. — Isto é uma brincadeira, não é? Isto está vindo de uma linha de fora.

— Não. — Abaixou seu queixo para descansar em cima de cabeça do Joy, apertando-a mais contra ele. Odiou se sentir impotente. — Você anotou esse endereço? Se apresse. Ela está sangrando. Um humano a baleou no braço.

— Não desligue. — Book exigiu. — Estou nesta. Nós estamos indo. — Ele colocou sua mão no viva-voz, mas mal abafou o som dele gritando ordens para os Espécies ao redor dele. Finalmente falou diretamente no telefone novamente. — Escute-me. Você está pronto? Eu tenho Justice em uma linha e Trisha em outra. Fury acabou de embarcar na linha também. Eu posso ouvi-los, mas você não pode. Estou pondo você no viva-voz assim eles podem te ouvir.



A outra linha continuou buzinando, mas Moon a ignorou. Provavelmente era a operadora chata tentando ligar de volta.

— Eu entendo.

— Diga aos humanos que chegarem na cena que você é Nova Espécie. Estou certo que eles verão isso, mas declare alto e claro para que não haja nenhum engano. Eles não têm nenhuma jurisdição sobre a ONE. Eles não podem te prender, mas eles podiam atirar em você primeiro de longe se não souberem o que você é. — Pausou. — Fury disse que eles estão contatando a polícia local para ter certeza que eles saibam que você é Espécie e saibam as leis relativas a nós. Nós poderíamos ser capazes de afastá-los de entrar na casa dela.

— Eu trouxe uma arma comigo, mas não a usei.

Book hesitou.

— Não aponte para ninguém. Onde ela está?

— Enfiada atrás das minhas calças.

Book hesitou novamente.

— Você tem permissão de levá-la. Suas leis não se aplicam a nós. Diga aos humanos que você a tem e onde está localizada. Não a toque. Eles poderiam entrar em pânico.

— Entendido.

A audição aguçada de Moon captou o som de passos.

— Eles estão aqui. Alguém está de qualquer forma. Eles acabaram de entrar no espaço da entrada.

— Grite que você é Nova Espécie. — Book pausou. — Agora.

Moon fechou os olhos, suas costas para a porta, não querendo chacoalhar Joy. — Eu sou Nova Espécie! — Ruidosamente declarou. — Eu estou armado, mas está enfiada atrás do meu cós. Eu não usarei a arma. Estou no telefone com Homeland.

— Ponha-me no viva voz, Book exigiu.

— Eu não acho que seu telefone tem essa opção. — Moon olhou para ele. Não viu na frente. — Não tem.

Levantou seu queixo, sua sensação de cheiro confirmando o que sua audição lhe disse. Lentamente girou a cabeça, encontrando o olhar de um oficial humano uniformizado. O macho tinha uma arma apontada para ele na entrada, mas a abaixou. Agarrou o microfone preso ao seu ombro.

— Não é uma brincadeira. — o macho declarou para quem estivesse na outra linha. Inclinou sua cabeça, escutando o dispositivo em sua orelha. — Confirmado. Estou olhando direito para ele. Ele é Nova Espécie. — Largou o microfone e lentamente guardou sua arma. — Fácil. — Uma palma se estendeu, como se quisesse segurar Moon para trás se ele atacasse.

— Eu não sou um perigo para você.

O macho engoliu com força.

— Desculpe. Não somos treinados, hã, eu nunca conheci um de vocês antes. — Olhou para o espelho atrás de Moon, foi um pouco para a esquerda, e sua boca apertou em uma linha horrenda. — Ela está machucada?



— Ela foi baleada no braço. O humano que fez isto está na sala de estar. Joy é uma psiquiatra e ele era seu paciente. — Ele já não seria novamente se Moon tivesse qualquer coisa a dizer sobre isto. Conseguiria encontrar e mataria o macho primeiro antes dele um dia se permitir próximo de sua fêmea novamente. — A ONE está enviando um helicóptero para nós. — Estendeu o telefone. — Eles querem falar com você.

O oficial hesitou, mas chegou mais perto, aceitando-o. Ele não pôs o receptor em sua orelha imediatamente.

— Nós podemos enviar ajuda para ela quando os paramédicos chegarem?

— Por favor.

O policial pegou seu microfone novamente.

— Envie os paramédicos quando eles chegarem. A situação está tranquila dentro do banheiro. Evacue o homem na sala da frente. — Colocou o telefone até sua orelha. — Quem fala é o Oficial Ventino. Com quem eu estou falando? — Escutou, dando respostas de uma palavra antes de desconectar. Cautelosamente considerou Moon o tempo inteiro.

Irritação lampejou por Moon, mas entendeu seu medo. Estava contente que eles não estavam tentando matá-lo ou tirar Joy de seus braços. Ele se virou, descansado seu queixo em sua cabeça e fechou os olhos. Ela estava respirando, mas tão lentamente que sabia que perdeu a consciência.

— Por favor, diga a ambulância para se apressar.

— Sim, senhor. — o oficial respondeu. — Talvez ela ficasse mais confortável na cama? — Recuou para fora do banheiro. — Eu limparei o lugar.

Moon suavemente ergueu Joy, mantendo a mão contra seu ferimento. Sua cabeça rolou contra seu tórax. Olhou para ela e sabia que perderia o juízo se ela morresse. O oficial ficou pelo menos um metro e meio afastado quando entrou no quarto. Moon o viu empurrar duas malas pesadas para o chão.

Moon sentou com ela em seu colo. Ignorou o oficial olhando, mal prestou atenção aos barulhos que viam da outra sala enquanto mais dois oficiais vieram para levar o bastardo que atirou em Joy. Nem o fez sorrir, ouvindo seus protestos agonizantes quando voltou a consciência. Manteve Joy tão firme quanto possível, cada respiração que ela dava era um alívio.

— Há qualquer coisa que eu possa fazer senhor?

Moon abriu os olhos e olhou fixamente para o humano. A compaixão estava refletida nos olhos do humano. Moon olhou para a mão esquerda do macho, que mostrava uma faixa de ouro.

— Você tem uma companheira?

— Eu sou casado. Sim.

— Meu nome é Moon. Eu não posso perder Joy. Há alguma maneira de trazer a ajuda médica aqui mais rápido?

Sirenes altas chegaram mais perto.

— Eles terão limpado a frente do edifício e outro oficial segurará as portas do elevador assim eles podem chegar aqui mais rápido. Há um outro que os guiará direto para a porta da frente. — Chegou mais perto e curvou, agarrando na parte inferior do



cobertor. — Deixe-me ajudar. Ela perdeu muito sangue. Nós a manteremos aquecida para preveni-la de entrar em choque.

Moon estava tocado que o humano se importava. Notou o modo que o macho dobrou o cobertor ao redor do corpo de Joy como se ele fosse um pai cuidando de uma criança.

— Eu sou John. — O oficial abaixou. — Você pode me dizer o que aconteceu aqui, Moon?

— Eu vim ver Joy, mas seu paciente estava aqui antes de eu chegar. Ele tinha uma arma apontada para ela e eu derrubei a porta. — Pausou, sem esclarecer que ele não sabia disto no momento. — Ele tentou atirar em mim, mas Joy entrou entre nós. — Era puramente inaceitável mostrar fraqueza na frente de humanos, mas lágrimas molharam os olhos de Moon quando a realidade disso tudo bateu nele com toda força. — Ela fez isto de propósito. — Olhou fixamente em seu rosto bonito. — Ela podia morrer porque arriscou sua vida pela minha.

— Ela deve te amar muito e eu posso ver o quanto você a ama. — Uma mão hesitante bateu levemente em seu joelho em uma tentativa de dar conforto. — Eu não acho que é fatal certo? Eu vi vítimas em condições muito piores sobreviverem. Estou certo que ela se recuperará.

Moon sabia que perderia o juízo se ela não sobrevivesse. Uma agitação chamou sua atenção quando um macho em um uniforme diferente lentamente entrou no quarto. O medo estava esboçado em seu rosto.

— Eu sou um paramédico. Nós podemos entrar? — Sua atenção mudou de Moon até Joy. — Nós queremos ajudá-la.

Uma fêmea humana empurrou contra o macho, mas ele estendeu um braço, segurando-a atrás. Ela encontrou o olhar de Moon e empalideceu, seu medo aparente.

— Ajude-a. — murmurou. — Eu não sou uma ameaça.

Eles entraram no quarto com seu equipamento médico. Era frustrante o quão temerosos estavam, como se ele os morderia ou atacaria. Depressa ficou aparente que não chegariam muito perto então ergueu Joy e saiu da cama para deitá-la. Manteve o aperto em seu braço.

— Eu vim aplicando pressão.

A corajosa fêmea entrou em contato com ele primeiro quando apertou contra seu lado.

— Por favor, mova sua mão. Eu peguei.

Odiou a visão de suas luvas enquanto assumiam o comando dos cuidados de Joy. Lembrou a ele da Mercile. Recuou até seu traseiro bater na escrivaninha para dar-lhes mais espaço para trabalhar quando rasgaram pacotes de seus kits médicos.

John chamou sua atenção quando andou para estar próximo de Moon.

— Ela ficará bem. Eles estão colocando fluidos e a transferirão assim que a estabilizarem.

— Transferi-la para onde?

O humano era alto o suficiente para segurar o nível do seu olhar.

— Ela precisa de um hospital. O cara no telefone me ordenou para manter vocês dois aqui e disse que nenhum de vocês tinha permissão de sair. Eu sei que a ONE está



enviando um helicóptero, mas se fosse minha esposa, eu iria querer ela tratada assim que possível. Eu irei com vocês dois se deixá-los a levarem. Nós podemos ir com ela na ambulância.

Fez sentido e não queria que Joy sofresse.

— Eu fico com ela o tempo todo.

— Ninguém quer que isto acabe mal, certo? — Sua voz abaixou. — Se eles tentarem ter autoridade no hospital, os lembre que você é Nova Espécie. Eu te dou cobertura. Nós diremos que é um risco de segurança se eles tentarem nos proibir de seguir com ela na sessão de trauma.

Moon olhou para ele.

John piscou e levantou sua mão esquerda, mostrando seu anel.

— Eu entendo.

— Obrigado. Vamos levá-la para o hospital.

John agarrou seu microfone.

— Nós estamos indo com ela. — Largou para dar ordens aos paramédicos. — Você o ouviu. Deixe-a estável e a caminho para o hospital.

Capítulo Quinze

Joy teve dificuldade em abrir os olhos. Sua língua pareceu inchada e era difícil de acordar. Tentou rolar, mas uma mão grande apertou contra seu tórax para segurá-la no lugar. Conseguiu finalmente empurrar a névoa e ver uma luz escura acima dela. Uma forma imprecisa bloqueou de repente. Piscou e olhou fixamente para bonitos olhos escuros.

Sobreviveu a ser baleada por Douglas. O lado profissional dela se perguntou o que aconteceu com ele, mas não era ingênua o suficiente para questionar Moon sobre seu destino. Foi um milagre que convenceu um Espécie de não matar alguém que atacou com mortal intenção. Isso só mostrou o quanto Novas Espécies evoluirão desde sua libertação. Aprenderam a anular seus temperamentos usando razão em vez de agir com impulso puro.

— Joy — Moon murmurou. — Você ficará bem. Eles disseram que a bala atravessou seu braço, mas você perdeu muito sangue. Errou o osso. — Sua voz ficou



rouca. — O doutor disse que você teve sorte, mas eu discordo. Você foi baleada. Sorte teria sido se o bastardo errasse completamente.

Não havia nenhuma dor, mas atribuiu que eram bons analgésicos quando o que ele disse a atingiu como histericamente engraçado. Ela riu.

Moon fez uma careta.

— O que é engraçado?

— Você.

— Você foi baleada. Você entende isto?

— Sim. Eu lembro. — Tentou ser séria, mas sua expressão lembrou a ela de um peixe surpreso. Riu novamente. — Você é tão fofo.

Seu queixo empurrou para cima e ele rosnou enquanto olhava para algo.

— O que está de errado com ela?

— Ela está mais drogada que um viciado em drogas. — a voz de um macho respondeu. — Eles deram a ela a porcaria boa. É normal. Ela ficará drogada durante algum tempo. Minha esposa riu como um lunático quando quebrou a perna e eles deram a ela uma injeção para dor depois que ela saiu da cirurgia. Você teria pensado que ela estava bêbada.

Joy girou sua cabeça para olhar para o policial debruçado contra a parede próximo a sua cama. Piscou. Imaginou que ele estivesse lá para pegar seu depoimento. Isso não pareceu tão engraçado. Pobre Douglas. Ele poderia estar além de ajuda. Sentiu-se culpada por não perceber o quão instável ficou. Acreditou realmente que ele estava começando a se tornar um indivíduo mais ajustado. Moon tirou seu cabelo da bochecha e olhou para ele.

Moon debruçou mais perto olhando em seus olhos.

— Estou contente que você está parecendo boa o suficiente para achar humor em algo. Eu não consigo.

Estendeu a mão e segurou seu rosto. Percebeu que seus dedos deviam estar frios contra sua pele muito morna. Esperou que ele não se importasse.

— Sua aparência está péssima. — Seu cabelo estava bagunçado, como se ele não o penteasse a algum tempo e o branco dos seus olhos estavam um pouco vermelhos. — O que você está fazendo aqui?

— Você acha que eu permitiria que eles te levassem sem eu ir para o hospital com você? Eu não deixei seu lado.

Não duvidou disto. Moon era sincero e protetor das mulheres. Duas das muitas características que admirava nele.

— Eu quis dizer aqui. Por que você deixou Homeland?

— Você me deixou novamente, mas desta vez eu não era incapaz de fazer algo sobre isto. Eu sei como ler um mapa e procurar seu endereço.

Ele veio encontrá-la. Ele estava tão bravo que precisava gritar com ela porque partiu ou ele se importava o suficiente para ir atrás dela.

— Eu fui para casa empacotar minhas roupas. Eu ia voltar. Nem tinha um número de telefone para ligar para você. Você não leu o bilhete?

— Que bilhete?



— Eu deixei grudado na porta no caso de você voltar hoje à noite. Não foi assim que você descobriu que eu deixei Homeland?

— Não. Eu não voltei para a acomodação humana. Você estava planejando voltar?

— Eu diria isso. Aquelas malas em sua cama eram pesadas.

Ambos os olhos viraram para o policial que falou. Ele sorriu.

— Eu deixei uma mensagem também. Estava planejando deixar uma mensagem no portão, mas havia um doutor lá que disse que ele estava a caminho da sua casa. Eu conversei com ele enquanto estavam revistando meu carro. Ele se ofereceu para transmitir minha mensagem.

— Kregkor. — Moon murmurou depois rosnou. Teve que suprimir o desejo de caçar e bater no psiquiatra.

Joy girou o rosto de Moon em sua direção assim ela podia ver seus olhos novamente.

— Você pensou que eu fugi de você novamente, não foi? Você veio para minha casa para gritar comigo ou me pedir para voltar com você?

Ele lambeu os lábios, hesitando.

Doeu quando ela decidiu que tinha sido raiva que o impulsionou a procurá-la.

— Entendo. Eu sei que você tem razão para não confiar em mim, mas eu fui chamada pelo meu chefe por causa de uma emergência. Eu tive que ir para meu escritório. Alguém arrombou nossos gabinetes de arquivo. Douglas admitiu ter feito isto, mas não sabíamos disto no momento.

— Por que ele fez isto? Ele disse? Por que ele estava em seu apartamento com uma arma?

Ela girou sua cabeça para responder as perguntas do policial.

— Ele é um cliente meu com problemas emocionais. Eu não posso te dizer muito mais. É uma questão de confidencialidade. Mas eu altamente recomendarei que ele fique em observação por setenta e duas horas. Estou assumindo que ele foi admitido no hospital também?

— Ele foi. Estou achando que ele é sortudo em estar vivo.

— Não foi sorte. — Moon rosnou as palavras. — Ela não queria que ele se machucasse e implorou que eu o prendesse. O bastardo está aqui, Joy. A polícia o tem no pronto socorro contido com algemas e ele está sendo observado de perto por eles. Me prometeram que seria enviado a prisão depois dos médicos terminarem o tratamento.

O policial lançou um olhar de conhecimento para Moon.

— O meliante ainda está respirando. Não estou certo do quão severamente ele está machucado, mas pareceu muito doloroso quando eu entrei na residência. O... — Pausou e agarrou o microfone preso ao seu braço. — Entendido. — Largou-o e afastou-se da parede. — A ONE chegou. Eles acabaram de aterrissar.

— Droga. — Moon murmurou.

— O que está errado? — Joy odiou o modo como se afastou do toque dela para se endireitar, saindo do alcance.

— Você me fará um favor, John? Fique com ela.



— Com certeza. Eu não deixarei seu lado até que você volte.

Moon depressa deixou o quarto e fechou a porta atrás dele. Tentou se sentar. O oficial suavemente deslizou uma mão atrás de suas costas para dar-lhe um impulso enquanto usava o controle da cama para erguer as costas para ela ter suporte.

— O que está acontecendo? — Perguntou a ele.

Sentou-se na cadeira.

— Minha suposição? É uma suposição. Eu não acho que a ONE sabia onde ele estava até que você foi ferida. Eu tenho o escutado tagarelar. — Apontou para sua orelha. — Moon veio só. Algum mandachuva de lá ligou para nossa estação depois que o telefonema para a polícia foi colocado de sua residência para exigir proteção da polícia imediata e para seu Nova Espécie. Eles estavam frenéticos para ter certeza que nós colocaríamos tantos oficiais disponíveis na cena assim que possível.

Ele se debruçou um pouco, abaixando sua voz.

— Nos pediram para interditar seu edifício inteiro e esvaziar todo mundo exceto você e ele porque nós fomos informados que ele estava em perigo sem uma escolta. Se eles tivessem certeza que ele estava seguro não teriam o deixado ir para qualquer lugar sem segurança adequada em primeiro lugar, certo? Levou quase uma hora para eles chegarem.

A mente de Joy ainda estava um pouco lenta das drogas, mas estava entendendo rápido.

— Uma hora?

— Sim. — Olhou em seu relógio. — Eles voaram até aqui de helicóptero. Estou presumindo que levou tanto tempo para juntar uma equipe e colocá-los no ar. Eu servi seis anos no exército. Você adiciona a distância daqui a Homeland, o tempo que leva para aquecer as lâminas, esta é uma resposta rápida.

— Ele não podia sair sem permissão. Você devia ver a segurança que eles têm em Homeland. Levou quase dez minutos para eu ser processada quando saí. Eles revistam a pessoa e o carro entrando e saindo. Há guardas nas paredes e nos portões.

O oficial encolheu os ombros.

— Ele pareceu feliz por você sair e encontrá-los? Ele arrebentou seu atirador, mas isso era autodefesa. A ONE terá algo contra isto?

— Não.

— Eu desisto. — Debruçou-se para trás. — Também notei que vocês dois parecem tensos um com o outro. Eu escutei o suficiente para juntar algo. Você partiu e ele pensou que você não estava voltando. Vocês são obviamente um par.

Não disse nada. Não era da conta dele e não queria que sua relação com Moon se tornasse uma história no noticiário da noite se ele repetisse qualquer coisa para os repórteres.

— Seja qual for o argumento que você tiver, seja qual for o motivo, aquele sujeito é louco por você. Eu estou no trabalho por doze anos e vi muita merda. Desculpe meu linguajar. Ele parece bem durão, mas perdeu o juízo quando você desmaiou. Talvez ele não fale o suficiente do jeito que você quer que ele fale ou não mostre seus sentimentos facilmente. — Pausou. — Mas uma coisa ele não podia esconder, que era o quanto você significa para ele, entendeu? Dê a ele um tempo sem arrancar suas bolas se



tiverem uma discussão. Ele quase fez o pessoal daqui urinar nas calças porque ameaçou jogá-los para longe se tentassem fazê-lo deixar seu lado quando estavam costurando seu braço. Te colocaram pra dentro e para fora da sala de trauma tão rápido porque tiveram medo dele entender mal qualquer atraso em não te dar o melhor cuidado possível. Ele exigiu isto.

— Obrigado por me dizer isto. Eu não me lembro de muito depois que fui baleada. — Olhou para o curativo branco espesso em seu braço. — Acho que desmaiei.

— Vai ficar fraca por alguns dias e o médico sugeriu que tente ter bastante descanso e fluídos. Eles querem te manter durante a noite. Você também não tem permissão para se mover sem ajuda. Ele disse algo sobre tontura e possíveis desmaios. O doutor discutiu em te dar outros medicamentos além de algo para a dor, mas Moon recusou permitir. — Riu. — Ele disse que os médicos da ONE podiam cuidar de você. Realmente não confia em ninguém.

— Ele não confiaria.

O policial assentiu severamente.

— Certo. Aposto que médicos e enfermeiras não são suas pessoas favoritas.

— É duro para um Espécie confiar em nós. As únicas pessoas que eles lidaram a maior parte de suas vidas eram aqueles que você algema e arrasta perante um jure.

— Compreensível.

Joy olhou para o telefone na mesa, debatendo se devia pedir ao oficial para dá-lo a ela. Devia ligar para sua família e dizer a eles que estava no hospital. *Eu terei que explicar sobre Moon.* Descartou a ideia. Era melhor se esperasse para ver se eles tinham um futuro antes dela envolvê-los em sua vida pessoal. Só machucaria seus sentimentos que ela o manteve em segredo por tanto tempo. Foi para proteger a privacidade de Moon, mas eles não entenderiam.

— Você quer um pouco de suco?

Forçou um sorriso.

— Eu adoraria. Obrigada.

Olhou fixamente para a porta enquanto ponderava o que estava acontecendo lá fora. Moon deixou Homeland sem permissão? Indeferiu. Não havia nenhum jeito de passar por aqueles muros de nove metros sem alguém descobrir. O 466 que conhecia teria apreciado o desafio no ato. Tinha sido quase um jogo para ele se esquivar dos guardas e explorar onde quer que ele não tivesse permissão no Setor Quatro. Tanto quanto desejava que o tempo pudesse parar para eles poderem voltar direto para o passado, as coisas mudariam muito e ele também.

Ela disse “eu amo você” para Moon. As palavras escaparam quando percebeu que poderia nunca ter a chance de dizer a ele se as coisas dessem errado. De repente se tornou importante que ele soubesse como ela se sentia. Sua reação foi uma que nunca esqueceria. Ele deu um passo para trás. Foi um movimento muito leve, mas não perdeu.

Fechou seus olhos. Vá devagar. Não o apresse. Eu nunca parei de amá-lo, mas ele provavelmente tentou muito se esquecer de mim.



Moon sabia que ele estava em profundos problemas quando Tim Oberto pisou no corredor abaixo com seis membros da equipe com todo o equipamento em formação atrás dele. O macho não escondeu seu aborrecimento.

— Moon.

— Oi, Tim.

Pegou o olhar de Trey. O macho não mostrou quaisquer sinais de seu humor normal. Seus lábios puxaram em uma linha horrenda quando olhou fixamente para as costas do líder da força tarefa.

— Onde está Harley? — Moon estava bem certo que ele pediu por ele, mas os detalhes estavam um pouco vagos desde que ele estava tão estressado no momento.

— Ele foi ordenado a ficar dentro do helicóptero, longe da vista. Não quisemos chamar mais atenção do que necessária. Há quatro equipes de notícias acampadas na recepção. — O tom de Tim implicou seu desgosto.

Moon abafou um gemido.

— Vamos sair antes que fique pior. Todo minuto aqui trará mais deles. Você vai direto para o escritório de Justice quando aterrissarmos. — Tim empurrou sua cabeça para indicar que Moon devia caminhar primeiro. — Naquele caminho.

— Eu não vou sair sem Joy.

As feições de Tim ficaram avermelhadas e sua voz abaixou enquanto olhava ao redor para ter certeza que eles não podiam ser escutados.

— A ordem é você retornar imediatamente a Homeland.

Moon rosnou e deu um passo para trás. Ele lutaria com qualquer um que tentasse impedi-lo de retornar ao quarto dela, se ousassem.

— Não sem Joy.

Trey se aproximou de Tim.

— Nós não queremos deixar a Dra. Yards aqui. Os repórteres estarão por toda parte dela se nós a deixarmos. Eles tentarão passar pela segurança e você sabe que eles são muito mais negligentes sobre as coisas que nós. Merda, tudo o que eles têm de fazer é colocar uma calça jeans com uma camiseta, parar na loja de presente para pegar flores e um ursinho, e eles podem caminhar direito para o quarto dela antes de alguém estar ciente.

— Ela não é meu problema. Ele é. — Tim apontou para Moon.

Trey suspirou. — Pense Tim. Eu sei que estamos todos aborrecidos depois de sermos retirados da cama para voar até aqui. Ela é importante o suficiente para Moon deixar Homeland para percorrer todo esse caminho para vê-la. Ela também está machucada. Como você acha que ele vai reagir quando a vir no noticiário amanhã, deitada numa cama de hospital com uma câmera empurrada em seu rosto? Você realmente acredita que ele não achará outro jeito de sair de Homeland para chegar a ela?

— Porra. — Tim cedeu. — Tudo bem. Agarre-a e vamos. Eu quero dizer agarre-a agora. Eu não vou esperar para eles fazerem a papelada para liberá-la para nosso cuidado. Nós estaremos fora do chão em quatro minutos. Nenhuma desculpa.

Moon girou e correu pelo corredor abaixo. Passos pesados o seguiram no quarto de Joy. Olhou as coisas presas a ela e começou a arrancar o clipe em seu dedo que



rastreava seu nível de oxigênio e os arames de seu tórax que monitoravam sua frequência cardíaca. As máquinas protestaram ruidosamente. Trey estava lá empurrando os botões para silenciá-los.

— Eu tenho alguma experiência nisto. — explicou quando Moon olhou para ele.

— O que você está fazendo? — John não tentou pará-los.

Moon pausou para estudar o humano.

— Nós estamos partindo. Ela está indo comigo. Ela estará mais segura em Homeland.

O oficial girou e agarrou uma bolsa de fluido que estava enganchada no braço de Joy. — Não retire o soro. Tome isto. Mantenha elevado.

— Obrigado por tudo, John. Eu profundamente agradeço.

— Sem problema. Estou contente por finalmente chegar a conhecer um Nova Espécie.

Joy ergueu seus braços quando Moon empurrou para baixo um lado do leito assim ele podia carregá-la. Seu coração se aqueceu quando ela não discutiu. A roupa de cama veio com ela já que não queria que ficasse com frio. Seu bom braço embrulhou atrás de seu pescoço e ela embalou o baço ferido contra seu estômago.

— Queria poder conseguir roupas. — ela murmurou. — Agora eu perdi minha única roupa boa porque sangrei nela toda e meu carro está em meu prédio. — Nem tenho minha bolsa ou chaves.

Trey aceitou a bolsa de soro de John.

— Nós já temos alguns homens em sua casa, Dra. Yards. Diga-me o que você quer e eu mandarei eles pegarem antes de deixar a cena.

— Por que eles estão lá? — Moon franziu a testa, não apreciando a ideia de membros da equipe andando pela sua acomodação pessoal.

— Para limpar a bagunça e ter certeza que lidem com quaisquer problemas que surgirem. Eles estão respondendo perguntas à polícia e manipulando a imprensa.

— Me chame de Joy. — Deu a Trey um sorriso que enviou uma agitação de ciúme por Moon. — Adoraria se pudessem pegar minha bolsa e ambas as malas em meu quarto. Tenho uma mala de viagem debaixo do balcão em meu banheiro também. É azul. Não dá para errar. — Girou sua cabeça, olhando para Moon. — Estou muito pesada? Eu podia caminhar.

Ele rosnou, virando em torno da cama do hospital com ela em seus braços. Ela realmente esperava que ele a colocasse de pé depois que se machucou tanto? Era irritante e insultante. Trey teve que lutar para ficar dentro de uma distância próxima já que a bolsa em sua mão estava enganchada em Joy.

— Eu não posso esperar para as drogas saírem do seu sistema.

Seu sorriso enfraqueceu e ela inclinou seu queixo.

— Desculpe.

— Não se desculpe. Estou com mau humor. — admitiu. Ele nem sequer teve a satisfação de matar o bastardo que atirou nela. Ela era muito bondosa. — Você lida com situações estressantes de um modo que eu acho difícil de entender.

— Eu estou me sentindo realmente bem. — Olhou para sua boca. — Aposto que eu podia pensar em algo para te alegrar. — Usou a mão que descansava na curva de seu



ombro para amassar os músculos lá. — Sr. Irritado precisa relaxar e achar seu senso de humor.

Trey riu.

— Morfina?

— Eu não sei o que eles deram a ela. Ela está muito feliz.

— Aproveite. — Trey riu. — É melhor isso que outra coisa.

Era uma lembrança a Moon que Joy podia ter morrido. Os dois iriam ter uma conversa longa uma vez que o medicamento de dor deixasse seu sistema. Ela nunca devia ter recebido uma bala designada a ele. Seu corpo podia resistir mais e curava mais rápido do que o dela podia.

Trey olhou para ele enquanto se apressavam pelo corredor lado a lado.

— Eu quis dizer que ela podia ficar chata ou pior, lamentar da dor. Eu não quis dizer, inferno... você sabe. Vi todo o sangue na casa dela. Aposto que foi mais assustador antes dos médicos chegarem.

Moon não queria conversar sobre o quão impotente se sentiu, ainda que gostasse do humano. Tim e a equipe estavam esperando no final do corredor. Tim assumiu.

— Vamos pelos degraus e evitar a entrada. Ninguém nos parará. — Ordenou a equipe para cercar Moon com Trey ao seu lado esquerdo. — O piloto está pronto para nos levar a Homeland. Iremos diretamente pela porta de trás para o helicóptero.

Moon não estava esperando ansiosamente pelo que o aguardava. Sua viagem rápida para o mundo lá fora se transformou em uma possível tempestade de publicidade. Foi egoísta em quebrar o protocolo que mantinha todos os Espécies fora das manchetes. Devia ter ido por canais adequados e pedido para uma escolta ir com ele quando deixou Homeland.

Ele não quis admitir que Joy o deixou novamente ou parecer fraco para todo mundo declarando o quanto ela importava para ele. A provocação de Harley realmente ardeu seu orgulho. Moon não culpava seu amigo por achar humor em sua obsessão por Joy. Ele teria feito o mesmo se seus papéis estivessem invertidos, mas o fez agir de um modo irresponsável. Essa responsabilidade descansava justamente em seus ombros.

Recusou evitar a verdade. Muitos Espécies o admiravam, como se ele fosse um exemplo. Ele falhou com eles pelo seu ato impulsivo. Não considerou todos os riscos. Não era como se ele soubesse que as coisas ficariam violentas ou que um humano louco apareceria na casa de Joy com uma arma, mas uma dúzia de outros cenários piores surgiu em sua cabeça agora que ele teve uma retrospectiva. A mais medonha era que agora Joy estava ligada a ele. Ela se tornou um alvo de qualquer um que repugnasse os Espécies.

A fêmea macia em seus braços acalmou um pouco de sua vergonha. Seu remorso real era apenas que True fez um favor e agora não haveria nenhum jeito de esconder como ele saiu. Seria uma questão de consertar uma fraqueza na segurança, que significava que ele teria que ser muito sincero para que outros não usassem o mesmo caminho para sair de Homeland. De alguma maneira iria se redimir com o macho se fosse repreendido de qualquer forma. Era uma determinação que Moon exigiria tomar toda a responsabilidade.



Justice e os membros do conselho iriam estar desapontados. Não era como se eles fossem trancá-lo pelo que fez, mas todo mundo ouviria a história pela manhã. Subiu no helicóptero e se sentou, mantendo Joy em seu colo. Trey pegou o acento próximo a eles, enganchando a bolsa de soro acima de suas cabeças.

Moon segurou o olhar de Harley. Ele não disse uma palavra, mas o conhecia muito bem. Eles iriam discutir quando estivessem a sós. Não seria agradável.

Eu farei isto direito não importa o que custe.

Capítulo Dezesseis

Moon não se incomodou em se sentar já que não havia nenhum assento sobrando. Dois dos membros do conselho não estavam lá. Eles ficaram na Reserva, mas Bestial estava atualmente com residência em Homeland. Desejou que fosse Brawn e Cedar ao invés deles. Eles eram mais calmos.

Olhou em torno da sala, vendo que Slade, Fury, Justice, Darckness, e Jericho estavam entre aqueles presentes. A ausência de Breeze foi notada e lamentada. Ela teria pelo menos trazido um senso de humor na situação horrenda. Tomou posição no centro do escritório em vez de inclinado contra uma parede. Harley pairava perto, como se ele estivesse o protegendo.

Justice esperou até que a porta fechasse antes de falar da cadeira atrás de sua mesa, endereçando a Slade em vez dele.

— Trisha está tratando a psiquiatra?

— Sim. Ela falou com o hospital e eles enviaram um e-mail com todos os registros Médicos. Joy ficará completamente recuperada. O macho humano não era um bom atirador e só conseguiu perfurar a carne do seu braço superior. A bala errou o osso e artérias. Minha companheira a está examinando agora para certificar-se que eles não perderam nada. Ela está em boas mãos.

Justice pôs seus cotovelos em sua mesa e curvou seus braços para descansar seu queixo em ambos os punhos quando seus olhares atacaram Moon.

— Eu nem sei o que dizer exceto que estou contente que todo mundo está vivo.

Darkness rosnou.

— Como foi? — Olhos quase pretos encararam Moon. — Como você saiu? Eu passei os últimos noventa minutos revisando as filmagens ao longo dos muros e em ambos os portões. Você não foi pego em nenhuma delas.

— Calma. — Fury advertiu. — Nós chegaremos a isto.

— Se ele pôde sair alguém podia se introduzir do mesmo jeito. — Darckness protestou. — Nós podíamos ser invadidos a qualquer momento. Minha equipe precisa saber como ele fez isto.



— Eu saí escondido pelo portão que nós recentemente construímos. Eu sabia que câmeras não tinham sido instaladas lá ainda. — Moon respirou fundo. — Não é culpa de True. Ele é novo e eu sou mais qualificado. Eu disse a ele que estava indo em patrulha em minha motocicleta e usei minha autoridade, acreditando que ele não questionaria se estivesse declarando que era algo que eu ocasionalmente faço. — Fechou sua boca, não admitindo mais. Não iria entregar True mostrando compaixão.

— Você mentiu? — Jericho fez aquele som profundo em seu tórax que deixou todo mundo na sala no limite. Não foi exatamente um grunhido, mas mais um perturbador murmuro. — Por quê? Você ainda está sofrendo das drogas? Você era para se entregar ao Centro Médico imediatamente se não estivesse completamente em controle de suas ações. Você abandonou os machos que foram atribuídos a você. Eles não estavam nem cientes que você se foi até o telefonema de Book.

— Não foram as drogas. — Segurou olhar de Justice. — Joy me deixou novamente. Ela fez isso antes no Setor Quatro e eu apenas tive que aceitar sua perda. Nós sabíamos tão pouco sobre o mundo lá fora na época, ou como achar humanos que viviam lá. Eu não ia deixá-la ir embora de mim desta vez sem ir atrás dela. Sei que eu podia ter pedido uma escolta, mas meu orgulho não permitiria isto. Pensei que podia retornar antes de alguém sentir minha falta.

— Orgulho? — Olhos verdes claro mostravam raiva enquanto silvou a palavra. — É disso que isto se tratou? Você teve o desejo de ir à caça porque uma fêmea te largou? — Atirou um olhar frustrado para Justice. — Eu acho que ele devia ser retornado ao Centro Médico. Ainda está obviamente parecendo um pouco primitivo nas drogas. Ele foi liberado muito cedo.

— Ela é minha. — Moon declarou, recusando permitir que eles culpassem suas ações em efeitos colaterais do ataque. — Eu tive fortes sentimentos por Joy desde que nos conhecemos e tendo ela de volta em minha vida só me fez perceber o porquê eu estou tão atraído por ela. — Olhou para Justice. — Ela é minha, Justice e quando me deixou novamente me fez fazer algo estúpido. — Olhou ao redor. — Eu provocava os machos quando eles achavam suas companheiras. Era engraçado vê-los um pouco loucos, mas não é divertido quando acontece com você. É humilhante que esteja tão pendurado em uma fêmea que me rejeitou, não uma vez, mas duas vezes. Eu não queria ninguém sentindo pena de mim por pedir ajuda. Eu quis convencê-la em voltar para cá.

— Merda. — Harley murmurou. — Eu peço desculpas.

Olhou para trás.

— Não peça. Eu que tenho uma fraqueza.

Justice se levantou, chamando sua atenção. O macho franziu a testa.

— É chamado estar apaixonado. É mais assustador que confrontar seu medo mais profundo e te abre a ser machucado além do plano físico. — Colocou uma mão em seu coração. — Pode parecer como se fosse uma fraqueza para você, mas é a prova que somos mais que números, experiências, ou qualquer outra coisa que a Mercile pretendeu que fossemos. Leva coragem e força para sentir tais emoções fortes por uma pessoa quando nós fomos negados de nascer a chance de um dia nos importar com qualquer coisa ou alguém. Eu não estou dizendo que é fácil ou indolor. É provavelmente uma das coisas mais complexas que experimentei. Jessie é minha vida. As batidas do



meu coração batem por ela e eu admitirei para todos que eu não iria querer continuar se a perdesse.

Justice olhou em volta da sala antes de sorrir para Moon.

— Os que não encontraram companheiras não entendem e atualmente estão parecendo confusos ou horrorizados. — Ele riu. — Tenho esperanças que eles saibam os prós e os contras de se apaixonar um dia. É um presente e uma maldição às vezes, mas todo mundo devia experimentar isto. É uma parte da vida e nós somos sobreviventes.

Moon teria falado, mas um carço de emoção fechou sua garganta. Queria agradecer a Justice por compreender exatamente o que ele estava passando. De repente não se sentiu como se ele se tornasse um exemplo horrível para outros Espécies estando de alguma maneira com falhas.

— Não era como se nós tivéssemos pais para nos guiar quando nos apaixonamos ou já vimos exemplos disso e aprendemos com eles. — Justice soltou sua mão para seu lado. — Eu fiz uma bagunça com Jessie a princípio enquanto tentei entender que diabos eu estava fazendo. Não tive nenhuma ideia de como lidar com o ciúme louco e a possessividade que de repente me fez perguntar se eu tinha perdido minha sanidade. Ela sendo humana me deixou mais confuso. Você devia ter pelo menos falado com um dos machos acasalados quando percebeu o quanto ama Joy antes de fazer algo tão precipitado como arriscar sua própria vida. Nós teríamos alegremente atribuído uma equipe para te levar para ela se você pedisse.

— Eu sinto muito.

Justice assentiu.

— Eu sei, Moon. Você é um bom macho. Está doloroso ultimamente, não está?

— Sim.

— O importante é que você está saudável e seguro em Homeland com sua fêmea. — Olhou para Jericho e Darckness. — Conserte isto para que haja câmeras naquele novo portão e tenha certeza que quem está guardando saiba que ninguém pode sair desse jeito a menos que passe pelos canais adequados primeiro. — Virou para Fury. — Vamos fazer uma reunião amanhã para descobrirmos melhores materiais de leitura que possamos achar para cobrir o que esperar quando nos apaixonamos e fazê-los serem distribuídos. Precisamos informar nosso povo, assim eles estarão mais cientes do que está envolvido e desenvolver caminhos melhores para lidar com isto. Não queremos que um monte de machos saíam além da segurança de nossos muros para buscar fêmeas.

— Eu sinto muito. — Moon murmurou.

— Você devia sentir muito. — Jericho estrondou novamente. Seus olhos vermelhos estreitaram, ficando mais pronunciados. — Eu não vejo nenhuma razão de levar isto lentamente, Justice. Um macho humano foi ferido por Moon. Isso vai nos causar problemas com o mundo lá fora.

— Ele atirou em minha fêmea. — Moon rosnou, seu temperamento surgindo. Era uma coisa saber que estava errado por ter saído de Homeland sem permissão, mas ele não sentiu um pinga de remorso por fazer Douglas sangrar.

Jaded ficou entre eles.



— Não lutem. Jericho não estava implicando que o humano não mereceu isto. Ele só está declarando um fato que chamou atenção para nós. Estamos sempre evoluindo e aprendendo com nossos erros. Eu concordo com Justice. Isto é algo que precisa ser lidado porque se apaixonar é um fenômeno que está aumentando em nosso povo. Eu não estou preocupado com o público humano ficando chateado porque um Espécie bateu em um de seu próprio quando for esclarecido que o macho era uma ameaça para sua sociedade. Eles deviam agradecer Moon.

— Fenômeno? — Slade riu. — Eu não posso esperar para a fêmea certa cruzar seu caminho. Eu vou te lembrar do termo que usou quando estiver fazendo coisas irracionais em nome do amor.

— Sem mais provocações. — Fury ordenou, tentando parecer duro, mas falhou quando humor curvou seus lábios para cima. Ele fez questão encarar Jericho. — Continue interrogando o prisioneiro de Fuller sobre os testes de drogas na Mercile.

— Ele não sabe nada útil relativo à Moon. A droga dada para Moon é nova, algo que eles não desenvolveram.

— Você tem certeza? — Justice estava com uma expressão horrível.

— Sim.

— Droga. — O líder dos Espécies balançou sua cabeça. — Estes humanos são bons em esconder de nós suas conexões em outros países. Apostaria que a pessoa que atirou em Moon já está de volta com a pessoa que contratou os mercenários que foram pagos para roubar Bela. Eu pedirei para Jessie fazer alguns telefonemas para conseguir uma atualização de seu irmão. Ele continua prometendo que aqueles responsáveis serão achados. Acredito que ele esteja chegando mais perto de descobrir o local deles.

— Quero que eles paguem pelo que fizeram a mim e a todo mundo prejudicado durante o ataque na Reserva. — Moon declarou.

— Todos nós fazemos. — Justice correu os dedos pelo seu cabelo, frustrado. — Parece que temos um pouco mais de paciência para aprender. Nossos inimigos são espertos, mas nós nunca desistiremos. Nós acabamos. Reunião encerrada.

Moon hesitou.

— Só isso? Você não me vai me confinar em minha casa ou me isolar?

Justice retomou a sua cadeira.

— Você quer que eu faça isso?

— Não. Eu gostaria de retornar ao Centro Médico e falar com Joy.

— Foi isso que pensei. Sei que você se arrepende pela dificuldade que causou e não acontecerá novamente. Precisa compreender como ela se sente sobre você, mas não permita que seu orgulho te impeça de ser totalmente honesto com ela. Este é o meu melhor conselho. Ela não verá isto como fraqueza se admitir que precisa dela em sua vida como uma companheira. Venha conversar comigo ou com outro macho acasalado se precisar de conselho ou se se sentir obrigado a fazer algo que sabe que é errado. — Seu olhar afiou. — Esta é uma ordem.

— Eu irei. Obrigado. — Moon fugiu do escritório, sentindo-se agradecido que a maior parte deles foram compreensíveis.



Harley ficou ao seu lado até que eles alcançaram um dos Jipes estacionados do lado de fora. Agarrou o braço superior de Moon, impedindo de usá-lo para dirigir para o Centro Médico.

— Queria que você me dissesse sobre seu plano em deixar Homeland.

— Você teria tentado me parar e eu tinha que vê-la.

— Eu teria ido com você como auxílio no caso de ter problemas. Você teve e eu não estava lá para ajudar. Isso me tormenta. Nós somos irmãos. Você me deixa fazer piadas quando podia ter me dito o quão cru se sentia por dentro. Eu não teria te dado nada disto.

Era uma boa descrição que se ajustava as suas emoções. Era difícil segurar o olhar do seu amigo.

— Eu preciso do seu respeito. É importante para mim que eu sempre mantenha isto.

Harley de repente o arrancou em um abraço.

— Você sempre tem isto. — Ele recuou. — Podia chorar como uma pequena menina humana e eu ainda assim te ajudaria cara. — Sorriu. — Isso poderia ser muito perturbador para mim, mas somos irmãos. Eu te daria lenços e compraria um ursinho para você.

Moon começou a rir.

— Trey tem razão. Você é um babaca às vezes. Mas não iria querer que mudasse.

— Tudo bem. — Harley ficou sério. — Então qual é seu próximo passo? Como você planeja fazer Joy se tornar sua companheira? Estou aqui para você. Diga e eu farei. Eu devia pegar algemas da Segurança assim você pode prendê-la com você? Ela certamente não poderia passar pelo portão para sair novamente se estivesse arrastando seu corpo atrás dela.

— Meu corpo?

— Sim. No caso dela te apagar para tentar ir embora. Ela é do tipo que foge, não é? É uma coisa humana, eu acho, mas elas são atraentes. Eu vejo a atração.

Moon deu a volta e subiu no Jipe.

— Você está fazendo maravilhas para a minha confiança.

Harley saltou no banco do passageiro.

— Você quer meu conselho? Sexo. Muito. Mantenha-a muito cansada para correr.

Moon ligou o motor.

— Você não está sendo útil.

— Eu estou. Estou dizendo segundos planos no caso da conversa não funcionar. Eu não saberia o que dizer para convencer qualquer uma a se mudar para minha casa e ficar lá. Você sabe?

Moon estava perdido.

— Não.

— Você descobrirá. É esperto. Além disso, alguns membros da força tarefa trouxeram alguns dos seus pertences. Eu ouvi Trey dando-lhes a lista pelo fone do helicóptero. Eles chegarão em algumas horas quando essa equipe retornar. Isso significa que ela quer ficar aqui por um tempo pelo menos. Isto é metade da batalha ganha.



Esqueceu-se disto.

— John disse que ambas as malas estavam pesadas. Estou esperando que isso signifique que ela trouxe muitas roupas.

— Quem sabe o que os humanos empacotam? Ela poderia ter trazido suas barras favoritas.

— Eu não acho que Joy levante pesos. — Moon estava muito familiarizado com seu corpo e apreciava que ela não fosse musculosa.

— Todo mundo ama malhar.

— Nem todos os humanos gostam.

— Certo. Eu não entendo isto. — Harley girou sua cabeça e franziu a testa. — Quem é John?

— Eu te direi sobre ele a caminho do Centro Médico.

* * * * *

— Vai ficar uma cicatriz feia, não é? — Joy teve que desviar o olhar do seu braço enquanto Trisha trabalhava para mudar o curativo. Não havia muito sangue pelo menos e nenhum era fresco.

— Não. Eles fizeram um trabalho realmente bom. Os pontos são de primeira classe. Você precisa pegar leve e manter o braço imóvel por alguns dias. Mantenha-o seco também quando tomar banho e ponha plástico em volta dele. Eu tenho algo que você podia usar. Vai ser difícil lavar seu cabelo com somente uma das mãos, mas o ferimento precisa de tempo para curar. Estou te dando uma faixa como lembrança e para limitar seu movimento.

— Você realmente precisa se cuidar melhor. Perdeu muito sangue. Não o suficiente para precisar de uma transfusão, mas o suficiente para fazer você se sentir fraca e oscilante por vários dias. Os medicamentos para dor deixarão você um pouco drogada até eles dissiparem. Especialmente uma vez que você não comeu o suficiente, nem dormiu também, e você esteve tão focada em Moon que ignorou sua saúde. Seu corpo já estava desgastado e agora você se machucou. Estou ordenando a você ficar na cama e a comida está a caminho. Coma, depois durma, nessa ordem.

— Certo.

A doutora terminou e recuou.

— Agora que nós lidamos com o lado físico, precisamos discutir algumas coisas. Isso despertou a curiosidade de Joy.

— Sobre o que você quer conversar?

Trisha puxou um banco e se sentou ao lado da sua cama.

— Eu quero te preparar para que vem depois.

— O que você quer dizer?

— Você está envolvida com um Nova Espécie. Eu não sei as particularidades de sua relação com Moon, mas o que aconteceu em sua casa vai ser...

Joy a parou aí mesmo.



— Eu agradeço você tomar um tempo para explicar seus níveis elevados de agressão, mas eu não tenho medo de Moon de nenhuma forma. Você está preocupada que eu ficasse depois que ele atacou meu cliente? Foi autodefesa. Estou muito impressionada que ele conseguiu evitar matá-lo. Mostrou uma ótima restrição.

— Isso nem cruzou minha mente. Estou contente por ouvir isto, entretanto.

— Oh. — Joy se sentiu um pouco tola. — Certo. Desculpe.

— Sem necessidade disso. Moon ligou para a polícia quando você foi baleada e isso significa que isto virou notícia assim que eles ouviram a polícia e a ambulância responderem ao telefonema. Esses bastardos parecem ter scanners colados em suas orelhas para poderem escutar todas as comunicações de emergência. Eu quis te preparar para como eles trabalham. — Pausou. — Eu não vou adoçar isso porque sei o que você faz para viver. Até agora os repórteres provavelmente falaram com todos os seus vizinhos, percorreram seu lixo, e estão tentando localizar quaisquer amigos ou familiares que eles puderem para fazer entrevistas.

Uma bola de ansiedade formou dentro do estômago de Joy.

— Você está certa que eles sabem?

— Já está em alguns locais na internet. As estações de notícias de televisão importantes correrão a história em suas primeiras transmissões de manhã e você pode ter certeza que existe algum jornal com empregados muito ocupados imprimindo para a edição matutina. Os repórteres tiveram o endereço do tiroteio para trabalhar para descobrir seu nome. Moon declarou que era Nova Espécie porque a despachante pensou que era uma brincadeira. Ele disse que um humano atirou em você e ela naturalmente assumiu que ele não era... — Debateu para uma descrição.

— Ela pensou que ele era louco. — Joy suspirou. — As pessoas comuns não descrevem outra pessoa como humano.

— Exatamente. Foi enviada para mim uma cópia do telefonema para a polícia e a escutei. Tive a impressão que ela acreditou que estava lidando com alguém que acredita em OVNI's.

As ramificações do que Trisha estava dizendo foram absorvidas e se apavorou por um momento. O que aconteceu em seu apartamento seria notícia importante. *Respire*. Cem pensamentos fluíram pela sua cabeça de uma vez. Forçou todos de volta para focar em sua primeira prioridade.

— Você, por favor, pode me dar acesso a um telefone? Eu prefiro que meus pais ouçam sobre Moon e eu sendo baleada por mim do que por estranhos que baterem à sua porta ou vendo na televisão enquanto tomam café da manhã. Eu preciso ligar para eles.

— Eles não sabem que você trabalhou com Novas Espécies ou estava saindo com um?

— Não.

Trisha se levantou.

— Eu pegarei para você um dos telefones celulares descartáveis que nós mantemos disponíveis na área da recepção. Você precisa ficar nessa cama e este quarto não tem um telefone fixo.

— Por que vocês mantêm alguns disponíveis? — Estava contente pela distração.



Trisha mostrou um sorriso. — Digamos que os Espécies brincam e trabalham muito. Eles vêm aqui para tratamento quando são feridos. Seus telefones pessoais nem sempre sobrevivem ao que quer que os trouxeram para cá então nós mantemos um monte de sobra para emprestar até que consigam substituir. É como eles se mantêm em contato com a Segurança no caso deles serem necessitados em algum lugar.

Joy foi deixada sozinha para fazer uma lista mental de quem precisava ligar depois dos seus pais. Meg não tinha dúvidas. Iria deixar para sua mãe contatar os outros membros da família. A mulher amava fofocar e era a artéria de informações que mantinha todo mundo ligado.

Trisha retornou.

— Aqui está. Eu te darei um pouco de privacidade e verei se posso apressá-los para trazer para você uma comida saudável. Comer algo também ajudará a abaixar a náusea causada pelas drogas.

— Obrigado. — Aceitou o telefone celular. — Onde Moon está?

— Ele está em uma reunião.

— Está encrencado pelo o que aconteceu em meu apartamento? Ele não teve nenhuma escolha, a não ser atacar meu cliente.

— Estou certa que ele está bem. Isso prova meu argumento. Ele é um macho grande que pode cuidar dele mesmo. Agora foque em você. — Partiu antes de Joy poder fazer mais perguntas. Discou, pestanejando pela hora tarde. Sua mãe respondeu no terceiro toque.

— Oi, Mãe. Eu estou bem. Eu sinto muito que eu te acordei, mas há algumas coisas importantes que eu preciso te dizer. Não pode esperar.

— Quem é? O que eles querem? — Seu pai soou embriagado e aborrecido no fundo.

— O que está errado? — A voz da sua mãe afiou. — O que você quer dizer com você está bem? Por que você não estaria?

Respirou fundo.

— Um cliente teve um colapso. Eu fui ferida, mas estou bem.

— Oh meu Deus, Joyce. Eu sabia que isto aconteceria. Ele bateu em você? Te esfaqueou?

Ela mordeu seu lábio. Não podia tentar minimizar isto porque eles ouviriam os detalhes no noticiário.

— O que aconteceu com nossa menina? Ela está bem?

Seu pai soou muito mais perto, como se ele estivesse bem contra o receptor. Podia quase vê-los se amontoando no meio da cama com o telefone entre eles. Eles nunca se lembrarão de bater no botão do viva-voz. Eles nunca o usaram apesar dela ter tirado tempo para comprar um sistema atualizado no Natal.

— Eu estou bem. Eu só precisei de alguns pontos, tá? Vai soar muito pior do que realmente foi.

— O que um daqueles malucos fez com você? — Seu pai estava agitado. — Eu disse para você se tornar uma chefe de cozinha. A arte culinária é muito mais segura. Eu te adverti o quão perigoso é trabalhar com pessoas loucas.



Nossa, não isto novamente. Ele sempre pensa que todo mundo com quem eu lido é um assassino em sério. Suspirou.

— Já chega. — sua mãe ordenou. — O que aconteceu?

— Estou bem. — repetiu, sabendo que eles iriam exagerar quando lhes desse o resto dos detalhes. Ela era sua única filha e eles eram muito protetores. — Uma bala passou de raspão por mim. — Isso soou melhor que declarar que foi baleada. Silêncio. Estremeceu. — É só um arranhão. — Outra mentira, mas podia viver com isto.

— Em que hospital você está? Querida, se vista.

— Pai? Eu não estou em um hospital. — O Centro Médico de Homeland não era tecnicamente um, pelo menos não que estivesse ciente. — Eu não preciso que você saia da cama e corra para o meu lado. Eu quis te dizer que eu estou bem antes de você ver no noticiário.

— No noticiário?

Joy puxou o telefone da sua orelha.

— Não grite mãe. Há mais uma coisa que eu preciso dizer a vocês. Eu tenho visto alguém recentemente que vocês não conhecem. Nossa relação é um tanto quanto nova então eu quis esperar até que nós descobríamos até onde ia antes de eu apresentá-lo a vocês.

Joy odiou se sentir como se tivesse quinze novamente, mas se sentiu. Era seu trabalho aconselhar pessoas em como se relacionar com outros, mas seus pais tinham um jeito de negar todo seu treinamento.

— Um tanto quanto novo?

Meu pai tinha que captar isto, não é? — Bem, nós só começamos a passar tempo juntos recentemente. — restringiu. — Ele estava comigo quando atiraram em mim. — Escolheu suas palavras com mais cuidado. — Seu nome é Moon e ele salvou a minha vida. — Tinha certeza que Douglas teria dado mais tiros neles se ele não acabasse inconsciente e sangrando em seu tapete de sala de estar depois que Moon acabou com ele.

— Moon? Que tipo de nome é este? Seus pais são hippies? — Seu papai não soou feliz.

— Diga-me que ele não é alguma estrela do rock ou ator. — sua mãe suplicou. — Eles sempre escolhem nomes de palco estranhos e eu li que eles se divorciam o tempo todo. Seu pai e eu queremos que você tenha o que nós temos.

Ela mordeu seu lábio, abafando um gemido. Eles pareceram ter esquecido que ela foi baleada, mas isso não era necessariamente uma coisa boa. Ela os conhecia muito bem.

— Casamento é um compromisso sério então tem certeza que o garoto vai te tratar direito? — seu pai declarou. — Ele tem um bom trabalho? Seus pais ainda são casados?

— Ele não me pediu para casar com ele. Por que vocês estão falando sobre isto? — Joy manteve seu tom tranquilo. — Eu liguei para dizer a vocês que fui ferida, mas estou bem. Eu também queria dizer sobre Moon. Ele...



— Você está tendo relação sexual com ele? — Sua mãe sussurrou as palavras. — Você está sendo cuidadosa? Você está usando preservativos e você o fez fazer testes para aquelas doenças que vocês jovens pegam estes dias?

— Oh meu Deus. — Joy quis bater sua cabeça na grade da cama. — Eu não estou grávida se é isso que você vai perguntar depois. Eu sou uma pessoa responsável e minha vida sexual não está em discussão. Você me deixará falar? Por favor?

Seu silêncio indicou que eles iriam.

— Obrigada. Ele salvou minha vida. — repetiu, esperando que eles focassem nisto. — Ele é realmente bom. — apressou-se. — Eu acho que vocês gostarão dele se nós continuarmos nos vendo e vocês chegarem a conhecê-lo. — Pausou. — Ele é Nova Espécie.

Seu pai respondeu primeiro, soando surpreso.

— O que?

— Moon é um Nova Espécie. — Joy explicou. — Ele é super doce e não é nem um pouco assustador. — Tentou imaginar que preocupação eles teriam para tratar antes deles falarem novamente. — Nós estamos saindo e estou esperando que vocês fiquem bem com isto porque eu estou séria com ele. Eu sei que vocês não sabem muito sobre eles, mas eu sei. Eles são pessoas realmente boas. Eu o amo. — Esperou para ver como eles receberiam as notícias.

Sua mãe a surpreendeu.

— Eu gosto deles. Ele é bonito?

— Muito. Eu acho de qualquer maneira.

— Que tipo ele é? — Seu pai não soou chateado.

— Ele tem aqueles olhos de gato? — Sua mãe soou excitada. — Eles são tão bonitos.

— Canino. — Joy ofereceu. — Então não, ele não tem. — Eles receberam isto de uma maneira melhor do que esperava e estava agradecida por isto.

— Cachorros são muito leais. Isto é realmente bom.

— Pai! — Estava espantada que ele disse isto.

— Eu não quis dizer nada com isso, querida. É um elogio.

— Eu sei. Por favor, não diga isso se você o conhecer. — suplicou.

— Nós queremos conhecê-lo. Isto não é maravilhoso? — Sua mãe riu. — Nosso bebê está namorando um Nova Espécie.

— Eu não posso esperar para dizer aos caras do meu time de boliche. Estou tão cansado de ouvir sobre filho de Bob namorando uma autora. Isto é muito melhor.

Joy gemeu então.

— Que isso pai. Sério? Você vai usar Moon para impressionar seus amigos do boliche?

Um grunhido profundo familiar veio de algum lugar no corredor do Centro Médico.

— Eu disse não! Saia do meu caminho!

Joy quase soltou o telefone quando um impacto alto seguiu. Moon estava perto e ele soava furioso. Lembrou-se dos seus pais.



— Deixe-me ligar de volta para você. Eu amo vocês dois. — Desligou antes de eles poderem protestar, empurrando as coberturas para livrar suas pernas assim ela podia balançá-los na extremidade da cama.

— Você não vai me ignorar, Moon. — Conhecia a voz e ele soou igualmente tão bravo, menos o grunhido. — Eu estou ordenando que você vá para meu escritório.

— Não. Pare de bloquear o corredor ou a próxima coisa que lançarei será você.

— O único lugar onde você vai é para o meu escritório. Eu pedi por oficiais. Você pode caminhar por conta própria ou eles podem levar você lá.

— Não agora. — Moon estava agitado. — Eu não quero te machucar, mas eu irei. Saia do meu caminho.

— Ajuda! — O homem gritou. — Eu preciso de ajuda!

— O que está acontecendo? — Essa era a voz de Trisha.

— Eu vou ver Joy. — Moon declarou.

— Ele não está indo para nenhum lugar, a não ser para meu escritório. — O sujeito teve uma voz chorosa agora. — Enfermeira? Traga um sedativo. Ele está tendo um surto psicótico.

Joy deslizou para fora da cama e seus pés nus tocaram o azulejo frio. Uma onda de tontura a atingiu, lembrando-a que ainda não comeu, mas queria chegar a Moon. Ela usou a cama e depois a parede para manter o equilíbrio para alcançar a porta. Pausou pela entrada, olhando pelo corredor abaixo.

Um homem de tamanho médio se plantou no meio do corredor mais ou menos três metros de distância com suas costas para ela. Ambos seus braços estavam estendidos com as pontas dos dedos quase tocando as paredes para impedir Moon de passar por ele. Um carrinho deitava de lado entre eles, a fonte do barulho.

Moon olhou para o sujeito, suas mãos fechadas aos seus lados. Seus lábios enrolaram para trás quando um grunhido fundo rasgou dele. Trisha permaneceu ao seu lado, olhando igualmente brava, menos o show de dentes.

— Por que você está aqui, Kregkor? Ninguém te chamou para entrar. Você não está de serviço. — Trisha não escondeu sua raiva à medida que falava.

— Eu recebi um telefonema sobre o que aconteceu. Ele saiu de Homeland, atacou alguém, e teve que ser trazido à força.

Trisha franziu a testa.

— Não foi isso que aconteceu. Alguém de Homeland ligou para você? Quem? Eu quero um nome.

— Um amigo meu leu isso na internet e sabia que eu trabalho com Novas Espécies. Ele me atualizou. Ninguém aqui se incomodou em me informar. Eu vou falar com meus supervisores sobre isto, e Justice também. Estou bem certo que o presidente estará muito preocupado quando ouvir que você tem um Espécie correndo por aí por uma cidade grande em uma agitação e você tentou cobrir isto. Ele é meu paciente e precisa de tratamento. Estou cansado de ser proibido de fazer meu trabalho.

— Suas informações estão erradas. — Trisha tentou acalmar a situação quando usou um tom profissional. — Moon está bem. Ele...



— Isto não é da sua conta. Você não é qualificada para me dizer como meu paciente está. Você está fora da linha, médica. Eu o mandarei para você se ele tiver uma perna quebrada ou um corte, mas agora você está fora da linha.

Paul se apressou para a área da recepção, olhando como se acabasse de acordar.

— O que está errado?

— Eu preciso de um sedativo e restrições. — exigiu. — Peça mais oficiais no caso dele começar uma briga. Meu paciente está tendo um colapso.

Joy resistiu correr adiante, embora quisesse. Era duro o suficiente ficar de pé quando seus joelhos queriam desmoronar, mas se recusou a retornar para a cama.

Precisava avaliar a situação antes de prosseguir. Era difícil até fingir ficar emocionalmente imparcial quando o imbecil bloqueando o corredor estava ameaçando o homem que amava. Sabia que o Dr. Kregkor era o psiquiatra residente em Homeland, mas ele era um idiota se honestamente acreditou que Moon podia ter feito qualquer uma das coisas que foi acusado.

— Saia do meu caminho. — Moon rosnou seu olhar aterrissando em Joy.

Trisha agarrou seu braço para chamar sua atenção.

— Ele não vale a pena, Moon. Eu lido com isto. Confie em mim. Ele é um imbecil, mas você realmente vai me fazer remendá-lo?

— Eu disse para você conseguir para mim um sedativo e pedir ajudantes para ajudar a conter meu paciente, enfermeiro. Faça seu trabalho. — Kregkor estalou.

Paul agitou sua cabeça enquanto dava alguns passos para trás.

— Eu não recebo ordens de você.

— Você está despedido.

Trisha largou Moon.

— Você não pode despedir meu enfermeiro. Você é quem está totalmente fora da linha aqui, Kregkor. Você está cometendo um grande erro se acreditar nessa mentira que acabou de dizer. Seu amigo compartilhou informações com você de alguma história na internet? É sério? Moon não saiu e ele certamente não ficou atacando humanos. Se você fosse sensato e...

— Estou ligando para os meus supervisores. — Ele cavou em seu bolso e puxou um telefone celular. — Vocês estão abrigando um perigo para a sociedade. Eles estavam justificados em me mandar aqui para vigiar como coisas são dirigidas. Eu pedirei uma coletiva de imprensa se é isso que custa para te forçar a permitir que eu trate estas almas infelizes. Permitti-los soltos na sociedade não é aceitável. Ele podia ter matado alguém e vocês estão tentando encobrir isto!

Joy teve o suficiente. Manteve sua mão na parede para se equilibrar enquanto se movia mais perto do filho da puta. Ele estava empurrando os botões quando ela alcançou e pegou o telefone dele. Ele se assustou e girou boquiaberto para ela. Ela cancelou o telefonema com seu dedo polegar e jogou o telefone na direção de Moon, assumindo que ele pegaria ou deixaria cair no chão. Não importava para ela de qualquer maneira.

— Que diabos você pensa que está fazendo?

— Olá, Dr. Kregkor. Nós nos conhecemos no portão da frente, lembra? Presumo que você saiba a essa hora que ambos somos do mesmo campo da medicina. — Esticou



seu queixo, dando-lhe um olhar fixo, frio. Não ofereceu a ele uma mão para balançar. — Você vai fechar sua boca e se comportar como um adulto racional, funcional ou eu vou amavelmente pedir para o enfermeiro me trazer um sedativo para aplicar em você.

— Como ousa!?

Debruçou-se mais perto.

— Como ousa você! — Seu temperamento chamejou e mal conseguiu reter sua compostura. — Eu tenho avaliado a situação. Você admitiu que veio aqui com noções preconcebidas de informações que obtive de uma fonte incerta, se preparou para agir em cima disso, sem nem sequer se incomodar em fazer seu trabalho, que seria falar calmamente com o cliente para determinar a condição mental antes de formular o melhor curso de ação para ajudá-lo.

Teve que empurrar seu quadril contra a parede para permanecer estável. Ainda estava trêmula da adrenalina como também das drogas que lhe foi dada.

— O fato de você está usando sua autoridade para ameaçar alguém com o uso de drogas e restrições justifica minha avaliação sobre você. Está agitado, causando uma cena, e de propósito tentando provocar outros a cometer violência.

— Você sabe quem eu sou? — Empurrou o peito para fora, seus olhos cintilando com indignação.

Ela não se sentia bem e estava cansada de lidar com ele.

— Eu posso te dizer o que você é. Incompetente. Eu serei mais que feliz em falar com seus supervisores para deixá-los cientes disto também. — Acenou um dedo em direção ao teto. — Você se esqueceu das câmeras. Tenho certeza que o escritório de segurança aqui em Homeland terá muito prazer em enviar ao seu chefe uma cópia de você invadindo este edifício para acusar alguém de ser psicótico sem qualquer fundação para esse diagnóstico.

— Nós dois sabemos a seriedade de negligência e abuso de poder. Eu também estou certa que eles teriam muito prazer de passar as filmagens para quaisquer membros da imprensa que você tiver contato. Você quebrou o contrato com a ONE que eu tenho certeza que você teve que assinar. Pense no que acontecerá com você profissionalmente. — Abaixou a voz. — E se pareceria com um completo e total idiota.

Kregkor inclinou sua cabeça até olhar para as câmeras. Em sua raiva, obviamente esqueceu-se delas. Estavam por toda parte no edifício e fácil de localizar. Todo mundo que entrava em Homeland era informado das medidas de segurança. Ele empalideceu um pouco quando olhou de volta para ela.

— Sua cadela. — sussurrou, provavelmente esperando que o áudio das câmeras não pegassem suas palavras. — Quem você pensa que é para me ameaçar? Eu destruirei sua carreira antes de ter a chance de sujar minha reputação.

Moon de repente se jogou para frente. Ele não atingiu Kregkor, mas seu tórax empurrou no braço do homem, empurrando-o para longe de Joy. Ele rosnou.

— Ela é minha companheira. Nunca fale com ela desse jeito novamente.

Joy embrulhou os braços ao redor da sua cintura e o abraçou. Um de seus braços imediatamente curvou ao redor das suas costas para puxá-la muito mais apertado contra seu lado. Ela não queria que ele fisicamente atacasse o imbecil. Houve violência o suficiente por uma noite para durar por mais algum tempo.



Levou um segundo para perceber o que Moon disse para Kregkor. *Sua companheira?* Ergueu sua cabeça e olhou para ele confusa.

Rosnou novamente, as narinas alargadas, e seus caninos afiados estavam proeminentemente exibidos enquanto sutilmente considerou o outro homem com hostilidade. Moon claramente disse que ela era sua companheira. Novas Espécies não usam essa palavra a menos que...

Sua mão deslizou pelo seu estômago, sentindo o abdômen firme pela sua camisa. Agarrou o material próximo as costelas quando uma onda de tontura a atingiu, mas não estava tão certa se era da perda de sangue ou da droga desta vez. Sua frequência cardíaca aumentou e uma sensação de urgência veio junto.

— Moon?

Ele não olhou para baixo, ainda intento em intimidar Kregkor. Deve ter funcionado porque o idiota não disse uma palavra.

— Moon? — Colocou uma pouco mais de dureza em sua voz.

Ele rosnou, mas virou seu olhar para seu rosto.

— Eu não o matarei. Me conformarei com alguns ossos quebrados. Ninguém chama você por nomes ou te ameaça. — Retomou a olhar para seu alvo.

— Moon?

Realmente precisava saber se queria dizer o que disse. *Isso foi um deslize? Talvez ele só disse isso para assustar Kregkor. E se ele falou sério? Eu preciso saber. Ele me ama também?*

Qualquer pessoa inteligente sabia que Espécies protegeriam uma companheira a qualquer extremo. Manteve o controle de seu progresso tanto quanto possível pelas histórias nos noticiários. A maior parte tinha sido especulação por parte dos repórteres, mas assistiu ao vídeo muitas vezes.

Nunca esqueceria quando Fury foi baleado depois dele e sua companheira serem atacados durante uma conferência de imprensa. Ele usou seu corpo para protegê-la, continuado correndo apesar de estar ferido para levá-la para a segurança dentro dos portões da ONE. Tiger saltou sobre um veículo em chamas para ir atrás de sua companheira, preparado para entrar nas chamas para salvá-la. O mundo inteiro não tinha nenhuma dúvida que um Espécie iria para o inferno atrás da mulher que acasalou.

— Por favor, o ignore. Olhe para mim, Moon.

Ele não pareceu feliz quando concordou, mas encontrou seu olhar.

— Companheira? — Esperou que ele não a chamasse disso a menos que fosse verdade.

Sua expressão congelou, seus olhos alargaram, e esvaziou um pouco. Não havia nenhuma negação instantânea, entretanto. Sugou ar.

— Eu sou sua companheira é? — *Me responda, droga. Por favor.*

— Você é minha. — O medo exibido em seu olhar era aparente e torceu seu coração. — Eu sou seu também ou vai me rejeitar novamente?

Esqueceu as câmeras e as pessoas os assistindo porque nada mais importava exceto Moon. Venderia seu apartamento, largaria seu trabalho, e faria qualquer coisa para ficar com ele.



— Você é meu. Nunca te deixarei novamente. Eu juro. — Lágrimas a cegaram, mas tentou piscá-las de volta. — Eu amo você.

Sua expressão inteira mudou para uma de pura euforia.

— Nunca vou deixar você ir embora.

— Nunca terá que fazer isso. — Outro golpe de tontura e suas pernas finalmente cederam.

— Joy! — Moon a impediu de cair, pegando-a em seus braços. — Trisha?

— Ela está fraca e precisa comer. Leve-a de volta para a cama. — a doutora ordenou. — Paul? Escolte Kregkor para fora daqui.

— Nós assumimos. — Harley se juntou a eles. — Ele está deixando Homeland e eu mesmo destruirei seu cartão de visita. Nós fomos chamados pela Segurança. Eles disseram que nós éramos necessitados dentro do edifício e por quê.

Joy olhou por cima do ombro de Moon quando a embalou em seus braços, levando-a de volta para seu quarto. Harley e dois outros machos Espécies estavam olhando para um Kregkor afobado, cercando-o, e quase sentiu pena dele.

Trisha caminhava atrás deles, seu sorriso parecendo forçado.

— Você vai ficar bem. Quando eu disse para pegar leve, eu quis dizer ficar na cama pelos próximos dias.

— Desculpe. — Joy lambeu seus lábios, sua mente funcionando enquanto abraçava Moon ao redor do seu pescoço. — Você acha que a ONE substituirá Kregkor? De repente estou procurando por uma posição em Homeland.

Moon cuidadosamente a colocou na cama e segurou seu rosto, debruçando para perto.

— Você conseguiu o trabalho. Você é minha companheira.

— Eu não posso esperar para começar. Você terá que trabalhar às vezes, e eu gostaria de fazer o mesmo e fazer algum bem. Eu conheço os Espécies muito melhor que aquele imbecil um dia saberia.

Capítulo Dezessete

Joy olhava Moon de perto, ainda se recuperando de ouvi-lo dizer que ela era sua companheira. Ele se sentou na extremidade da sua cama enquanto pegava sua mão. Eles



tinham muitos problemas para solucionar. Relações eram complicadas, mas ele a amava. Eles tinham um alicerce para construir.

— Você não devia ter saído da cama.

— Estou contente que saí. — Não estava certa por onde começar então foi pela coisa que mais a preocupava. — Você um dia vai poder me perdoar por te deixar no Setor Quatro? É o maior arrependimento da minha vida.

— Joy...

— Por favor, deixe-me terminar.

Ele assentiu.

— Eu realmente não vi uma maneira de ficar. Pensei que te causaria mais mal do que bem se dormíssemos juntos. Você não sabe quantas vezes me deitei acordada a noite desejando ter a coragem de te visitar em Homeland depois que abriu. Eu estava com muito medo de você recusar me ver ou pior, imaginar por que me incomodei de vir. Eu me apaixonei por você, mas não tinha certeza se você se sentia do mesmo jeito sobre mim.

Ele franziu a testa.

— Você sabia que eu estava obcecado por você.

— Sexo não é sempre sobre amor. Você me quis, mas recentemente experimentou uma transição significativa em sua vida. Eu sabia que era possível que eu fosse só uma distração, para te impedir de enfrentar que teria um conjunto completamente novo de problemas que vieram com o ganho da sua liberdade da Mercile. Passei muitas noites me perguntando se você se esqueceu de mim assim que foi tirado do deserto.

O dedo polegar acariciou as costas de sua mão enquanto seus dedos apertavam.

— Você estava sempre em meus pensamentos. Como você não podia estar? Eu estava furioso que você partiu e me deixou. Procurei por você na internet uma vez quando meu orgulho permitiu.

Voltou para sua conversa com Flame no Jipe quando ele lhe disse sobre isto.

— Eu queria que me contatasse.

Encolheu os ombros.

— Eu não achei que atenderia meu telefonema. Você me rejeitou uma vez.

— Eu sinto tanto que foi assim que você visualizou isto.

— Entendo agora, mas doeu profundamente depois que você foi embora. — Ele se debruçou perto o suficiente que pensou que poderia beijá-la, mas não encostou seus lábios sobre o dela. — A única coisa que importa para mim agora é que você está aqui comigo e que você vai ficar, Joy. O passado está atrás de nós. Estou mais preocupado com nosso futuro.

Estourou uma respiração suave.

— Eu vinha me sentindo tão sozinha e miserável sem você.

— Eu também. Não mais, entretanto, doçura. Você é minha companheira. Nós passaremos o resto de nossas vidas juntos. Eu te abraçarei toda noite e acordarei com você em meus braços.

— Não vai ser fácil. — advertiu. — Nós costumávamos ser realmente próximos e agora existe este grande buraco de tempo entre nós. Há muito que precisaremos



aprender um sobre o outro. Nós mudamos. — Ele muito mais do que ela. — Você pratica esportes.

Sua sobranceira curvou.

— Harley me mostrou um vídeo. — Uma pitada de ciúme surgiu, mas empurrou-a. Era completamente insensato pensar em todas as mulheres que ele poderia ter ficado íntimo. — Você é muito mais social agora.

— É tudo culpa de Harley. — Sorriu. — Ele é realmente chato e se recusava a permitir que eu ficasse de mau humor. Ele me desafiava a competir com ele em jogos e descobri que gosto deles.

— Eu gosto dele.

Rosnou baixo.

— Como você gosta dele?

Estava com ciúme.

— Eu acho que ele é um amigo maravilhoso que te ama muito. — Deslizou as mãos pelo seu cabelo, brincando com as mechas. — Você sabe que é o único macho que eu quero. Entendo o que um companheiro é e o nível de comprometimento que vem com isto. Você é isto para mim. Ninguém é mais sensual que você. Ele não é nem um pouco atraente para mim desse jeito, tudo bem? Todo mundo empalidece em comparação com você.

Ele relaxou.

— Desculpe.

— Eu sei que você não consegue evitar. É uma das muitas coisas que eu amo em você. Não espero ou quero que você suavize quem você é. Seja cem por cento você mesmo. Fui clara?

— Eu não serei fácil de conviver às vezes. Companheiros são loucos. — A aparência em seu rosto foi quase cômica.

— Eles são, não é? Diga-me por que você pensa isto.

— Eles são famintos por sexo com suas companheiras o tempo todo. Os machos são preparados para tirar sangue se outro macho sequer olhar para suas fêmeas. Eles precisam do cheiro das suas fêmeas por todo seu corpo e não conseguem suportar quando enfraquece. A maior parte dos machos acasalados sempre usa pelo menos um momento de seu tempo livre no trabalho para ir visitá-la, abraçar e esfregar-se nelas. — Ruidosamente suspirou. — Eu sei que farei isto. Já estou viciado com quão bom o seu cheiro é.

Foi difícil sufocar uma risada. Ele derretia seu coração.

— Muito sexo e pegação não soa tão ruim para mim.

— Isto é verdade. — Ele brilhou, seu olhar abaixando para o vestido do hospital que colocou. — Isto não é muito atraente. Eu devia tirá-lo de você.

Agarrou sua mão.

— Não aqui. Eu quero esperar até que estejamos sozinhos para ninguém nos atrapalhar. Nunca há qualquer privacidade nestes lugares.

Ele se moveu rápido, usando a agilidade dos Espécies, pegou-a em seus braços, levando o cobertor quando a ergueu da cama.

— Estou te levando para casa.



— Para sua casa? — Enganchou seu braço bom ao redor do seu pescoço.

— Para nossa. Você é minha companheira, doçura. — Seu tom aprofundou em um grunhido sensual. — Você vive comigo agora e divide a minha cama.

Sua barriga tremeu e não podia esperar para ver sua casa. *Nossa*, corrigiu. Ele a levou pelo corredor até a recepção. Paul estava jogando videogames em um dos computadores na mesa. Trisha estava em um outro folheando uma pasta de papéis. Harley subiu no balcão para pausar na extremidade dele. Três pares de olhos giraram em seu caminho.

— Estou levando minha companheira para casa. Eu a mantereí na cama, Trisha.

A doutora suspirou, soltando a pasta de papéis. — Ela sofreu perda moderada de sangue, mas eu sei bem que não adiante tentar dissuadir você em tardar o sexo por alguns dias. Sei que você tomará excelente cuidado dela. Tenha certeza que ela durma bastante, coma, e beba quando você não estiver mantendo-a ocupada. E alimente-a primeiro. Ela ainda não comeu e parece que precisará de força. Não deve ter muita dor, na maior parte vai se sentir sensível, mas eu enviarei um remédio para dor leve para mais tarde, só por via das dúvidas. — Levantou o receptor do telefone. — Eu ligarei para Slade e direi a ele que você quer a papelada de companheiro imediatamente.

— Pode esperar por alguns dias. Eu não quero que ninguém nos perturbe.

Harley saltou.

— Nem mesmo eu? Nós somos irmãos e você vai me proibir de ir a sua casa?

Moon franziu a testa.

— Estou brincando. — Harley sorriu. — Crie vínculo com sua companheira. Eu terei certeza que seus turnos sejam cobertos e não se preocupe com nada. Até farei para vocês o jantar e o entregarei por volta das seis horas toda noite, assim você não terá que cozinhar. Eu o deixarei na varanda.

— Obrigado.

— Considere isto como um presente de acasalamento. — Harley piscou para Joy.

— Seja boa para ele.

— Eu prometo. Eu serei.

Harley andou mais perto das portas duplas, ativando o sensor que as separava. Moon a carregou para um Jipe e cuidadosamente dobrou o cobertor ao redor de suas pernas. Até colocou seu cinto.

— Eu podia fazer isto.

— Você tem um companheiro. Eu gosto de fazer coisas para você. Você é minha para cuidar.

Apreciou o tratamento especial.

— Eu posso pensar em algumas coisas que eu gostaria de fazer com você.

Contornou o Jipe, sorrindo.

— Coisas boas?

— Sim. Você terá que ficar nu, entretanto. Isso será um problema?

Ele riu.

— Não. Segure-se doçura. Eu não posso esperar para levar você para casa.

Dirigiu devagar, entretanto, quase como se tivesse medo de chacoalhá-la demais.

— Joy?



— Sim?

— E seu trabalho? Sua casa? Você se ressentirá de desistir deles por mim? — Seu tom era tenso. — Estou quase com medo de perguntar sobre sua família. Eles ficarão infelizes que você vive aqui comigo?

— Estou esperando que eu consiga o trabalho de Kregkor. Faz-me tremer, pensando que qualquer Nova Espécie teve que lidar com ele. O hospital poderá me substituir bem rápido. Eu tenho alguns dias de férias sobrando, o que significa que eu ligarei para eles amanhã e me demitirei. Isto não é um aviso completo, mas eles terão tempo para achar um substituto antes que eu devesse voltar. Não conseguirei uma recomendação brilhante do meu chefe, mas tudo bem. Gostava do meu apartamento, mas eu não era muito apaixonada por ele. Era acessível e perto do trabalho. Estou certa que venderá em um prazo razoável uma vez que eu contratar algumas pessoas para tirar minhas coisas e substituir a porta da frente e o tapete.

— Você está muito tranquila em fazer tantas mudanças em sua vida. — Esticou o braço no espaço entre as cadeiras para apertar sua mão, mantendo a outra no volante. — Eu sinto muito que não posso me mudar com você. Não é justo que você é quem tem que desistir de tanto. Eu te compensarei.

Tocou-a que ele a considerou tanto.

— Eu vou ficar com você. Isto é tudo que importa para mim. Eu totalmente foquei em minha carreira desde que nos separamos, mas confie em mim, não é mais importante para mim do que você é. Eu teria trocado tudo isso para estar com você novamente, em um piscar de olhos.

Ele encostou na garagem de uma casa em uma rua quieta e parou o motor. Não saiu, mas ao invés disso girou em sua cadeira para enfrentá-la.

— E sua família e as pessoas que você ama? Como eles se sentem sobre os Espécies? Eles acreditarão que sou perigoso para você ou que eu seria abusivo?

Era difícil ver seu rosto nas sombras.

— Meus pais vão amar você. Estou mais preocupada sobre o que você vai pensar deles.

— Por quê?

Ela suspirou.

— Eu os amo, mas eles são um tanto quanto estranhos, Moon. Eles soltam qualquer coisa que pensam e é embaraçoso. Eles nunca querem ser ofensivos, mas acabam sendo às vezes. Eles me enlouquecem.

Ele riu.

— O que é tão engraçado?

— Você é uma psiquiatra.

Encolheu os ombros e sorriu. Moon largou sua mão e saiu para ir para seu lado do veículo.

— Eu não rosnarei para eles, certo? Até esconderei meus dentes. — Ele a ergueu. — Você pode torcer a maçaneta da porta da frente quando chegarmos lá? Não está trancada. Nós não temos que nos preocupar com roubos aqui.

— Harley me disse que é muito mais seguro viver em Homeland. Mas eu preciso te dar um aviso justo sobre meus pais. Você não poderá esconder seus dentes. Minha



mãe vai querer vê-los. Provavelmente meu pai também. Não me culpe se eles fizerem perguntas esquisitas como se você já teve o desejo de perseguir carros ou mastigar ossos, certo? Eles são inocentes, mas eu totalmente posso vê-los fazendo isto. Às vezes eu me pergunto se escolhi minha profissão só como um caminho de guardar dinheiro. Minha melhor amiga Meg e eu decidimos nos tornar terapeutas no ensino médio. Nunca cobramos pelas sessões uma da outra quando conversamos.

Ele riu, balançando-a um pouco em seus braços.

— Estou certo que gostarei deles, doçura. Eles fizeram você para mim. — Pausou.
— Abra a porta e bem-vinda a sua nova casa. Eu vou fazer você muito feliz aqui.

Não tinha nenhuma dúvida. — É uma via de duas mãos, Moon. Estou completamente comprometida a fazer isto funcionar. Eu não quero mais viver minha vida sem você.

Moon chutou a porta atrás dele e olhou em torno da sala, agradecido por Harley tê-lo impedido de esmurrar as paredes quando descobriu que Joy deixou Homeland. Estava limpa e arrumada. Ele trabalhava muitas horas, mas isso mudaria. Tinha uma companheira para passar o tempo agora. Estudou sua casa com uma perspectiva fresca.

— Você pode alterar a cor das paredes e comprar nova mobília que for mais do seu gosto. Eu quero que você seja feliz.

Joy ergueu seu rosto para ele e sorriu.

— Tudo o que eu me importo é com a cama. Onde ela está?

Ela era seu tipo de fêmea. Corrigiu. *Não, ela é minha fêmea. Minha companheira.* Uma sensação morna o atravessou. Todas as suas preocupações desapareceram na excitação da ansiedade de reivindicá-la para sempre.

A cama não estava feita, mas os lençóis ele só tinha dormido uma vez neles. Inalou o cheiro do que os humanos acreditavam imitava um dia caloroso de primavera de acordo com a garrafa de sabão de lavar roupa. Eles estavam errados, mas era agradável ao mesmo tempo. Ele a deixou no final da cama e abaixou.

Ela mudou de posição quando ele a livrou do cobertor. O vestido de hospital era fino e teve cuidado de passá-lo por cima de seu curativo, isso o lembrou de como ele podia tê-la perdido.

— Você está com dor?

— Trisha me deu algo porque o outro remédio estava se dissipando, mas não se preocupe — sorriu. —, é um analgésico suave. Eu não vou ter outro caso de risadinhas.

Ficou imóvel.

— Você ainda está drogada?

Removeu o resto do vestido e jogou-o no chão. O olhar varreu seu corpo nu, o pênis imediatamente endurecendo em resposta. Ele a queria tanto que doía, mas o que ela disse podia mudar tudo.

— Por que esse olhar?

— Você disse que você seria minha companheira, mas e se você mudar de ideia amanhã? Você...

Seu dedo apertou contra sua boca para silenciá-lo.



— Estou com a mente muito sã, Moon. Eu sei o que eu estou fazendo e o que eu quero. — A ponta do dedo brincou em seus lábios enquanto arrastava mais para baixo em seu queixo para sua garganta, e só parou quando alcançou a gola de sua camisa. — Eu estava hesitante em fazer amor com você também, devido às drogas em seu sistema porque tinha medo que você pudesse se arrepender disso mais tarde. Você disse algumas coisas para mim quando nossos papéis estavam invertidos e eu vou dizer para você agora.

— O que eu disse?

— Sem desculpas. Eu te quero. — Pausou. — Estou certa disto.

Agarrou sua camisa e lentamente arrancou-a para cima. Largou-a por cima do seu ombro e satisfação o encheu quando o olhar amável parou em seu peito nu. Ele tirou seu calçado, nem mesmo se incomodando em se levantar para tirá-los. Os encaixes de sua calça abriram quando deu um puxão forte. Empurrou-a para baixo de seus quadris até que estava agrupada ao redor de suas coxas, livrando o pênis do confinamento apertado.

— Deite de costas.

— Levante-se.

Ela o estava testando? Não queria falhar como um companheiro. Os machos Espécies eram dominantes por natureza, mas se curvavam pelo bem de suas companheiras.

— Por quê? Você quer ver se eu cegamente farei como você pede como prova do meu amor?

Lambeu seus lábios.

— Eu acredito que você me ama. — Olhou fixamente para seu colo. — Eu disse no caminho para cá que quero fazer coisas com você. Por favor, levante-se?

Sangue apressou para sua virilha deixando seu pênis dolorosamente tenso. Não se importou mais se fosse um teste. Pareceu uma vitória para ele de qualquer maneira se ela quisesse o nível dos seus quadris em seu rosto. Quase tropeçou quando se levantou, esquecendo que não tinha se livrado totalmente da calça. Empurrou-a para baixo e a chutou. Seu foco fixou em Joy quando ela esticou a mão para mover seu dedo polegar em cima da coroa do pênis.

Sua língua molhou seus lábios novamente e soube o que ela iria fazer. Sua respiração quente abanando a ponta do pênis o forçou a apertar os dentes. Ela merecia um companheiro que podia controlar os sons que queria fazer enquanto ela fazia uma de suas fantasias mais profundas se realizarem.

A primeira lambida de sua língua quente, suave o forçou a fechar seus joelhos. Uma de suas mãos apoiou na curva do quadril, suas unhas cavando lentamente em seu traseiro. Mal notou isso quando ela enrolou sua outra mão ao redor de seu eixo para levá-lo para dentro de sua boca molhada, quente. Suas bolas apertaram. Moveu devagar, deslizando de cima abaixo, mas apertando mais seu domínio.

Porra! A sensação era muito melhor do que um dia imaginou. Queria enterrar seus dedos em seu cabelo, mas tinha medo que ela pararia. Fechou suas mãos ao invés disso, sem saber o que mais fazer com elas. Prazer cru rolou por ele, seus músculos



apertando enquanto ela chupava e o lambia e o levava mais fundo. Era tortura pura quando retirou um pouco, mas avançou novamente.

— Joy. — murmurou, olhando para baixo até vê-la colocá-lo do avesso.

Seus olhos azuis magníficos ergueram e quase gozou. Ele retirou depois, com medo de sufocá-la se ejaculasse. Foi um inferno retirar seu pênis dentre seus lábios quando recuou seus quadris, suavemente segurando seu ombro machucado para impedi-la de se mover com ele.

— Por que você me parou? — Pareceu um pouco confusa.

— Eu não durarei, Joy. Eu sou novo nisto.

— O que?

Ficou de joelhos.

— Essa foi minha primeira vez. Fiquei impressionado com meu controle. Confie em mim nisto.

Sua boca caiu aberta enquanto ela olhava boquiaberta para ele. Era mais que um pouco embaraçoso, mas teria sido pior se suas bolas apertassem e ele derramasse sua semente.

— Droga. Esta coisa de acasalamento vai ser difícil às vezes, não é? Eu nunca tive uma fêmea para fazer isto antes. É muito bom, você entende? Eu realmente espero que você queira fazer isto novamente, frequentemente, mas espere até que eu não esteja morrendo para estar dentro de você. Eu tenho um pouco de orgulho.

— Você nunca recebeu sexo oral?

— Eu não tenho sido um receptor. Não.

— Mas...

— Você está sem palavras?

Ainda não disse nada.

Ele riu.

— Eu te deixei muda. Senti falta de poder fazer isto. — Invadiu seu espaço, lentamente empurrando-a para deitar na cama. — Eu senti sua falta. Abra essas bonitas coxas para mim. É minha vez de pôr minha língua em você. Vamos ver quanto tempo você dura, doçura.

— Não muito. — Ela abriu suas pernas e amou a visão. — E eu não tenho vergonha de admitir. — Esticou a mão para tocar em sua bochecha quando ele se curvou para dar um beijo em sua coxa interna e começou a trabalhar o caminho para seu clitóris.

— Ninguém nenhuma única fez isso com você? Sério?

Pausou, olhando para ela.

— Por que isso te surpreende?

— Pensei que haveria muita, hã, experiências desde que você deixou o deserto.

Houve uma trava em sua voz. *Ciúme?* Não o divertiu, sabendo que ela sentiu isto. Sua companheira estava machucada e queria acalmar sua dor.

— Eu não mentiria para você. Eu fiquei com fêmeas, mas elas nunca me tocaram do modo que você toca Joy, por dentro ou por fora. Nenhuma um dia quis me amar. Você me deu esse presente. — Justice estava certo. Nunca se sentiu tão vivo com uma fêmea que se tornou seu coração. — Apreciarei isto e você.



— Eu te amo também. — deslizou os dedos em seu cabelo, acariciando sua cabeça. — Mas vamos conversar sobre isto mais tarde. — Torceu debaixo dele.

— Talvez devêssemos esperar. Você ainda está fraca.

— Estou deitada. Nós seremos cuidadosos e eu te quero demais para esperar.

O dedo polegar esfregou contra seu clitóris e ela tremeu debaixo dele, abrindo mais suas coxas. O cheiro de sua excitação encheu seu nariz quando a respirou, esfregando em círculos lentos em torno do feixe de nervos. Seus mamilos endureceram enquanto arqueava suas costas.

— Você me enlouquece.

Suavemente gemeu quando seus quadris contraíram contra sua mão.

— Bem, você está acasalado com uma psiquiatra. Não somos perfeitos?

Afundou o dedo, atraído pela umidade que seu desejo causou para provocar o feixe de nervos novamente. Dois dedos suavemente sondaram a abertura da vagina, seu pênis os invejou enquanto afundavam dentro dela, esticando o canal apertado para ter certeza que ela estava preparada para sua seta espessa.

Curvou as pontas dos seus dedos para cima para apertar firmemente contra o lugar que tirou um gemido mais alto dela quando começou a fodê-la lentamente. Ela agarrou seu cabelo e ele sorriu, ignorando a dor leve. Assistiu-a se estorcer debaixo dele, seus quadris contorcendo em uma tentativa frenética de alcançar o clímax. Ela era tão bonita para ele.

— Moon. — suplicou.

Ela estava perto. Ele se levantou, retirando os dedos de seu sexo. Agarrou seus quadris e os arrastou para a extremidade do colchão, sendo cuidadoso para não tocar em seu braço. Fechou os olhos quando o pênis mergulhou dentro de sua vagina. Os músculos apertaram à medida que ela gritava. Colocou a mão ao lado do seu braço ferido, pronto para protegê-lo se ela mostrasse qualquer sinal de dor, mas a montou com força, impulsionando seus quadris furiosamente, e perdeu sua semente para uma névoa branca, quente quando ela gozou nele.

Desmoronou em cima dela, mas apoiou seus cotovelos para ter certeza que não colocaria nenhuma pressão em seu ferimento. Sua companheira ergueu a mão e percorreu seus bíceps com a palma. Girou sua cabeça, colocando um beijo em sua garganta exposta.

— Como seu braço está?

— Que braço? — Riu. — Oh, este. Está perfeito.

Ele riu.

— Tudo está perfeito, não é?

Quase. Tinha uma companheira para proteger. Novas Espécies tinham inimigos que podiam ainda machucá-los. O ataque nele devolveu Joy em sua vida e podia quase perdoar o que fizeram por causa disto. Da próxima vez outra pessoa não poderia ser tão sortuda, entretanto.

Joy mexeu.

— Pare de se preocupar.

Levantou sua cabeça para olhar para ela, perguntando-se como ela sabia.

Ela sorriu.



— É a sua natureza. Eu só quero que você me ame e seja exatamente quem você é. As coisas darão certo. Teremos sempre um ao outro para nos apoiar, não importando qualquer coisa que enfrentemos. Nós faremos isto juntos.

— Eu amo você. — Queria que ela soubesse o quanto.

— Eu amo você também. Não pode se livrar de mim. — Olhou para baixo entre seus corpos. — Estou praticamente colada com você. — Ela encontrou seu olhar. — Você me faz feliz. Isso nunca vai mudar e vamos ter uma vida longa para passar juntos. Não se preocupe com as pequenas coisas.

Seu pênis mexeu dentro dela.

— Tudo que eu estou pensando agora é nas coisas maiores.

Ela riu.

— Eu sinto. — Suas coxas apertaram ao redor dele.

— Trisha disse que eu devo te alimentar.

— Agora não. Beije-me ao invés disso.

Afastou todos os pensamentos e focou nela. Seu humor iluminou.

— Onde?

Riu, o som lembrando das bênçãos da vida que lhe foi dada.

— Em qualquer lugar que você quiser companheiro.

— O prazer é todo meu. — Sua língua localizou a concha de sua orelha.

— Moon?

— Sim, doçura?

— Rosne para mim. Não se contenha. Eu já mencionei o quanto isso me excita?

O estrondo baixo começou em seu tórax.

— Como isto?

As unhas cavaram em sua pele.

— Sim.

— Eu uivo também.

— Mmmmm. — Virou o rosto para seu pescoço, lentamente o beliscando. —

Mostre-me.

— Qualquer coisa para minha companheira. — Ele arrastou a boca mais para baixo e pausou, se afastando. — Tentarei evitar te morder. Sinto muito pela cicatriz.

Sorriu.

— Você está chateado que me machucou, mas realmente não sente muito por ter me marcado. É prova que eu pertenço a você, certo? Entendo. — Lambeu seus lábios. — Você pode fazer tudo o que quiser. Só tente evitar tirar sangue. Mordidas de amor são sensuais e eu gosto quando você me belisca durante o sexo. Me deixa tão excitada.

Não pôde deixar de notar a sinceridade de suas palavras.

— Você pode me marcar e eu não me importo se você tirar sangue. Amo quando você cava as unhas em minhas costas.

— Então pare de conversar e faça algo para me encorajar. — Arqueou debaixo dele. — Você pode ter aprendido a ter paciência, mas eu sou horrível nisto. Meu medicamento para dor ainda está funcionando. Eu quero você.

— Você me tem doçura.

